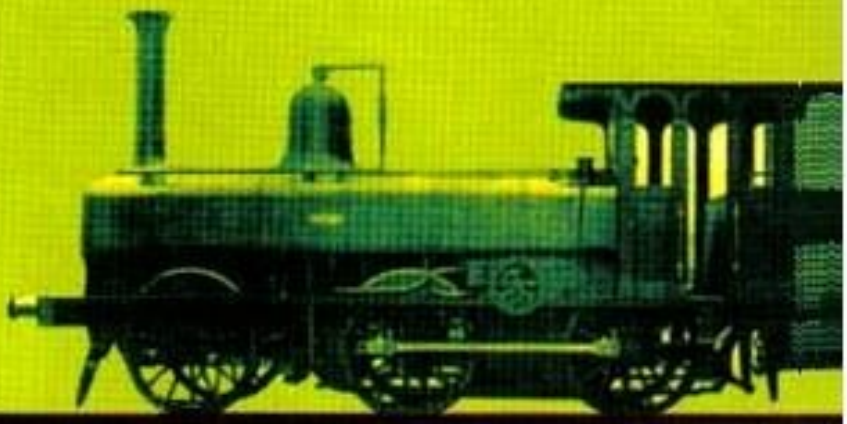
MAD MARIA

livro que inspirou a minissérie da TV GLOBO

Márcio Souza



RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Márcio Souza
Mad Maria

Círculo do Livro

Edição integral

Copyright © 1980 de Márcio Souza

Para Jamacy e América,
meus pais.

"I know he is a son of a bitch.
But he is* our *son of a bitch."

Harry S. Truman.

Livro I

Ocidente Express

1

Quase tudo neste livro bem podia ter acontecido como vai descrito. No que se refere à construção da ferrovia há muito de verdadeiro. Quanto à política das altas esferas, também. E aquilo que o leitor julgar familiar, não estará enganado, o capitalismo não tem vergonha de se repetir.

Mas este livro não passa de um romance.

Preste atenção:

Finnegan não sabia que os escorpiões começavam a aparecer no começo do verão.

E o que era o verão naquela terra, afinal?

Pelo que Finnegan podia notar, o verão era quando as chuvas caíam rápidas e os malditos escorpiões apareciam no chão da barraca, por entre os lençóis e cobertas dos catres, escondidos nas botinas e desafiantes com as suas pinças e caudas levantadas, estáticos, como pequenas escavadeiras mecânicas.

Era o primeiro verão que Finnegan estava passando ali e começava a aprender sozinho a lidar com os escorpiões. Ninguém tinha lhe falado de escorpiões. Mas ele não podia se queixar, uma lista de horrores tão extensa que dificilmente um homem poderia levar a sério lhe servira de apresentação àquela terra.

Finnegan sabia que mesmo os horrores precisavam ser comedidos para ganharem credibilidade, mas para aquela terra a imaginação humana parecia ter destinado um conjunto tão vasto de perigos e ameaças, que ele tinha tomado isto como sinal de que algum tipo de mistério estava sendo escondido por esta espécie de cortina de exageros.

Duas semanas, não mais que isto, foram suficientes para provar que ali não havia nenhum mistério e que a lista estava incompleta. É que Finnegan cultivara um sentido de comedimento quanto a horrores, próprio para um médico, mas que não se encaixava na perspectiva dos rigores que estava presenciando. O que tinha até então sido horror para Finnegan, ali não passava de uma tímida e ligeira calamidade quase indolor. A capacidade de suceder horrores parecia inesgotável,

como os escorpiões. As tragédias irrompiam e naqueles primeiros dias ganhavam um sentido inescrutável. O bom rapaz que ele era, abismava-se com a capacidade dos homens em suportarem os piores extremos. E o mais grave, de buscarem deliberada-mente estes extremos e fingir, passar por cima, morrerem aos gritos, permanecerem indiferentes e taciturnos frente a desgraça do vizinho.

Coisas da vida.

Finnegan não sabia se algum dia seria capaz de alcançar esta indiferença taciturna, teimosa, fruto da insolência da miséria, diferente do espírito da aventura que ele julgara ser o móvel principal de todos os que chegavam até ali.

E as tragédias nem eram mesmo trágicas, eram casualidades, acidentes de trabalho, infortúnios congelados na cadeia do prosaico.

Naquela manhã, Finnegan já tinha esmagado alguns escorpiões. Sentia-se fisicamente bem, levantara da cama e sacudira vigorosamente as botinas antes de calçar, de onde invariavelmente caíam um ou dois daqueles repelentes visitantes. As carcaças destroçadas estavam no piso de madeira da barraca e logo seriam carregadas por um batalhão de atarefadas formigas vermelhas, pequenas, e que também faziam parte do interminável elenco de pragas naturais que gravitavam em torno da praga maior, a praga humana. Na verdade, Finnegan ainda estava inseguro para avançar qualquer juízo definitivo sobre tudo. Era um rapaz esperto mas sem nenhuma experiência. Seus pensamentos ainda estavam verdes e não sabia se tinha sido realmente trouxa em aceitar o trabalho ali.

O rapaz olhou para fora, as vidraças da janela estavam tão imundas que não permitiam ver o movimento dos trabalhadores que ruidosamente começavam a agir mal o sol aparecia. As vidraças permitiam à luz forte invadir o interior da barraca e nada mais. O calor ainda não havia se instalado. Todas as manhãs o calor era obrigado a lutar contra uma umidade que se entranhava fortemente em todas as coisas, que às vezes congelava os ossos na madrugada, machucava as articulações do corpo como as pancadas machucariam um lutador desastrado. Mesmo sabendo que o calor acabaria vencendo, Finnegan estava inteiramente vestido, parecia não se importar com o ambiente de sauna doentia que predominaria em sua rotina diária, entre as onze da manhã até as três da tarde. Vestia o uniforme completo porque era este o seu regulamento pessoal. Acima dos horrores, estava a eficiência profissional, a única arma que encontrara até então para suportar os mistérios que não existiam.

Olhou para o interior da barraca, a luz não deixava nenhuma parte do ambiente na penumbra, era inacreditável aquela luz. Seus auxiliares já estavam fora, percorrendo as frentes de trabalho. A barraca estava praticamente vazia mas não ficaria assim por muito tempo, ele sabia. Logo outros viriam se juntar ao negro barbadiano, inteiramente debilitado, respiração fraca, queimando de febre,

que estava agonizando desde a tarde anterior.

A barraca era a enfermaria do grupo de construção da passagem do Abunã. Finnegan viu o negro mover um dos braços e se aproximou. O homem tinha os olhos bem abertos, eram escuros e não refletiam nenhum brilho. O barbadiano murmurava alguma coisa que Finnegan aprovou com a cabeça, como se tivesse compreendido a agonia que o homem estava passando. Os dedos ásperos do moribundo seguraram a manga de sua camisa, ele entendeu e procurou colocar o ouvido próximo da boca do homem. Não custava nada ouvir o que o barbadiano queria dizer, talvez ainda continuasse delirando se a febre não tivesse baixado durante a noite.

— Estou morrendo, doutor? — perguntou o homem. Finnegan colocou a mão no pulso dele, sentindo a febre, embora o gesto também fosse de solidariedade. Ficou calado olhando o homem murmurar a mesma pergunta.

— Então eu estou mesmo no fim, doutor? — concluiu o homem por si próprio, já que não conseguia arrancar nenhuma palavra do médico. — O senhor também caiu na armadilha — disse o moribundo sentindo o corpo inteiro tremer de frio. — O senhor também caiu na armadilha.

Como que ao som das *Doze variações em fá maior sobre 'Ein Mädchen oder Weibchen' da ópera 'A flauta mágica' de Mozart,* por Beethoven, concerto para violoncelo e piano, um turbilhão de água precipita-se sobre as pedras crispadas no salto principal da cachoeira do Ribeirão.

O sol está fortíssimo e milhões de gotas de vapor compõem irisações e um fino arco-íris. Uma grande balsa está sendo puxada cachoeira acima, atada por grossas cordas. A balsa dança ao ritmo demoníaco das águas furiosas. Um luzidio piano de cauda, negro, coruscando ao sol, está amarrado à balsa.

Os homens, quase todos índios, procuram vencer a força da correnteza e arrastam as cordas, de cada margem, com uma ansiedade desesperada. Mas a força humana pouco representa perante a correnteza que desce em velocidade fantástica. O único homem branco, Alonso Campero, está gritando e correndo, saltando as lajes de pedra, estimulando os índios.

Com o mesmo nervosismo, sua mulher, Consuelo, acompanha Alonso correndo pelas lajes de pedra. Consuelo não grita porque está inteiramente ocupada com as suas orações, já invocou todos os santos do céu, já fez tantas promessas que, se o piano conseguir atravessar a salvo as corredeiras, ela gastará o resto de sua vida pagando promessas. E o mesmo fervor que dedica para conseguir uma ajuda milagrosa do céu, ela concentra no piano sobre a balsa.

Os índios fazem o que é possível mas ela sabe que é preciso muito mais, a violência das águas é maior do que qualquer esforço e exige realmente milagres

para ser vencida. Por isto, Consuelo reza, sem parar, correndo atrás do marido, o coração disparando a cada imprevisto, uma blasfêmia escapando por entre as orações quando algum índio se descuida e quase põe tudo a perder.

Alonso não estava no seu ambiente e isto o deixava mais ansioso e apressado. O nervosismo não era apenas pelo fato de ter jogado praticamente todo o seu dinheiro naquele piano, afinal, ainda tinha a sua pequena loja em Sucre que vendia partituras musicais, instrumentos para bandas e um vasto suprimento para os inumeráveis instrumentos de cordas da cidade. Estava nervoso porque era o quarto piano de cauda importado da Alemanha, para satisfazer um sonho da esposa, e que não podia seguir o destino dos três primeiros, todos perdidos em uma das dezenove corredeiras letais do Madeira.

O investimento era alto, representava anos de economia, mas o pior era ver sua mulher mais uma vez frustrada, chorosa, a beleza apagada porque ela tinha o temperamento infantil capaz de se ferir profundamente com sonhos não realizados. Como filho único de uma família de espanhóis, ele sabia o preço de um sonho desfeito.

Alonso era um homem alto, os cabelos finos e escuros, rosto comprido e bem proporcionado, queixo bem desenhado guardando uma boca de lábios grossos que o bigode espesso imprimia delicadeza e sensualidade. O corpo atlético possuía um tórax musculoso, braços e pernas fortes, mas tudo dissimulado pela altura. A sensualidade era adequada e os olhos azuis aguados lhe davam um tom romântico que nunca falhava ao contato com suas freguesas de partituras. Por isso, nenhuma mulher lhe desdenhava uma sugestão, mesmo a mais lacônica, o que o deixava orgulhoso, embora ele fosse inocente quanto ao seu magnetismo viril e acreditasse que o invariável sucesso na venda de partituras se devia ao conhecimento que ele tinha de música.

Somente Consuelo sabia do poder magnético do marido, ela mesma caíra sob o fascínio dele, primeiro sem suspeitar do que realmente aquele moço sempre alegre era capaz e de como ela mostrava-se cada vez mais íntima com ele, todas as vezes que procurava a loja em busca das últimas partituras, das músicas da moda e das lições de piano mais recentes.

Alonso estava cuidando sozinho da loja desde que perdera os pais e parecia feliz com aquele trabalho calmo e especializado que lhe colocava em contato com dois mundos diversos e curiosos. Para as senhoras e senhoritas da sociedade culta de Sucre, a Casa Santa Cecília representava um ponto de afirmação de seus dotes espirituais, pois ali encontravam impressas as notas de Chopin, Mozart, Beethoven e outros mestres, para o deleite de certas noites especiais, reuniões um pouco enfadonhas mas onde elas externavam talentos não exatamente culinários e assim participavam da vida cultural, atividade de homens. Com este

lado da sociedade de Sucre, Alonso derramava o seu romantismo e suas freguesas, observadas pelos seus olhares, saíam com braçadas de pautas, deixando o rico dinheirinho. Mas havia também um outro mundo, o das bandas de música do interior e dos violinistas e bandolineiros, gente mais aberta, alegre, debochada, que entrava na loja sempre no final do expediente e comprava pouco, partituras de dobrados, encordoamentos, palhetas, cravelhas, miudezas que financeiramente não pesavam pela quantidade mas pelo contato com uma outra fauna da cidade, a dos boêmios, dos cabarés, bares e coretos de domingo.

Para este lado, Alonso pouco dava de si, gostava de receber, perguntar, preencher a sua curiosidade de moço solitário que também sonhava, gostava de beber e da companhia de mulheres compreensivas.

Fora deste ambiente, Alonso estava muito nervoso, gritava com a sua voz forte, estimulando os índios, sem tirar os olhos dó piano.

Tudo o que lhe vinha na cabeça, sempre, era esta sensação de estar deslocado no tempo. No período devoniano devia ser assim. E, quem sabe, também no período cambriano. Collier sentia-se na pré-história do mundo.

A bruma é forte, nada se define bem. O frio matinal se dissipa em orvalho morno. Um corpo suado, metálico, mas de um metal escuro, misturando-se por entre formas esverdeadas, vegetais, avança resfolegando como um dinossauro, ou um estegossauro, ou um brontossauro. Há, também, brilhos repentinos de metal cromado, a bruma aumenta em intervalos compassados, é como uma respiração monstruosa, antediluviana, uma respiração num inverno rigoroso, embora o calor seja forte. Os insetos fazem ruído e há uma fricção de metal contra metal. A bruma é escaldante.

Collier ouve um resfolegar vigoroso, quase um áspero silvo de serpente. A bruma não lhe é familiar, o silvo de serpente é que o tranqüiliza. Mas a bruma domina tudo e complementa-se e mistura-se no vapor do monstro que avança lentamente, quase sem sair do lugar, arrastando o seu enorme peso com indolência *t* cautela. Por entre a bruma há uma atividade febril de animais menores. São apenas mamíferos, pensa Collier, estão Ativos como sempre àquela hora da manhã, mas é praticamente impossível definir a ação deles. A bruma e o vapor transformam tudo numa ilustração de paisagem pré-histórica, isto todos os dias. São vagas formas que se movem por entre folhas de curiosos recortes e ela está, também, na bruma, dentro dela. Marcando as formas vagas que se movem, estão pontos de luz amarela. Parecem vaga-lumes volteando em irritante lentidão.

A bruma adensa conforme aproxima-se do chão. A coisa suada respira vapor e avança penosamente, rilhando. Estamos no rio Abunã, numa manhã qualquer,

em 1911, no verão.

No período cambriano devia ser assim.

Collier estava enfrentando os piores momentos de um trabalho tecnicamente simples. Mas são trinta milhas de pântanos e terrenos alagadiços. Os homens estão passando por condições de trabalho jamais imaginadas. Muitos morrerão, porque o trabalho é duro, porque nunca estarão suficientemente adaptados para enfrentar terreno tão adverso. Collier gostaria de estar longe de tudo aquilo, não precisava mais se expor daquela maneira. Ele sabia que poderia adoecer, e quem caísse doente no Abunã estaria condenado. As condições de trabalho não eram o forte daquele projeto maluco.

Collier pode ver um grupo de nove barbadianos carregando um trilho. O dia começa agora a clarear e logo o sol estará forte e o céu sem nuvens.

Os barbadianos já estão bastante suados, as peles negras brilham e eles vão chapinhando na água que lhes atinge os joelhos. Collier tem ali sob as suas ordens cento e cinqüenta homens. O objetivo é atravessar os pantanais do rio Abunã com uma ferrovia, o que não parece difícil. Os barbadianos estão carregando o trilho na direção do sítio onde outros trabalhadores estão abrindo valas com picaretas e pás.

Collier sente sede e seus braços estão cheios de calombos. Quando ele passa a mão sobre a pele do braço, é como se experimentasse a pele grossa de algum sáurio. Os braços do engenheiro Collier foram cruelmente mordidos pelos mosquitos. Tudo porque esqueceu de vestir uma camisa de mangas compridas. Ele tinha sido obrigado a entrar vinte metros na mata virgem e foi imediatamente sugado e ferrado pelos insetos. Seu cotovelo direito virou uma maçã mole e sangrenta, o seu cotovelo esquerdo virou uma cereja madura.

O sol agora arde sobre a pele negra dos trabalhadores barbadianos, mas eles procuram ficar protegidos, vestem roupas fechadas e calças compridas, embora este não pareça o traje adequado para trabalhar a trinta e dois graus centígrados. A viga metálica do trilho brilha à luz do sol.

Collier está com sede e tem uma pontada de dor de cabeça, seu maior temor é de ficar doente no Abunã, mas ninguém sabe que ele tem medo, é um homem seco, fechado, quase sempre ríspido. Dentre as suas atribuições, ele chefia os cento e cinqüenta trabalhadores, quarenta alemães turbulentos, vinte espanhóis cretinos, quarenta barbadianos idiotas, trinta chineses imbecis, além de portugueses, italianos e outras nacionalidades exóticas, mais alguns poucos brasileiros, todos estúpidos. Os mais graduados, embora minoritários, são norte-americanos. Os mandachuvas são norte-americanos e aquele é um projeto norte-americano. Mas Collier é cidadão inglês, um velho e obstinado engenheiro inglês. Todos os homens que se relacionam diretamente com o engenheiro são

norte-americanos, como o jovem médico, o maquinista, o foguista, os mecânicos, topógrafos, cozinheiros e enfermeiros. Collier era o responsável por todos eles, mas só quanto ao aproveitamento de cada homem no bom andamento da obra, quanto ao resto, cada um cuida de seu pescoço. O engenheiro está com sede e muito medo de ficar doente, está preocupado com o seu próprio pescoço.

Os chineses trabalham no desmatamento, vão avançando pela floresta. Os alemães cuidam do serviço de destocamento e da terraplenagem. Os barbadianos estão no serviço de colocação do leito ferroviário. Os espanhóis, egressos do sistema repressivo colonial em Cuba, fazem as vezes de capatazes e compõem a guarda de segurança. Cada homem tem o seu trabalho definido e a jornada é de onze horas por dia, com direito a um intervalo para o almoço. Mas o aspecto de cada homem é igual, independente de sua nacionalidade. Todos estão igualmente maltrapilhos, abatidos, esqueléticos, decrépitos como condenados de um campo de trabalhos forçados.

Logo à frente de Collier vem caminhando um trabalhador barbadiano. É um homem alto e magro, olha para o céu e limpa o suor que poreja em sua pele. Os barbadianos possuem feições muito especiais, mas este carrega uma máscara purulenta. Ele tem os lábios e parte do rosto tomados por uma micose que o deforma de maneira repugnante. Ele agora está olhando respeitosamente para Collier. O engenheiro conhece ele de longa data, é um bom trabalhador, um homem que tem respeito, uma grande indiferença respeitosa por tudo que o cerca, incluindo Collier. A micose fica irritada com o calor e costuma provocar coceiras torturantes. Por isto o trabalhador coca desesperadamente até começar a sangrar.

Não é um quadro agradável ver um homem esvaindo-se em sangue e suor, ou coçando-se furiosamente com lâminas de facas afiadas ou espinhos do mato. Não é nada agradável a visão do campo de trabalho ali no Abunã. E foi ali que o engenheiro Collier foi se meter.

A locomotiva avança lentamente, soltando fumaça. É uma bela máquina, como um animal do período jurássico. Na fímbria da floresta, grandes árvores cretáceas, insetos silurianos, borboletas oligocênicas, formigas pliocênicas, juntam-se.

A vida fervilha de maneira promíscua e os homens enlouquecem naquele cenário cenozóico.

Como as formigas que subiam e desciam pelos galhos da árvore, ele estava ali mas se sentia invisível. Os civilizados nem pareciam se aperceber de sua presença. Ele estava confuso, sozinho, faminto; o pior era esta fome que não parecia querer passar. Dormia pouco e não se afastava dos civilizados, estava

sempre por perto, não compreendia nada daquele trabalho que estavam fazendo com tanto desespero. É que, embora estivesse sempre por perto, não fazia parte daquele mundo que agora estava invadindo as terras que pertenceram ao seu povo nos tempos dos antigos costumes e que os velhos falavam com emoção.

Os velhos estavam mortos e as mulheres tinham se mudado para Santo Antônio, algumas estavam mortas e as vivas matavam os curumins mal estes nasciam. Os homens, mesmo aqueles mais fortes, também estavam mortos. A maioria encontrara o próprio fim enfrentando os civilizados, isto quando ele ainda era um curumim. Não que pretendessem enfrentar de verdade os civilizados, sabiam que os invasores eram brabos, mais brabos que outros índios sujos de tisna de peixe que desciam o rio para atacá-los, roubá-los e incendiar as malocas.

Os velhos tinham tentado falar com os civilizados uma vez, estavam desarmados e traziam crianças no colo. Os civilizados não quiseram ser amansados e apontaram suas espingardas e não deixaram um só velho com vida, apenas as crianças que ficaram chorando e depois correram para a maloca onde contaram o que tinha acontecido.

Mas tudo isto já fazia muito tempo, ele tinha visto sua família morrer de feitiço espalhado pelos civilizados, o corpo de seus amigos, irmãos, mãe, pai, os tios, queimando de febre e milhares de feridas espalhadas na pele, soltando mau cheiro.

Agora, ele estava sozinho e não saía de perto dos civilizados porque estava invisível, como as formigas.

A vitrine da confeitaria, repleta de variados doces e confeitos, era o seu maior encanto. Todos os dias, quando estava no Rio de Janeiro, antes de subir para o seu escritório, ele atravessava rapidamente a Avenida Central, entrava pela Rua 7 de Setembro, as pastas de documentos sob o braço, bem protegidas, e postava-se alguns minutos frente a vitrine da Confeitaria Colombo.

Ele não gostava particularmente de doces, mas da sensação de cobiçá-los através do vidro da vitrine. Era um velho costume que vinha, ele pensava, do tempo em que era uma criança pobre e somente lhe era permitido o sentimento da cobiça. Era uma explicação um pouco tola mas que ele guardava para si, como muitas outras sensações íntimas que ele nunca deixava extravasar, e por isto ganhara o rótulo de homem sério e objetivo. Mas ele não considerava muito a sua objetividade, era um homem sério, por isto aprendera que toda objetividade era uma maneira de Deus se manifestar, através de sua mente, guiando as suas emoções, o seu conhecimento, levando o seu discernimento a optar pelo melhor. O fato de continuar acalentando um costume da infância, os olhos ávidos na

vitrine de doces, também era algum sinal de Deus que ele não conseguira traduzir inteiramente mas que deveria ter a sua utilidade.

Naquela manhã de 1911, enquanto observava a vitrine da Confeitaria Colombo, Percival Farquhar já era um dos homens mais poderosos do Brasil.

A aparência exterior de Farquhar não denunciava a sua verdadeira importância. Parecia um homem qualquer, forte mas baixo, cabelos ralos, escorridos e castanhos, rosto redondo e olhos escuros. O braço que segurava cuidadosamente as pastas de documentos era modestamente musculoso e o antebraço coberto de cabelos mais escuros escapava pelos punhos da camisa branca, abo toados com moedas de ouro do Peru.

Os trajes que usava, bem cortados, jamais ultrapassavam o limite da boa apresentação. Usava sempre roupas escuras e poucas vezes tinha sido visto sem o paletó e a gravata de seda fina.

Mas isto era apenas a aparência, porque quando começava a falar, trazia na voz uma confiança inabalável de rufião, uma perseverança de vigarista que desestimulava qualquer retaliação da parte dos interlocutores. Quando estava numa reunião, entre os seus funcionários, quase sempre os assuntos eram conduzidos dentro da mais estreita discrição, daí a sua fama de homem objetivo.

Fora de sua cada vez mais influente organização, entre políticos, ministros, era uma reprodução da energia dos negócios norte-americanos. Sorria pouco, nunca prometia nada e cumpria rigorosamente todos os acertos. Por este motivo, era igualmente respeitado e odiado, o que ele compreendia perfeitamente, pois sabia que num país como o Brasil, repleto de vícios e não inteiramente democrático, a objetividade, ou seja lá que outro nome usassem, era uma virtude menor frente a dissimulação. E a dissimulação brasileira se parecia muito de perto com aquela cobiça infantil, quase uma volúpia inocente, que ele sentia observando os doces e confeitos defendidos pela vidraça.

2

Primeiro a gritaria, depois, tiros. Finnegan deixou o moribundo e decidiu sair, antes, completou a sua roupa com um chapéu esquisito, abas redondas onde estava costurada uma rede fina que descia até quase a cintura. Os enfermeiros, dois rapazes xucros, recrutados quando acabavam de dar baixa do exército, estavam entrando na enfermaria.

— Outra desordem? — perguntou o médico, a voz querendo expressar frieza mas revelando um certo abatimento.

— Uma confusão danada entre os pretos e os alemães. O senhor vem com a

gente? — respondeu um dos enfermeiros enquanto ajudava o outro a retirar algumas maças de pano do armário de emergência.

— Vítimas fatais? — quis saber o médico.

— Um bocado.

O sol estava realmente terrível. O engenheiro Collier, sujo de barro, vem caminhando e cruza com a comitiva do médico. Collier não conseguia se acostumar com as atitudes do rapaz irlandês que estava brincando de médico. Olha para aquelas três figuras e deixa escapar um sorriso. Finnegan e os enfermeiros, usando aqueles chapéus com telas antimosquitos, luvas e botas de cano alto, parecem três noivas futuristas. O médico devolve o sorriso de Collier e passa os olhos de maneira clínica pelo engenheiro. Observa os cotovelos inflamados, as picadas dos insetos transformavam-se em edemas que poderiam criar feridas, mas Finnegan não quer chamar a atenção para este problema.

— Vejo que o senhor não está usando as roupas protetoras, Sr. Collier.

— Dr. Finnegan! — Collier, de início, quando pronuncia o nome, é com simpatia, depois, perde a paciência. — Ora não me venha f oder o juízo...

Collier nunca sabia se ficava irritado ou apelava para a ironia quando via o médico e seus assistentes vestidos daquela maneira. Finnegan também ficava desconcertado porque o que aspirava receber da parte do engenheiro era no mínimo respeito pelo cumprimento das regras estabelecidas.

— Mas o Dr. Lovelace. . . — tentou argumentar Finnegan.

— Vá para o diabo com o Lovelace — respondeu de forma ríspida o engenheiro. — O Lovelace me inferniza a vida há mais de dez anos. Veio atrás de mim, me seguiu um milhão de milhas para me torrar o saco. Nem aqui no meio do mato estou livre das pílulas e falação dele. — Collier procura se acalmar porque nota que o rapaz está inteiramente desconcertado e isto pode desmoralizar o serviço médico perante os homens. — Desculpe, Dr. Finnegan, mas esses conflitos, essas mortes diárias estão me fazendo perder a cabeça. Todos os dias tenho de acabar com brigas que acabam em sangue. Isto não é trabalho para um engenheiro, é trabalho de idiota. E essa gente se mata pelos motivos mais ridículos. — Ao sentir que Finnegan começou a readquirir confiança, Collier contra-ataca. — Além do mais, o Lovelace não entende nada do que está fazendo. . .

— Como, senhor? — pergunta o médico, novamente desconcertado.

— Esqueça! — Collier observa que os enfermeiros estão esperando, os braços ocupados com maças e os engradados de arame contendo garrafas escuras e bojudas como de cerveja, cheias de quinino.

— Senhor, temos de parar o trabalho para ministrar a dose de quinino — disse o médico, timidamente.

— O quê? Já perdemos muito tempo e a vida de cinco trabalhadores.

— Eu sei, senhor. Vou começar a autópsia imediatamente. Me informaram que foram mortos por objetos perfurantes, há lesões.. .

— Chega! O trabalho não pode ser interrompido e vamos ter de ganhar duas horas no fim da tarde.

— Mas, senhor. Temos ordens para ministrar o quinino antes do almoço. O senhor não quer tomar logo a sua dose?

— Eu não vou engolir agora nenhuma pílula infecta. Isto provoca náuseas.

— Náuseas, senhor?

— Vá para o diabo com esse olhar clínico. Espere a hora do almoço para fazer essa escória engolir essa coisa. Se tivéssemos pílulas contra a violência. . .

— O problema é que andam roubando coisas dos alemães, eles desconfiam dos negros — disse um dos enfermeiros.

— São todos iguais. Esses alemães estavam sem trabalho quando os agentes da Companhia descobriram eles, um bando de mortos de fome, perambulando no porto de Hanôver. Os barbadianos são diferentes, conhecem o trabalho que estão fazendo, são profissionais. Eu sei porque já trabalhamos juntos na Zona do Canal do Panamá.

— O Dr. Lovelace me contou que o senhor trabalhou no Canal do Panamá — disse Finnegan. — Ele me falou muito a seu respeito, parece gostar muito do senhor. Me disse que eu iria trabalhar com um homem competente. . .

— E teimoso. Não foi isto que ele disse?

— Teimoso? Creio que não foi exatamente o que o Dr. Lovelace disse — respondeu Finnegan com um sorriso.

— Veja bem, eu sou o engenheiro encarregado de proceder à construção destas trinta milhas sobre o rio Abunã. Eu tenho de ser teimoso se quiser ser competente.

— Mas é com teimosia e competência que a nossa civilização tem avançado — disse Finnegan, sem muita convicção.

— Nossa civilização! Fazia muito tempo que eu não ouvia essa asneira. Foi preciso que um doutorzinho chegasse aqui para me fazer lembrar que isto existe. Um doutorzinho que está aqui só algumas semanas e ainda se lembra que temos uma civilização.

— Senhor, dentro de vinte minutos soará a hora do almoço — disse Finnegan, consultando o relógio e prudentemente mudando de rumo a conversa.

Collier puxa o seu relógio e confere, o médico tem razão.

— Merda. Perdemos mais uma manhã e não conseguimos assentar nenhum milímetro de trilho — disse Collier, irritado mas deixando o cansaço dominar suas emoções. — Me dá o comprimido de quinino, mas não interrompa o

trabalho agora, espere os homens pararem para o almoço. Ah! Não esqueça de chamar os guardas.

Um dos enfermeiros apanha uma das garrafas e retira o comprimido de quinino. Coloca na palma da mão de Collier enquanto o outro enfermeiro enche um copo com água e entrega ao engenheiro. Collier joga o comprimido na boca e engole.

— Essas pílulas me deixam enjoado como uma mulher grávida.

Finnegan sorri e procura se abrigar à sombra de uma grande árvore, seguido pelos enfermeiros. Pretende esperar que chegue a hora do almoço, para distribuir os comprimidos e retirar os cadáveres. Collier vira as costas e segue na direção do local onde os alemães estão cavando. Mas ao dar alguns passos, sentindo enjôo que começa a invadir seu corpo com uma ardência irritante na garganta, volta-se para o médico.

— Olhe para mim, rapaz, eu tenho cara de engenheiro? Eu tenho alguma coisa que ainda lembre que eu sou engenheiro? Ou que nasci em Londres e sou súdito do Rei Eduardo? Olhe bem para mim e veja se ainda resta algum traço de civilização depois de um ano neste inferno? Que espécie de engenheiro sou eu que manda abrir fogo contra os trabalhadores? Virei uma espécie de carniceiro raivoso, virei um bárbaro. Aqui todos viramos bárbaros e eu estou farto das pílulas do Lovelace.

O estridente apito começa a soar anunciando a hora do almoço. Finnegan apanha uma das embalagens de arame com garrafas de quinino e, sem demonstrar preocupação pelo estravasamento emocional do engenheiro, caminha na direção dos homens que estão largando o serviço e preparam-se para comer. As palavras de Collier não lhe tocaram muito e ele pôde até encontrar uma razão superficial para explicar a irritação que o velho engenheiro sentia a seu respeito. Finnegan desconfiava que Collier, como todo antigo profissional, detestava novatos, irritava-se com a aparente pureza, fruto da ignorância de todos os novatos.

Consuelo era uma moça de suave temperamento mas de nenhum modo infantil como pensava o seu marido. O que ele costumava tomar como sinal de infantilidade, e isto não tinha nenhum caráter pejorativo para Alonso, era na verdade um instinto inato de perseverança, uma inteligência que se agarrava aos sonhos com tal tranqüilidade que não tinha outro jeito a nao ser ajudá-la a conquistar. O caso do piano era típico. O maior sonho da vida de Consuelo era poder ter em casa um piano de cauda alemão, para ela o instrumento mais perfeito que existia, e não sonhava por pura infantilidade, é que queria sempre ter o melhor, o que não era nenhum pecado neste mundo. Embora sem

compreender o alcance do desejo da esposa, Alonso tinha certeza de que no fundo era realmente importante para ela a posse de tal instrumento. Como amava sua mulher exatamente por ser tranqüila em sua perseverança, e porque afinal o sonho de ter um piano alemão tinha sido determinante para os dois se encontrarem, Alonso não media esforços para ver esse sonho realizado. E Consuelo era grata ao marido por esta afeição, pela determinação com que ele agia na realização de seu maior desejo. Era uma moça extremamente bonita e agora inteiramente desabrochada, tinha desabrochado em sua companhia, ele a vira tornar-se uma mulher, sentia orgulho por ter acompanhado dia a dia o novo viço feminino que nela se instalava. Consuelo tinha o rosto comprido e longilíneo como o de uma dama espanhola, os olhos amendoados e o contorno das sobrancelhas seguindo esta sinuosidade e acentuando a vontade de viver e de ser feliz que os olhos traziam. A pele não era exatamente alva, branca, era de uma cor creme, apropriada para seu corpo bem proporcionado, pernas altas, cintura que afinava depois da curva dos quadris. A boca era vermelha, os lábios não exatamente grossos lhe davam uma meiguice quando falava mas nunca revelavam nervosismo desnecessariamente. Consuelo não era uma mulher fraca e nem mesmo tímida para os padrões de decoro vigentes em Sucre. Mas não era nenhuma dessas moças modernas, de hábitos masculinizados, tão comuns entre as moças das famílias mais ricas que saíam para a Europa e voltavam fumando cigarros e dizendo coisas rudes.

Agora, enquanto Consuelo reza fervorosamente, Alonso acompanha os índios que puxam as cordas da balsa sem se descuidar. Procurara contratar os melhores em Santo Antônio, estava gastando um bom dinheiro com aqueles homens e prometera uma recompensa extra caso o piano, chegasse intacto no pequeno povoado de Guajará-Mirim, depois de passar por todas as corredeiras. Mas Alonso não tinha muita confiança naqueles índios, achava-os lerdos, eram fortes mas não demonstravam usar toda a força que pareciam ter nos braços. Ele sabia que se alguma coisa desse errado, aqueles índios não moveriam uma palha além do trabalho de puxar as cordas que estavam fazendo. A balsa agora chega quase a montar sobre o declive maior, trepidando freneticamente para a direita porque como um dique a água represada quer se ver livre e jorra por sobre as toras, desequilibrando os homens que despendem tudo o que conseguem de força para resistir ao assalto das águas. Vendo que uma das cordas está prestes a escapar das mãos dos índios, ele corre e junta-se a eles. Consuelo não gostaria de ver o marido chegar ao extremo de se juntar aos índios, mas naquele instante, quando a balsa parecia entregue ao poder da corredeira, ela aprovou a atitude do marido e redobrou as promessas, mandaria celebrar uma missa a cada sexta-feira durante um ano, na mais bela igreja da cidade, a Basílica Metropolitana.

Os trabalhadores alemães estão cavando um barranco, os corpos mergulhados na água até a cintura. Ninguém conversa e parecem tomados pelo desejo de executar o trabalho com a maior brevidade possível. Uma avidez desesperada, pensa Collier. São quarenta homens desfazendo uma encosta de barro amarelo, alargando o canal de lama por onde diáfanas jacintas voam em rasante. Collier observa os alemães executarem a sôfrega tarefa mas não sente nenhuma simpatia por eles, sabe que representam o bando de nacionalidade mais perigosa, porque chegaram revoltados por meses de desemprego. Collier morre de calor, o suor molha a fazenda de sua camisa formando uma mancha arredondada por baixo das axilas, nas costas e por entre as pernas da calça. Ele vê um grupo de trabalhadores barbadianos vir carregando um trilho, passando na proximidade dos trabalhadores alemães. Collier sente o pescoço molhado de suor e a pele de seus cotovelos está cocando e em fogo. Sente-se miserável naquela roupa toda suada, apalpa constrangido as calças molhadas como os fundilhos de uma criança. Pensa que é realmente uma grande merda estar ali com os fundilhos molhados e os cotovelos irritados. Ele sente o suor escorrer perna abaixo, infiltrando-se pela bota e transformando a meia numa matéria quente e empapada. Mas está bem alimentado e é um dos poucos homens que ainda consegue manter o rosto corado. É, também, apesar da idade, um dos poucos que ainda tem ejaculações noturnas, porque se recusa a comer alimentos com salitre e cultiva bons sonhos que passam bem distantes daquela abominável frente de trabalho. Os trabalhadores alemães pararam de cavar com a aproximação dos barbadianos que carregam o trilho. Os alemães estabeleceram uma maligna atenção especial pelos trabalhadores barbadianos. Inexplicavelmente os alemães sentem ódio pelos negros barbadianos, assim como poderiam odiar os chineses, os espanhóis, ou qualquer das outras nacionalidades e raças representadas ali. Mas os alemães não davam a menor importância aos chineses e aos espanhóis, a ninguém mais, e canalizavam o ódio para os negros barbadianos com uma convicção muito forte. Talvez os alemães fizessem desse ódio uma espécie de última identidade que ainda podiam cultivar. Collier não via nenhum mal nesse ódio, os alemães que se fodessem, mas não podia permitir que isto interferisse no andamento da obra. Da parte dos barbadianos havia apenas uma indiferença hostil, eles mantinham um sentimento gregário, defensivo, ao lado da impossibilidade de compreender o ódio dos alemães. Homens experientes, os barbadianos jamais compreenderiam inteiramente a preconceituosa predileção devotada a eles pelos alemães. Procuravam não se envolver pelos insultos e provocações, mas os alemães eram grosseiros e duros, as pilhérias invariavelmente transitavam pelas regiões

abdominais. Collier sente o suor escorrer pelo corpo. Um trabalhador alemão, emporcalhado da lama onde se encontra atolado até a cintura, está dizendo que quando voltar para a sua terra terá um negócio lucrativo para explorar. O seu companheiro mais próximo acredita que o negócio lucrativo não pode ser outra coisa que um bordel cheio de lindas garotas prontas para tudo. A idéia de lucro é uma idéia muito popular ali, mais popular que a idéia de garotas compreensivas, pois afinal, as mulheres bem poderiam vir depois do dinheiro. Collier está um pouco cansado e quase decidido a voltar para o clima mais ameno de sua barraca. Por isso não ouviu quando o emporcalhado alemão disse ao outro que iria abrir um bordel de negras amestradas e que saberia escolher as negras mais experimentadas entre as mães dos barbadianos. De qualquer modo Collier não saberia o que eles estavam conversando porque não falava uma palavra de alemão e os homens estavam ralando em alemão. Quando Collier se afastou os alemães começaram a utilizar um inglês estropiado que era para os barbadianos entenderem o que eles estavam dizendo. Mas os barbadianos não pareciam nem um pouco impressionados com as bravatas deles e estavam colocando calmamente o trilho no chão. O trilho caiu com um ruído metálico e os barbadianos se afastaram dali. Um alemão mais baixo, com as calças rasgadas e um trapo envolvendo os ombros, olhos azuis aguados mas cheios de ódio, fala alto para ser ouvido.

— Ninguém me tira da cabeça que não são ladrões. . .

— Te acalma, volta pro trabalho — adverte um outro,

bem mais velho.

— Esses negros sujos, foram eles que entraram no nosso alojamento e me roubaram — repete o alemão, as mãos apertando o cabo da picareta.

— É melhor trabalhar, esquecer.

— Como voltar a trabalhar, esquecer? Eu estou aqui com esse trapo nas costas porque a minha camisa desapareceu. Paguei um dólar e meio e agora ela sumiu. Foram esses negros, só pode ser. E ainda me roubaram um espelho.

Os barbadianos agora observam cautelosamente a movimentação dos alemães, estão bem próximos de onde depositaram o trilho e falam sem que ninguém perceba.

— O que há com eles? — pergunta um barbadiano, incrédulo frente a carga de ódio que chega até ali vinda do pequeno aglomerado de alemães.

— Sabe lá, eles enrolam muito a língua, é difícil entender o que eles querem.

Os alemães pararam de trabalhar, divertem-se com a raiva, do companheiro. Da parte dos barbadianos há apenas uma curiosidade aparentemente passiva.

— Então os negros afanaram a tua camisa.

— Ontem à noite, de manhã eu encontrei as minhas coisas mexidas, a maleta

arrombada.

— Tens o sono muito pesado, Hans. Acho que o negro além de te roubar a camisa deve ter passado a mão na tua bunda.

— Não é brincadeira, não. Hoje fui eu, amanhã é a tua maleta e a tua bunda, filho da puta.

— Calma, Hans.

— Quando me contrataram para fazer esse trabalho, não me avisaram que teríamos negros fazendo o mesmo serviço.

— Oito mil-réis por dia, para agüentar negro ladrão, é pouco.

— Olha lá como eles estão nos olhando. — O alemão vira-se para os barbadianos e grita: — O que foi, macacos?

—- Estão rindo de nós, de mim. Existem terras em que negro sabe o seu lugar. Eu já trabalhei na África, no Togo, numa fazenda de cacau. Em Togo um homem trabalhador podia vencer a pobreza, podia sair tranqüilo de sua terra que ali encontraria boas condições, se fosse um homem esperto. . .

— E por que não ficaste rico?

— Não deves ser esperto, Hans. Por isso os negros te roubaram até a camisa.

O alemão, mal equilibrando o trapo nas costas, aproxima-se dos barbadianos, segurando a picareta quase como uma arma. Apenas uma manhã sem usar a camisa já lhe tinha provocado queimaduras de sol nas costas, a pele ficou vermelha como uma vitela malpassada, e arde.

— Ei, volte aqui, ficou maluco — grita um de seus companheiros, pressentindo no ar cheiro de desgraça.

Mas o homem não pára, está decidido, as costas lhe fazem sofrer e ele está descontrolado. Por isto, segura o primeiro barbadiano que encontra, agarra pelo colarinho e o outro fica perplexo, não estava esperando aquela agressão.

— Eu quero saber qual de vocês me roubou a camisa? — pergunta o alemão, em inglês, mas se atrapalha e mistura palavras em alemão produzindo uma frase incompreensível.

— Fale em inglês, por favor — responde o barbadiano com a voz humilde mas firme. — Eu não entendo nada do que estás dizendo.

— Vai logo abrindo a boca, seu bosta. Quem arrombou a minha maleta? Quem me roubou a camisa?

O barbadiano, bem mais forte e mais alto que o alemão, solta um suspiro e desvencilha-se do agressor, afastando-o facilmente com poucos movimentos e um empurrão. Os guardas aparecem, as armas engatilhadas apontando para os dois grupos de homens. O alemão, irritado, volta a trabalhar. Tudo parece ter se arranjado, os alemães retomam a escavação e os barbadianos começam a caminhar em busca de outro trilho. Mas o rapaz alemão não está conformado, as

costas ardem e não deixam ele esquecer que perdeu a única camisa que possuía. É um homem perigoso porque se sente humilhado. Os guardas abaixam as armas e não percebem que o sentimento de humilhação do rapaz é um daqueles caminhos curtos para as desordens e homicídios. Sem que ninguém espere, ele investe contra os barbadianos, segurando a picareta no ar com duas mãos.

Embora de costas, os barbadianos ficam unidos como por uma descarga de eletricidade. Reúnem-se no momento exato em que o rapaz alemão partiu correndo com a picareta levantada, pronto para matar. Tudo acontece muito rapidamente e é assim que sempre muitos levam a pior diariamente por ali. Um dos barbadianos trazia um machete preso à cintura, ele saca a arma e com um movimento preciso gira a lâmina com toda a força decapitando o rapaz alemão. Um rumor seco e gutural escapa de todas as gargantas e os homens ficam estáticos, dominados pela surpresa, inclusive o autor da decapitação. A cabeça do rapaz, a boca aberta e os olhos esbugalhados, parece levitar no espaço, rolando como uma bola que gravita impulsionada por forças anárquicas, até começar a cair enquanto o corpo estremece, sem largar a picareta, tombando na lama esguichando um jato de sangue vermelho-escuro. Estes segundos em que o corpo mergulha parcialmente na lama parecem intermináveis. A água fica logo tingida de sangue e o sol reverberando na lâmina do machete sufoca todos os gestos. A lâmina do machete está incrivelmente limpa, nem parece que acabou de cortar uma infinidade de nervos, tendões, tecidos e ossos do pescoço de uma criatura. Os companheiros do rapaz, refeitos do susto e da surpresa, correm para acudir, aos gritos, possuídos por algo mais do que solidariedade e que parecia uma fúria demoníaca inteiramente sem controle. Alguns homens arrastam o corpo decapitado e procuram pela cabeça que desapareceu na lama. Outros partiram para os barbadianos e engalfinharam-se, gerando um tumulto.

Não longe, onde a locomotiva está trabalhando, o foguista ouve o tumulto. Ele pára de colocar carvão na fornalha e junto com o maquinista procura se inteirar do que está acontecendo. É uma atitude puramente instintiva, porque não havia nenhuma novidade naquele tumulto que estava acontecendo e ele sabia disso. Algum desentendimento, um homem trocando socos com outro, uma morte, e pronto, era isto. O maquinista vai estacionando a locomotiva e esta deixa escapar uma grande nuvem de fumaça de vapor.

— Porra, outra confusão nas escavações — diz o foguista com a voz indiferente mas procurando descobrir o que há realmente.

— Deve ser novamente os alemães com os barbadianos — diz o maquinista, cuspindo um pedaço de fumo que estava mascando.

O maquinista espera a máquina estacionar e desce no momento em que vai passando um reforço de dez guardas de segurança, acompanhado pelo

engenheiro Collier. Os homens vão apressados, quase correndo. O maquinista pede ao foguista que não saia do posto e mantenha a máquina aquecida.

— Outra confusão, não? — grita para o engenheiro.

O engenheiro responde sem parar, seguindo à frente do reforço de guardas, todos armados de winchesters.

— É um inferno, Thomas, como se não bastassem as dificuldades do terreno. Ninguém parece conseguir manter a razão por aqui. Com mil diabos, isto é pior do que uma guerra.

A maioria dos trabalhadores largou suas tarefas e prudentemente aglomera-se a uma certa distância do conflito. Negros e alemães continuam engalfinhados na lama quando Collier chega com os guardas. A lama revolvida exala um fedor penetrante de pântano e água estagnada. O engenheiro Collier começa a agir com energia.

— Isto aqui é um lugar de trabalho, não é uma competição de luta. Parem de lutar, é uma ordem. Perderam a razão? Ficaram loucos, seus idiotas?

Mas os homens parecem não ouvir o engenheiro e continuam a lutar, revolvendo a lama porque o sangue lhes martela na veia e somente o ódio pode agora movimentá-los, nenhuma palavra, nenhuma ordem seria registrada naquelas cabeças disformes que a lama aderira em contornos aberrantes. Collier é um homem de porte musculoso e barba pontiaguda, muito bem-tratada, a sua voz é poderosa e ele sabe que agora deve começar a agir na única linguagem capaz de fazer cessar o tumulto. Ele estava certo que nenhuma palavra seria suficientemente forte, nenhum grito bastante alto, nenhuma ordem perfeitamente dura, para fazer aqueles homens voltarem à realidade. Por isto, ele toma uma winchester de um dos guardas de segurança e começa a disparar a arma para o ar.

— Agem como porcos, devem ser tratados como porcos — grune o engenheiro, ao ver que os homens continuam lutando.

Os guardas de segurança tinham cercado o local, afastado a massa de trabalhadores e observam, aguardando ordens, as armas prontas para disparar. Collier não quer perder o controle da situação e está ciente que deve agir drasticamente ou ficará desmoralizado. Esta é a maior virtude de Collier, saber o momento em que seu poder de comando está prestes a desabar e bater duro, para ninguém duvidar de sua disposição. Ele abaixa a winchester e aponta na direção dos homens que lutam, formas de lama que só a fúria define, puxa o gatilho mas a arma está descarregada. Ele joga fora a winchester e ordena:

— Abram fogo!

Os guardas não compreendem a ordem de Collier, vão apontando as armas, maquinalmente, mas parecem não acreditar realmente que o engenheiro está

ordenando um fuzilamento. Collier rapidamente aproxima-se dos guardas e dá um safanão no que está mais próximo, jogando longe o chapéu de cortiça • do homem.

— Eu disse, fogo! É ordem. Fogo sobre essa canalha. Os guardas começam a atirar, quase sem fazer pontaria,

como se o alvo fosse todo o lamaçal. Um alemão é ferido por uma bala que esfacela a sua cabeça. Outra bala, ali atirada quase à queima-roupa, atinge um barbadiano que mergulha na lama suja de sangue. A fuzilaria começa a trazer os homens à realidade, eles param de lutar e olham aterrorizados para os guardas.

— Parem, não atirem — grita um alemão.

— Piedade.

— Não atirem, pelo amor de Deus.

Collier levanta o braço e os guardas param de atirar. Os lutadores estão de joelhos, suplicantes. O engenheiro olha para eles sem nenhuma piedade, o calor é terrível e ele retira o seu chapéu de cortiça e passa a mão pelos cabelos molhados de suor. Os que Sobreviveram vão levantando e cada um caminha para o seu trabalho. Estão imundos, enlameados, alguns com cortes e feridas sangrando.

— Recolham os mortos — ordena Collier aos guardas. Os guardas arrastam os mortos, são cinco, dois negros barbadianos e três alemães, mas estão tão cobertos de lama que todos parecem da mesma cor, aquela cor terrosa da lama espessa do rio Abunã. Ninguém parece disposto a trabalhar e observam os corpos com aquela curiosidade irreprimível em relação aos mortos. Uma curiosidade que ali já deveria estar perfeitamente saciada pois a morte era uma rotina tão certa quanto o almoço e o salário minguado no final da semana.

Os civilizados eram uma tribo difícil de entender. De cima de uma grande árvore, dissimulado por entre trepadeiras, ele observou tudo e sentiu medo. Não pelos tiros, mas pelas descargas de ódio que os brancos faziam chegar até ali. Sentiu medo também porque a luz da vida se apagava freqüentemente entre os civilizados e eles não tinham nenhuma cerimônia para com os mortos. Era como se a cerimônia dos brancos em relação à morte fosse o próprio ato de trazer a morte, e isto era difícil de aceitar. Os civilizados eram poderosos, fabricavam coisas boas, tinham sempre comida embora não plantassem ou caçassem. Todos os dias ele era obrigado a se encolher de medo porque a onda de ódio vindo dos brancos lhe feria. Ele viu os civilizados sujos de lama levantarem-se e caminharem em silêncio. O civilizado mais velho, que parecia ser o chefe, vinha caminhando ao lado de outro e conversava. O que falavam não era difícil de entender, ele já conseguia falar algumas palavras dos civilizados, mas eles

falavam muitas línguas e tinha visto que alguns não compreendiam o seu próprio chefe.

— Será que não vamos ter um dia sem confusões sangrentas? — disse o chefe.

— Esses negros devem ter aprontado alguma — falou o outro civilizado que trabalhava com a coisa grande que soltava fumaça.

— Os alemães também não valem nada.

— Eu ainda me assusto com tudo isto, Collier. Estou aqui há oito meses é ainda não me acostumei.

— E quem pode se acostumar, velho?

— Acho que alguém que perdeu o miolo inventou esta ferrovia.

— Nós é que não temos miolos, aceitando este trabalho.

— E pegamos os piores momentos, trinta milhas de pântano. Os homens com as canelas atoladas na água, uma água que parece tinta amarela. Você sabe que eu não sou homem de frescuras, mas esta água é repulsiva, parece um vômito. Não se pode passar o dia todo atolado nesse vômito da natureza sem que os miolos comecem a amolecer.

O chefe dos civilizados ouvia o outro, observando a winchester que estava jogada no chão. Ele sabia o que era uma winchester, seu povo já tinha usado aquela arma terrível inventada pelo branco. O chefe branco está apanhando a arma emporcalhada de lama, amarelada pelo vômito que o outro branco acabou de se referir com asco. Aquilo não dava para ele entender, a lama era lama e ele não sentia repugnância por ela, nem mesmo pelo vômito, que também era coisa natural. O chefe a winchester com a mão, sacudindo a lama que já começa a secar e a endurecer. O sol está fortíssimo e os dois brancos estão molhados, transpirando de suor, as roupas coladas ao corpo.

— É melhor você voltar para a Mad Maria e fazer essa maldita locomotiva avançar mais alguns milímetros — disse o chefe.

O outro branco sorri, não um sorriso de pura amizade, é um sorriso indiferente, enquanto conserta o quepe e começa a voltar para aquela coisa grande que range e solta fumaça. No caminho o branco cruza com outros que estão chegando. Um branco jovem, quase da sua idade, e outros também jovens. Estão vestidos de maneira estranha, uma máscara que desce fina até os ombros e por onde é possível ver o rosto deles. Mas ele sente as pernas adormecerem, a posição ali em cima da árvore estava ficando desconfortável. Ele vai descendo cuidadosamente e desaparece no meio da verdura.

Farquhar entrou em seu escritório depois de passar pela sala espaçosa onde estavam os burocratas e as secretárias da firma. Ficava num único andar de um

edifício pequeno na Avenida Central. Pessoalmente ele não gostava daquelas instalações, o prédio era mal dividido e pretensioso, queria imitar a arquitetura francesa e acabava amesquinhando as proporções, como tudo ali no Rio de Janeiro. Subindo uma escada um pouco estreita, entrava-se no salão perfumado suavemente porque todas as noites, após o expediente, uma turma de limpeza varria e lustrava o piso e os móveis com uma solução sanitária que ele mandava buscar dos Estados Unidos. Aquele perfume era um pouco do cheiro de ordem que ele não encontrava naquele país. Mas não se queixava, a desordem brasileira também era de certo modo providencial e a melhor aliada do seu sucesso empresarial. A maioria de seus funcionários era de norte-americanos, mas as secretárias eram todas moças brasileiras, geralmente filhas de famílias conceituadas que tinham saído do país, aprendido outros costumes, outras línguas e agora queriam ser modernas e independentes. Ele não se importava com o desejo de modernidade e independência daquelas moças bem-vestidas, quase sempre elas significavam a melhor mão-de-obra numa terra de gente rústica e analfabeta. Ele até gostava de suas moças e pagava um salário que estava bem acima da média dos salários brasileiros. Mas ele não tinha uma secretária, a discrição o ordenara a chamar um rapaz norte-americano que viera para trabalhar na embaixada dos Estados Unidos, tivera um desentendimento com o adido militar e o embaixador o encaminhara com uma carta elogiosa dizendo da eficiência dele e por isso devia ser contratado. O rapaz não queria sair do Brasil porque estava casado com uma moça brasileira, filha de um deputado federal pela Bahia. O nome do rapaz, Adams, era cem por cento americano e Farquhar tinha grande confiança nele.

Ao entrar no escritório, viu sobre a mesa uma pilha de envelopes pardos, sinal de que algum navio americano estava no cais e tinha trazido algum malote da matriz. Os envelopes pardos eram jornais e periódicos atrasados, mas úteis para ele acompanhar um pouco do que estava acontecendo em seu país, sobretudo num ano de campanha eleitoral. No Brasil a sucessão presidencial já tinha acontecido no ano anterior. O Marechal Hermes estava no governo depois de uma campanha desencontrada, polêmicas pela imprensa, calúnias, discursos e ameaças de golpe. O temperamento de Farquhar o afastava de qualquer disputa política, mas estivera o tempo todo preocupado com o problema sucessório brasileiro. Seus principais amigos estavam na oposição, lutavam no que eles chamavam de "campanha civilista". Ele não dava um tostão pela tal "campanha civilista", mas lamentaria muito se a derrota da oposição viesse atrapalhar os seus interesses. Era um temor não inteiramente desenvolvido, apenas um estado de alerta que poderia servir se a situação realmente esquentasse. Ele sempre contava com o caráter imprevisível dos brasileiros e agora havia um homem que

realmente tinha poder. Farquhar estava consciente de todas as implicações de um homem como o Marechal Hermes na presidência da República. O marechal contava com o apoio do exército, a única força realmente organizada no país e que funcionava como uma espécie de clube político. O próprio Marechal Hermes, enquanto ministro da Guerra do governo anterior, tinha cuidado de modernizar a tropa, ainda bastante ineficiente para o combate mas perfeita para sustentar qualquer um no poder.

Por entre as pilhas de envelopes pardos, um pequeno envelope branco sobressaía. Um envelope timbrado com a mais moderna tipografia mas lacrado à moda antiga. Ele, sem mesmo ler o timbre, já sabia de quem era. Vinha de um dos seus mais íntimos colaboradores, não um funcionário, mas uma espécie de assessor para consultas de precisão. Vinha de um homem que ele respeitava, um dos poucos brasileiros capazes de juntar a modernidade, como fazia com o timbre em moderna tipografia, e a reserva à moda antiga, reconhecida no lacre vermelho esmagado por um sinete. Farquhar abriu o envelope e encontrou um cartão escrito numa caligrafia fina e nervosa, embora as letras fossem bem torneadas como o inglês em que estava redigida a mensagem. Farquhar leu e sentou-se, o bilhete dizia pouco, aliás, como era natural, o seu amigo jamais dizia alguma coisa concreta quando lhe escrevia, era apenas um convite para que ele fosse encontrar o remetente no restaurante do Hotel Internacional para um almoço entre amigos.

3

Uma ampla sala construída em madeira. As duas janelas laterais estão teladas, além das vidraças, e uma porta, no fundo, também tem proteção de tela. As telas, bem finas, impedem a entrada de mosquitos. A enfermaria não conta com nenhum conforto extra além de quatro camas, tipo maça, para os doentes e beliches para o médico e os enfermeiros. As camas para os doentes estão colocadas imediatamente à entrada da enfermaria, próximas da porta. No outro extremo, os beliches e uma mesa, um armário, o recanto do médico. Dividindo os dois ambientes, mas apenas isoladas por biombos, há duas pedras para o serviço de autópsia. Não há nenhum doente internado na enfermaria. O barbadiano atacado de malária morreu durante a tarde, lúcido, sem entrar em coma. Finnegan está acabando de costurar um golpe em forma de Y que começa no púbis de um dos alemães, segue pelo abdômen e se bifurca quando encontra os contornos dos mamilos. Um dos enfermeiros está sentado à mesa redigindo o relatório que Finnegan dita em voz alta. Os outros enfermeiros já estão

dormindo, embora a luz ainda esteja acesa e venha de um farol a pressão que pende do teto, logo acima das pedras de autópsias. Os outros quatro corpos, já autopsiados, estão colocados no chão, protegidos por esteiras de lona, despidos e lavados. O decapitado teve a sua cabeça devolvida, costurada sobre o tronco, o que lhe deixou os ombros um pouco encolhidos como se estivesse fazendo um gesto involuntário de desdém.

Finnegan executa o seu trabalho com a mais perfeita frieza profissional. O calor deu início ao processo de decomposição daqueles corpos e o cheiro não é nada agradável. Mesmo assim os rapazes estão dormindo e o médico finaliza o seu serviço sem aparentemente perceber o odor penetrante de carne morta. Ele não era muito bom em autópsia e nunca tinha praticado uma só antes de chegar ali. Naquelas semanas ele começara a aprender que fazer aquilo seria tão normal e rotineiro quanto os partos o são numa maternidade. A morte era a grande produtora diária e parecia cuidar de sua tarefa com um desempenho maior do que avançavam os trilhos pelo terreno alagado do Abunã. Por isto, como os nascimentos não eram nenhuma fatalidade numa maternidade, a morte e o complicado ritual médico da autópsia para sancioná-la eram encarados com a mesma naturalidade de um parto. Frente ao seu primeiro cadáver Finnegan tinha se sentido enxovalhado. Não por alguma razão leiga como asco pela morte ou temor frente a uma carcaça humana indefesa, ou mesmo por algum resquício de respeito humano de seu catolicismo, mas por um sentimento aparentemente inapropriado de orgulho. É que durante os anos de escola médica, tinha aprendido com os seus mestres o quanto era humilhante a assinatura de um atestado de óbito, e mais, o quanto era insignificante o trabalho dos legistas que passavam a vida inteira em câmaras subterrâneas retalhando mortos e fazendo relatórios de medicina legal. Afinal, o médico devia tratar da vida ameaçada, o símbolo do médico que ele criara era proveniente de uma escultura que vira na mesa do diretor da escola, ainda no primeiro ano, onde um cavalheiro vestido de bata imaculadamente branca, um médico, procurava tirar dos braços da morte, representada pelo esqueleto humano, uma jovem mulher inteiramente nua e de formas arredondadas de tal maneira que o monte de Vênus saltava por entre as coxas como um suave acidente geográfico. Esta imagem tinha ficado gravada e Finnegan a cultivava com um misto de ironia talvez pelo erotismo latente, ou manifesto, ele às vezes duvidava, que o corpo visivelmente sadio da mulher supostamente ameaçada deixava escapar. O diretor da escola tinha notado a curiosidade dele frente à escultura e havia dito que ele quando se formasse deveria ter uma igual em sua mesa do consultório. Dava um toque artístico e era um excelente meio para iniciar uma conversa com os pacientes tímidos, ele tinha dito. Agora, depois de quase trinta autópsias e atestados de óbito, a sensação de

vergonha comecava a ser dissipada pela indiferença, aquela mesma indiferença morna que tanto ridicularizavam nos médicos legistas.

Finnegan sentia sono enquanto introduzia a agulha na pele úmida do cadáver, juntando as duas margens do profundo corte que soltava um líquido meio azul, último sinal do que fora sangue naquele corpo e que tinha corrido rápido e Ia te jante propelido pelo ódio. Finnegan boceja e apressa o trabalho de costurar, sente os olhos pesados e sabe que dormirá como uma pedra no momento em que deitar na cama. Este sono também , tinha sido no início motivo para ele se sentir preocupado, como se estivesse perdendo a sensibilidade. Ele sempre dormira bem, raramente tinha pesadelos ou mesmo sonhos que recordasse. Mas dormir como uma pedra, era novidade. No hospital onde tinha feito internato, costumava trabalhar tanto quanto ali, não era exatamente cansaço. Talvez o calor excessivo, ele não sabia. Deitava às onze horas da noite e só acordava às cinco e meia, quando o apito da locomotiva dava sinal para todos levantarem. E o sono começava a se manifestar por volta das nove horas, quando costumava jogar um pouco de bridge com os outros rapazes se não tinha ninguém para atender. Finnegan sentia que muita coisa estava mudando em sua vida.

As *Doze variações* de Beethoven em cada folha escondida na escuridão da noite. Uma noite densamente povoada de ruídos e abafada pela umidade agasalha os soluços de Consuelo. Carregando um embrulho, os pés descalços enfrentam sem temor o chão perigoso da clareira. Ela não pode enxergar onde pisa porque está inundada pelo breu noturno da floresta. Mas ela chora, os cabelos finos, longos, sedosos, estão desgrenhados e melados de barro e folhas mortas. Ainda sente o braço forte que a segurou pela cintura e a reteve, fazendo com que ela se debatesse em vão, sem poder agir, como uma espectadora derrotada e obrigada a ver um espetáculo que não desejava. E tudo tinha sido horrível. As pedras afogadas, o sol brilhando no dorso espelhado do piano, os músculos dos homens retesados. Forças aparentemente empatadas. A balsa trepidando e Alonso segurando a corda, dando voltas com a corda no próprio corpo e os músculos e artérias do pescoço tensos num esforço supremo. E então, ele não podia acreditar porque era melhor deixar que outros impulsos lhe invadissem, estava descontrolada. Uma sala, bem mobiliada, as boas cadeiras estofadas em damasco de bordados aveludados, o marido fumando, quase dormindo, um candelabro de seis velas iluminando com confortadora claridade, o início da noite de todos os dias depois do trabalho na loja, a habitação nos fundos do comércio, com entrada independente e espaço perfeito para um casal de jovens que se amavam e amavam igualmente a música. Cortinas de seda verde pendendo contra paredes diligentemente decoradas por retratos em molduras douradas. Um piano negro, um grande piano e o rapaz de terno riscado

sorrindo para ela. Uma manhã de exercícios na sala de concertos da universidade, as cadeiras do auditório cobertas e as janelas fechadas. Um piano de cauda e Consuelo se aproximando, sentando na banqueta de veludo carmim, os dedos dedilhando as teclas brancas e o rapaz sorrindo e afagando um gordo gato rajado como uma onça. A idéia do felino fez com que ela despertasse um pouco e observasse a mata imersa na escuridão e povoada de ruídos. A balsa montada sobre a grande laje e a água subindo como num chafariz. E então, as forças desempataram, a balsa não vence, desgarra, arrasta em sua derrota alguns homens para o torvelinho letal, alguns índios desgraçados que não tiveram tempo para livrar-se das cordas. As cordas, e Alonso? Ela tinha voltado a cabeça rápido para ver o marido descer para a cachoeira, arrastado, e foi quando tentou acudir e braços lhe enlaçaram a cintura, impediram. Ela gritou e bateu mas Alonso já tinha desaparecido e a balsa começava a voltear, a descer, acompanhando a velocidade da água, descrevendo curvas inacreditáveis e rodopios graciosos por entre as pedras. O piano, reverberando ao sol, seguindo solidário ao destino de seu transporte. Ela bate no homem que a segura pela cintura e impede que se jogue desesperada lá embaixo. É um índio assustado que enlaçou a sua cintura mais para se proteger do que para impedir que ela cometa um desatino. Logo a balsa com sua carga vai chocar-se contra uma rocha. Os estilhaços saltam no espaço, o grande piano esmigalha-se como um brinquedo de gesso e desaparece. E fica só o ruído da cachoeira vitoriosa, porque os índios fogem, sobreviveram e agora estão com medo. Alonso tinha perdido o equilíbrio e caído, a corda o arrastara sem que ele encontrasse qualquer apoio ou conseguisse se livrar das voltas que tinha dado com a corda em torno da cintura. Havia sido arrastado, o corpo esticado para frente e os braços em busca de apoio ferindo-se na superfície rugosa dos lajedos. E estava morto, afogado, nem mesmo o seu cadáver poderia mais ser localizado porque estaria preso no fundo do rio logo abaixo da cachoeira, águas profundas cheias de pedaços de árvores tombadas e restos de outros naufrágios. Consuelo parou de caminhar e sentiu que os pés estavam feridos, uma voz soluçava, a sua própria voz na sinfonia aleatória dos outros ruídos. O chão da floresta era molhado e fofo, parecia um grosso tapete que ondulava sob os pés que doíam. As cortinas pesadas, verdes, e as janelas do conservatório fechadas porque o inverno tinha chegado forte e até um granizo de gelo estava apedrejando a rua e as vidraças quase opacas. Fazia bastante frio mas o sorriso do rapaz compensava. Ela sabia quem ele era e gostava dele embora não se conhecessem realmente. E estava curiosa para saber o que ele estava fazendo àquela hora no conservatório, justamente no seu horário de exercícios. Ela conhecera ele há pouco tempo e nem mesmo sabia como se chamava. Era o rapaz que a atendera na loja de música onde tinha ido comprar

partituras. Foi para ele que tinha pedido informações sobre o preço de um piano alemão de alta qualidade que ela sonhava em comprar, Era caro, o rapaz fora muito atencioso e fizera todos os complicados cálculos na hora, sempre muito bem humorado e transmitindo um calor especial que era para ela uma novidade perturbadora. Em casa, a perturbação daquele calor tinha permanecido e Consuelo não parava em lugar nenhum, caminhava da sala para o quarto, febricitante, despertando o interesse de sua mãe, uma mulher quase sempre indiferente e ocupada em seus afazeres. Mas estava frio no conservatório e ela esquentava os dedos esfregando as mãos cada vez que parava o dedilhado sobre as teclas, alguns acordes de Chopin, alguns acordes de Mozart, de Offenbach. Fazia frio, ela sentia frio e o soluço sufocava. O rapaz sorria para ela, um rapaz corado e de lábios carnudos descobrindo dentes bem-feitos. O rosto dele era apaziguador, embora isto não tivesse nenhuma explicação lógica para ela. Consuelo sentou naquele fofo tapete de folhas que a umidade não deixava nunca secar inteiramente, encostou-se no tronco de uma castanheira e dormiu sem medo.

Uma armação tosca, sem teto, construída de troncos, serve para os trabalhadores atarem as redes. É ali que dormem, embora chamar aquilo de dormitório é mais do que um eufemismo cínico. As redes estão distribuídas paralelas umas às outras. Os guardas de segurança colocam-se a cada dois metros e separam o dormitório em duas alas. Cada rede está protegida por um mosquiteiro: espécie de tenda feita de fazenda leve e que envolve completamente a rede. Mas o mosquiteiro só protege dos mosquitos, no caso de chuva os homens ficam totalmente desabrigados. É uma noite escura, de nuvens pesadas, sem a amplidão tropical povoada de estrelas onde a via-láctea parece tão próxima e solene. Os homens, cansados, ressonam alto e gemem. Na ala dos barbadianos há uma movimentação disfarçada e fora da vista das sentinelas. Sombras se esgueiram por entre as redes, sem fazer ruído. Conversam quase sem deixar que a palavra seja emitida dos lábios. Então, dois homens, armados de machetes e caminhando silenciosamente, escapam para a escuridão.

A barraca da enfermaria está mal definida pela falta de luz. Apenas a luminosidade que escapa das duas janelas laterais identifica a construção. Duas silhuetas humanas colocam-se contra uma das janelas. Lá dentro, Finnegan continua absorvido e sonolento, revisando a redação dos laudos. Ele examina as folhas exagerando no cuidado porque o sono pode lhe pregar alguma peça. Finnegan gosta de perfeição, confere o que foi escrito pelo enfermeiro e faz anotações. Ouve, no entanto, um ruído anormal que vem de fora e cobre o ruído dos insetos. Fica alerta, isto ele já aprendeu ali, despertar rapidamente para

qualquer anormalidade. Levanta a cabeça e nota que a enfermaria não apresenta nenhuma novidade, os mortos continuam em sua pacífica imobilidade, os enfermeiros dormem, está abafado como sempre acontece antes de um aguaceiro. Mas do lado de fora, dois barbadianos estão examinando a janela fechada pela tela fina, eles não pretendem arrombar a janela, certificam-se apenas da situação no interior da enfermaria e parecem ter encontrado o ambiente como esperavam. Um deles segura no ombro do outro e faz um sinal para que caminhem na direção da porta. O ruído dos passos no chão sempre coberto de folhas secas é que despertou Finnegan e ele mantém os olhos vasculhando todos os cantos iluminados pelo farol a pressão. Ele sente alguma coisa no ar e logo saberá porque a porta cede com brutalidade e Finnegan assusta-se com a entrada dos dois homens segurando machetes. No rosto de cada um deles há algo extremamente profundo que Finnegan não consegue detectar, algo além da sensação de perigo, um potencial de mistério que mal se esconde e é inquietante. Os dois homens apertam de tal maneira as armas que suas mãos estão sem circulação e ficaram quase brancas, de um marrom pálido e assustador, enquanto respiram compassadamente. Os dois homens ultrapassam os biombos e deparam com os mortos. A sensação impossível de detectar intensifica-se e Finnegan procura não esboçar nenhum gesto que possa ser tomado como reação. O médico observa inerte, a boca levemente aberta e li vida, um ruído dentro do ouvido incomodando e o coração batendo tão rápido que parece querer sair de dentro de seu peito arfante. Ele está morrendo de medo e não pode deixar isto transparecer porque não terá salvação se eles notarem que estão superiores. Aos poucos Finnegan percebe que aquela sensação estranha estava se transformando em pura raiva, uma emoção conhecida e que ele pode enfrentar; é quando procura ter coragem.

— O que significa isto? — perguntou Finnegan, a voz firme e ríspida procurando imitar as maneiras do engenheiro Collier.

— O que é que tu fizeste com eles? — perguntou arrogante um dos barbadianos, apontando para os cadáveres.

— Não entendo — respondeu Finnegan desconcertado, temendo que eles estivessem ali para obrigá-lo a fazer os mortos voltarem a viver.

— Tu mexeste neles? — insistiu o barbadiano.

— Foi só um trabalho de rotina. Nada mais poderia ser feito. Quer ver o laudo?

— Para que mexer no corpo deles? — perguntou o outro com um tom de maliciosa suspeita, o que deixou Finnegan ainda mais intrigado.

— Acho melhor vocês voltarem para o dormitório e eu vou procurar me esquecer disso tudo — respondeu o médico, irritado porque não conseguia

compreender exatamente o que eles desejavam e o motivo exato de tanta preocupação com os mortos. — Os corpos vão descer amanhã para o cemitério da Companhia, na Candelária.

Um dos barbadianos empurra com violência os biombos. Finnegan sente a raiva do homem crescer enquanto os biombos estatelam ruidosamente, acordando os enfermeiros.

— Não! Tu estavas profanando o corpo deles. Os brancos estão sempre profanando os mortos.

Finnegan sabe perfeitamente o quanto eles são peritos com os machetes, tinham usado aquela arma de gume afiado como um bisturi de precisão no pescoço do alemão. Um corte perfeito e único, digno de um carrasco medieval. Os enfermeiros também partilham com o médico desse temor e estão sentados na cama, sem tirar os olhos dos machetes.

— Nós já tínhamos avisado que os nossos mortos não eram para serem tocados — disse o barbadiano, avançando ameaçadoramente e colocando Finnegan contra a parede.

— Vocês enlouqueceram? — gruniu Finnegan.

Os enfermeiros, ainda cheios de sono, prendem a respiração e as forças começam a escapar para a ponta dos pés que pesam como chumbo. O outro barbadiano, acenando com o machete, ordena aos enfermeiros que eles também se encostem na parede, próximos ao médico. Finnegan está com a cabeça vazia e o estômago agitando-se de tal modo que ele não pode deixar de emitir um gemido gutural. O farol parece agora iluminar tudo intensamente e Finnegan ouve passos que entram na enfermaria.

— Dick e Jonathan, eu sabia — gritou o engenheiro, rompendo toda a expectativa e como que amortecendo inteiramente a vontade de matar nos dois barbadianos.

Os agressores voltam-se, assustados. Finnegan consegue relaxar e olha para os enfermeiros que vão encostando na parede para não perderem o equilíbrio. Um dos enfermeiros solta um assobio de alívio e os barbadianos estão agora incrivelmente dóceis.

— Quando me disseram que estava havendo encrenca por aqui eu disse: macacos me mordam se não for coisa do Dick e do Jonathan.

— Master Collier, a gente não estava querendo criar confusão — disse um dos barbadianos.

— Eu sei, Jonathan — disse sarcasticamente o engenheiro Collier. — Esses machetes são para vocês barbearem o Dr. Finnegan, não é verdade?

Os guardas de segurança começam a se materializar na réstia de luz que escapava pela porta. Tinham acompanhado Collier mas não haviam entrado

imediatamente, o engenheiro preferia impor sua autoridade sozinho e eles só interviriam se a coisa engrossasse.

— Ele estava profanando os mortos — balbuciou Jonathan.

Só então Finnegan conseguiu medir os seus agressores e viu que não passavam de dois homens bastante magros, o que se chamava Jonathan tinha a estatura alta e articulações nodosas recobertas de pele rugosa e solta. Famintos, pensou Finnegan, dois miseráveis subalimentados preocupados com superstições primitivas. A criatura humana era mesmo ridícula às vezes.

— Antes de mais nada, passem para cá essas belezinhas — disse Collier, e os barbadianos entregaram os machetes sem a menor dificuldade. — O mal de vocês é sono. Guardas, levem os rapazes para o dormitório.

Os guardas nem precisaram se mover pois os barbadianos caminharam para fora ao ouvir as palavras do engenheiro.

— Tenham bons sonhos — recomendou Collier.

— O que é isto? Bons sonhos? — quis saber Finnegan. Estava nauseado com a arrogância do engenheiro. — Não serão punidos?

— Vão saindo, e rápido — disse o engenheiro para os rapazes da guarda, sem tomar conhecimento das perguntas do médico. — Vamos desimpedir a enfermaria que o doutor aqui precisa de espaço para meditar.

Os guardas vão saindo e Collier inspeciona a enfermaria com os olhos. Finnegan pela primeira vez está sentindo hostilidade em relação ao engenheiro, até então era um moço submisso que compensava as constantes agressões do engenheiro por uma carapaça de indiferença profissional.

— Então, esses homens entram aqui, me ameaçam, quase me matam, e o senhor os despacha como se nada tivesse acontecido — diz Finnegan sem esconder a hostilidade.

— O senhor está ferido? Eles tocaram pelo menos um dedo no senhor? — pergunta Collier.

— Não estou ferido, estou bem. Não chegaram a fazer nenhum mal. Mas não estavam com boas intenções — responde o médico rispidamente.

— E por acaso há por aqui alguém com boas intenções? — A nova pergunta de Collier veio como uma pancada seca na rispidez de Finnegan.

— O senhor não está sendo razoável — retruca o médico e quer fazer valer a sua autoridade. — Eles invadiram a enfermaria. Saíram do dormitório sem ordens e não posso afirmar o que pretendiam fazer no momento em que entraram aqui...

— Eles queriam matá-lo — disse secamente Collier. Finnegan viu que a sua irritação começava a refluir frente a objetividade do engenheiro. Ele conhecia os barbadianos e sabia exatamente o que estava fazendo, ao contrário de Finnegan,

que só compreendia o regulamento como uma espécie de redução orgânica do trabalho a ser executado.

— Da próxima vez que um negro aparecer morto, trate de ordenar o sepultamento imediatamente — disse Collier. — Nada de começar a cortar o defunto feito um carniceiro.

— Eu tenho ordens de fazer autópsia em todos os mortos. E os mortos devem ser enterrados no cemitério da Companhia.

— Menos os pretos, os barbadianos — disse Collier.

— Não vejo diferença entre um morto preto e um morto branco — retrucou o médico.

— Já estou informado de seus bons sentimentos — disse o engenheiro, novamente resvalando para a ironia mas logo retomando na voz a frieza autoritária que nauseava Finnegan. —De agora em diante, todo negro que morrer será imediatamente enterrado na beira da estrada pelos próprios negros. E sem autópsia. É uma ordem, está claro.

— Não posso aceitar isto — disse Finnegan, impaciente, caminhando de um lado para outro. — E o atestado de óbito? E o relatório?

— Não se preocupe, rapaz. As mortes são tão óbvias aqui que basta olhar o cadáver para saber as razões do desenlace. Escreva o que vier na cabeça, use a imaginação. Ninguém vai pensar em verificar a *causa mortis* real de todo o desgraçado que levar a breca neste inferno.

Collier se retira batendo a porta da enfermaria e deixando a aspereza de sua voz ressoando no interior de Finnegan. Os enfermeiros estão mais relaxados mas prudentemente silenciosos. O médico observa por alguns instantes a porta que foi fechada com violência e depois começa a levantar os biombos que estavam caídos no chão. Os enfermeiros decidem espontaneamente voltar para a cama porque o médico nem parece dar conta da existência deles, arrumando papéis que voaram, mexendo nos objetos sobre a mesa, até se dar conta dos olhares de cada um dos rapazes ainda assustados.

— Empacotem os corpos dos alemães — ordena Finnegan, e os enfermeiros ouvem desolados porque esperavam voltar para a cama e vencer a tensão com um bom sono. — Utilizem aqueles lençóis que estão encaixotados. Depois vamos enterrar °s dois barbadianos.

— Agora, doutor?

— Imediatamente.

O maquinista e o foguista, próximos ao acampamento dos trabalhadores, esperam que uma sopa colocada ao fogo fique pronta. Outros olhos também observam a sopa que ferve sobre o fogo da fogueira, borbulhando numa panela de ferro suspensa num gancho que pende de um tripé de ferro. O homem que

observa está escondido na mata e sente fome. Embora tenha comido algumas frutas, o cheiro da sopa é mais convidativo e ele cobiça mas sabe que dificilmente poderá compartilhar daquela comida. Os dois civilizados tinham sido considerados , graduados e receberam da Companhia uma tenda de lona impermeável que lhes serve de alojamento privativo naquela frente de trabalho. Thomas, o velho maquinista, está curvado sobre o improvisado fogão, mexendo a sopa com uma colher. O clarão da fogueira é a única fonte de luz ali e mal ilumina os dois homens. O foguista parece concentrado em algum pensamento íntimo, é um homem ainda jovem, musculoso, rosto de queixo quadrado que parece cortado a golpes de faca por um escultor sem talento. É baixo e os cabelos ruivos, cor de fogo, e a pele salpicada de sardas mostram que é um filho de emigrantes, possivelmente holandeses, embora não seja possível encontrar nenhum indício de sua ascendência em seu nome. Chama-se Harold Appleton e nasceu em Nova York. O maquinista, Thomas Gallagher, mexe a sopa também de maneira distraída e por isto não se dá conta do vulto humano que esgueira-se pelos arbustos, na direção da tenda. O vulto age como um felino, sem fazer nenhum ruído e arrastando-se habilmente pelo chão, até penetrar na tenda. Harold esbofeteia-se regularmente ou aplica palmadas contra o corpo, espantando pequenas borboletas noturnas e outros insetos que chegam atraídos pela fogueira.

— Uma boa dose de gim com limonada cairia muito bem agora — diz Harold, quase para que sua voz invada a noite.

Thomas responde com um gesto nervoso devido aos mosquitos que não ficaram intimidados nem com a fumaça da fogueira e chegam para sugar o seu sangue.

— Eu nem me lembro mais do gosto de gim — responde finalmente Thomas com algumas palavras, examinando detidamente um dedo ferrado por um mosquito e onde cresceu um calombo amarelado.

— De que é a sopa? — pergunta Harold.

— Cebola.

— Cebola? Dá um mau hálito dos diabos.

O foguista Harold nunca trabalhara numa construção de ferrovia, era foguista de linhas regulares e estava acostumado com horários, estações fixas e viagens tranqüilas por campos cultivados no verão e cobertos de neve no inverno. Nem mesmo era um foguista de verdade, estava na profissão levado pelo velho Thomas, porque tinham ficado amigos e ele estava desempregado e meio bêbado quando pela primeira vez se encontram numa estação da Nova Inglaterra. Harold tentara apanhar trem como clandestino mas escorregara na graxa de um cruzamento de trilhos, desabando logo à frente da locomotiva, onde Thomas o

localizou quando rotineiramente inspecionava máquina antes de dar a partida e viu um corpo atravessado a linha. Harold estava desacordado, mais pela bebida do que pelo tombo, embora um golpe no supercílio fizesse escorrer sangue em profusão. O velho Thomas o ajudou, Harold estava m destino e não pretendia voltar para Nova York, não queria ais voltar para a casa onde vivia sozinho, quase sempre bêbado e trabalhando como carregador numa firma de mudanças. Já estava com quase trinta anos e não tinha mulher nem namoradas, era muito tímido e fugia das mulheres por algum motivo inconsciente que desconhecia. E as mulheres não pareciam mui-;o atraídas pelo seu queixo cortado e quadrado e suas roupas sempre amarfanhadas e sujas de *bourbon* e gordura. Dois anos depois, estava mudado e era outro homem, protegido pelo interesse e energia de Thomas, que o tratava como um filho. Nunca mais se separou do velho rabugento, mesmo quando ele ficou viúvo e decidiu aceitar o convite do engenheiro Collier para trabalhar ali.

— O que foi que você disse? — perguntou Thomas, interrompendo os pensamentos de Harold.

— Bem, nada, só essa cebola, estamos comendo isto a não sei quanto tempo.

— Que jeito? O feijão chega mofado, a carne-seca é repelente. . .

— Não, não estou me queixando — Harold ouve um barulho que vem da tenda, talvez ratos-do-mato, ou uma cobra.

Não é mau sopa de cebola. — Fala ao mesmo tempo que procura ver o que está acontecendo no interior da tenda.

— O que foi? — pergunta Thomas, também olhando para tenda.

— Nada, acho que ouvi alguma coisa se mexendo lá — responde Harold de maneira casual.

— Eu bem que preferia um ensopado — Thomas volta a pensar em comida porque a atitude do companheiro é tranqüilizadora.

— Nós ainda estamos com sorte. A cebola não vai nos matar — comenta Harold, divertido.

Harold sente que há alguma coisa estranha acontecendo dentro da tenda, ele ouve ruídos e como raciocina com lentidão, mostra-se apenas intrigado.

— Você ouviu? — pergunta Harold.

— O quê?

— Um ruído na tenda. Deve ser impressão minha.

— Está com medo? — Thomas fez a pergunta mas é quase como se confessasse o que estava sentindo.

— Medo? Taí uma coisa que eu nunca deixo de sentir.

— Medo de quê?

— Não sei, de tudo.

Os dois olham para a tenda como se ela escondesse uma terrível ameaça.

— Eu sou um cara que vive com medo, você sabe disso — diz Harold.

— Você?

— A gente sempre sente medo, mas agora o medo que eu ando sentindo é muito grande, e não pára. Às vezes eu fico me perguntando se vale a pena arriscar tanto a pele por setenta xelins por dia.

— E quem disse que a gente tem o direito de andar se perguntando? — fala o velho procurando fundamentar suas palavras medrosas com o carisma de sua experiência, um estratagema que sempre dava certo. — Olha, os meus cabelos ficaram todos brancos sem essas coisas passarem pela minha cabeça. Mas não fique preocupado, ter medo é natural. Eu também tenho medo, tenho medo desse calor que parece cozinhar a gente, essas doenças.

Thomas fala enquanto vai retirando a panela do fogo e colocando-a sobre um caixote de madeira. Sobre o caixote estão empilhados os pratos, canecos e as colheres.

— Não, não é este medo — diz Harold e a escuridão começa a ganhar outro peso em torno da fogueira. — Sei lá, pode até ser medo de ficar doente, de morrer aqui.

Thomas não contém uma gargalhada que parece uma tosse. Harold olha para o velho em busca de segurança.

— O que é que tem de engraçado? — quer saber Harold. - Nada, foi uma coisa que eu me lembrei. — Thomas despeja a sopa nos pratos e entrega um deles para o companheiro —Sabe quando foi que eu senti mais medo na minha vida?

Foi quando eu arranjei uma amante. Que bobagem, não? Mas na época, foi um sufoco. O problema não era a minha mulher. Ela não tinha experiência nenhuma e confiava em mim. Nós já estávamos casados há uns três anos e não tínhamos filhos. Foi então que a minha mãe veio passar uma semana com a gente e começou a desconfiar. Naquela época eu trabalhava em escritório e devia ser bastante ingênuo. Olha, eu nunca senti tanto medo, eu sabia que mamãe desconfiava e eu temia que ela fosse contar para a minha mulher. — Deve ter sido o diabo.

— Mamãe era muito observadora. — Thomas pára de falar e agora tem certeza que alguma coisa está na tenda. — Você tem razão, parece que há alguma coisa ali.

Harold larga a sopa no chão e observa a tenda com a respiração tensa. E se fossem os barbadianos, armados de machetes, roubando alguma coisa? Ele não queria ter o pescoço decepado.

— É disto que eu tenho medo.

— Silêncio — adverte Thomas, apanhando o revólver e caminhando lentamente para a tenda.

Alguma coisa se move lá dentro, alguma coisa muito ágil, pois assim que pressentiu a aproximação, escapou e desapareceu no breu da noite. Os dois entram na tenda, acendem o candeeiro e descobrem que suas maletas foram arrombadas e seus pertences estão espalhados pelo chão.

— Levaram um espelho daqui — diz Harold conferindo rapidamente as coisas espalhadas.

— O meu canivete suíço também sumiu — completa Thomas.

Eles não tinham nada especialmente de valor que interessasse um ladrão. Nada que alguém pudesse cobiçar e auferir algum lucro. O roubo então era incompreensível e deixava só o medo, o clima de desconfiança generalizada e no ponto de ebulição. Os dois homens não estavam preocupados pelo fato de terem perdido um canivete e um espelho, é que a partir dali sabiam que não poderiam olhar mais para ninguém sem esconder a desconfiança, e isto poderia ser tomado como provocação.

A luz do banheiro estava acesa e o resto da habitação fosforecia mornamente guardada pelas cortinas das janelas. Farquhar vivia em três apartamentos conjugados do Hotel Avenida transformados em sala de visitas, sala de reuniões e quarto de dormir. Os três apartamentos, agradavelmente espaçosos, decorados discretamente com móveis franceses no estilo Restauração, estavam alugados o ano inteiro e a sua disposição, uma espécie de centro de operações. Ele gostava daquele hotel sempre muito limpo, com atenciosos garçons e camareiras eficientes, grandes paredes silenciosas, e das janelas abertas para a avenida por onde chegavam os ruídos da vida noturna incipiente do Rio de Janeiro. Quando entrava naquele apartamento, sempre no final da tarde, seu corpo se deixava mergulhar numa banheira de água fria e ressuscitava das fadigas do dia. Ele estava agora deitado na cama, já eram onze horas da noite, o barulho do lado de fora começava a cessar e o sono só chegaria bem depois da meia-noite. Como raramente aceitava convites para recepções noturnas e não era um homem da madrugada, nem gostava de teatro ou outra forma de diversão que o Rio podia oferecer, isto sempre acontecia. Mas Farquhar gostava da riqueza de emoções daquelas horas sem sono que ele gastava gulosamente caminhando sem nenhum pensamento especialmente excitante, porque eram horas mortas e saborosas como um inesperado lucro. Às vezes, como esta noite, o lucro se revelava diferente, mas sem escapar da rotina. Alguém estava no banheiro e de lá vinha um perfume meio silvestre que fazia o quarto de dormir encher-se de sombras mágicas. Farquhar virou a cabeça e seguiu a sombra especial movimentar-se no

banheiro, abrindo e fechando torneiras, tilintando pequenos vidros, correndo cortinas. O verão era moreno e o ar refrescava pela brisa do mar, enquanto lá fora os transeuntes deixavam um rastro pálido demais para se atrever a perturbar a paz de sua cama.

Todos os seus negócios iam bem, embora o momento fosse de espera, de mudança política, de indefinições administrativas. Mas a solidez de suas empresas pouco era perturbada com essas mudanças que faziam o país trepidar e as pessoas nativas caminharem com dúvidas estampadas no rosto. O almoço do Hotel Internacional tinha sido revelador e Farquhar quase não comera, fazendo perguntas, ouvindo, fazendo anotações e retirando tudo o que podia daquele seu amigo pequeno e magro como se o seu corpo reduzido fosse uma dissimulação estudada j para escamotear a verdadeira estatura. O amigo tinha a cabeça comprida em forma de balão, bigodes espessos, olhos vivazes e opacos que dançavam sobre a pele amarelada e sem sangue. A cabeça era a de um homem grande plantada sobre os ombros secos de um anão malformado. Era um homem feio e de aparência doentia, embora gozasse de muita saúde e fosse um cavalheiro enérgico e cheio de vitalidade. O nome de seu amigo era Ruy Barbosa, era advogado e um dos homens mais conhecidos do Brasil, conhecimento tanto maior quanto eram reduzidas as suas forças políticas. No ano anterior tinha se candidatado pela segunda vez ao cargo de presidente do Brasil, um posto que ele não parecia desejar realmente. Farquhar conhecia aquele advogado há três anos e percebia que o homem estava declinando enquanto político e cada vez mais depurado como jurista por uma espécie, talvez, de compensação. Era um homem às vezes arrogante e muito vaidoso. Os brasileiros, sempre exagerados, o tratavam como uma sumidade infalível, quando amigos, ou como um asno imbecil, quando inimigos. Para Farquhar o advogado nem era uma coisa nem outra, tinha se interessado por Ruy no dia em que seus negócios começaram a emperrar no cipoal jurídico do país e lhe falaram de Ruy como uma espécie de mecânico jurídico capaz de transitar pelas centenas de milhares de decretos, regulamentos, leis, portarias, aditivos e outras providências federais, estaduais e municipais, quase sempre ignoradas de uma legislatura para outra, mas que eram acionados no caminho de algum negócio e usados como forma de pressão ou armadilha para capturar gordas propinas.

Farquhar já tinha ouvido falar de Ruy mas não levara muito a sério as bravatas daquele advogado falador, anti-americano em Haia, pró-americano no Senado e sem posição nenhuma no final das contas. Além do mais, Ruy tinha perdido um tempo precioso examinando questões sem importância do projeto do Código Civil brasileiro, fazendo crítica gramatical em vez de tratar do conteúdo, como seria razoável de um jurista, atrasando o andamento do projeto. A

incontinência filológica de Ruy era um tanto ridícula e folclórica, porque o Código Civil não era uma obra literária, nem mesmo lugar para debates sobre a pureza da língua portuguesa. A cotação de Ruy descera ainda mais quando ele soube os motivos reais para tanto zelo gramatical. O pequeno advogado queria ser o redator do Código Civil e pretendia humilhar um jurista realmente conceituado, Clóvis Bevilacqua, um homem que Farquhar conhecia muito bem, sério, competente e que não gostava de estar sob a luz dos refletores da ribalta política como aquele homenzinho de cabeça grande e bigodes pardacentos como uma ferida incurável. Se encontraram pela primeira vez em 1908, numa sala do Senado Federal, entulhada de livros e papéis. Ruy falava zumbindo como um besouro, e como os besouros só revelava seus dotes quando abria as asas e volteava por entre argumentos elegantes como esculturas de vidro. Aos poucos Farquhar começou a descobrir nele um homem muito útil para os seus interesses no Brasil. O pequeno advogado deixava passar em sua soberba uma ambição que um negociante nato como Farquhar só podia agradecer a Deus que ela ali estivesse habitando nos seus gestos e poses de sumidade. Foi uma aliança à primeira vista, embora Farquhar nunca desarmasse inteiramente a cautela necessária frente a um homem que não media as conseqüências de sua vaidade. E em Ruy a mistura de simulação brasileira com vaidade resultaria sempre em bons lucros para os negócios de Farquhar.

Durante o almoço Farquhar tinha confessado a sua preocupação pelo rumo das coisas no Brasil, temia um golpe militar e que a nação mergulhasse nas águas turvas das revoluções e pronunciamentos militares tão comuns em outros países do continente ao sul do Rio Grande. A instabilidade política seria um veneno fatal para os seus interesses e Farquhar olhava com apreensão as turbulências que irrompiam naqueles primeiros meses de governo. Ruy Barbosa estava desanimado e já não era um republicano muito fanático. Farquhar estava nos Estados Unidos quando dois encouraçados da Marinha de Guerra foram tomados por marinheiros amotinados e ameaçaram bombardear o Rio de Janeiro. O estado de sítio fora decretado e o problema recebera encaminhamento de maneira intempestiva porque a revolta não era exatamente política, os marinheiros queriam receber melhor tratamento e a abolição do uso dos açoites que ainda marcavam a sua presença nos barcos brasileiros, como no século XVIII. Embora anistiados, os marinheiros sofreriam terríveis represálias de parte da oficialidade naval; Em maio, centenas de ex-amotinados seriam embarcados nos porões infectos do navio *Satélite* e deportados para as selvas do Amazonas. Farquhar sentia que os ânimos andavam sombrios no Rio de Janeiro e Ruy Barbosa ainda não se recuperara totalmente do engodo conciliatório proposto pelo Marechal Hermes. Antes da posse, o velho marechal, velho no sentido de

matreiro, porque era um homem vigoroso caminhando para a meia-idade, e casado com uma esfuziante dama da sociedade carioca, chamara Ruy e pedira que ele indicasse nomes para o seu ministério. A vaidade de Ruy impedira que ele enxergasse o convite devidamente; não mais que uma formalidade de um militar que necessitava legitimar-se entre os políticos. Indicou nomes, agiu como um verdadeiro colaborador íntimo, mas nenhum de seus recomendados passaria pelas gavetas burocráticas do Catete. Hermes nomeou um ministério de homens de sua coligação política e ignorou as sugestões de Ruy. Durante as semanas seguintes, quando o ministério foi anunciado e empossado, o advogado transformou-se numa criatura intratável, recolhido em sua magnífica mansão e lendo avidamente dicionários, que era o seu divertimento principal. Farquhar imaginava que a adoração fanática de Ruy pela gramática era como uma espécie de onanismo e isto o repugnava, mas a manobra de Hermes tinha sido mal conduzida, ele reconhecia. Ainda mais que para o Ministério da Viação e Obras Públicas nomeara um dos mais notórios inimigos de Ruy, o Dr. J. J. Seabra, político nordestino capaz de desconhecer os orgulhos do advogado e eclipsá-los com um efetivo prestígio

O almoço tinha funcionado como uma rosada moldura para trocarem favores e informações. Farquhar sentia esses homens do novo governo como satélites num nevoeiro. Ruy queria colocar em um dos negócios de Farquhar os talentos brejeiros de Luiza Rosalvo, menina frívola da Bahia, geniosa e gatinho de estimação, que tinha se relacionado intimamente com ele e que agora precisava ser encaminhada antes de se tornar um estorvo perigoso. O advogado não era muito dado a esses tipos de aventuras, mas o cansaço da política lhe amortecera de tal forma que passara uma semana em Petrópolis, só ele e a pequena, em fins do ano anterior. Ela agora andava exigente e ele não queria mais a moça invadindo seu gabinete, impetuosa e farfalhante, sentando na ponta das cadeiras com os tornozelos brilhando, exigindo favores. Farquhar não viu nenhum inconveniente e decidiu encaminhar a petulante favorita do advogado para um trabalho em São Paulo, na burocracia cada vez mais numerosa de sua Companhia de Eletricidade. Por pura maldade poderia ter remetido a moça para Belém do Pará, onde tinha o controle do porto, dos telefones e dos bondes elétricos, ou para a Colômbia, onde movimentava uma empreiteira de rodovias, ou para Cuba, onde mantinha hotéis, ferrovias e armazéns de carga. Na verdade ele podia ter mandado a pequena até para a China, porque ele ali estava controlando uma firma de exploração madeireira na ilha de Formosa. Em troca, Ruy não chegou a tranqüilizar os seus temores, reconhecia que a situação política era difícil e duvidava da sagacidade de Hermes. Achava que o país tinha realmente enveredado por um caminho sem retorno e sabia que a república

conduzida de maneira artificial, escudada num federalismo postiço onde cada Estado da União era na verdade uma nomenclatura para esconder oligarquias poderosas e corruptas, começava a desabar. Mas Farquhar precisava de medidas mais imediatas, necessitava penetrar nos meandros dos novos homens que estavam no poder e demonstravam disposição para permanecerem ali durante muito tempo. Contra a vontade, pois reconhecer isto era aceitar que era um homem em declínio, Ruy concordava que Hermes representava um grupo forte e decidido a controlar o poder, um grupo de homens jovens, cheios de novos truques e que certamente gostariam muito de conhecer Farquhar. Se a situação era tensa, era necessário que o empresário não perdesse mais tempo. Depois de pensar por alguns minutos, segurando uma taça de champanha, sugeriu que Farquhar usasse para atrair as atenções do novo governo um dos seus mais arrojados empreendimentos, a ferrovia que estava sendo construída nas selvas amazonenses. Farquhar tinha muitos negócios, alguns grandes, outros menores, a ferrovia era um desses negócios, não o maior nem o mais importante, estava numa escala tão inferior que ele quase nunca pensava nela. Por isto não compreendeu quando Ruy lhe despertou a atenção para o fato daquela ferrovia servir para abrir um contato no governo. Sobretudo porque a ferrovia estava sendo construída num silêncio de certo modo planejado, ele já tinha sofrido muitos ataques através da imprensa devido à falta de lisura na concorrência pública, um deslize grosseiro de seu testa-de-ferro, o engenheiro Joaquim Catambry, homem um tanto autoritário e corrompido que realizara as transações sem esconder os detalhes escusos. Mas Ruy explicou que, conhecendo o interesse de Hermes pelas façanhas da tecnologia moderna, era bem possível que o marechal-presidente aceitasse uma visita às frentes de trabalho no rio Madeira. Hermes admirava os alemães, era mesmo um germanófilo, identificava-se com o arrojo que os alemães demonstravam no domínio da técnica. Para além da pura admiração, a intimidade de Hermes com os alemães representava a abertura dos mercados brasileiros para os capitalistas de Berlim. Hermes estava visitando a Alemanha quando foi eleito, tinha sido recebido pelo próprio Kaiser Guilherme, era íntimo também de homens com os sobrenomes poderosos e teutônicos como os *krupps* e *siemens.* O próprio Barão de Rothschild estava preocupado com a possibilidade dos alemães invadirem rapidamente o Brasil e começarem a concorrer. Ruy sabia que Rio Branco estava recebendo correspondências alarmadas de seu amigo Rothschild, mas Farquhar tinha um trunfo bem dentro das fronteiras do país, uma ferrovia prestes a ser concluída e que havia derrotado outros empreiteiros desde os tempos da monarquia. A ferrovia era uma façanha a que Hermes não poderia resistir e assim Farquhar ganharia a confiança do presidente. Farquhar não se entusiasmou muito mas não descartou inteiramente a

proposta de Ruy. O advogado estava não só proporcionando um caminho de entrada como uma valiosa informação sobre as relações de Hermes com os alemães. Farquhar sabia dessa ligação de Hermes com os alemães e agora se sentia no papel de representar a força do capital norte-americano presente no país capaz de barrar a chegada dos alemães. Quando se despediram, Ruy estava descontraído por se ver livre de sua amante e demonstrava isto esfregando os bigodes e piscando como se a luz irritasse e o calor do restaurante quase vazio lhe provocasse coceiras.

A sombra do banheiro apagou a luz e veio em silhueta ondulando para o quarto. Estava inteiramente despida e as ancas largas e os quadris redondos antecipavam o gosto de sal de sua pele. Farquhar sabia que ela estava sorrindo com aqueles lábios eclipsados sob as ondas escuras dos cabelos lavados e não inteiramente enxutos. Já podia sentir seus dedos tocando no umbigo que marcava o início de penugem como o broto de uma flor do deserto. Então seus dedos desceriam pela penugem até os pêlos encaracolados sobre o monte de carne suavemente ondulado que era o púbis. Era uma mulher magnífica, de belas nádegas vibrantes que retesavam em suas mãos quando ele colocava a ponta da língua nas pétalas molhadas da vagina. Era uma mulher que se arrebatava e deixava na cama como um pedaço de gelatina a sua paixão nacarada. Farquhar sorriu quando ela subiu na cama quase sem fazer ruído, afinal, era uma mulher e tanto e era a amante de J. J. Seabra, o maior inimigo do advogado Ruy Barbosa.

4

Os corpos dos dois alemães estão empacotados como duas vagens brancas. Finnegan, exausto, está sentado à escrivaninha e cochila seguidamente, às vezes tombando e assustando-se, enquanto os enfermeiros acabam de preparar os barbadianos mortos e que logo deverão ser enterrados à margem da estrada. Os rapazes trabalham em silêncio, tomam aquilo como uma punição imerecida, como se o médico, na impossibilidade de vencer o engenheiro Collier, os estivesse castigando por compensação. Mas eles simpatizavam com Finnegan, tinham quase a mesma idade, a mesma experiência e a meticulosidade do médico e os bons conhecimentos de medicina que ele trazia de um dos mais respeitáveis centros médicos dos Estados Unidos, a John Hopkins Medical School, tinham restaurado a confiança dos homens nos serviços sanitários e de saúde da Companhia. Antes que o Dr. Lovelace assumisse a direção dos serviços médicos, imprimindo seriedade e chamando jovens como Finnegan, o tratamento médico era tomado como uma espécie de suicídio calculado. Nos primeiros

tempos, quando os trabalhadores começaram a chegar, o serviço de saúde estava representado por meia dúzia de médicos inescrupulosos, malogrados e irresponsáveis. Na maioria eram velhacos que estavam com o direito de clinicar cassado por alguma contravenção, fazedores de anjos, falsos clínicos, que monopolizavam até os comprimidos de quinino e distribuíam no câmbio negro a dois centavos de dólar a unidade. Para completar, cometiam barbaridades descabidas, como receitar violentos laxantes ou sal amargo para doentes com diarréia que acabavam mortos por desidratação. Um médico era conhecido pela mania de aplicar injeções de permanganato de potássio como antídoto contra veneno de cobra, mas nenhuma vítima sobreviveu para provar que tal preparado químico servia para remédio antiofídico. Com Lovelace vieram médicos moços como o Dr. Finnegan, abnegados, profissionais, que realmente tinham superado as taxas de morbidez entre os trabalhadores e já haviam tirado muita gente das portas da morte. Um dos rapazes enfermeiros era particularmente agradecido porque Finnegan o encontrara ardendo de febre e delirando no dia em que chegou ali. Depois de examinar, concluiu que o rapaz estava com pneumonia e não com malária, conforme diagnóstico do outro médico. Suspendeu as doses de quinino e lutou contra a febre e a escura mancha infecciosa que como um caranguejo estava tomando conta do pulmão do rapaz. O tratamento fora um pouco lento pela falta de remédios adequados e uma alimentação realmente boa, mas em poucas semanas o paciente estava fora de perigo, novamente forte, ajudando na enfermaria, demonstrando aquela gratidão dos que escaparam da morte certa e olham para o médico com a devoção que dedicariam a um mago. Assim a irritação que sentiam não era maior que o respeito que nutriam por Finnegan. Logo o incidente estaria esquecido, como o próprio cansaço e as tensões acumuladas numa só noite.

Despertando de um cochilo Finnegan percebeu algumas formas que se arrastavam no chão. Firmou a vista e percebeu que eram três escorpiões passeando. Um deles, com quase três polegadas, ia na frente e os outros dois seguiam em cortejo. O escorpião maior era cinza-escuro, o corpo parecia formado por placas de uma armadura e levava as pinças bem levantadas como dois braços que pareciam antenas. Ele observava os escorpiões e pensava o quanto ele desconhecia sobre a natureza dos escorpiões. Sabia que eram venenosos e podiam matar um homem. Quanto ao resto, ignorava. Eram criaturas ousadas e pareciam movidas por uma determinação misteriosa, tinham força, eram desprovidas de emoção e invadiam a enfermaria em busca de alguma coisa que ele não conseguia determinar exatamente. Os escorpiões estavam caminhando em direção a um dos corpos empacotados e talvez pretendessem se esconder por entre as dobras do lençol. Finnegan levantou-se e de um salto

esmagou o líder e o menor que vinha logo atrás. O que escapou, em vez de fugir, esticou as pernas como que para ganhar altura e queria enfrentar o médico, fazendo volteios em torno da bota que havia matado os outros dois. Mas o médico odiava aquela ousadia cega e desferiu um único golpe com o calcanhar transformando o escorpião numa pasta informe. Quando levantou a cabeça, sentindo uma repugnância lhe invadir o corpo, viu que os enfermeiros tinham parado de trabalhar e o observavam. Mas já não havia irritação da parte deles. Ao esmagar os escorpiões, era como se Finnegan renovasse entre os seus subordinados a sua liderança que significava proteção e eficiência. Finnegan não disse nada, sentia-se um merda porque destruir três escorpiões, uma dúzia de escorpiões, até uma centena de escorpiões não significava nada e era quase uma vigarice ele sustentar a sua liderança por essa falácia. Mas os rapazes pareciam não se importar e queriam ser gratos ao médico de qualquer maneira, as criaturas humanas eram frágeis demais e precisavam dessas mentiras.

Finnegan cada dia ficava mais certo que ele também gostava de manter a sua admiração pelo médico-chefe, o Dr. Lovelace, através dessa mesma falácia. Já era um passo à frente, embora doloroso. Os homens perdiam o encantamento e até a idéia de Deus acabava um pouco arranhada por tudo isto. Ele não era um católico fervoroso, de certo modo o contato com os corpos humanos dissecados no anatômico da escola e o choque que sentira com a morte de uma de suas irmãs, justamente aquela mais doce e mais devota, o tinham afastado da Igreja e ele só permanecera católico por uma espécie de definição étnica, afinal, era de se esperar nos Estados Unidos que todo irlandês fosse católico e alcoólatra. Como Finnegan não bebia, nem mesmo socialmente porque sentia-se mal com o álcool, permanecera católico. Mas acreditava em Deus, na complexidade do corpo humano, não os corpos derrotados e congelados que dissecava nas aulas de anatomia, mas a incrível máquina que aparecia nos livros, nas ilustrações coloridas que palpitavam em seus matizes e pareciam indicar a presença desse ser aparentemente ausente e arbitrário, algumas vezes bondoso mas quase sempre indiferente. E se a sua crença já não era tão firme quanto antes, ela tinha sido substituída pela admiração pelos homens que ele considerava superiores, sábios, como parecia ser o Dr. Lovelace.

No ano anterior os professores de parasitologia tinham trazido o Dr. Lovelace para uma conferência em John Hopkins. Era uma tarde de verão, havia poucos estudantes no campus porque era período de férias e só uma meia dúzia de desocupados que não tinha para onde ir e nenhuma garota para trepar estava sentada no anfiteatro da escola. O Dr. Lovelace era um homem finíssimo, parecia um lorde inglês e falava com jovialidade, segurança e humor. A maior parte de sua conferência foi dedicada ao diagnóstico e profilaxia da malária e de

como ele conseguira desenvolver um tratamento preventivo em massa numa zona considerada epidêmica, durante a construção do Canal do Panamá. Este trabalho lhe tinha trazido a notoriedade e o Dr. Lovelace, naquele momento, era considerado uma das autoridades médicas mais respeitadas na clínica de doenças tropicais. O que Finnegan não sabia era que Lovelace estava visitando todas as escolas médicas do país, sob o patrocínio de uma firma, a Madeira—Mamoré Railway Company, no intuito de atrair médicos recém-formados para trabalhar na América do Sul, numa das mais inóspitas regiões da terra. Ele queria jovens médicos porque ainda não estavam viciados, tinham naturalmente entusiasmo e eram mais baratos e menos exigentes. Lovelace não fez uma boa colheita na John Hopkins, quase todos os estudantes ali já tinham o futuro encaminhado, eram filhos de milionários que nem precisavam mover um dedo para se estabelecer e começar a clinicar. Além do mais, os que estavam ali naquele verão, com a exceção de Finnegan, eram os estudantes que estavam começando ou distantes do término do curso e que não tinham ido para férias justamente para seguirem os cursos e seminários extras que sempre aconteciam durante o verão. O interesse começava a declinar nos dois últimos anos e no final os estudantes estavam saturados e mal acompanhavam as matérias no último semestre. Finnegan logo estaria formado e permanecera em Baltimore naquele verão, solitário, acabrunhado, sentindo muito fortemente o desaparecimento recente de sua irmã, Nancy, casada não fazia um ano com um jovem advogado, e que morrera de parto no final do inverno. Tinha representado um choque para Finnegan porque a morte havia sido estúpida e fruto da imperícia do velho médico da família, quase surdo e de mãos lerdas, que se recusara a fazer uma cesariana acreditando fanaticamente que as mulheres deviam ter sua cota de dor como mandavam as escrituras. 0 maldito fundamentalismo daquele médico protestante impedira que ele enxergasse a seriedade das dores que sua irmã Nancy estava sentindo, ela tinha pouca dilatação e uma série de complicações trariam a morte para ela e o bebê. Finnegan considerava isto uma barbaridade e estava magoado pelo fato de não lhe terem ouvido. Por isto, não tinha ido para casa e preferia caminhar pelas ruas apaziguadoramente conservadoras da cidade, com suas casas de tijolos vermelhos em estilo georgiano. Visitava sem muita convicção uma garota com quem se encontrava regularmente há dois anos, estudante de língua inglesa, e freqüentava as conferências de verão que lhe pareciam fazer voltar aos tempos de calouro. Talvez o acabrunhamento tivesse feito com que ele caísse no laço de Lovelace, já que nunca demonstrara espírito aventureiro e.pretendia se dedicar a clínica geral em sua cidade natal, Saint Louis.

Depois da conferência, Finnegan conversou rapidamente o Dr. Lovelace e

este lhe deu um cartão com endereço no caso dele desejar manter correspondência ou mesmo vir trabalhar com ele na América do Sul. Naquele mesmo verão, antes de concluir o curso, sem avisar a família, escreveu pedindo um emprego ao Dr. Lovelace. O endereço era de Portland, onde a Madeira and Mamoré Railway Co. mantinha escritório. A resposta veio rápida e ele soube que Lovelace ainda estava nos Estados Unidos e só pretendia seguir para a América do Sul no início do outro ano. Lovelace também sugeria que ele aproveitasse a oportunidade e viajasse na mesma época e que juntos poderiam se conhecer melhor e até oportunidades não faltariam para que Finnegan tomasse contato com a medicina tropical. A viagem seria por mar, e levaria dois meses, subindo o rio Amazonas, rio Madeira, até a cidade de Porto Velho, no Brasil. Em dezembro de 1910, já com o título de médico, Finnegan se encontrou novamente com Lovelace em Portland. Partiriam em duas semanas do porto de Nova York, num navio de carreira, um transatlântico de luxo que os deixaria em Manaus. Lovelace foi muito atencioso com ele e naquelas duas semanas lhe deu muitas lições sobre as principais moléstias que Finnegan teria que enfrentar. Mas nunca perdia o humor fino e galante, confeitando com ironias os horrores que outros vinham segredar ao ouvido de Finnegan, sempre em tom de advertência. O humor vivo e edulcorado de Lovelace ganhou facilmente dos pessimistas e Finnegan estava agora ali, esmagando escorpiões e fazendo autópsias, assinando atestados de óbito e engolindo insultos de um engenheiro inglês mal-humorado. E Lovelace perdera o encanto como Deus tinha perdido sua fé inabalável. Era um merda tomando consciência da arapuca em que estava atolado e que permitia que outros merdas se segurassem no encantamento mentiroso que ele representava. Finnegan sentia-se cansado e queria dormir, os rapazes estavam sorrindo para ele, cordatos como os dois escorpiões que seguiam o escorpião maior. Porra, não sabiam que poderiam ser também esmagados. Relâmpagos e trovões anunciavam uma tempestade.

Um relâmpago seguido de um trovão acordou Consuelo, mas ela só abriu os olhos com muita dificuldade. As pálpebras pesavam e desabavam sem que ela conseguisse firmar a vista e compreender o que significava a chispa de luz que atravessava a membrana dos olhos e depois explodia num som grave e ribombante. Ela sentia a forte claridade atravessar suas pálpebras e apenas gemia pelo desconforto de sua perna dormente e aguilhoada por milhares de alfinetes. Era como uma linha de relâmpagos que se acendiam em série e ali ficavam acesos, faiscando pelo seu corpo até a ponta dos dedos dos pés. Os dedos dos pés, acariciados por Alonso, o bigode dele roçando entre a planta dos pés e nos intervalos dos dedos. Ela tinha dedos roliços nos pés, os pés eram roliços e

Alonso gostava. Alonso. As mãos dele passando suavemente em sua perna, primeiro numa perna, depois outra, nunca as duas ao mesmo tempo e as duas igualmente acariciadas. O teto de um palco de teatro, o pequeno teatro municipal de Sucre, a platéia lotada de senhoras felizes e as lâmpadas de carbureto sendo acesas uma a uma. Ela entrou no palco e as cortinas não estavam levantadas. Sentia-se nervosa e os pés acutilados pelo sapato apertado e pela má circulação em mil pontas de alfinetes. A roupa apertava também e o calor aumentava, a corrente sangüínea parecia fluir para o seu rosto corado de medo e expectativa. Segurava um pacote de partituras. Um medo terrível e ao mesmo tempo voluptuoso que aumentava e queria obrigá-la a chorar quando a cortina foi abrindo quase sem ruídos e ela se viu no meio de muitas crianças vestidas com esmero e que se curvavam diante do público que aplaudia, aplausos fortes, como um trovão. Sobre o palco, três pianos brancos de armário que pareciam de brinquedo e uma rotunda azul-celeste no fundo. Ela reclinou o corpo contra uma cadeira de veludo e viu as crianças sentarem em cadeirinhas de brinquedo enquanto três meninas sentavam-se aos pianos, erguiam as pequenas mãos treinadas e num gesto: Chopin? Sentiu o suor molhar o rosto e pensou que era curioso o palco respingar todo como se estivesse chovendo, uma chuva fina, uma ainda não chuva, um truque de teatro: Chopin? Alonso estava ficando suado, era isto, passando calor para o seu próprio corpo, as gotas de suor caindo sobre os seus ombros e espalhando umidade em sua barriga e na parte interna das coxas enquanto ele se movimentava. Mas as ruas, as tropas correndo sob as balas civis. O pai dizendo, e a revolução, a Bolívia não aprende e você tenha cuidado, não deixe seu marido se meter em encrenca. Seu pai desconfiava e Alonso porque ele não gostava de música como Alonso. Para dizer a verdade, seu pai não gostava de nada, só de Góngora e dos livros de gramática histórica, muito magro em seu terno escuro de tecido barato, mal cortado, caindo nos ombros e as mangas curtas por onde os punhos da camisa sempre puídos se denunciavam. Ele não gostava nada de Alonso, mas também não dificultara o casamento. Alonso. Nem parecia, um impetuoso o danadinho. E suava muito mas não era apressado, gostava de ficar do seu lado na cama olhando para o corpo dela e dizendo palavras tão carinhosas que pareciam poesias de amor. Seriam poesias mesmo que ele recitava. Letras de músicas populares? Sucre tinha sido declarada capital e o povo lutava para fazer valer este direito. Um obus repousando na rua sem deflagrar, como um estranho ovo. Ninguém se aproximava do obus até que Alonso foi lá e pegou com cuidado e jogou dentro de um bueiro, nunca explodiu e ainda está lá, um dia explodirá. Quando explodirá? Alonso não sabia, só sabia de música, de partituras, de cordas de violão e cravelhas e peças de violoncelos. As *Doze variações:* uma chuva forte e violenta desaba sobre Consuelo. Ela

aparentemente perdeu o sentido ou dorme profundamente, não se incomoda com a água que lhe ensopa o corpo. A casa, ela está sentada, bebendo um copo gelado de alguma coisa muito gostosa, enquanto segue as lições de piano que uma menina morena, cabelos em trancas, procura acompanhar ao mesmo tempo que lhe lança suplicantes olhares. Consuelo acaricia o piano, um lindo piano importado da Alemanha. A menina é inábil e tem péssima coordenação motora. Consuelo interfere e mostra como a menina deve executar devidamente o exercício. Consuelo executa o exercício com desenvoltura, dedilhando rápido sobre as teclas imaculadas e isto lhe faz bem. O teclado se esfarela e desaparece no turbilhão de água, ela abre os olhos e está tonta e sabe pelo cheiro de éter que está num hospital. O que aconteceu? Alonso está olhando para ela, desconsolado. Ela estava grávida, quatro meses, e agora sentia uma dor fria subindo e descendo lá embaixo e um vazio. O filho? Perdido, o choque de saber e de ter perdido. Ela nada podia fazer para salvar o brinquedo que se precipitava no abismo de água revolta. A sala, está vazia. E chove lá fora. Alonso é o homem de bigodes que vem para abraçá-la e acariciar os cabelos dela. Ela corresponde e nota que ele esconde alguma coisa na outra mão que colocou bem atrás. E ela fica curiosa, sempre tinha sido curiosa, adorava ler cartas dos outros, diários íntimos, conhecer segredos. Consuelo quer saber o que ele tem na mão escondida mas Alonso prolonga a surpresa até mostrar uma linda brochura. Um catálogo de pianos alemães. Ele talvez estivesse pedindo ela em casamento com aquele catálogo. Ela queria casar com ele e queria o piano. Piano. Um beijo de agradecimento respondido com paixão e a chuva desabando, relâmpagos. Mas tudo era tão confortador.

O relâmpago ilumina o ás de copas amassado que Harold deposita em cima do caixote. Thomas não responde com nenhuma expressão especial no rosto. O jogo não lhe interessa e passam o tempo, ou assim pretendem. O velho Thomas não gosta de pensar em problemas, poderia estar agora irritado porque foi assaltado, mas tinha aprendido a se conformar. Nada de complicações, ele preferia manter a sua cabeça vazia e conhecia o seu lugar, estava há setenta anos construindo a sua qualificação de zero à esquerda nas coisas do mundo. Era um nada eficiente e só, nenhuma depressão ou ambição desmedida. Já era bom demais comandar uma máquina que sempre seguia o mesmo caminho, na proteção dos trilhos e na segurança dos sinais. Cada estação era uma marca de sua insignificância confortador a. Tinha perdido qualquer veleidade ainda na adolescência. Era pobre, sempre fora pobre, lutava para conseguir colocar na boca cada garfada de comida e cada garfada era uma vitória comemorada na indiferença. Mas sentia uma ponta de orgulho pela ausência de sonhos, não

queria subir nem vencer na vida. Nem sabia direito como era ter vencido na vida. Suspeitava que vencer na vida era ter caixas de charuto havana e muito dinheiro no bolso e muitas donas à disposição para uma trepada. Era muito complicado para ele, sobretudo no que se referia às donas. Ele desconfiava das mulheres e preferia ter uma só, em casa, que trepava quando ele queria embora não demonstrasse muito entusiasmo. As outras donas eram perigosas exatamente por estarem na fila das trepadas dos ricos, e quem fazia isto, uma mulher que se submetia a isto, era capaz de tudo, de fazer qualquer loucura. E ele não gostava de loucura e por isto tinha salvo, como um bom missionário do conformismo, o jovem Harold que um dia aparecera louco e bêbado caído bem na frente da locomotiva. Harold estava ficando como ek, pelo menos esperava que realmente estivesse, para não se meter em complicação. Harold também desconfiava das mulheres. Os relâmpagos e os trovões anunciavam uma daquelas madrugadas de muita chuva.

Collier veio caminhando por entre os relâmpagos e a escuridão e sentou para apreciar o jogo. O jogo nem parecia ter

regras e Collier não conseguia acompanhar, mas era porque estava irritado, quem sabe.

— Vocês não dormem mais? — perguntou Collier.

— Com esse tempo? — respondeu Harold.

— Será que vai chover, mesmo? — insistiu Collier. Thomas viu que o engenheiro estava querendo conversar,

conhecia ele porque já estavam trabalhando juntos há um bocado de tempo, desde o Panamá.

— Com toda a certeza — afirmou Thomas, sorrindo. — Os meus reumatismos não costumam mentir.

— Reumatismos? Vou recomendar você para o serviço meteorológico da Companhia — disse Collier, tentando escapar da irritação.

— Quer jogar um pouco? — Thomas procurou ajudar de alguma maneira, era sempre assim.

— Não, obrigado. Estou sem paciência — respondeu o engenheiro.

— Problemas? É o doutorzinho irlandês? — insistiu Thomas para que Collier se abrisse.

— É um bom rapaz, não tem culpa — disse Collier.

— Quase se estrepou com os barbadianos — Thomas desejava realmente que o engenheiro conversasse, isso o ajudaria.

— Estava tão amarelo, não sei como não se mijou nas calças — disse rindo o engenheiro, um pouco de perversidade na voz.

— Ele parece esforçado.

— Faz algumas bobagens, de vez em quando.

— Você não simpatiza com ele, não é, Collier? Eu te conheço.

— Ele é esforçado demais para o meu gosto, só isto, nada de pessoal.

Thomas sabia o que o engenheiro queria dizer com aquele comentário. O médico estava para se foder porque não queria compreender a arapuca em que tinha se metido.

— Ele logo vai aprender que este não é exatamente o lugar para alguém ser esforçado — disse Thomas. Ele não tinha nenhuma queixa do rapaz, parecia ser um bom rapaz e não queria que ele se fodesse.

— Se chover isto vai ficar uma desgraça. — A mudança de assunto era sinal de que Collier também estava querendo tirar o médico daquela merda mas não queria falar nada a respeito.

— Acho que já começou — disse Thomas, sentindo gotas de chuva nas costas.

Mas o engenheiro esqueceu momentaneamente a chuva porque um estranho cortejo surge na noite. São os enfermeiros que estão carregando dois cadáveres embrulhados em lençóis. Collier levanta-se, coloca as mãos fechadas contra o cinto e observa espantado a procissão. Ele não esperava por aquilo, o maldito médico irlandês tinha ultrapassado o limite naquele momento. Collier teve a impressão de que Finnegan estava deliberadamente procurando encrenca.

— Ei, vocês! — gritou Collier. — Que diabo estão fazendo? Para onde estão levando isso aí?

— Senhor, cumprimos ordens — respondeu um dos enfermeiros como um recruta responderia ao seu general quando flagrado praticando uma burrice menor e degradante.

— Vamos sepultar esses mortos — disse outro enfermeiro, e estava também muito assustado.

— Não me diga que são os barbadianos. — A voz de Collier era fria como uma navalha.

— Correto, senhor — disse um enfermeiro.

— Não é possível! — Collier fez o comentário para o velho Thomas e depois falou aos enfermeiros procurando manter a calma. — Voltem imediatamente para a enfermaria e não saiam de lá até que o dia amanheça.

— Sim, senhor. Mas, senhor. . .

— Voltem para a enfermaria. — Collier falou de tal maneira que os enfermeiros viram que não tinham outra alternativa.

Thomas começou a rir, não conseguia se controlar já que a situação era mais cômica do que trágica. Os enfermeiros fizeram meia-volta e estavam agora apressados. Collier ouviu as risadas do maquinista e quase explodiu de rir

também. Era uma puta situação cômica mesmo que aquele maldito menino irlandês acabara de criar. Finnegan estava a fim de se foder e ainda agia como um palhaço.

— Thomas, sua raposa velha, se cair.uma chuva esta noite, vou te mandar fazer uma inspeção nas terras dos caripunas — disse o engenheiro, caminhando na direção de sua própria tenda, que ficava próxima dali.

Thomas e Harold se entreolharam porque ouviram distintamente os risos que Collier deixava escapar na escuridão.

Quando a chuva caísse ele tinha de estar protegido. E certamente logo estaria chovendo. Ele não tinha mais maloca, não tinha casa, nem pai, nem mãe, nem irmãos ou parentes. Tudo o que tinha era fome, muita fome. Às vezes ele conseguia roubar comida dos civilizados e devorava sem mesmo sentir o 1 gosto. Às vezes conseguia pegar um peixe e assava numa fogueira e comia, sempre esquecendo do gosto porque estava se alimentando para se manter vivo e impedir que a fome continuasse na barriga, roendo lá dentro como um rato doente. Era um homem magro, pele flácida e terrosa, tinha perdido o viço moreno de sua raça. Era também um homem baixo e cada dia regredia para um estágio em que as sensações pouco contavam, estava envilecido. O ato de roubar os civilizados não tinha para ele nenhuma conotação real de roubo. Ele tirava dos civilizados o que lhe fascinava e achava que os civilizados possuíam coisas demais e não fariam nenhuma questão. Estava vestido com um calção puído e sujo e não tirava aquilo há mais de um ano, só quando resolvia tomar um banho no rio e se despia para entrar na água. Não sabia que o calção, presente dos civilizados que andavam com o Pai Rondon, podia ser lavado. E o calção já quase não era de pano, incrustado de sujeira, barro seco, urina e excrementos. Ele fedia muito mas não percebia, tinha perdido também o poder de sentir seu próprio cheiro. Inteiramente isolado no mundo, ele gravitava em torno dos civilizados e contentava-se com as sobras deles. Não tinha ilusões, nem sonhos, nem mesmo esperava um dia se tornar pelo menos amigo dos civilizados. Outros irmãos seus tinham tentado e haviam morrido ou agora andavam trabalhando duro em Santo Antônio, bebendo muito e sem mulheres. O fato dos civilizados viverem sem mulheres lhe dava a certeza de que sua possível aceitação no meio deles era impossível. Se ali vivessem mulheres, se os civilizados se casassem normalmente, ele ainda poderia pensar em conseguir uma mulher civilizada e também se tornar um civilizado. Sem a ponte da mulher ele não alimentava ilusões. Já tinha se casado há muito tempo e agora estava sozinho. Sua mulher era uma moça tacuatepes de nome muito bom na hierarquia. Ele também tinha hierarquia porque desde muito novo já estava trabalhando como puxador de

cerimônias e sabia todas as músicas e cerimônias para qualquer ocasião. Era uma mulherzinha muito ativa e de dentes brancos, dois olhos escuros brilhantes e peitinhos morenos bicudos, que não tinha ainda se afastado de seus tempos de menina e passara pelos ritos de iniciação um pouco antes de vir morar com ele. Trabalhava muito ela, preparava direito a comida, ia para a rede com ele todas as noites que ele queria e não andava atrás de rapazes para brincadeiras no mato. Viviam numa maloca no alto Mutum-Paraná, já perto dos elevados dos pacaás-novos, com mais vinte e poucas famílias de muitas meninas e meninos e seus velhos sorridentes contando histórias lindas no fim da tarde. 0 contato com os civilizados era mínimo, algumas vezes encontravam com eles no rio e trocavam frutas, peles, comida, por pedaços de pano, facas e espelhos. As facas os homens gostavam, ele gostava de ter uma faca e tinha umas três, as mulheres adoravam os panos e os espelhos e ficavam rindo para o espelho e fazendo careta e esticando os beiços. Ele achava engraçado quando a sua mulher ficava de noite perto da fogueira, antes de ir para a rede, fazendo caretas para o espelho e era feliz. Os civilizados pouco apareciam na maloca e quando vinham não ficavam para dormir e nem aceitavam comida ou bebida. O seu povo era muito manso e tinha orgulho de ser melhor e mais bem organizado que os civilizados. Quando algum civilizado chegava na maloca, todos vinham recebê-lo e mostrar amizade para amansar o branco. É que os velhos diziam sempre que de todas as tribos os civilizados eram os mais bravos e perigosos porque matavam sem nenhum motivo, sem estarem fazendo guerra ou por qualquer cerimônia deles. Matavam por matar, atirando com as suas espingardas até naqueles que vinham para a beira do rio fazer sinal de alegria. Os brancos civilizados e também os civilizados de pele mais escura eram mais ferozes do que os xavantes e os bororós, mais ferozes que os parecis. O seu povo, não. Os civilizados chamavam o seu povo de caripuna e tinham inventado a lenda de que eles eram perigosos porque usavam duas penas de arara, amarelas, atravessadas no nariz. Era mentira, as penas só eram usadas em determinadas cerimônias e os homens de seu povo não gostavam 'e guerra e mantinham apenas algumas cerimônias lembrando que já haviam lutado em guerras, isto há tanto tempo que nenhum velho podia afirmar ter participado delas. Mas os civilizados gostavam de mentiras e começaram a matar gente de sua maloca ou a atrair os rapazes com promessas que nunca cumpriam. Os iniciados mais velhos começaram a ficar preocupados e, como não eram mais ouvidos, foram se deitando em suas redes e se despedindo, atravessando a terra dos vivos para o outro lado. Isto é, como dizem os civilizados, foram morrendo. Até que foi bom eles não estarem mais ali quando os civilizados, chamados de seringueiros, deram de fazer guerra de madrugada, quando entravam gritando e atirando na maloca, fazendo todos

correrem para o mato. Eles vinham para roubar mulheres e ele então compreendera que talvez os civilizados não tivessem mulheres suficientes entre eles e precisassem de moças para casar. O seu povo poderia ter feito um acordo com os civilizados, isto já tinha acontecido antes, quando os parecis precisaram de mulheres e eles tinham feito um bom acordo de casamentos. Os brancos civilizados não gostavam de acordos e preferiam roubar as mulheres e atirar nos homens. Um dia tentaram roubar a sua pequena tacuatepes mas ela não queria ir e se debateu e gritou com tanta fúria que um civilizado abriu ela com um golpe que saía do pescoço e acabava entre as pernas dela. Ele a encontrou morta dentro de um tacho de fazer beiju, boiando no sangue já escuro e as pernas escancaradas onde as moscas voavam. Naquela época a maloca quase não tinha mais nenhuma família, muitos tinham se mudado para além da serra dos pacaás-novos, ou estavam mortos, ou viviam junto dos civilizados trabalhando como seringueiros ou bebendo cachaça em Santo Antônio. Ele enterrou a sua menina de dentes brancos e decidiu viver perto dos civilizados pensando que assim poderia encontrar uma maneira de entendê-los melhor e até amansar eles um pouco. Mas os civilizados em tudo eram diferentes, e ele estava ficando fraco e morrendo de fome.

Farquhar estendeu a mão para o lado e sabia que a mulher não estava mais no quarto. Abriu os olhos e ainda estava escuro. A janela aberta deixava entrar um vento frio e incômodo. Ele levantou tonto de sono, fechou a janela e procurou dormir novamente. A cama estava naturalmente desarrumada mas não parecia que ali tinha estado uma mulher incrível. Só o lado dele tinha o lençol amassado e dobrado, a cama era grande e o lado em que a mulher deveria estar deitada o lençol estava esticado. Era uma puta inteligente aquela, pensou Farquhar, não se deixava levar pelas bostas do sentimentalismo brasileiro. Ele pensara que ela gostaria de ficar a noite toda e nem se deu trabalho de perguntar. Não gostava que essas mulheres ficassem até a manhã porque geralmente as brasileiras eram muito sentimentais e confundiam uma trepada de noite inteira com um compromisso firme. Aquela mulher não, colocara aquela trepada em seus devidos termos, como um negócio puramente profissional. Farquhar sentiu um pouco de inveja de J. J. Seabra, certamente o bastardo nem percebia o filão de ouro que aquela mulher representava. Ele apostava como J. J. Seabra andava tratando a amante como se ela fosse uma menina qualquer que estava fodendo por dinheiro e merecia a consideração dispensada a uma coco te francesa. O máximo de requinte sexual para os brasileiros era o sexo mercenário das putas européias, geralmente polonesas, que se faziam passar por francesas para atender a cotação do mercado. O Rio de Janeiro estava cheio dessas putas ambiciosas

que faziam de suas trepadas uma espécie de centro de veneração à cultura francesa. Ele estava cagando para a cultura francesa e não suportava nada que fosse francês. Os franceses, para ele, representavam algo de fracassado, ou de ex-ricos, de vigaristas de vôo curto que queriam esconder isso com palavreado bonito e boa educação. Esta mania francesa, um tanto efeminada para o seu gosto, levava um pouco à derrota os brasileiros. Primeiro, porque os brasileiros nunca tinham sido ricos e nem precisavam esconder que eram pobres, depois, como vigaristas eram tão grosseiros como um batedor de carteiras principiante tentando roubar na Casa Branca o presidente dos Estados Unidos. O fato daquela mulher ter sido objetiva e livre dessas bostas francesas fez com que ela caísse nas graças dele e certamente um dia ela seria recompensada se fizesse as coisas direito. Ele estava usando cada trepada como um investimento e devia ter algum lucro com isto. Farquhar tinha a maior veneração pela instituição do lucro e chegava a acreditar que o lucro era a maior criação de Deus. Na natureza tudo era fonte de lucro e ele tinha certeza que um Deus esperto não teria agido assim por nada. E aquela trepada, realizada com perícia, o corpo perfumado dela com as fragrâncias exatas, era uma antecipação como um depósito bancário a prazo fixo.

Farquhar sabia que não iria mais dormir, era sempre assim, depois que acordava dificilmente conseguia retomar o sono. Sorriu ao pensar o quanto era suja a linguagem de seus pensamentos, soavam na cabeça dele, comumente, palavras que sua boca jamais permitiria que fossem pronunciadas. Quando falava, nunca usava expressões grosseiras, gostava de amaciar os outros com bons argumentos e um vocabulário tão casto que todos logo acreditavam nele. Mas em pensamento, continuava o rapaz grosseiro de York que dizia uma dúzia de palavrões em cada frase, embora jamais tenha levantado a voz para dizer uma blasfêmia ou um insulto às coisas sagradas. Seus pais não o repreendiam quando ele dizia grosserias porque acreditavam que isto era uma coisa da idade e que tudo passaria como era da Lei do Senhor. E estavam certos, com o passar dos tempos Farquhar foi aprendendo a ser moderado na linguagem e a temperar os seus impulsos se desejasse subir na vida e deixar de ser um camponês de bosta vivendo de migalhas e freqüentando a igreja aos domingos com uma mulher gorda, mal fodida e cheia de filhos. Isto já tinha acontecido com o seu pai, que não soubera se conter e depois de velho continuava a dizer as maiores grosserias por nada ou quando o banco lhe negava um financiamento e a safra não saía como ele esperava. A grosseria de linguagem se associava à pobreza como a cultura dos franceses se associava à vigarice malfeita. E Farquhar se orgulhava de representar o melhor da sociedade americana, era um homem de ação que sabia ganhar dinheiro, sabia fazer um bom negócio e trapacear de tal maneira

que suas vítimas saíam agradecidas e às vezes ficavam até amigas. Em pensamento ele se considerava o maior vigarista de seu tempo e isto era como uma espécie de coroa de louros. Porque o valor de todo grande filha da puta era que todos concordassem que só era um filha da puta pelo bem de todos e da saúde da economia. Todos os vigaristas deviam ser considerados benfeitores da humanidade e isto era também uma vontade de Deus. Farquhar ficou observando a luz do dia chegar, entrando pelas frestas das janelas fechadas e pelos vidros foscos das vidraças. Com a luz chegava o calor, mas um calor bom e o quarto nunca ficava abafado nesta época do ano. Só nos dois primeiros meses do ano era que o Rio de Janeiro torrava, mas quase sempre ele nunca estava no Brasil. Mas o Rio de Janeiro já era praticamente a cidade onde mantinha a sua habitação mais permanente. Desde 1902, quando iniciou seus negócios no Brasil, viu que era um país onde poderia se expandir e suas expectativas estavam superadas em cinco anos. Em 1902, durante uma recepção na Embaixada do Brasil em Washington, Farquhar conheceu o atuante ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, Lauro Müller. Estava na recepção acompanhando alguns amigos que mantinham interesses no Brasil e que constantemente falavam nas possibilidades daquele gigantesco país da América do Sul. Farquhar tinha acabado de se tornar rico, golpeando a firma de seu maior amig° e protetor, a empreiteira de ferrovias May, Jekill & Randolph, de "King" John, atualmente empregado seu. Tinha sido um golpe mixa porque John já estava cansado e revelara-se uma presa fácil, talvez porque confiasse demais em Farquhar e queria se transformar no caso clássico da vítima que fica penhorada ao vigarista que lhe deu o golpe. Lauro Müller era um homem corpulento, pele muito branca e leitosa e sardas nas bochechas. Não parecia um sulamericano, a não ser pelos dentes estragados. Por um acaso veio sentar-se na mesma poltrona onde estava Farquhar com uma taça de champanha na mão. Conversaram e Lauro Müller disse que o considerava um homem bastante louco e que o Brasil precisava de loucos como ele pois só os loucos seriam capazes de investir confiando no futuro, sem imediatismo. O brasileiro deixou Farquhar intrigado porque aquele comentário era uma espécie de convite e pelo fato de estar sendo considerado um louco sem nenhuma razão aparente. Talvez o brasileiro soubesse a origem de sua fortuna, não faltaria quem estivesse disposto a contar como ele conseguira amealhar em menos de três anos mais de cinco milhões de dólares, começando do zero. Embora a idéia de ser um louco lhe desagradasse, decidiu investigar o Brasil, a América do Sul não seria uma novidade porque já estava na Colômbia com um negócio muito rendoso que superava em menos de um ano três vezes o capital investido, investimento este quase que inteiramente financiado pelo próprio governo colombiano. Em meados de setembro daquele mesmo ano, desembarcou no Rio onde foi

recepcionado por Lauro Müller. Numa festa em sua homenagem, conheceu rapidamente J. J. Seabra, na época ministro da Justiça e Negócios Interiores e viu que ali estava um dos mais refinados velhacos que ele jamais viria a conhecer. Perto de Seabra, Lauro Müller não passava de um menino bem-educado capaz de se vender por um confeito. O Presidente Rodrigues Alves também estava na festa e lhe disse que acreditava nos capitais estrangeiros, pois afinal praticamente tudo > que existia de melhor no país tinha sido obra dos braços e dos capitais estrangeiros. Farquhar adorou o presidente do Brasil e através dele adorou o Brasil. Com Rodrigues Alves o Rio de Janeiro viraria uma verdadeira cidade, as tortuosas vielas coloniais seriam demolidas, os cortiços e grotescas habitações miseráveis banidas do centro, e até a febre amarela seria combatida com afinco, gerando uma espécie de rebelião popular porque o povinho ignorante se recusava a tomar a vacina obrigatória. Farquhar ficou tão entusiasmado que entrou no ramo de hotéis, expandindo-se aos poucos para outros setores da economia. Farquhar adorava o Brasil porque lhe dava muitos lucros e os brasileiros agiam de maneira arbitrária como um dramaturgo que tentasse mudar um drama fracassado numa comédia de sucesso.

Naquela manhã ele começaria a mover os dados para o jogo de aproximação com o novo governo. J. J. Seabra já estaria cercado quando menos esperasse e seria atacado dentro de sua fortaleza mais inexpugnável que era a alcova de sua amante. Farquhar tinha certeza que tudo daria certo. A mulher que ele confiava uma boa parte do bom andamento do plano, ele sabia que não falharia porque era além de uma grande trepada a puta de maior cérebro no país. E ele tinha prometido fazê-la rica e feliz para o resto da vida, uma promessa um tanto retórica mas que ele procuraria atender em parte. Quanto aos contatos abertos, logo estaria em seu escritório com o velho Alexander Mackenzie, seu representante autorizado no Brasil. Mackenzie conduziria todas as cordas enquanto ele apreciaria os marionetes dançarem.

No outro dia os principais jornais do Rio de Janeiro estariam publicando um despacho telegráfico de Nova York, assinado por um jornalista de renome, dizendo que a construção da ferrovia Madeira—Mamoré era uma dessas obras que marcariam a história do continente. O despacho seguiria com outras afirmações ufanistas ao gosto dos brasileiros, mas sem esquecer o toque norte-americano das estatísticas sempre tão convincentes que não haveria quem não se convencesse de que aquilo era a mais pura verdade. Afinal, uma obra onde se dava doze mil marteladas por milha, colocava-se quatrocentos pedaços de trilho a cada milha e como havia trezentos e sessenta e seis quilômetros a percorrer, até o final da obra ouvir-se-ia na floresta amazônica a sinfonia de vinte e sete milhões de vezes em que as marretas dos operários levantariam e cairiam em

cada *tirefond.* J. J. Seabra ficou surpreso ao descobrir que sua amante adorava estradas de ferro, mesmo sem nunca ter andado antes de trem. As mulheres eram realmente misteriosas e só por isto deram uma das melhores trepadas de suas vidas.

5

A chuva que desabava era como algo sólido que se atomizava em forma de gás espesso e para o qual não existia abrigo. O engenheiro Collier está sentado no interior de sua tenda e está aborrecido. Seria mais um dia perdido. Teoricamente aquela não era estação de chuvas mas os trópicos eram enganadores. E as chuvas apareciam sempre violentas, tragando as obras ainda não totalmente construídas numa voracidade líquida. Nos primeiros tempos Collier sentia pânico quando via as nuvens cinzentas cobrirem o céu, agora, apenas ficava irritado porque o mundo inteiro ficava molhado à sua volta e não havia nada que desse pelo menos a ilusão de segurança. Tudo ficava molhado e flácido, com um pungente cheiro de terra encharcada exalando sinais de vida e morte. Este cheiro penetrava e produzia em cada homem uma espécie de imobilidade, uma passividade soturna enquanto a água cobria seus corpos como um inquietante suor frio pegajoso. Os trabalhadores mais afoitos passavam pela frente da tenda completamente molhados, executando algum trabalho menor. Vez ou outra os respingos trazidos pelo vento invadiam a tenda e obrigavam Collier a comprimir o rosto para proteger os olhos. A luminosidade era baça, precária, como se a escuridão da noite tivesse dado lugar não ao dia mas a uma obscuridade opaca e cinzenta. Pela abertura em forma de *V* invertido que é a porta de sua tenda, Collier pode ver a estrada que rasga uma trilha e perde-se na floresta toldada pela cortina de chuva. A Mad Maria está vindo de ré, soltando grossos rolos de vapor e o movimento de trabalhadores é mínimo. O engenheiro sentia-se horrivelmente inútil e em sua cabeça os problemas pressionavam, o trabalho estava muito atrasado, mesmo levando em consideração as dificuldades naturais do terreno. Mas a chuva derramava-se e ele gostaria de ter um pouco de estoicismo, coisa que nunca conseguira aprender. Desde a juventude era um provocador nato, um organizador destemido e teimoso como um granito. Talvez por isto estivesse sempre às voltas com a escória, sua vida tinha sido sempre esse encontro com os desafios das escórias da terra. Não que se sentisse um homem superior, era superior apenas quando se deixava ser usado pois sabia que a vida era curta e Para morrer bastava deixar que as coisas tomassem o rumo errado. Vivia num tempo em que a voracidade podia ser comparada com a violência

daquelas chuvas tropicais.

Finnegan, protegido por um guarda-chuva, estava inspecionando alguns barbadianos que cavavam as sepulturas onde seriam enterrados os dois negros mortos no dia anterior. O guarda-chuva era não mais do que uma conveniência imprestável no aguaceiro e o médico estava molhado e tremendo de frio. Collier parecia ver os lampejos de curiosidade e insegurança do médico, era um rapaz muito desprotegido e que poderia estar , bem longe dali se não fosse um imbecil meloso. O idealismo minguado de Finnegan causava mais irritação ao engenheiro que os estragos da chuva no seu cronograma. Era sinal de que ele não estava inteiramente estagnado e ainda se interessava pelos seus semelhantes. Ainda era, a seu modo, um idealista, e esta revelação é que lhe deixava amargamente irritado. Ele preferia ser um homem de espírito seco que fazia da eficiência profissional uma arma contra todos os desajustamentos. A ansiedade, que ele mantinha secreta, recolhido em sua tenda, lhe atormentava porque ainda era humano quando deveria ser um bom vigarista filho da puta. Lembrou de Farquhar e aquela lembrança tinha o odor de irritação pantanosa. Farquhar era o único homem capaz de fazer de todos os horrores uma coleção de feitos grandiosos porque davam lucro. Ele e o jovem médico não pertenciam à mesma família animal à qual pertencia Farquhar. Collier gostaria de pertencer àquela família que nunca permitia que o mundo lhe atormentasse pois o mundo estava a seu serviço. Aos poucos a sua maturidade se revelava nestas interrogativas delicadezas, e Farquhar era como uma infecção invisível que todos observavam e não viam mais do que uma cicatriz benigna. Em meio à rígida cascata de chuva os barbadianos tinham completado a escavação e agora seguravam os dois caixões de madeira, baixando-os nos buracos. Finnegan murmurava uma oração católica e isto era o único sinal visível de ofício religioso. O médico sempre tinha uma oração final para todos quando a sua terapêutica se mostrava inútil. Quando os barbadianos começaram a empurrar a lama para o interior das covas, Collier levantou-se e saiu caminhando na chuva, em menos de cinco passos já estava encharcado mas não se incomodou. Finnegan viu o engenheiro se aproximar e olhou para ele com uma dúvida trovejando perdida em sua cabeça. Achava aquilo tudo um tanto inútil, sem sentido.

— Se tivéssemos sepultado eles ontem... — disse para o engenheiro.

— Não era possível — respondeu Collier. — Mas por quê, não entendo?

— Você estava pretendendo provocar uma rebelião entre os barbadianos?

— Como, senhor?

— É o que você ouviu: uma rebelião.

— De que maneira um funeral poderia provocar uma rebelião entre os negros?

Collier olhou nos olhos do médico, o rapaz recebeu aquele olhar como se o engenheiro o tivesse insultado. Era exatamente o efeito desejado por Collier; aquele asno de médico precisava entender de uma vez que os homens não eram exatamente iguais àquelas ilustrações nos livros de anatomia. E que nem todo mundo era católico e estúpido.

— Esses negros, meu rapaz, não respeitam ninguém enquanto está vivo. Mas depois que alguém morre, o corpo desse homem é sagrado.

— Não vamos levar a sério superstições — Finnegan respondeu com vontade de dar um chute violento nos colhões do engenheiro porque detestava quando lhe chamavam de "meu rapaz".

— Certo, doutor. Vá em frente. O próximo negro que morrer por aqui é todo seu. Mas ouça bem, esses homens são ótimas criaturas e são os melhores trabalhadores que temos por aqui. Os únicos que realmente sabem o que estão fazendo. Eles nunca provocam encrenca, sempre se defendem. Mas que ninguém se atreva a tocar nos mortos deles.

O médico ajustava a camisa molhada que parecia pesar e descer em seu corpo. Collier não tirava os olhos dele.

— Isto não passa de um absurdo — disse Finnegan. Collier se comprazeu com a voz insegura do médico e deixou que uma onda de nervosismo inundasse o rapaz. Era como se ele no meio da chuva disputasse uma partida de um Jogo sem regras definidas. Finnegan respondia com os olhos fundos e a pele nervosa numa repleção incontrolável bem própria de sua juventude e inexperiência.

— Eu sei que é absurdo. Mas o que é que não é absurdo, rapaz?

Por pouco Finnegan não cumpriu o impulso que lhe mandava levantar a perna e desfechar um chute entre as coxas do engenheiro.

— Foda-se — grunhiu o médico.

— Ótimo, você já está aprendendo.

— Foda-se o absurdo.

— Concordo — Collier quase deixou escapar o "meu rapaz". — O diabo é que eles não admitem que toquemos nos mortos deles, e nada podemos fazer quanto a isto. A Companhia só tem interesse enquanto temos o homem vivo, depois de morto, já está fodido e perdeu todo o interesse para nós.

Finnegan manteve um silêncio prolongado enquanto os barbadianos, indiferentes à conversa, aterravam com lama as duas covas.

— Você já ouviu falar de um *zombie?* — perguntou

Collier.

— *Zombie?* — O médico estava abismado. — O senhor não acredita nessas merdas?

— Não, não acredito nessas merdas, como também acho uma merda o

catolicismo e todas as religiões.

Finnegan nem sentiu aquele insulto porque a sua religiosidade estava se afrouxando como uma peça que precisava ser reposta.

— Eles acreditam que um morto pode voltar a viver e servir de escravo para quem o possuir — completou o engenheiro.

— Tudo isto é cômico, Sr. Collier.

— Não é nada cômico, é perigoso, doutor.

— Um homem morto não pode voltar a viver.

— Isto é o que você pensa.

— Superstição, bobagens primitivas.

— Mantenha-se afastado dos barbadianos mortos se quiser continuar usando gravata.

Finnegan observou Collier se afastar e passou as mãos pela camisa molhada e pegajosa. Aquela conversa não parecia ter muito sentido mas estava carregada de uma verdade tão palpável quanto a chuva. Naquele momento ele sentia-se como alguém que procrastinava o momento de entender toda a verdade, como um católico que acredita na vida eterna mas detesta a idéia de vir a morrer um dia.

— *Zombie!?* — murmurou o médico, olhando para as covas na única certeza que podia ter agora. Aqueles dois nunca mais voltariam a ser molestados. E se um dia tivessem que sair daquelas covas, este dia seria o do Juízo Final.

Duas cruzes toscas de madeira assinalavam o local mas a lama deixou as sepulturas quase imperceptíveis. Não há mais ninguém ali, os barbadianos já tinham ido embora e Finnegan e encontrava sozinho. As sepulturas estavam na franja de sua visão porque ele olhava para a parede de selva e descobria a dignidade daquelas árvores banhadas pela chuva. Sobre a lama terrosa, alguns objetos chamaram a sua atenção. Aproximou-se para melhor observar. Decidiu olhar mais de perto e abaixou-se. Viu que eram colares de onde pendiam medalhas, cruzes, balas de chumbo e alguns dentes. Pegou um dos colares e deteve-se para melhor examinar a estranha peça, descobriu, entre envergonhado e com medo, que os dentes eram humanos. Ele teria preferido que fossem escorpiões.

Consuelo não sabia exatamente onde estava, sentia que havia conseguido escapar da floresta e da chuva. Estava deitada numa cama macia e coberta por lençóis limpos e isto não era um delírio. Mas estava muito cansada e queria dormir, descansar e talvez nunca mais acordar e ver o mundo. Aos poucos ela foi deixando de perceber e se incomodar com a cor vermelha que era a luz batendo em suas pálpebras fechadas, a cor vermelha foi ficando pálida até desaparecer

em matizes de rosa, até o silêncio cinzento da paz. Não havia mais o rugido da chuva e dos trovões. A tempestade parecia querer arrancar cada árvore da selva e arrebatá-las num vôo alucinado. Os ruídos da tempestade tinham tirado Consuelo da letargia e ela pulara assustada sem nada enxergar. O ruído da chuva forte entrava na sua cabeça como o rumor de uma carroça em disparada numa rua de paralelepípedos. As árvores sacudiam-se ao vento com silvos animais e cada folha fazia um esforço supremo antes de se desprender e voltear no espaço. Ela começou a correr sem rumo, apertando o pacote de partituras contra o peito, e gemia, u gemido era parecido com o esforço das folhas, só que menos animal, como o de uma mulher medrosa que voltava a ser a Menina tremendo na casa vazia e sem luz. Consuelo corria porque não podia acreditar que a natureza encerrasse tanta violenta e que depois — quando a chuva cessasse, as árvores parassem de dançar — tudo voltasse a ter a mesma calma atraente, violência da natureza era como uma mentira finalmente revelada e ela não gostava de se ver no meio de revelação tão poderosa. O vento e a chuva batiam em seu corpo e traziam muitos cheiros, odor de terra molhada, perfume de folhas maceradas, de frutas amassadas. Cada cheiro era uma notícia alarmante do furor da tempestade, ou pelo menos ela assim acreditava e ganhava forças para continuar correndo, sem ligar para os espinhos e folhas de capim afiadas que lhe cortavam a carne e reduziam seu vestido em farrapos ondulantes. A pele molhada não sentia os golpes e o sangue escorria com as gotas de chuva. A escuridão ajudava porque sem ter um destino ela não estava obrigada a fazer opções de caminhos e seguia correndo, tropeçando, caindo, batendo em galhos que partiam e mergulhando por entre touceiras de arbustos que emaranhavam em torno de seus braços. Ela gostava de correr, os seios balançavam e a água se infiltrava por entre suas coxas e escorria pelos ombros formando um pequeno torvelinho quando atingia o espaço entre os seios. Estava inteiramente molhada e nunca estivera assim na vida. Nem quando acabava de fazer amor com Alonso e se deitava na banheira e ensaboava o corpo passando a mão com preguiça da lascívia saciada por entre as pernas. Na banheira a água não tinha a violência de uma chuva como aquela, era um poço vulnerável e convidativo, um recanto de repouso. Enquanto corria, não conseguia esquecer Alonso e procurava afastar o rosto dele que teimava em aparecer na escuridão. O rosto dele surgia molhado, desaparecendo no turbilhão da cachoeira, as gotas saltando como pérolas opacas. Seus cabelos se confundiam com a cachoeira e perdiam o tom escuro que ela tanto apreciava. Às vezes ela levantava da banheira, toda molhada, e Alonso vinha atirar-se de joelhos para enlaçá-la pelas coxas e beijá-la nos pêlos que fumegavam. Ela ria e protestava de brincadeira, fazia parte de um resto de impulso amoroso ela segurar os cabelos dele e fingir protestos. Ele tinha desaparecido na corredeira e

ela estava correndo no meio de uma tempestade. Não lembra de quanto tempo gastou correndo e agora sentia-se confortada entre aqueles lençóis. Devia ter corrido muito, suas pernas estavam insensíveis e inchadas, seus pés doloridos e os dedos longos e preênseis formigavam e tinham a pele molenga e porosa dos afogados. Uma lembrança como um crepúsculo anônimo trazia à memória o instante que ela havia caído e não encontrara forças para levantar e voltar a correr. Suas mãos agarravam folhas espumejantes e escorregavam. Viu uma luz se aproximar e vozes indistinguíveis no trovejar da chuva. Um rosto observava, pensou que fossem selvagens e desmaiou vendo rastros de pés humanos na encosta arenosa de uma serra. Consuelo não sabia que aquele rosto pertencia a um chinês que estava comandando uma equipe de buscas. Um trabalho de rotina durante tempestades, porque era muito comum trabalhadores procurarem abrigo na floresta e acabarem perdidos. Com ele estavam mais seis homens, todos chineses, que se olhados rapidamente podiam ser confundidos com índios.

A chuva parou depois do meio-dia e um sol forte começava a secar rapidamente a lama. Collier está à frente de uma equipe de trabalhadores que vai desentulhando os efeitos da enxurrada e da erosão. Está levantando os danos causados ao trabalho e sabe que aquela tempestade não foi brincadeira. Muitas árvores imensas nos limites do desmatamento desabaram, embora a barreira de selva nem pareça desfalcada. Os troncos de mais de quatro metros de raio e os galhos poderosos exigirão horas de trabalho. No charco, cujas águas parecem minar do solo, o acúmulo de lama pode ser perigoso e tragar um homem pouco cauteloso. Febrilmente os trabalhadores tratam de desmontar o que sobrou de material. Mas tudo está bastante arruinado. As grossas toras de madeira, tábuas e dormentes que formavam uma espécie de ponte por onde a linha férrea atravessava provisoriamente, não passam agora de um emaranhado de escombros e galhos retorcidos e entrelaçados pela fúria das águas. Os trilhos foram parcialmente arrancados e brilham contorcidos à luz do sol. Finnegan aproxima-se do engenheiro e sente a desolação de Collier.

— Acho que a chuva arrastou uns trinta metros de trilho — disse Collier.

— O senhor já sabe? Cinco homens estão desaparecidos — fala o médico.

— A força da água era tamanha que retorceu os trilhos como macarrão cozido.

Há um ironia amarga nas palavras do engenheiro, é uma frase magra e áspera porque a chuva transformou a frente de trabalho numa espécie de recanto do inferno, como se a natureza agisse impulsionada por forças anárquicas. Um grupo de trabalhadores está retirando da lama um cadáver. O corpo confunde-se em sua sepultura de galhos retorcidos enquanto os homens tentam puxá-lo,

criando vibrações circulares e trêmulas na lama. Aquelas vibrações de lama fizeram alguma coisa oscilar dentro do engenheiro e ele já não esconde a decepção.

— Cinco mortos! — exclama o engenheiro.

Ninguém encontrava palavras para socorrer o engenheiro em seu abatimento. Finnegan sentia que pouco poderia fazer porque tinha visto o volume de água crescer nas valas estreitas abertas pelos trabalhadores e investir contra as obras de fundação, levando tudo. A enxurrada era muito concreta, esvaziava qualquer solidariedade e ele sabia o quanto aqueles estragos estavam custando ao engenheiro. Collier era um homem forte mas agora estava inteiramente indefeso. A natureza agia por uma espécie de transe não premeditado e sua fúria ascendia rapidamente até a destruição. Finnegan percebia que toda a segurança de Collier estava esmagada, era agora uma abstração sem loquacidade, apagada pela impotência.

O maquinista Thomas veio se colocar perto do engenheiro e colocou a mão nos ombros dele.

— Que merda! — falou desanimado o velho Thomas. Collier permaneceu calado e aquilo era uma comovente confissão de abatimento. Não era mais o ofensivo engenheiro, era um homem tão abatido que pela primeira vez Finnegan percebeu o quanto era idoso.

O maquinista Thomas começou a tossir e pressionou os dedos da mão no ombro do engenheiro. Collier sacudiu a cabeça. Quando desabava uma daquelas tempestades, a água era tão poderosa que parecia muitas lâminas retalhando como navalhas e ensopando as pessoas de tal modo que os homens ficavam incapacitados até para compreender uma ordem. 0 cadáver já estava totalmente desvencilhado dos galhos e os trabalhadores o arrastaram para o barro mais seco. O desgraçado estava bastante desfigurado e havia perdido as duas pernas. Finnegan se aproximou, o cadáver era uma espécie de massa úmida feita de terra, mas os olhos tinham permanecido abertos e não estavam sujos. O médico ainda podia perceber naqueles olhos enevoados a aflição final daquele homem, era como um jogador enganado que encontrara seu momento de verdade no instante mesmo em que se desbaratava como pessoa. Finnegan sabia que o homem não encontrara a morte devido às pernas arrancadas, certamente perecera afogado na lama. Quem sabe não tinha visto, antes de morrer, suas pernas serem arrancadas de seu corpo como galhos inúteis? Um dos trabalhadores pescou o que parecia ser um sapo morto, retirou da lama e jogou para o barro mais firme. Era a mão de um homem, flácida e podre.

— E, isto e uma guerra — disse Thomas.

— Só que as nossas armas não estão bem afiadas para enfrentar o inimigo —

retrucou Collier.

— A gente morre de calor, morre afogado na lama. E se escapa, tem diarréia, tem malária. — O maquinista exalava conformismo.

— E há a violência — disse Finnegan, embrulhando a mão decepada numa sarrapilha.

— É duro ver o trabalho de um mês ser destruído em poucas horas — disse Collier, frio.

Finnegan então percebeu que o abatimento do engenheiro não era tanto pelas casualidades humanas. Ele estava abatido porque, o cronograma encontrava-se comprometido com os estragos. Não sentiu raiva e apertou o embrulho de sarrapilha com as duas mãos, como se aquele resto de criatura humana não contasse. Os trilhos retorcidos eram mais eloqüentes que um cadáver sem pernas.

Um grupo de chineses estava caminhando na direção deles, vindo da floresta, carregando uma padiola. O engenheiro levantou a cabeça e notou a padiola empoeirada.

— Outro corpo? — perguntou.

— Sr. Collier, olhe o que nós encontramos — gritou um dos chineses. — Uma mulher.

O engenheiro deu um sorriso porque aquele achado era o alívio que ele estava esperando. Uma mulher encontrada na selva estava para toda aquela situação de merda como uma anedota rude num salão aristocrático.

— Onde encontraram? — perguntou Collier.

— Ela estava caída, desmaiada, senhor. Numa capoeira distante três quilômetros daqui — respondeu o chinês.

Finnegan ordenou com um gesto que colocassem a padiola no chão e começou a examinar a mulher.

— Tem alguma idéia de quem seja? — quis saber o engenheiro percebendo que não era uma mulher qualquer, uma das poucas e decadentes prostitutas que se aventuravam até Santo Antônio.

— Ela não fala, senhor. Está desmaiada desde que encontramos ela — respondeu o chinês.

— Está em estado de choque. Vai ficar boa. Levem para a enfermaria — ordenou Finnegan.

— Ela tinha este embrulho aqui, senhor. — O chinês passou ao engenheiro um pacote amassado e molhado.

Collier abriu o pacote e examinou, e o que viu era tão surpreendente quanto a própria mulher desmaiada ali na maça.

— Nenhuma identificação? — Collier fez a pergunta percebendo que todos

queriam saber a razão de seu espanto.

— Não, senhor. Só este pacote — afirmou o chinês com a sua vaguidão.

— São livros de partituras musicais — disse Collier, folheando os papéis molhados com o cuidado necessário para não rasgarem. — Chopin, e mais Chopin, Liszt, Beethoven. . .

Os chineses levantaram a padiola do chão e seguiram o médico na direção da enfermaria. Collier fechou os livros e jogou fora o papel imprestável. Para os lados do dormitório dos trabalhadores ouvia-se uma gritaria. Era algum problema. O engenheiro suspirou e tocou inconscientemente o coldre para ver se estava com o revólver, os dedos sentiram o metal frio da arma e ele caminhou rápido para ver o que estava acontecendo. Lá na frente um grupo de barbadianos observava a confusão.

Quando a chuva começou a cair ele procurou abrigo no oco de uma raiz. Encolhido, com o rosto encostado nos joelhos dobrados, ele apertava os braços e a escuridão se dissolvia no nada e só os ruídos de chuva e trovões dançavam com todo o portento de forças que lhe ultrapassavam. Ele não sentia medo, estava acostumado com a fúria da natureza e pensava que ela tinha o direito de se revoltar assim pois tinha força. Para ele, cada árvore, cada lufada de vento trazendo grossas gotas de chuva, era um espírito inteligente que queria entrar em contato para o bem ou para o mal. Ele é que não tinha mais nenhum poder e perdera a aura da paternidade de seu povo e fedia a urina. Queria descansar enquanto a tempestade desabava. As costas começaram a doer, uma pontada que escorria pelas omoplatas e atrapalhava a respiração, ele tentava prelibar até sentir alívio nas costas, pois sabia que a dor somente passaria quando pudesse ficar de pé e se esticar. Estava de mau jeito ali naquele oco cheirando a terra e madeira apodrecida, um cheiro bom e amigo. Quando a chuva terminasse ele se levantaria e tentaria pegar alguma comida dos civilizados. Mas a chuva começou *f* ficar muito grossa e o oco estava localizado numa parte rebaixada do terreno, recebendo muita água. Ele sentiu que o oco era como uma boca ávida que estaria logo cheia de água. A única coisa a fazer era escapar e procurar outro abrigo. Saiu na chuva, reverente perante os relâmpagos que riscavam o céu lá acima das copas das grandes árvores. A reverência era importante pois a vida podia ser inocentemente devorada pela tempestade. Como era tão naturalmente certa a natureza em sua violência, que desabando em forma de chuva sobre a mata, molhava a terra de uma forma benigna e sábia. Um dia os seus antepassados viveram num mundo que nunca chovia porque a água estava guardada num ouriço escondido no céu. Quando queriam beber água, ou tomar banho, ou lavar uma criancinha que acabara de nascer, tinham de pedir aos jaburus que por favor

trouxessem água em seus bicos grandes. Os jaburus eram perversos e viviam zangados e às vezes se recusavam a trazer água para os caripunas e muitos acabavam morrendo de sede ou ficavam tão sujos que deixavam de ser gente humana. Foi então que os três filhos do grande tuxaua Unámarai caíram prisioneiros de uma onça gigante que babava o tempo todo. A grande onça não queria comer os três filhos do tuxaua Unámarai, só queria que eles aparassem a sua baba pois estava sempre babando muito e cada vez que gotas de baba caíam no chão viravam centopéia e outros bichos de ferrão. Os três rapazes passavam o dia aparando a baba da onça em cuias e iam despejar num buraco bem fundo. Os três se revezavam durante a noite mas começaram a cansar e o mais novo deles sonhou que se eles dessem muita água para a onça ela pararia de babar e eles ficariam novamente livres. O rapaz mais velho gostou da idéia do irmão e sabia que aquele sonho tinha sido inspirado pelo tuxaua Unámarai, seu pai, também um grande pajé. O irmão mais velho mandou que o irmão mais novo procurasse um jaburu e pedisse água para dar de beber à onça. Mas disse ao irmão que tomasse muito cuidado, pois os jaburus eram perigosos e poderiam negar a água se ficassem irritados. O irmão menor disse ao outro que ele não se preocupasse que e já tinha pensado numa maneira de agradar os jaburus. E assim fez, foi andando pela selva e viu um jaburu velho medindo na beira do rio, esperando que algum peixe aparecesse a ele meter o bico e comer. O rapaz, filho mais novo do tuxaua se transformou em traíra e começou a nadar na frente o Jaburu, fazendo brincadeiras para agradar ele e esperando o momento certo para tornar a virar gente. Mas o jaburu, vendo aquela traíra nadando alegre, bicou rápido e engoliu o moço. O irmão mais velho sentiu que alguma coisa tinha acontecido de errado com o rapaz mais novo e foi atrás. Encontrou o jaburu satisfeito, passeando na beira do rio e logo soube o que tinha acontecido. E para salvar o irmão, se transformou em mutuca e pousou no bico do jaburu onde deu uma ferroada e sugou uma gota de sangue de seu irmão. O jaburu se zangou muito mas não conseguiu pegar a mutuca que voava muito rápida. A mutuca que era o filho mais velho de Unámarai voou para longe e virou gente outra vez, vomitando a gota de sangue e soprando até o irmão voltar a viver. O rapaz mais novo pulou sorrindo e brincando mas o irmão mais velho fechou a cara e disse para ele ficar quieto. Você foi imprudente, disse o irmão mais velho, deixou que o jaburu te devorasse. O irmão mais novo deixou o outro falar, sem o sorriso no rosto. Você nem parece que é filho de nosso pai, disse o mais velho. E o irmão mais novo ficou ainda mais triste pois o outro queria dizer que sua mãe talvez tivesse dormido com bichos na época que ele havia sido gerado. Então os dois se lembraram do irmão do meio que estava sozinho aparando a baba da onça. Sabiam que deviam trabalhar rápido porque o irmão do meio podia ficar cansado

e dormir, permitindo que a baba da onça caísse sobre a terra e criasse bichos perigosos. Vamos dormir outra vez, disse o irmão mais velho, quem sabe não sonhamos com uma solução para o nosso problema. E dormiram. Na manhã seguinte, acordaram. O irmão mais velho nada sonhara. O irmão mais novo sentia-se feliz porque encontrara, em sonho, a solução. E ele disse ao irmão mais velho, toda a água que existe neste mundo está dentro de uma grande cabaça pendurada no céu por cordas de cipó. Os jaburus voam até lá e tiram a água que querem. Nós vamos subir ao céu e furar a cabaça grande com as nossas bordunas. Mas vamos precisar de muito cuidado, a cabaça está cheia de peixes comedores de gente. E fizeram cerimônias de cigarro soprando a fumaça e pela fumaça subiram até o céu. Viram a imensa cabaça pendendo para baixo, sustentada por dois cipós bem trançados. O irmão mais velho subiu na cabaça e o mais novo segurou a sua borduna e bateu forte na cabaça. Conseguiu fazer um furo pequeno e a água começou a escorrer, formando os rios e tudo o que existe de lago, lagoa, brejo e igarapés na terra. Quando a água começou a escorrer da cabaça, o irmão mais novo se distraiu e um peixe colocou a cabeça para fora e devorou ele. O irmão mais velho, que estava em cima, viu o irmão ser devorado. Ficou tentando saber qual dos peixes tinha comido o outro e, fazendo esse esforço, balançou a cabaça. A cada balanço forte a cabaça deixava escapar mais água e acontecia uma tempestade na terra. Até hoje ele está lá em cima, tentando encontrar o peixe que devorou o seu irmão mais novo. A cabaça balança de um lado para outro e a água escapa mais forte pelo furo quando deve escapar, criando chuvas fortes, tempestades e dilúvios. Naquele dia o filho mais velho de Unámarai devia estar balançando muito a cabaça. E ele não conseguia encontrar um bom abrigo. A chuva estava forte e ele correu para onde os civilizados estavam vivendo. Se escondeu debaixo de um encerado e gostou porque era quente e a água não atravessava para molhar a sua pele. Ali ele ficou até a chuva passar, feliz, meio dormindo, quando foi despertado por um grupo de civilizados. Tentou correr mas os civilizados seguraram ele. De seus bolsos caíram espelhos, pentes, canetas, tocos de lápis, canivetes e outras miudezas que ele tirava dos civilizados. Tudo o que tinha lhe foi retirado, incluindo o calção imundo, presente dos homens do Pai Rondon. Os civilizados estavam excitados e batiam nele, batiam com força e ele gritava. Vomitava sangue e os beiços estavam partidos e inchados e mal podia abrir os olhos. Aconteceu então o pior. Os civilizados seguraram ele esticado no chão e colocaram os dois braços dele sobre um dormente. Um civilizado pegou um machado e decepou na altura do antebraço as suas mãos. Ele perdeu os sentidos e pensou que iria atravessar para outro lado e se preparou para encontrar seus antepassados. Os tocos de braços eram a única coisa a se mexer em seu corpo, como pescoços degolados de

galinha, esguichando golfadas finas de sangue. Ele não viu o chefe dos brancos chegar correndo com outros homens armados. Não viu nada, e logo esperava encontrar seus antepassados e tentava encontrar uma boa maneira para contar a eles por que estava chegando do outro lado sem as mãos.

Os olhos verdes brilhantes de Alexander Mackenzie ficariam lindos numa mulher jovem e sensual, mas eram inquietantes naquele rosto severo, afilado, quase sem lábios e pálpebras repletas de sulcos como um pergaminho amarrotado. Farquhar sabia o quanto aquele rosto severo impunha respeito e quase sempre decidia acima dos argumentos. Seu representante no Brasil era um desses homens que impõem respeito incontestável, exalando poder pelo ar de estreita convivência com o dinheiro. Mackenzie às vezes podia ser aterrador e, se não trabalhasse no Brasil, seus métodos truculentos poderiam ser considerados por Farquhar como imprudentes. Era um facínora refinado, sem sutilezas, capaz de vender a própria mãe se isto lhe desse algum poder. Esta era a diferença entre eles. Mackenzie queria poder, gostava do poder, enquanto Farquhar preferia acumular riqueza, uma forma de poder muito maior e nunca perigosamente explícito. Por isto, tratava Mackenzie com objetividade e envolvia-o numa atmosfera morna de delegações de poderes que eram sempre a manifestação de sua vontade. Mackenzie cumpria as suas ordens como se fossem manifestações do poder pessoal, era um homem frio, ardiloso e muito franco. Mackenzie vivia há vinte anos no Brasil, raramente visitava os Estados Unidos e falava português com apuro. Por trás da carapaça sentia um amor verdadeiro pelo Brasil, especialmente pelo Rio de Janeiro. Morava numa belíssima mansão no Cosme Velho, cercada de altas palmeiras e flores tropicais de cores berrantes. Não era casado, a sua frieza talvez impedisse de se unir a alguém e era daqueles homens que preferiam a solidão a dividir algum poder com outra pessoa. Estava com quase cinqüenta e cinco anos e aparentava a idade, a vida sedentária no Rio, o trabalho de jardinagem em sua mansão que ele pessoalmente fazia, as sestas após o almoço, tinham amolecido os seus músculos de jogador de futebol americano na universidade e criado uma barriga protuberante que os ternos bem cortados mal disfarçavam. Farquhar sabia que ele não era nenhum eremita e conhecia bem os detalhes íntimos da vida de seu representante, mas não interferia, queria só estar informado para evitar surpresas. Quase nunca o visitava porque se sentia pouco à vontade naqueles jardins luxuriantes onde negrinhos adolescentes passeavam semidespidos carregando água para os canteiros ou fazendo podas nas plantas. Mackenzie tinha uns dez empregados negros, todos rapazes bem novos que ele contratava nas fazendas de café do interior. Era este o segredo de Mackenzie, segredo de resto bastante conhecido

pela alta sociedade carioca. Mackenzie era conhecido nestas rodas como o "papa-crioulo", e Farquhar soubera através da amante de J. J. Seabra que o impetuoso ministro só se referia a Mackenzie com a desprezível alcunha de “viadão ianque". Farquhar precisava afastar o seu representante de todas as manobras necessárias para aproximá-lo do novo governo. No Brasil como em muitos países, a virilidade era menos importante que o dinheiro, mas no caso presente, era melhor que ela não contasse como fator duvidoso. Mackenzie era ainda um homem muito poderoso, independente de sua situação como representante de Farquhar. Poderia trabalhar nos bastidores, aparando com subornos as arestas mais protuberantes. Como diretor da Light & Power, Mackenzie contava com uma experiência enorme nesse campo das propinas. Em 1907, numa de suas atitudes consideradas imprudentes por Farquhar, Mackenzie comprara o Sr. Passos, prefeito do Rio, por duzentos contos, conseguindo o monopólio da energia elétrica na Capital Federal. A concessão foi um escândalo e os jornais denunciaram, dizendo que Mackenzie era sem dúvida um homem estimável, operoso e empreendedor, mas que não podia obter privilégios à custa de vigarices. O próprio Ruy Barbosa havia se mostrado indignado, escrevendo no jornal *Imprensa* um artigo acalorado, onde revelava que o próprio Dr. Passos comentara numa festa que estava fazendo um ato ilegal, mas que não recuaria mesmo diante dos protestos.

— Soube que eles estão pensando que nós demos dinheiro para os oposicionistas. Isto não é verdade, Mack? — perguntou Farquhar.

— Eles sabem que não demos — respondeu Mackenzie. — Eu procurei seguir à risca as instruções que você remeteu por escrito. De qualquer modo, não ajudaria de vontade própria os oposicionistas. Você sabe que eu pessoalmente não gosto do Dr. Ruy Barbosa.

— Mas agora o governo está se fazendo de surdo — disse, sorrindo, Farquhar.

— Por que o sorriso?

— Estava me lembrando das palavras de Ruy a teu respeito. O homenzinho gosta de encrenca, não é verdade?

— É um tolo.

— Nem tanto, sabe onde pisa.

— O que não quer dizer nada. Ele sabe onde pisa mas é orgulhoso. Se for desafiado, mesmo sabendo, é capaz de pisar numa fogueira.

— Mas o nosso problema não é Ruy, é o governo. Há toa certa desconfiança em relação a nós. Meus pedidos de concessões no Paraná estão paralisados. E por um motivo ridículo dizem que há índios ali.

Mackenzie não se moveu na poltrona e olhava para Farquhar impassível.

Finalmente, deu de ombros.

— Eu sei. Índios? É uma desculpa. Farquhar fez um gesto comprimindo as mãos.

— Eles estão querendo nos apertar como uma laranja sabem que produzimos bons sucos.

— O negócio do Paraná vai demorar um pouco — falou Mackenzie. — Mas é nosso, ninguém vai nos tirar. Tenho certeza.

— Mas precisa sair logo e este não é o nosso único problema. Na semana passada alguns agentes do Ministério da Saúde estiveram visitando meus hotéis aqui no Rio. Não aceitaram o dinheiro de sempre e nem eram os mesmos agentes. Fiquei preocupado.

Mackenzie deu um leve sorriso e repetiu o gesto de Farquhar, apertando as mãos.

— Nós é que vamos lhes tirar o suco, temos mais experiência.

Você é um bom filho da puta, pensou Farquhar, acrescentando:

— Tive uma informação de fonte segura que a nossa situação em relação ao governo, no momento, não é boa. Isto é um fato. Não sei quem pode ter criado esta estória de que nós financiamos a campanha da oposição. Podem ter sido os ingleses, ou aquele grupo francês que perdeu a concorrência para a Madeira—Mamoré e nunca nos perdoou. Não importa saber agora de onde partiu esta mentira. Depois trataremos disso, agora precisamos derrubar junto ao governo o clima de má vontade que está se avolumando em relação a nós. Tentei uma audiência com o presidente e me informaram que ele tinha a agenda repleta ate o final do mês. Foi um sinal ruim. Você lembra que nós nunca precisamos de agenda para falar com o presidente. Sempre entramos no Cate te a qualquer hora.

— O presidente é ligado a grupos alemães.

— Mas não foram os alemães. Eles não estão interessados em nossos setores de negócios. Os alemães não querem investir capitais no setor público.

Farquhar começou a rir com alguma coisa na cabeça.

— O que há de engraçado? — perguntou Mackenzie.

— Os alemães estão ameaçando a galinha dos ovos ouro do Barão de Rothschild. O velho Paranhos está correndo da sala para a cozinha. Dizem que o marechal-presidente é muito teimoso. Dizem que ele não ouve ninguém.

— Há milhares de dólares para ganharmos neste país.

A expressão de Mackenzie era agora branda e desvanecente, os olhos verdes estavam aguando-se como duas gotas de creme de menta diluídas em água. Farquhar falou então com a voz mais casual que pôde:

— Quero que você me ajude de fora. Quero que você afaste a atenção deles de tal maneira que não percebam que estamos atacando. Temos de chegar ao

Catete novamente pela porta da frente. Já tenho um plano, me parece um bom plano e você é a peça mestra dele.

— Estou ouvindo — disse Mackenzie sentindo o delicioso calor do poder lhe percorrer o corpo.

E Farquhar começou a contar o plano, gostava do plano. Adorava a idéia de que o plano nascera de uma sugestão de Ruy Barbosa, uma idéia casual surgida num almoço de troca de favores. Por qualquer motivo Farquhar tinha adorado a idéia de Ruy e considerava o pequeno advogado um homem que tinha antenas maravilhosas.

Livro II

Arbeit macht Frei

6

Jonathan e seus companheiros sabiam por que exatamente deviam preservar a integridade dos mortos. Não sabiam era por que seguiam uma religião inteiramente deslocada das outras práticas religiosas de Barbados. Não sabiam que eram barbadianos recentes, de formação diferente dos outros negros que haviam se convertido ao anglicanismo ou às diversas seitas protestantes, como era comum em Barbados, possessão britânica nas Antilhas. Tinham sofrido muita segregação na conta dessa diferença, as autoridades coloniais proibiam suas cerimônias religiosas embora tolerassem outros cultos de origem africana. Barbados tinha uma população negra composta de escravos vindos de diversas tribos, predominantemente congos, aaradas e nagôs. Grande parte desses escravos eram maometanos que ao longo das gerações iam perdendo os vínculos com esta religião e adotando as práticas dos seus senhores. Mas os antepassados de Jonathan e seus companheiros não pertenciam a nenhuma dessas tribos e nem haviam chegado em Barbados para as plantações de fumo e açúcar. Tinham sido capturados no Daomé e trazidos para um canavial do Haiti, comprados por um fazendeiro francês. Eram da tribo dos fons, não eram maometanos e permaneciam fiéis aos seus cultos tribais, adorando a serpente Da, mãe eterna, e o espírito Legba, fonte da fecundidade. Com o passar dos tempos, mesclaram a sua religião original com o compassivo catolicismo de seus senhores franceses. Muitas entidades, os fongbés, ganharam nomes de santos católicos e as orações fongbés foram ganhando palavras do francês crioulo. A serpente Da era a eternidade vítrea de Dâgbé, o poderoso, que os fons deviam prestar cega adoração enquanto sua força divina emanava como caliça num empuxão criador, entre o bem e o mal, adoçando ou amargando a existência, numa consumação da vida humana frente ao olhar dos sacerdotes e magos que preparavam poções e jejuavam nas savanas crestadas e marrons do Daomé. A serpente velava as plantações de amendoim, de painço, de sorgo, luzia cada crepúsculo com uma cintilação verde e podia se manifestar no frenesi das girafas que vinham se ajoelhar e comer as folhas tenras dos brotos das laranjeiras. Dâgbé resvalava

soberano como um amante incansável que vai %de uma enxerga para outra saciando suas mulheres, nunca esgotando o entusiasmo. Nas amplas profundezas negras ele era o solicitado e premido pelas necessidades dos homens, e vinha para fascinar, nas pálpebras fechadas de donzelas nuas e ao negrume opaco da madrugada. Os fons voltavam suas invocações para a terra arenosa e atapetada de cascalho esverdeado de musgo de Samorné e suas florestas pendendo cipós como dosséis brocados de folhas, perto da repugnante Aliada com suas manadas de porcos selvagens, e em Ouida, de espinheiros eriçados como cabelos de velhas feiticeiras. O dá-vodunu tremeluzia nas águas rudes, nos desertos estorricados, nos declives úmidos e nas trilhas das aldeias de casas de lama e sonolência. As mulheres fons, com sua concisão de carnes, a pele negra retesada e untada de banha cheirando a fogueira de fezes secas de vaca, invocavam Legba. Elas representavam todas as cores do arco-íris e conservavam nos olhos lustrosos a beleza de Ayida-Ouédo, a senhora das florações. E Legba vinha com a leveza da gazela e a potência do leão. Era um senhor grande vodu com um pênis incansável que fecundava aspergindo sua semente leitosa como o orvalho sobre a arista verdejante dos pastos. Legba bebia sangue de vaca com o leite coalhado, descia por entre as coxas das mulheres e ia beijar com o seu membro repleto de sangue mágico a entrada molhada de Ayida-Ouédo que cada mulher possuía e que dava prazer e alegria aos homens. Um dia, na metade do século XVIII, uma aldeia fon sofreu o ataque de guerreiros nagôs e muitos de seus homens e mulheres caíram aprisionados. Os nagôs trocaram os prisioneiros por grãos de painço, utensílios de metal e haxixe com um mercador árabe. O mercador árabe vendeu os prisioneiros fons, com bom lucro, a um navio negreiro francês. O navio fundeou em Port-au-Prince e vendeu a sua carga na Praça do Mercado. Os escravos fons espalharam-se por diversos canaviais e representavam uma minoria no Haiti. Mas outros fons já ali tinham chegado em outros porões de navios negreiros. O dá-vodunu era a religião soberana e nas noites do Haiti as suas danças ruidosas acutilavam a opressão liberando os bons e maus fongbés na repetição da invocação *"damballah, dangbêsi ouida"*. Nas impassíveis veredas das montanhas na fronteira entre o Haiti e São Domingos, imperavam os feiticeiros, guerrilheiros *cacos, bocors* fumarentos e a gorda Grande Mamaloi, sacerdotisa suprema. Traziam os rostos tatuados, com o símbolo do falo, o círculo da vagina, o coração, e três linhas e três pontos lembrando aos iniciados o caminho triplo e o triplo círculo de mistérios do vodu.

A grande rebelião de escravos começou numa cerimônia profana, o *bombeche*, aos gritos alucinados de uma virgem que saltara da multidão e balançando os seios como dois pudins de chocolate, incitava os homens a se transformarem em negros escorpiões ou serpentes coloridas. O reino de Jean

Cristophe estava nascendo como um brinquedo de vidro para se tornar num dos grandes mistérios das Antilhas.

Temendo os saques e os assassinatos, o plantador de cana francês que arrematara os fons no mercado abandonou suas terras e mudou-se para Barbados, onde casou com uma moça inglesa, uma prostituta, e voltou a enriquecer plantando tabaco. Os ingleses não eram nada complacentes com as celebrações vodu e aqueles fons aos poucos esqueceram o crioulo, adotaram a língua inglesa, deixaram o seu catolicismo sincrético se amortecer e praticaram os cerimoniais vodu na clandestinidade. Jonathan e seus companheiros eram descendentes destes infortunados escravos do Daomé. Cresceu numa casa pobre onde se cultuava na sala de visita, às portas trancadas, homenagens pungentes aos fongbés, trabalhavam complicada alquimia de remédios e poções mágicas e zelavam especialmente os seus mortos, pois acreditavam que mesmo depois de morta a pessoa podia ser reanimada, não exatamente ressuscitada, apenas reanimada como um fantoche, escravizada e obrigada a cometer assassinatos ou a realizar trabalhos forçados. Jonathan nunca tinha visto uma dessas pobres criaturas que sua avó chamava de *zombie,* um morto-vivo, mas durante a construção da ferrovia do Canal do Panamá, ouviu uma história terrível. Um velho nagô havia lhe contado que um agenciador de mão-de-obra muito ganancioso, preto retinto, no início das obras, aparecera dirigindo uma fila de dez criaturas silenciosas, as vestes rasgadas sujas de terra e que andavam como se nunca tivessem despertado de um profundo sono. O capataz perguntou quem eram aqueles homens e ele respondera que não passavam de agricultores meio selvagens que ainda falavam seus dialetos africanos e não compreendiam as línguas dos brancos. Como o agenciador estava pedindo a metade do que pagavam para os outros homens, eles foram aceitos e levados para uma área distante onde estavam sendo realizadas escavação e terraplenagem. Os homens silenciosos trabalhavam de sol a sol e nunca paravam para descansar, nem mesmo para beber água ou almoçar. Não pareciam sentir fome e eram os trabalhadores mais resistentes que os brancos já tinham visto. Em pouco tempo ficaram conhecidos e um dia veio uma comitiva de engenheiros conhecer de perto aqueles trabalhadores que não criavam problemas, não falavam e executavam o duro trabalho sem uma palavra. Quando a comitiva chegou o engenheiro-chefe pediu ao agenciador que colocasse os homens em fila. O agenciador mostrava-se amedrontado e começou a encontrar desculpas até ver que não tinha outra coisa a fazer a não ser trazer os homens para os brancos. Gritou para eles e logo estavam reunidos em fila indiana, olhos sem expressão. Aos brancos os homens pareciam doentes embora agissem com bastante vigor. Não pareciam ter sangue e as peles negras estavam pardacentas e descoradas. O

engenheiro-chefe estava comendo amendoins e ofereceu para cada um deles. Eles aceitaram recebendo o amendoim na palma da mão e engolindo-o sem mesmo tirar a casca. O negro que os agenciava entrou em pânico e começou a chorar, pedindo perdão, mas os brancos não compreendiam o que estava acontecendo. Mal os homens mastigaram os amendoins salgados, começaram a soltar gritos terríveis e a correr. É que os mortos-vivos devem ser alimentados com uma sopa leve sem sal, pois quando tomam sal o encantamento cessa e eles procuram um lugar para descansar. Foi assim que agiram aqueles homens, começaram a correr e a gritar, até que chegaram ao cemitério da construtora onde eram enterrados os que ali morriam durante o trabalho. Cada um deles encontrou um túmulo e começou a cavar freneticamente, mas ao contato com a terra, exalaram um fedor de carne podre e desabaram sem vida. Os brancos, então, verificaram que aqueles eram trabalhadores que tinham morrido e haviam sido retirados de seus túmulos pelo inescrupuloso agenciador, conhecedor de encantamentos e feitiçarias vodu. Dois dias depois, o agenciador foi encontrado morto, sem nenhum sinal aparente de violência, mas os olhos estavam abertos e refulgiam para além da morte como se tivessem enxergado alguma coisa abominável antes de perder a vida.

Por este pavor ancestral, Jonathan e seus companheiros temiam que depois de mortos viessem a ser explorados porque os brancos não tinham escrúpulos de aproveitar a ganância de algum feiticeiro. Firmaram um pacto de não permitir que nenhum barbadiano fosse manipulado pelos brancos e que depois de mortos recebessem a proteção vodu e descansassem para sempre, livres da escravidão. Quando um deles morria, era enterrado por eles e sua cova vigiada discretamente por três dias até que o cadáver entrasse em decomposição. Os feiticeiros só podiam animar os cadáveres ainda não apodrecidos e uma vez que entravam em decadência, dominados pelos sinais do retorno ao pó, já não mais serviam.

Em certas noites especialmente enluaradas, como aquela noite, os barbadianos reuniam-se num local afastado, acendiam uma fogueira e saudavam os seus fongbés, cantando numa língua que perdera o significado para eles:

— Yi. . . yi. . . yi. . . yi!
Yi. . . yi. . . yi. . . yi!
Yi. .. yi. .. yaá!
Yi. . . yi. . . yaá!
Garder en bas gaillard;
Ou oué iune bout de couteau;
Ou oué iune tête poisson;
Ou oué iune bom borri;

Prends, yo — por ter —
Bai moins.

E ninguém se atrevia a ir observá-los, porque cantavam e dançavam o vago apetite de sobreviver ao inferno em que estavam, e em cada gesto retomavam as lembranças de seus avós, a fluidez do leopardo que rijamente preparava seu bote, a delícia levemente prolongada dos vôos dos falcões, e no odor do suor em seus corpos, voltavam a encontrar o cheiro perdido de mulher escondendo o rosto em coussabes espalhafatosos e desnudando-se para que ardessem entre suas pernas. Somente 0 engenheiro Collier havia sido convidado, uma vez, para assistir à cerimônia, num sinal de confiança è amizade. Collier compreendeu que a cerimônia dançada em parábolas de gestos era um dissimulação e um enlevo da vontade de viver, uma extremada forma de lascívia que acompanhava aquela gente simples por todos os infortúnios históricos que os submetiam. E como o engenheiro Collier costumava sentir-se deslocado no tempo, viu nos barbadianos que trabalhavam com ele há tantos anos a orfandade dos homens na traiçoeira silhueta do destino.

Naquela noite, mal o engenheiro terminara o seu jantar e estava em sua tenda examinando plantas em fino papel de arroz, o barbadiano Jonathan veio lhe procurar. Não estava ali apenas para pedir autorização para realizarem sua cerimônia em torno da fogueira, mostrava-se inquieto e preocupado.

— O que há com você, Jonathan? — perguntou Collier, arrumando os rolos de plantas sobre a mesa.

Jonathan sentou no chão de terra com a vacuidade de um homem atormentado.

— Master Collier, são os companheiros. . .

— O que têm os seus companheiros?

— Estão descontentes, o dinheiro é pouco, senhor.

— Vocês estão ganhando quase o dobro do que ganhavam no Panamá.

— Não somos apenas nós, senhor. Os outros homens também estão descontentes. Os perigos são muitos, dizem que foram enganados e querem viver.

— E você, Jonathan, também está descontente?

A pergunta de Collier era inteiramente fora de propósito e o engenheiro sabia disso. Jonathan estremeceu porque não conseguia desligar a Companhia da pessoa de Collier. Mas a Companhia era injusta e ele relutava em aplicar a categoria de injusto ao engenheiro de tantas jornadas em comum.

— Eu não tenho mais ninguém no mundo, Master Collier.

— Você não tinha família em Kingston?

— Tinha, senhor.

— Tinha! Não tem mais?

— Morreram todos, no terremoto. Só escapou meu irmão que estava em Cuba trabalhando numa plantação de cana. Nós tínhamos duas casas em Kingston, a terra tremeu e desabaram como papel.

— E quando foi que isto aconteceu? Eu não sabia.

— Já vai fazer cinco anos. O terremoto foi em 1907. Eu estava ainda no Panamá. Deixei o trabalho do canal para voltar para casa e não encontrei mais nada, ninguém.

— Em 1907, foi o ano que eu também me retirei. - O senhor também já não estava no Panamá.

— Sinto muito, Jonathan. Eu não sabia. . .

— Não encontraram nem os corpos. No lugar das casas encontrei um monturo de pedras. A terra tinha engolido tudo. Fiquei sozinho no mundo.

— Por que você veio trabalhar aqui?

— Que mais podia eu fazer, sozinho, sem família.

— Jonathan, você não respondeu a minha pergunta.

— Se eu estou descontente? Vou lhe dizer, Master Collier. Eu estou descontente, não por mim, mas pelos outros.

O engenheiro ficou abismado com aquela inacreditável manifestação de solidariedade irrestrita.

— Descontente pelos outros?

— Talvez o senhor não me entenda, Master Collier. Eu já não tenho mais nada, nem mesmo o descontentamento que todo homem deve sentir com o que recebe pelo seu trabalho. Mas estou aqui e sinto descontentamento pelos meus companheiros.

— Você está de miolo mole, Jonathan. Ou se está descontente por alguma coisa que nos fere, ou não se está. Não se fica descontente pelos outros.

— Talvez não. Talvez o senhor não fique, Master Collier. O senhor ainda pode ficar descontente pelo senhor mesmo. Mas eu. . .

— Tolice!

Gritos dilacerantes e guturais aspergiram medo pela noite como areia vitrificada rompendo-se ao sol. Collier jogou as plantas sobre a mesa e concentrou-se nos gritos horripilantes que vinham do dormitório.

— O que foi isso! — murmurou Collier.

— Foram os alemães — disse Jonathan com um som borbulhante de palavras ditas entre saliva.

— Estão armando confusão com quem, agora?

— Não estão armando confusão, senhor. Estão delirando.

— Delirando?

Jonathan estava atentamente estudando as reações do engenheiro.

— Uns dez alemães estão doentes desde ontem. Esconderam a doença, nada disseram ao médico.

Collier parecia ao ponto de explodir.

Doentes? Mas não é possível, com toda a medicação.. . Eles não estavam tomando a medicação. - Como não estavam tomando a medicação?

— Escondiam os comprimidos para venderem aos outros para os que temem adoecer aqui. Vendem cada comprimido por dois mil-réis.

— Comerciando a própria saúde — Collier não explodi, ria, estava assomado por uma incredibilidade maior do que sua cólera.

— Vinte e quatro mil-réis no final da semana.

— São uns animais, só pensam em dinheiro.

— Faça as contas, senhor. No final do mês dá um bom acréscimo.

Collier teve vontade de socar a boca de Jonathan porque a explicação dele lhe parecia obscena. Os urros eram terríveis e amoleciam o engenheiro.

— Você não está fazendo o mesmo, não é, Jonathan?

Collier pedia para a resposta ser positiva, só assim ele poderia cair como um animal sobre o barbadiano e transformá-lo num pedaço sangrento de gente.

— É claro que não, Mas ter Collier.

Desarmado em sua cólera represada, o engenheiro atravessou a porta da tenda e desapareceu na escuridão. Na ala do dormitório destinada aos alemães, Collier encontrou o médico atarefado, andando de um lado para outro, tão atônito quanto uma virgem que acaba de ser violada. Os enfermeiros, excitados, sustentavam candeeiros que tremiam no mesmo ritmo das chamas e iluminavam o emaranhado de redes fétidas, cada rede contorcendo-se em desvario. Os homens doentes, com expressões dementes, agarravam-se aos trapos que lhes serviam de coberta e contraíam os corpos que pareciam atravessados por descargas elétricas, os movimentos desordenados subindo à tona naqueles rostos deformados por instantâneos pesadelos e, sob os gritos lancinantes, submergir como evocados horrores. No meio daquelas vagas de redes em contorções o médico não parecia em condições de fazer muita coisa, está suado e perdido, a surpresa roçando seus gestos como o gelo derretido solenemente pelo calor fora de lugar. Ao ver o engenheiro, Finnegan agiu como se necessitasse de pedir desculpas pelo que estava acontecendo. Mas o velho Collier, também empurrado para o inesperado que lhe arranhava as perspectivas, não pôde se comprazer com a aparente derrota dele.

— Não posso compreender, senhor — Finnegan suplicava para ouvir uma recriminação.

Collier baixou os olhos e quase se arrependeu pois acertou com o olhar o rosto de um dos doentes que babava e grunia como uma estorvante realidade.

—Estão com uma febre altíssima — Finnegan falava com acidez do inesperado. — Não entendo como chegaram a esta situação.

— Eles procuraram. . . — Collier soltou a sentença na direção do rosto que se retorcia aos gritos.

— Com as doses de quinino que estavam tomando, isto não é possível. Não pode estar acontecendo.

— Eles não estavam tomando o quinino.

Finnegan ouviu o engenheiro e o que ele havia dito lhe parecia demasiado nebuloso e pálido. Não podia acreditar que aqueles homens tivessem se exposto deliberadamente, permitindo que o vetor depositasse através de suas glândulas salivares milhões de parasitas que agora infestavam em seu ciclo assexual, tecidos e corrente sangüínea. A lógica chapinhava no absurdo e Finnegan deixava o seu pensamento vaguear sob a pressão irremediável da impotência.

— Não é possível! — disse Finnegan. Collier absolveu-se naquela expressão do médico.

— Eles estavam vendendo os comprimidos.

— Só assim é possível explicar o ataque.

— E vão morrer, pode ter certeza — era o que Collier estava desejando: vê-los mortos como uma espécie de exemplo.

— Não morrerão se forem imediatamente levados para o Hospital da Candelária.

Os urros agora eram roucos e sumarentos de desespero. Pulsavam os delírios até sucumbirem ao oblívio da sensação de frio e tremores convulsivos da febre. Collier esfregava os cabelos com a mão num gesto perfeitamente firme.

— Se o doutor não estiver em condições de resolver o problema agora, neste momento, vamos ter de esperar amanhecer.

Seria uma noite de entorpecimento para Finnegan, ele velaria o delírio daqueles miseráveis que haviam negociado a própria saúde como se ela não passasse de um trapo imprestável. Já nem se sentia consternado, mesmo quando eles se contorciam e esbugalhavam os olhos soçobrando aos gritos como animais, as frases roucas e desconexas em alemão aspergidas como garatujas da inconsciência. E só ele e os enfermeiros se aproximavam dos doentes, além de Collier, que esperava por uma resposta.

— Não posso fazer nada. Trata-se de um ataque de malária falciparum. Os parasitas se localizaram no cérebro de cada um deles. Poderiam ter escolhido os intestinos, provocando diarréias. No cérebro o parasita provoca delírios. Logo entrarão em coma e morrerão. O tratamento desta forma de malária não é difícil,

mas aqui não tenho recursos. O senhor sabe que todo o meu trabalho aqui é preventivo.

— Quer dizer que eles vão ficar urrando?

— Até entrarem em coma. Sinto muito, não posso fazer nada para ajudá-los.

— Poderão urrar a noite toda, não é verdade?

— Não é possível precisar o tempo que resistirão delirando. Todos apresentam sinais de cachexia. . .

— Mas temos de ter pena de nossos ouvidos e dos ouvidos dos outros homens. Quando acontecem essas crises de alucinações, não há quem possa dormir com os gritos. E nós precisamos dormir.

—Todos precisam dormir, mas não tenho nada que possa acalmá-los.

— Eu sei, doutor. Mas podemos dar uma solução provisória para o problema.

Finnegan está intrigado, nas palavras do engenheiro há uma lassidão perigosa.

— Solução provisória! — disse Finnegan.

— Já fizemos isto algumas vezes.

Collier faz sinal para os guardas de segurança que prudentemente estão postados entre os caibros do dormitório, as armas descansadas mas à mão. Os guardas, como se já soubessem do que se tratava, estremeceram.

— Vocês aí, é vocês mesmo — gritou Collier. — Vamos amarrá-los nas redes.

Finnegan ouviu o engenheiro gritar a ordem e sentiu um golpe de vergonha e constrangimento. Como nada podia fazer com a sua medicina, abrira caminho para a secretada violência de Collier.

— Isto é uma barbaridade — disse Finnegan, o protesto a desprender-se de sua boca como por uma erosão.

— Não se intrometa — esbravejou Collier. . . Então, cada uma daquelas máscaras de desespero, pele macilenta e olhos estáticos como vidros incandescentes, teve o seu corpo segurado por dois homens, as reações nervosas petrificadas numa espécie de escultura produzida pelo gênio do grotesco, soberano naquelas paragens, e somente os uivos escapavam como que última caracterização de algo humano, enquanto outros guardas empacotavam os doentes nas dobras das redes, duas pétalas fétidas de urina e transpiração e logo passavam várias voltas de cordas numa espiral capturadora do frenesi das carnes anêmicas e ardentes de febre. Finnegan tratou de afastar os enfermeiros porque não queria partilhar daquela terapia aberrante e brutal. Os enfermeiros ainda seguravam os débeis candeeiros como turvos e desiludidos focos de iluminação, rodeando o médico que não queria realmente abandonar seus doentes por uma espécie de filamento de vergonha. Collier mostrava-se ativo, expelindo as ordens

no refluir da competência do médico.

— Amarrem com firmeza para que eles não tenham chances de escapar.

Antes de procederem as dobras da rede em torno do corpo do doente, um guarda enfiava trapos na boca uivante e completava o amordaçamento por uma espécie de tira de pano enrolado como um bridão sufocante. Os urros abafavam-se em névoas de respiração que emanava sofrimento.

— Cuidado para não tirar a respiração do desgraçado. Podem morrer asfixiados — recomendava o engenheiro.

Logo os doentes estavam atados em suas redes e na obscuridade da noite enluarada, teimavam em transgredir, a fúria dos músculos enregelados pela febre pulsando estertores que incandesciam, embora em silêncio, não inteiramente no silêncio, porque arfavam como cavalos à beira da morte após um louco galope no deserto, cada movimento teimando contra as cordas e dobras da rede, a moleza subitamente suplantada pelas cutiladas dos delírios. Os doentes nas redes pareciam larvas de algum inseto monstruoso, crisálidas prestes a romper-se e libertar alguma forma de pesadelo que poderia ser a projeção de cada um dos delírios que fluía e refluía como vagas de lama e vacuidade.

— O senhor queira me desculpar, mas não posso deixar e dizer que esta é uma das coisas mais repugnantes que eu já assisti.

Finnegan falou com a descorada coragem da impotência Collier respondeu com a fadiga.

Repugnante ou não, esta é a única maneira de evitar-se gritem a noite inteira, que passemos a noite em claro, ouvindo uivos de lobos humanos. E para quê? — disse Collier.

— Amanhã estarão mortos.

— Todos temos de morrer, com ou sem mordaça.

— Isto é assassinato.

— É bem possível! — Collier respondeu com severidade a acusação do médico. — Ponha isto no seu relatório.

— Engenheiro Collier, o senhor perdeu inteiramente a compostura. É um homem corrompido e gostaria de entendê-lo.

— Não se preocupe comigo, nem quero a sua compreensão.

— Nunca pensei que um homem civilizado pudesse descer tão baixo.

— Bravos, meu rapaz. Isto me alegra, é sinal de que ainda posso sobreviver a este inferno. E quanto a você, meu caro jovem, acho bom começar a perder um pouco de sua malcheirosa compostura e começar a descer para a cloaca em que agora está vivendo. Com o calor que faz por aqui, não fica bem andar arrotando composturas civilizadas.

Os ombros de Finnegan se encolheram num gesto de desalento. Collier

estava em terreno mais seguro do que ele com sua ansiedade para procurar o que lhe parecia o bem onde não havia mais do que desalinho e exploração.

— Volte para a enfermaria e procure dormir. A sua aparência, doutor, também não é nada boa.

O título de doutor ardeu mais do que o fato dele lhe chamar de "meu rapaz" e "meu caro jovem". Finnegan encontrava-se a quilômetros de distância de qualquer argumento razoável e eficiente para enfrentar a vivência do engenheiro.

— Se ainda estiverem vivos — interpôs-se Collier aos pensamentos que o médico tateava — amanhã providenciaremos a remoção deles para o Hospital da Candelária.

— Não vou para a enfermaria, prefiro ficar aqui e vigiar a situação — disse Finnegan.

— Como preferir — respondeu Collier, afastando-se.

Os enfermeiros estavam impacientes porque talvez não tivessem o privilégio de dormir aquela noite, depois de tanto esforço para silenciar os gritos dos doentes. Finnegan, vendo a intranqüilidade dominar os rapazes, fez um sinal para que se retirassem e fossem para a enfermaria, dormir, se era o que queriam. Os outros trabalhadores começaram a deitar em suas redes, caindo quase que diretamente no sono. Finnegan passeava por entre as redes dos doentes e quando olhou em volta, só os guardas permaneciam de pé, todos dormiam e o dormitório era a relaxada sinfonia do sono humano, a fadiga vencendo o medo, onde o único pesar, como uma armadilha inútil, estava na perseverança do médico. Horas depois, enquanto parecia ouvir estranhos ruídos vindos de algum lugar da floresta, uma cantoria, Finnegan adormeceu vencido pela solidariedade cansativa que lhe prendera ao pé de um mastro de onde bifurcavam redes em todas as direções.

Um instante depois do sono Nancy veio brincar perto dele e não havia surpresa. Finnegan tinha quatro irmãs, duas mais velhas, Flora e Cinthya, e duas mais novas que ele, Nancy e Katharine. Gostava de todas mas especialmente de Nancy, nascida um ano depois dele, uma garotinha meiga de cabelos escorridos e pernas compridas, sempre vestida em roupas folgadas e falando como se adivinhasse seus pensamentos e que morrera há quase dois anos, de parto. Nancy estava morta e não era nada estranho o fato dela vir brincar ali perto dele, nada mais lhe parecia estranho pois a lógica dos sonhos parecia ter se transferido para a vida diária e a platitude da vida invadira as imagens que vinham enquanto dormia. Nancy era um pouco responsável por ele estar se esfarelando como homem naquela terra ensandecida; fora pela morte dela, pela brutalidade do desaparecimento dela, que ele abandonara todos os indefinidos projetos para o futuro e seguira os chamamentos desafiadores e excitantes do Dr. Lovelace.

Nada se comparava àquelas possibilidades a serem vividas e que o sorridente Dr. Lovelace apresentava com virilidade e bom humor. Mas no final das contas, ele agira como um menino emburrado que preferia fugir de casa a enfrentar a realidade. E o que ele deixara para trás, além da morte de Nancy? Nada, nem mesmo a impaciência de sua garota sempre com seus delgados volumes de literatura debaixo do braço, a seda do vestido amarrotado porque adorava sentar nos gramados do campus para ler durante horas perdidas as poesias de William Blake, o rosto corando quando lhe tocava as mãos ou roçava os lábios em seus cabelos perfumados. Finnegan ainda lembrava como eram louros e finos cabelos dela, esparramados no tapete de seu quarto na Casa fraternidade, o ruído da festa lá embaixo, no salão principal, invadindo com graciosidade a intimidade deles. Ela tinha os olhos avermelhados e um pouco finos, como dois arcos por onde sua voz sussurrava, enquanto ele a despia sem pressa porque não havia necessidade. O corpo dela já tão conhecido as muitas curvas que se revelavam quando o longo vestido subia para ser retirado pela cabeça, sem que ela precisasse se levantar os seios inflados que ele tocaria mesmo depois de ter se perdido até o fim na entrada onde ela espumava, a voz acariciante suplicando que ele a invadisse mais, mais fundo, mais vigorosamente. Finnegan era rico o suficiente para não temer o futuro, podia descansar nesta morna facilidade das vidas preestabelecidas, como descansava na tristeza que lhe abatia quando se derramava no interior sumarento dela. Talvez o fato de ter sido sempre um rapaz sem problemas, com dinheiro no bolso estudando nas melhores escolas, usando as melhores roupas que nunca lhe davam o ar desleixado que gostava de aparentar, tenha preparado o tortuoso caminho que o conduziu à armadilha, caminho que ele encontrara com o pretexto da morte de Nancy. Toda essa carapaça que o dinheiro parecia oferecer não havia sido suficiente. Muito pelo contrário, ampliara a sua fragilidade ante as seduções. Ele sabia. Sua garota não era muito diferente das outras, as enfermeiras complacentes do hospital onde praticava. Era tudo igual. Nancy brincava como o Dr. Lovelace brincara com ele em Portland, um pouco surpreendido por ele estar ali disposto a aceitar um emprego na Madeira—Mamoré Railway Co., como um pescador que lançara a linha para atrair um bagre e fisgara um salmão. Depois do contrato assinado, num drugstore onde bebiam cálidas taças de chocolate, ele lhe falava sobre moléstias tropicais. "Você não deve conhecer a estória saborosa da Condessa de Chinchón? Claro que não, estou certo. Antes mesmo de sabermos a causa da malária, o tratamento efetivo já era utilizado com êxito." Lovelace falava com a impertinência adorável dos grandes vigaristas, mas Finnegan só conseguia captar o fascínio que evolava da fumaça azul do cachimbo dele. "Condessa de Chinchón? Sim, era uma bela mulher da nobreza espanhola, tão bela que a lenda

se recusou a descrever esta beleza e deixou que nós a imaginemos com liberdade. Eu gosto de imaginá-la uma mulher ainda jovem, beirando os trinta anos, ombros pálidos que nunca conheceram o sol embora vivesse nos trópicos, porque sempre se protegeram nas sombras de alcovas barrocas, nas grandes camas de colchões de penas de ganso e alvos lençóis de cetim, ou em salões espelhados e colunatas de mármore e capitéis jônicos dourados. Dizem que ela viveu no Peru, por volta de 1630, um ano de galanterias numa colonização já estabelecida, a prata dos Andes abarrotando porões de naus e os tesouros j rei, financiando extravagâncias, especiarias de sensações divinas perfumes exóticos, tecidos oriundos de remotos quadrantes da Ásia e que chegavam na península Ibérica no dorso de camelos. Você está me seguindo?" Finnegan acompanhava, é claro. "Quando os amantes dela chegavam, encontravam a condessa impudente, umedecida por um suor gélido, sobretudo quando os encontros se davam em certas horas antes do crepúsculo. O corpo desta impenitente dama tremia, ela exsudava, como se a lascívia a dominasse em cada fibra, cada centímetro de pele devorado por um fogo que lhe gelava e aquecia a paixão do amante. Ela queimava mas o frio que sentia resistia e a paixão jamais se consumia. Cansada no final da tarde, sem mais ninguém ao seu lado na cama, ela amedrontava-se porque a cabeça começava a doer e parecia estofada de sangue dardejante. Mas não era por remorso que a cabeça doía, ela estava doente e não sabia. A febricitante sensação que sentia nas horas do crepúsculo eram sintomas de febre da malária durante o momento mais intenso da infecção. O estágio de frio no corpo não era a véspera do encontro, a antecipação do toque do amante, era a malária. O calor que a febre trazia, não era o calor dos corpos apaixonados, era a malária. O suor que deslizava sobre a sua pele, não era o suor do amor realizado com ardor, era a malária. Até que durante uma semana ela foi obrigada a se retirar de Lima e não contou com seus amantes para os êxtases de fins de tarde, mas os ataques aconteceram e ela soube que estava possuída por alguma coisa que não era luxúria. Um feiticeiro índio foi chamado e lhe ofereceu uma infusão preparada com a casca de uma certa árvore. A condessa se recuperou, não voltou a sentir as sensações, embora voluptuosas, dos finais de tarde. Seus amantes, quando ela voltou a Lima, encontraram uma mulher menos febricitante mas saudável. E em homenagem à sua cura, a árvore cuja casca o feiticeiro cozinhou a infusão foi batizada de árvore de Chinchón. O princípio químico mais ativo nesta árvore seria a base e toda a terapêutica para a malária: o quinino." Finnegan seguia as palavras de Lovelace. E mais tarde? Só eloqüência, porque Lovelace era como um latino, manipulava as palavras pelas palavras. Nada de ardores de uma condessa espanhola nos braços de seus amantes. A malária era terrível, insidiosa, saltava como um arrombador experimentado, reduzia os

homens a farrapos amarelecidos com seus parasitas secretando pigmentação nas células e viajando na corrente sangüínea. Mas máscaras daqueles homens a fábula da condessa era de uma opacidade atroz. Nenhuma novidade, velho patife, só a imunda rotina do trabalho. E a moça? Nancy? Não, a moça que tinha chegado desacordada. Já estava se recuperando. Ele a colocara numa cama, arrumara os biombos protegendo-a, despira os trapos de roupa, lavara com desinfetante o corpo arranhado e ferido pelas folhas e espinhos da selva. Era uma mulher linda. Será que a falta de mulher começava a se mostrar em sua urgência. Ela tinha o corpo lindo e estava deitada, dormindo, não desacordada, dormindo. Em estado de choque mas dormindo, os seios subindo e descendo com a respiração. As pálpebras semicerradas em meio olhar no sono nebuloso de uma mulher cansada que correra na escuridão da floresta. Quem era ela? Ele não sabia. Ela não tinha nome. Condessa de Chinchón? Bem poderia ser porque murmurava frases em castelhano e um nome masculino. Seu último amante? O nome do feiticeiro salvador? Ela estava agora limpa, livre dos farrapos, vestida numa muda de roupas masculinas. A camisa era dele, a calça também. Estava usando um pijama listado azul que ele trouxera na bagagem e nunca o usara, porque dormia semi vestido para qualquer emergência. Às vezes a moça abria os olhos, os escuros olhos rapidamente abertos com uma ansiedade fugidia que o desconcertava. Ela estava ali inerte e entregue, ressonando e alimentando-se sem realmente acordar, quase uma semana já havia passado desde que ela chegara. Ela o atraía? Sim, mas ele não devia. Aos poucos ela iria libertando-se do estado de choque e retirando-se do limbo frio da inconsciência. Ele tinha certeza de que ela experimentara algo traumatizante, alguma coisa terrível o suficiente para expulsá-la da vida. 0 que estaria ela fazendo na floresta? Além daquele corpo incrivelmente feminino, tudo mais era uma massa informe, uma memória fechada, sem nome, muda, mutilada de seu passado. Ela abria a boca e alimentava-se, seca, engolindo, direta, a saliva nos lábios acariciados pela língua inchada. Os segredos dela o incitavam. Ou excitavam? Incitavam a curiosidade, ele acreditava. Finnegan deixava-se estranhamente ficar confundido durante horas, olhando para ela. Os segredos não pulavam para fora, permaneciam escondidos escravizando ele, dominando a sua vontade. Era um lampejo do inesperado como as conversas com o Dr. Lovelace eram lampejos românticos. Mas ela estava ali, existia, ele podia senti-la quando a examinava, quando passava água no rosto dela ou auscultava em busca de algum sopro maléfico do interior daquelas formas queimadas de mormaço. Mas havia o outro paciente, igualmente inesperado, o índio de mãos amputadas. Os homens tinham se vingado por uma sentença brutal, islâmica. O ladrão de pequenos objetos, de tocos de lápis, de canetas, de lenços, de canivetes, de espelhos, sentenciado,

agora chorava constantemente numa emocionada passividade. Ele inocentemente provocara tragédias ao roubar coisas insignificantes que só tinham valor para homens tão miseráveis que um toco de lápis era como uma lâmina de ouro. O índio se salvara por um desses milagres inesperados. A vingança dos homens não se limitava obviamente à decepação das mãos, queriam mais. Queriam matá-lo, fazer o machado descer outras vezes até transformá-lo em postas de carne. As mãos decepadas a machadadas tinham sido apenas um prelúdio de novos golpes, interrompido pela chegada do engenheiro com a guarda de segurança. Finnegan nem esperava salvá-lo. Os golpes haviam derramado muito sangue, uma grotesca fonte esvaindo-se era o que ele era quando chegou na enfermaria, debilitado e lívido. E Finnegan não contava com nenhum tipo de equipamento para aquele tipo de cirurgia de emergência. Foi obrigado, quase por inércia, a trabalhar naquelas extremidades seccionadas, lutando para estancar a hemorragia e fechando os vasos que se abriam como minúsculas bocas que ao invés de gritar vomitavam sangue. Levou três horas para unir rudimentarmente os tecidos que já estavam retraídos até conseguir cobrir novamente os ossos expostos. Mas o índio estava resistindo e poderia sobreviver. Era espantoso, sem nenhuma transfusão, nada, como se uma outra força o sustentasse e retirasse de algum lugar o sangue perdido. Ele sobreviveria se as feridas não gangrenassem, não era uma visão particularmente boa, os braços cessavam no meio e terminavam em bolas de carne inchadas e vermelhas. Era curioso como os dois inesperados pacientes nunca falavam; gemiam, choravam, toas nunca articulavam nenhuma frase. O índio se aventurava a abrir os olhos e a observá-lo com medo, ignorando totalmente as verdadeiras intenções de Finnegan cada vez que era obrigado a aproximar-se dele para um curativo ou uma verificação. O medo do índio era incômodo mas compreensível. A indiferença e o abandono da moça feria mais, incomodava mais. Quando s noites mornas chegavam, Finnegan se dedicava aos pacientes até que a fadiga o vencesse. Então, Nancy vinha brincar perto dele, de sua cama, e era como se o tempo usurpasse a lógica das coisas. Ele pretendia enviar os dois pacientes na primeira oportunidade que aparecesse. No Hospital da Candelária eles receberiam melhor tratamento e o índio poderia passar por uma nova cirurgia e até ganhar uma indenização da Companhia e um par de próteses. Finnegan sabia que já tinham acontecido fatos semelhantes antes dele chegar ali. índios que haviam sofrido amputações no Hospital, uma perna que gangrenara por algum motivo e que fora substituída por uma prótese de látex vinda dos Estados Unidos. Enquanto não 1 surgia a oportunidade de tirá-los do Abunã, ele lutava para mantê-los vivos, sobretudo o índio que tinha sofrido um traumatismo físico violento. A moça já estava fora de perigo, os golpes superficiais estavam sarando e ela talvez precisasse mais de atenção do que de

remédio. Nancy, que já estava morta, vinha brincar perto de sua cama e ele não queria quebrar o sortilégio. Não havia silêncio no Abunã e aquele sonho era como uma especial carícia da memória. Naquela noite Nancy veio e debruçou-se sobre seu peito, as roupas folgadas querendo cair do corpo dela como uma pele supérflua. Finnegan abriu os olhos, no lusco-fusco da madrugada sentiu uma respiração enregelada perto de seu rosto e se virou assustado. Ouviu vozes sibilando numa conversa distante e a respiração não passava da aragem matinal. Os negros barbadianos estavam sentados em suas redes enquanto os outros trabalhadores ainda dormiam porque o sol apenas anunciara o dia com alguns raios violetas nas nuvens. Finnegan levantou e seus membros doeram, entorpecidos. Tinha sido besteira passar a noite ali sentado, nem sequer conseguira dormir realmente. Procurou esticar o corpo e ativar a circulação movimentando os braços e as pernas. Viu quando Jonathan pulou de sua rede e caminhou para perto dele.

— O senhor dormiu aí, doutor?

— Dormi.

— Eles estão bem?

— Não sei, ainda vou examiná-los. Se algum doente seguiu sobreviver foi por muita sorte.

— Geralmente não sobrevivem.

— Você já viu isto outras vezes, Jonathan?

— Já vi, doutor. Quando um doente tem delírios ele *é* amarrado e amordaçado para não perturbar o sono dos outros.

— Isto é uma barbaridade.

— Doutor, eu gostaria de lhe falar.

Não havia nenhuma agressividade em Jonathan, nem mesmo uma esperada solidariedade para com os sentimentos do médico. O barbadiano não dava a menor importância ao fato doentes estarem brutalmente amarrados. Finnegan deixou e o entorpecimento de seus membros escoasse rápido pela testa da indiferença que começava a lhe dominar.

—Vim aqui para lhe explicar por que não permitimos que os nossos mortos sejam tocados — disse Jonathan, sem nenhuma ironia embora aquilo não deixasse de vir carregado com um involuntário humor negro. — Quero lhe falar a pedido de Master Collier.

— Foi ele que mandou você falar comigo?

— Ele não mandou, pediu.

— Eu estou muito cansado agora.

— Eu sei, senhor. Mas logo começarei a trabalhar.

— O dia está nascendo — disse Finnegan, respirando a névoa fria da

madrugada.

— O senhor na certa não acredita em vodu?

— Vodu? É uma religião, não estou certo? — Finnegan decidiu ser diplomata.

— É a nossa religião, senhor.

— Pensei que fossem protestantes, anglicanos.

— Não senhor. Talvez eu devesse dizer que somos católicos mas o senhor não acreditaria.

— Católicos?

— Não é comum em Barbados, senhor. O senhor conhece a história de Barbados?

— Não, não conheço.

— Mas sabe que quase todas as ilhas dali estão povoadas pelos negros. Quando os negros chegaram nas ilhas como escravos, os índios já estavam mortos, dizimados pelos brancos.

— Tenho uma vaga idéia sobre isto.

— Os negros também tinham as suas tribos, como os índios, e suas religiões. Nós somos descendentes de uma dessas tribos, os fons.

— Como é que você sabe de todas essas coisas, Jonathan?

— Eu sou um hougan.

— Você é o quê?

— Sou um sacerdote do vodu, é minha obrigação saber tudo, embora já tenhamos esquecido de muitas coisas.

Esgares de delírios, navios negreiros, condessas, anjos negros em forma de serpentes, Jonathan contava a história de seu povo. Os mortos-vivos, mais livres em sua prisão além da vida que os vivos escravizados pelo plasmódio falciparum. Nada mais poderia aturdir o médico, ele se pensava livre de sustos para todo o sempre. O relato de Jonathan como um sibilante estrépido silhuetando memórias prismáticas de ontem e revolvidas legendas. Parábolas e sacrifícios de animais, as palavras tingidas que se afrouxavam em seu cansaço como quebradiças anedotas vingativas. Ele sabia que os doentes estavam mortos depois do estado comatoso, quando os pesadelos se apaziguaram na fímbria da anulação, a paralisação cardíaca asfixiando os cérebros, nas redes não encontrariam mais do que granidos corpos no rigor mortis. E Jonathan se abandonava no enlevo de sua tradição, porque os mortos podiam voltar animados pela ganância, embora a lógica alerta do médico recusasse a acreditar no que para ele não passava de fantasia primitiva. E quase gritou para Jonathan: o pior de tudo é ser explorado em vida porque depois da morte, quando já a vida se distanciou sem retorno, o corpo nem é mais um espectro do que fomos. Meu

Deus, pensou Finnegan com adicionada dose fervente de maldições, a idiotia do homem é uma doença incurável.

7

O Ministro Seabra, o J. J., como era carinhosamente chamado por seus correligionários, era um político muito especial que não viera de baixo, abrindo o espaço de seu prestígio aos pequenos golpes dos que saíram da mixórdia e ascenderam pela ambição. Era um homem que sempre fora grande, rico, de temperamento forte, destemido, franco e autoritário por sua formação de um homem ligado à terra, embora já pertencesse a uma geração de citadinos senhores de engenho, que conheciam mais facilmente o bouquet de um vinho que o odor adocicado do mel fervendo nos grandes tachos. A sua ligação mais óbvia com os heróicos tempos dos engenhos e casas-grande estava no seu porte másculo, cabeça sempre erguida com não dissimulada arrogância e as grossas sobrancelhas negras pareciam estar ali na testa para proteger do sol forte do sertão 5 olhos castanhos aguados de intricadas permutações genéticas ibéricas e africanas, sem esquecer uma tataravó índia que um pintor francês itinerante havia retratado, ainda no século XVIII vestida em coloridos costumes portugueses, como uma camponesa da Estremadura, mas os lóbulos das orelhas cortados e esticados sustentando batoques e o rosto apergaminhado e moreno sulcado por escarificações rituais. Esta pintura emoldurada em ouro, quase opaca pela poeira do sertão, estava pendurada em seu gabinete de trabalho na mansão onde vivia agora, nos altos de Santa Tereza. O Ministro Seabra estava sentado em seu gabinete, as janelas abertas para os morros recobertos de verduras e para os íngremes caminhos por onde velhos europeus, alemães, ingleses, cedo estavam passeando com seus cachorrinhos de raça. Era um dos poucos brasileiros que morava em Santa Tereza, local de sanatório de tísicos e retiro de aposentados do velho mundo que ainda tentavam uma última união do calor dos trópicos com a amenidade temperada das primaveras de seus países. Santa Tereza era um refúgio e ele gostava disso, da solidão e da sensação de se deixar vagabundar acima da cidade, agora uma vítima da modernização iniciada por Passos, as nuvens da poeira e caliça das inúmeras demolições subindo para o céu sempre azul e as novas avenidas largas margeadas pelos andaimes das novas construções. Naquela casa de três andares numa encosta de pedra cinzenta sarapintada de bolhas branquicentas, morava ele e sua mulher, uma criadagem pequena e a sensação de estar longe da azáfama administrativa do Catete, o silêncio quebrado pelos insetos e passarinhos, as lufadas de vento vindas do mar

sacolejando as janelas em seus caixilhos. Sua mulher era uma moça nascida e criada em Salvador, branca, cabelos louros recordando a invasão holandesa, uma sagacidade minuciosamente calvinista que ele não conseguia explicar porque fora criada em colégios de freiras. Ela tinha sido muito ardorosa, quase faminta de sua companhia, um esteio em suas decisões políticas mais ousadas, mas que agora começava a declinar com a chegada da meia-idade abandonando-se nas roupas caseiras e desde que ele peitara pela segunda vez participar de um Ministério, recusando-se a acompanhá-lo nas cerimônias públicas. Seabra ainda tinha a mesma adoração por ela, a estatura baixa que o corpo longilíneo disfarçava e os louros cabelos lisos tornavam mais esguia e insinuante. Continuava a adorar na esposa a velha sagacidade que produzia julgamentos instantâneos das pessoas coisa que ele geralmente nunca conseguia, mesmo convivendo semanas, e que lhe serviam para proceder como político. Ela sumia em sua alcova e ali se distraía lendo romances franceses, fumando escondida cigarros americanos tipo virginia que exalavam uma fumaça doce e tépida e formavam uma nuvem no teto do quarto fechado. Quando ele entrava na alcova para dormir ou para tentar convencê-la a lhe acompanhar a alguma solenidade, suas narinas ardiam naquela fumaça que estava quase fazendo parte do cheiro dela. Ela era uma fumaça, corno aquela casa era uma tênue fumaça longe das ante-salas do Catete com seus burocratas sebentos e perfumados e seus militares repletos de alamares puídos e botões de cobre azinabrados. Seabra tentava ler um processo volumoso em busca de um despacho político que deveria ser encaminhado impreterivelmente aquela tarde ao presidente. O processo se referia a um nebuloso contrato com diversas empreiteiras para a construção de escolas públicas em três Estados nordestinos. A propósito daquele processo, o seu gabinete, no dia anterior, tinha recebido inoportunas visitas de deputados e senadores das bancadas daqueles Estados. A construção das escolas não significava o aprimoramento do ensino no país, os políticos que o tinham visitado, com seus ternos amarrotados e chapéus passando de uma mão à outra, sabiam que cada escola significava um determinado número de votos e era esta matemática eleitoral que lhes movia, obrigava-os a vir até seu gabinete e perorar hipocrisias e vulgaridades que ele ouvia entre o abraço na entrada e o aperto de mão na saída, com a incrédula certeza de que também já fizera isto muitas vezes. Mas não era o problema da construção de escolas, nem mesmo o despacho, obviamente favorável, que lhe inquietava. Estava decidido a conceder o que os políticos nordestinos aspiravam e abrir a concorrência pública para as referidas obras, deixando felizes meia dúzia de luzidios chefes regionais que regateariam votos para o governo na próxima eleição, brandindo revólveres e não cartilhas. E ele que se preparava para concorrer ao cargo de governador da Bahia, estaria

assim preparando terreno sólido, amealhando correligionários fiéis para o momento em que teria de enfrentar as forças da situação naquele Estado. O que lhe inquietava era a insistência de sua amante, que ele pensava, até então, ser uma frívola garota de pele branca e rosto corado, filha de emigrantes portugueses, que ele retirara de um cortiço em Mata Cavalos, onde ela vivia nos fundos de uma quitanda fétida e agora subitamente modificada por exigências novas que ela defendia com o mesmo espírito implacável e calvinista de sua legítima mulher. Além do interesse por ferrovias e locomotivas, a garota andava falando em construir uma casa nos confins de Botafogo, queria viajar, conhecer o mundo, e mais estranho ainda, estava lhe pedindo para abrir um depósito bancário. Sobre a mesa onde estava trabalhando, lendo sem concentração o processo, ele podia ver o recorte de jornal que ela havia lhe dado na noite anterior. O recorte era uma notícia despachada de Nova York e falava sobre a construção da Madeira—Mamoré, obra em andamento na remota floresta amazônica. Quando o expediente do ministério acabava, por volta das seis horas da tarde, Seabra visitava sua amante, antes de subir para o refúgio de Santa Tereza. Ele alojara a garota numa casa baixa e discreta em São Cristóvão e ali chegava em sua vitória puxada por dois cavalos, num trote de vinte minutos. A casa era modesta, recuada e protegida por um estreito quintal cheio de fruteiras que os moleques cobiçavam e, nas tentativas de roubar as frutas, divertiam sua amante durante o dia em que ela passava sozinha, na companhia de uma criada. Sua amante estava com dezenove anos mas começava a pensar como uma mulher madura, e isto ele não estava gostando nada. Quando ele lhe perguntara porque havia recortado a notícia sobre a ferrovia — e ele nem suspeitava que ela lesse jornais para tomar conhecimento de tais fatos —, ela se limitara a abandonar-se num sorriso de dentes alvos, sem nada dizer, recostando-se no travesseiro e estirando as pernas torneadas e róseas, numa semi-abertura que recortava a rotundidade de sua fenda ricamente guarnecida de encaracolados pêlos alourados. Ele não insistiu e viu quando o recorte foi colocado no bolso e seu paletó, pendurado no encosto de uma cadeira próxima da cama, gesto que ela nem sequer precisou mudar de posição, esticando o braço até depositar o papel dobrado como às vezes azia para tirar dinheiro. Depois de fazerem amor, ele observou 0 rosto da amante que fingia dormir uma fria obstinação distante da graciosa passividade dos primeiros tempos.

O texto do recorte ele já lera uma centena de vezes, era insípido e perturbador, podia apenas suspeitar do que realmente significava. A ferrovia em construção era uma obra ligada aos interesses de capitalistas norte-americanos, gente que tinha andado soltando dinheiro para a oposição. Era coisa de Mackenzie com os seus negrinhos de estimação. Da parede sua tataravó índia o

observava com a apaziguada empatia tristonha de quem já não podia dar respostas. Como descobrir onde estava a armadilha? Era uma armadilha, sem dúvida? Seabra não se enganava, seus anos de equilibrismo na vida pública aguçaram de tal modo os instintos que ele podia farejar Mas farejar não era chegar ao problema, contornar a armadilha ou usá-la em proveito próprio. Ele não podia recorrer à esposa e mostrar-lhe o papel amarrotado. As mulheres tinham um sexto sentido e era capaz dela perceber algum odor da rival entranhado naquilo em que ele não via mais do que propaganda insípida. Propaganda! Ninguém mais ouvira falar daquela ferrovia, os jornais tinham silenciado a peso de subornos como o próprio contrato de construção da obra, ele sabia, tinha sido conseguido através de subornos e negociatas. E agora ali estava novamente a ferrovia, ressurgindo de três anos de silêncio planejado, classificada de obra monumental, orgulho da técnica. Mas o que tinha a sua amante a ver com tudo isto? Quase ninguém sabia que ele tinha esta amante em São Cristóvão, nunca aparecia em público com ela, refreava as confidencias com amigos, mesmo os mais íntimos. Além do mais, o Marechal Hermes era um homem de rígidos padrões morais, jamais toleraria este tipo de prevaricação. O presidente costumava lhe elogiar a fidelidade à esposa, reprovando duramente certos senadores, deputados, seus correligionários, mas que se deixavam seduzir pelo poder e melifluamente desfilavam cercados de cocotes ou morenas doidivanas. O presidente era implacável em relação a certas condutas morais de seus auxiliares próximos, afastara até um velho camarada de armas, o jovial Major Quitanilha, por ter abandonado a mulher para viver com uma moça alemã do Espírito Santo. Nem os argumentos de pureza da raça, pois o major casara com uma senhora de evidente descendência afro, convenceram o inarredável marechal. Somente aos mais jovens e solteiros, com discrição, era permitido, visitar a casa de Tina Tatti, ou a de Eudóxia, sem merecer a fúria do primeiro mandatário da nação. Por este motivo, e pela natural inclinação sedentária de provinciano inadaptado aos costumes da Capital Federal, Seabra procurava dissimular suas escapadas conjugais. A garota da casa de São Cristóvão não era a primeira, nem seria a última. Ele não freqüentava com assiduidade os lugares da moda, quase nunca era visto no Clube dos Políticos, na Praça Tiradentes, ou nos clubes de luta romana que se espalhavam as imediações da Avenida Central. Não era homem de jogatinas, nem dos salões literários que achava maçantes e afetados demais para a sua verve sertaneja ancestral. Algumas vezes freqüentara com a esposa, logo que se instalara no Rio de janeiro, o famoso salão de Dona Laurinda Santos Lobo, na mesma Santa Tereza onde morava. Uma seleta freqüência que se reunia todas as noites para conversas vazias, leituras de sonetos ou audições de piano, bebericando Tokai. Naquele salão, oriental e

barroco, transitava o Barão Homem de Melo, o Conselheiro Ataulfo de Paiva, celebridades de passagem pela cidade, como a bailarina Isadora Duncan ou o poeta Paul Adam. Sua esposa também não partilhava dos mesurosos costumes daquela gente enfeitada, sentava-se calada e retraída numa cadeira, observando as sedas douradas da China, os tapetes persas, os bronzes e jades representando figuras do panteão confucionista ou seguindo sem interesse algum poeta de cabelos esvoaçantes e palidez feminina recitar alguma obra recém-produzida. Seabra, com seu faro, associava esses ambientes com o cheiro edulcorado da baunilha, e foi aos poucos deixando de freqüentar, de aparecer. Seu nome nunca era citado pelos cronistas mundanos, a não ser quando se dignavam a comentar algum fato político. Queria estar longe dos *blasés,* do esnobismo e requinte forçado da *jeunesse dorée,* gente que muitas vezes nem dinheiro tinha e que sustentava apenas fachada, mortos de fome engalanados de jóias espalhafatosas, madrepérolas, lápis-lazúlis, platinas, ocres e pó-de-arroz. Ele era um reservado, um político profissional que assumira duas vezes o cargo de ministro, um homem realmente rico, com uma fortuna sólida que vinha de gerações de Seabras que haviam tirado toda aquela opulência dos agrestes sertões de Pernambuco, enfrentando indiadas ferozes, negros revoltados, jagunços, holandeses, piratas de nacionalidades diversas, para que um dia o jovem Seabra estudasse direito em Recife, tornando-se ali mesmo professor, pensador republicano exaltado com a Redução Americana e inimigo dos oligarcas passadistas que teimavam em permanecer no poder, caindo de podridão e nepotismo, sem permitir a ascensão de novas idéias. De Recife ele sairia para a Capital Federal mas não se renderia aos gestos langues dos cosmopolitas cariocas, era uma político e não um *raffiné,* não usava paletós surrados mas continuava se vestindo como se vivesse no Recife, sóbrio em seus ternos brancos sem requinte. Por todos esses fatos ele não conseguia compreender como haviam descoberto a sua amante e a estavam influenciando para lhe arrancar algo que ele mal podia suspeitar. E não era coisa do velho Mackenzie, o trabalho estava sendo realizado com uma sutileza maquiavélica que o americano não cultivava. Mackenzie, ele bem o conhecia, era homem direto sem subterfúgios. Se queria alguma coisa, não fazia rodeios entrava nos gabinetes e duas frases cordiais depois já estava fazendo a sua oferta, às claras, era aceitar ou recusar. Mas o recorte indicava a presença de Mackenzie, e ele investigaria isto, cautelosamente, sem mudar a sua rotina, pois sabia que em todos os perigos há sempre a possibilidade do ameaçado sair ganhando alguma coisa.

Naquela mesma manhã, mal chegou ao seu gabinete, enviou um mensageiro ao escritório de Alexander Mackenzie, convocando o americano para uma reunião extraordinária da Comissão dos Problemas de Eletricidade, a ser

realizada impreterivelmente às onze horas no salão de conferências do ministério que dirigia.

A Comissão dos Problemas de Eletricidade só existia formalmente e nunca era reunida. As poucas vezes que seus membros se encontravam para uma reunião, tratavam geralmente de algum pedido de concessão para novas usinas ou dilatação de prazos que beneficiavam os grupos econômicos ali representados. A intenção de Seabra era abordar Mackenzie após a reunião e tirar tudo a limpo. Levaria o americano para o seu gabinete e sem maiores conversas tiraria do bolso o recorte e colocaria em cima da mesa. Se Mackenzie estivesse envolvido em alguma coisa, compreenderia imediatamente e se manifestaria. Mas o mensageiro retornou com a notícia de que Mister Mackenzie não se encontrava no Rio de Janeiro, viajara há três dias para São Paulo e ninguém sabia informar ao certo quando retornaria. Para complicar, viria no lugar do americano um outro gringo, um tal de Adams Mackenwieks, que ele conhecia como ex-funcionário da Embaixada Americana e atualmente gerente geral do conglomerado de negócios de Mackenzie. Como os americanos sabiam da pouca importância de tais reuniões, o fato de estar vindo um representante significava que havia realmente alguma coisa no ar. Ele estava decidido a aguardar a volta de Mackenzie porque não confiava no tal de Adams, casado com uma brasileira e freqüentador do mundano salão do palacete de Sampaio Araújo, na Voluntários da Pátria. No entanto, quando a reunião acabou, depois de vinte minutos de prosa sobre um novo sistema hidrelétrico de geração de força, Adams não se retirou com os demais e permaneceu em sua cadeira. Seabra fez sinal para que ele o acompanhasse até o gabinete.

— Algum problema em São Paulo? — perguntou Seabra.

— Não, nenhum problema. Mister Mackenzie está fazendo uma visita de rotina.

— Quando ele retorna ao Rio?

— Possivelmente no final da próxima semana.

Era muito tempo, Seabra não podia arriscar tanto, os maledicentes poderiam pôr tudo a perder porque no Rio de Janeiro os escândalos se espalhavam como uma epidemia. Olhou para Adams mas não encontrava ressonância de sua inquietação, o americano tinha sido treinado para nunca deixar os outros saberem o que estava pensando. Costumava se fazer de desentendido quanto aos desejos dos outros, sobretudo autoridades do governo. Seabra, impetuoso, tirou do bolso do paletó o recorte de jornal e colocou em cima da mesa. Fez isto contra a vontade e sabia do risco que estava correndo. Mas o americano não se abalou, observou o recorte amarfanhado e nem ao menos piscou. Depois de alguns segundos em completo silêncio, Adams falou.

— Senhor ministro, sinto muito que Mister Mackenzie não esteja neste momento no Rio de Janeiro.

Seabra deu de ombros e começou a dobrar o recorte para colocá-lo outra vez no bolso do paletó.

— Certamente — continuou Adams. — Certamente Mister Mackenzie teria a maior satisfação em ouvi-lo. Eu sou apenas um funcionário subalterno, sem poderes de decisão. Mas sou também um homem sensível e aprendi a conhecer os brasileiros, o senhor ministro deve saber que sou casado com uma moça brasileira.

— Eu sei — respondeu secamente o ministro.

— E por conhecer os brasileiros, é que percebo que neste momento o senhor ministro está precisando de nós, isto é, de alguma coisa que Mister Mackenzie talvez possa ajudar. Minha humilde posição talvez me proíba de suplicar pela confiança do senhor ministro, é uma pena que eu não possa ajudar Vossa Excelência se algo estiver ao alcance de minhas possibilidades.

— Gostaria de falar urgente com Mackenzie — disse Seabra com grande dificuldade, como um homem que se entrega.

Adams sorriu, um sorriso compassivo e humilde:

— Encontra-se na Capital Federal um homem que é como se fosse o próprio Mister Mackenzie. Ele poderia conversar com Vossa Excelência se o senhor ministro se dignasse a recebê-lo. Ele poderia encontrar uma maneira de ajudar Vossa Excelência e seria tão discreto quanto Mister Mackenzie.

Seabra preparou-se para ser inesperado e arrasador, não podia tolerar que um mísero subalterno viesse lhe fazer veladas ameaças.

— Sr. . .?

— Adams.

— Sr. Adams, não acredito que a convivência com os brasileiros lhe tenha sido de muita utilidade.

— Não entendo, senhor ministro.

— O que lhe faz pensar que estou precisando de alguma ajuda de Mister Mackenzie?

O americano corou e abriu a boca sorvendo um longo trago de ar:

— Eu suspeitei, uma suposição, senhor.

— Ninguém está necessitando de ajuda, Sr. Adams. E se eu estivesse atravessando alguma dificuldade, não seria Mister Mackenzie ou qualquer outro americano que iria me ajudar. Muito menos eu estaria atrás deles para lhes pedir ajuda.

— Queira desculpar, senhor ministro. Eu não pretendia ser impertinente, longe de mim semelhante ousadia. Mas o senhor o tempo todo parecia sugerir

que queria alguma coisa de nós, isto é, de Mister Mackenzie. Assim, como estou aqui como representante legal dele, decidi ouvi-lo.

— Agradeço a vossa preocupação. Realmente necessito falar com certa urgência com Mister Mackenzie. Só com ele...

— O senhor ministro poderia falar com Mister Farquhar.

— Farquhar?

— O nosso diretor-presidente, está no Rio.

— Acho que já nos conhecemos.

— É um homem tão compreensivo quanto Mister Mackenzie, e tem todos os poderes, é o dono, o chefe, o senhor sabe.

— Eu sei muito bem quem é Mister Farquhar. Acho que ele poderia substituir perfeitamente Mackenzie. — Seabra pensou por alguns segundos e depois sorriu. — Talvez até seja melhor que seja exatamente ele a ouvir o que eu tenho a dizer.

— Terei o máximo prazer em comunicar isto a Mister Percival Farquhar e combinarmos um encontro.

— Preciso consultar a minha agenda, aguarde um instante.

— A vontade, senhor.

Seabra abriu um luxuoso caderno encadernado em couro tratado em pirogravura, folheou lentamente, passando o dedo indicador pelas linhas repletas de anotações numa caligrafia pequena e torneada. Levantou a cabeça no momento em que seu dedo descobriu uma linha em branco.

— Muito bem, diga ao Sr. Farquhar que temos uma audiência amanhã, às dezessete horas. — Seabra retirou o dedo do caderno e desceu a mão com força, como se fosse dar um tapa sobre a mesa, batendo vigorosamente sobre uma campainha.

Um oficial de gabinete entrou apressado, olhando subservientemente para o ministro, mudo, esperando as ordens.

— Acompanhe este cavalheiro.

Adams levantou-se, decepcionado e sem ao menos poder completar o frustrante final de entrevista com algum comentário espirituoso. O oficial de gabinete caminhou até a porta e abriu uma das bandeiras, dando passagem ao americano. Quando Adams estava para sair, ouviu a voz do ministro.

— Sr. Adams! Diga ao seu patrão que ele acaba de perder as concessões do Paraná.

Adams estacou como que fulminado por um raio, esfregou as mãos e curvou-se num rápido cumprimento de despedida, escondendo as faces lívidas enquanto se retirava rapidamente do gabinete, quase correndo. O oficial de gabinete fechou, por fora, a porta, e deixou Seabra sozinho, rindo com a aparente vitória.

Então tudo não passava de manobras sórdidas daqueles americanos. Ele iria mostrar quem estava precisando de ajuda. Os americanos pensavam que tinham descoberto uma fenda em sua administração, em seu caráter. Mas não se considerava um homem vulnerável porque nenhuma mulher iria atravessar o seu caminho com caprichos infantis. Ele sabia que os americanos estavam tentando de alguma maneira penetrar no novo governo. Estavam afastados das benesses do poder com a posse do Marechal Hermes. Corriam boatos de que tinham soltado dinheiro para a malograda "Campanha Civilista" do velho Ruy Barbosa. Pensou em Ruy, seu inimigo poderoso de outrora, hoje um velho de setenta anos vivendo de glórias passadas, de seu orgulho que beirava a insanidade. Ruy poderia estar também por trás disso tudo, era um daqueles que se comprazeriam em vê-lo derrotado, fora do governo, o resto de sua carreira arruinada por um escândalo indecoroso. Ruy seria o primeiro a arrastá-lo na lama em um de seus pedantes artigos na imprensa, usaria aquele palavreado insosso e anacrônico, talvez até dissesse que ele era um homem que deveria estar dirigindo um lupanar e não um ministério, porque Ruy era o tipo do homem que adorava escrever a palavra lupanar. Ele já quase tinha escrito algo assim, quando se referiu diretamente à participação de Seabra nas eleições para intendente municipal de Salvador e para a Câmara dos Vereadores. Seabra estava apoiando Júlio Brandão, um político jovem e que lhe daria respaldo quando finalmente fosse eleito governador daquele Estado. Ruy apoiava o situacionista João Santos, numa adesão fisiológica que bem esclarecia o esfacelamento de seu antigo prestígio.

Após o almoço, Seabra foi para o Catete e ali, entre duas e três horas da tarde, fez sua reunião diária com o presidente. O marechal estava cada dia mais confuso com a situação política nacional, enleado pelas maquinações das oligarquias estaduais. Naquela tarde havia chegado uma notícia alarmante de São Paulo, Estado que não apoiara sua candidatura, dando conta de que estava em andamento uma conspiração no seio da Força Pública, poderosa corporação policial militar paulista com poder de fogo igual ou superior ao das tropas federais sediadas naquela unidade da federação. Os boatos era inúmeros, apontavam diversos grupos econômicos que estariam entregando dinheiro ao sediciosos e o nome de Rodolfo Miranda, como um escudo para a participação nas sombras do poderoso Pinheiro Machado, aparecia com insistência em todas as versões. O marechal era um homem de constituição robusta, pele branca queimada pelo sol de muitos exercícios ao ar livre e uma dignidade nos gestos que o tornavam impressionante. Era um desses homens talhados para mandar e ser obedecido inquestionavelmente. Seabra sempre considerava o marechal como uma espécie de militar prussiano furtivamente colocado por um golpe do

destino à testa do país. E o espírito prussiano de Hermes estava recebendo ataques de todos os lados. Mas ele se mostrava incapaz de perder a calma, ainda que sua teimosia levasse brandamente para o inferno por uma obstinação sempre cortês.

Seabra apresentou o processo de construção das escolas públicas nos Estados nordestinos, com o parecer favorável e a minuta dos correspondentes decretos. Hermes recebeu os papéis e os examinou cuidadosamente, fazendo perguntas sobre o número de crianças que seriam beneficiadas, se o ministro da Educação estava disposto a aumentar o quadro de professores naquelas regiões e outras questões relacionadas ao problema. Seabra, acostumado com esta minuciosa prospecção do presidente, foi respondendo cada pergunta com aquilo que o idealismo de Hermes queria ouvir. Assim, ao contrário de dizer ao presidente que as escolas só iriam beneficiar os políticos locais, ganhando-os para o governo, respondeu que cerca de duzentas e cinqüenta crianças poderiam receber as primeiras letras naquelas escolas e que o problema do professorado era assunto estadual e não federal, portanto o ministro da Educação nada tinha que se preocupar. Mas não contou que a contratação dos professores seria outro maná para os políticos locais que ocupariam os novos cargos com cabos eleitorais e correligionários que certamente jamais poderiam ensinar crianças se vivessem num país decente que realmente se preocupasse com o futuro. Mas o Brasil era assim e seria difícil, perigoso e pouco lucrativo tentar mudar alguma coisa. O presidente parecia satisfeito com as explicações, com os orçamentos e prometeu despachar o processo naquele mesmo dia, já que se tratava de um caso puramente do Executivo e que não precisava de aprovação do Congresso. No final da reunião, antes de Seabra partir, o presidente informou que tinha uma boa notícia a lhe dar. Seabra voltou a sentar-se e ficou observando o presidente arrumar a pasta de processos sobre a mesa.

— Você lembra daquele convite para participar das comemorações do aniversário da Associação Comercial de Salvador?

— Evidente, marechal. Eu mesmo lhe transmiti.

— É em agosto, não é verdade?

— Em agosto, na primeira semana.

— Decidi aceitar o convite. Será uma honra visitar aquele Estado e prestigiar as classes conservadoras.

— Os nossos correligionários ficarão eufóricos.

— Posso imaginar. Já solicitei ao ministro da Marinha que providencie o transporte para a comitiva presidencial. E quero que você me acompanhe.

Seabra sentiu-se tranqüilizado e confortável. Há três Semanas ele transmitira o convite e não esperava que o presidente aceitasse. Não por desinteresse, é que

os problemas com São Paulo estavam ocupando o marechal de tal maneira que Seabra achava difícil o presidente se afastar da Capital Federal. Mas o presidente mais uma vez demonstrava a sua coragem e obstinação, e ao aceitar aquele convite, sob o pretexto de estar presente a uma solenidade, atacava em duas frentes: mostrava aos seus inimigos paulistas que o governo não considerava realmente um perigo as ameaças que dali chegavam, retirando-se para o nordeste, e visitava a Bahia para dar-lhe prestígio como seu candidato ao governo baiano contra a oligarquia dominante. Nenhuma outra notícia poderia ter sido melhor para Seabra, naquele instante, do que esta confirmação de seu prestígio junto ao presidente. E ele retirou-se do gabinete presidencial radiante como um jogador que acabara de arrasar a banca do cassino onde até então estivera perdendo sem esperança.

Naquele estado de espírito altamente gratificado, Seabra caminhou pelos corredores do Catete, imaginando o desapontamento de seus inimigos baianos, quase esquecido que agora tinha inimigos muito mais ardilosos e letais ali mesmo na Capital Federal. Por isto, não percebeu quando o sorridente Coronel Agostinho, o novo ajudante-de-ordens da Casa Militar do presidente, que estava substituindo o inditoso Major Quitanilha, aproximou-se e o segurou pelo braço.

— O ministro está hoje feliz?

Seabra veio para a realidade a contragosto:

— Boa tarde, coronel.

O Coronel Agostinho possuía um encanto todo especial, friamente eficiente, conquistado em longos anos de estudos na Academia de Saint-Cyr, na França.

— O senhor ministro teria uns minutos a perder numa conversa em meu gabinete? — perguntou o coronel.

Seabra estava tão feliz que resolveu aceitar o convite do coronel, embora tivesse vontade de correr para São Cristóvão.

— Por que não, coronel. Terei o maior prazer — respondeu Seabra.

Os dois se encaminharam para a parte térrea do edifício enquanto o coronel ia desculpando-se por antecipação, pelo estado de seu gabinete.

— Ainda não tive condições de arrumá-lo decentemente. Assumi este posto inesperadamente. Eu estava vivendo no Paraná quando fui chamado pelo presidente. Servi com o marechal no Ministério da Guerra, somos bons amigos e ele é um homem extraordinário, o senhor não acha?

— É um homem extraordinário — disse maquinalmente Seabra, alguma coisa vibrando dentro de si como um sinal de alerta.

Quando chegaram à porta do gabinete, o coronel se adiantou e deu passagem ao ministro. Seabra entrou e viu uma sala pequena, quase um cubículo, atulhado de papéis que não pertenciam à Casa Militar, como se todas as divisões do

Catete fizessem ali o seu arquivo morto.

— O Major Quitanilha era muito bondoso — disse o coronel com sarcasmo. — Permitia que toda a espécie de coisa viesse parar aqui dentro. E olhe que o espaço já é mínimo.

Seabra esperou que o coronel se acomodasse na diminuta escrivaninha e depois sentou-se numa cadeira tosca. Ficou esperando que o coronel dissesse o que desejava falar.

— Não vou tomar muito o seu precioso tempo, Dr. Seabra — O coronel falava como se tivesse com uma arma secreta escondida em algum lugar daquela sala entulhada. — O presidente deve ter lhe comunicado que pretende viajar ao norte para tomar parte em uma solenidade. O presidente se decidiu hoje cedo e me comunicou. Eu pessoalmente não estou de acordo com essa viagem, considero perigoso um afastamento do marechal do Rio de Janeiro neste momento em que São Paulo apresenta sinais de rebelião. Como o convite partiu do senhor, Dr. Seabra, gostaria de ouvir a sua opinião antes de expor a minha ao presidente.

Seabra olhava atentamente o coronel em busca de alguma pista que lhe indicasse os verdadeiros motivos daquela conversa. Ele estava consciente de que a preocupação do coronel, embora aparentemente autêntica, não era verdadeira.

— De minha parte acho que o presidente sabe o que á fazendo — respondeu Seabra. — Viajando à Bahia ele mostra aos paulistas que o governo está forte e não teme ameaças. Ao mesmo tempo, reforça o seu prestígio na Bahia.

— O senhor não desconhece a situação paulista?

— Conheço muito bem, coronel, como sei da situação baiana.

— Desculpe a franqueza, Dr. Seabra, mas eu tenho bem claro que a viagem do presidente ao norte irá lhe beneficiar politicamente. O senhor sairá ganhando mais do que o próprio governo federal.

— Vou esquecer o que o senhor acaba de dizer, coronel. Não sei o que o senhor está pretendendo com essas palavras. Sou um homem a serviço do governo, da maior confiança do presidente. Sou, também, candidato ao governo da Bahia. A minha possível vitória representará vitória do Marechal Hermes. Não vejo diferença nenhuma entre a política estadual e a federal.

— Mil perdões, Dr. Seabra. Acho que não me expressei devidamente.

— O senhor se expressou muito bem, coronel — disse Seabra, levantando-se para sair.

— Ministro, o senhor sabe o que aconteceu ao Major Quitanilha?

— Até logo, Coronel Agostinho!

Seabra encaminhou-se para a porta mas foi alcançado pelo coronel.

— O Major Quitanilha — disse o coronel com visível satisfação. — Está

servindo no Forte Príncipe da Beira, nos confins do Mato Grosso. Dizem que ali há mosquitos do tamanho de elefantes.

— Os mosquitos gigantes do Forte Príncipe da Beira não devem ser venenosos como alguns insetos aqui da Capital Federal — retrucou Seabra com visível irritação.

— Senhor ministro, é verdade que a concessão para a Southern Brazil Lumber and Colonization Company foi cancelada?

Seabra parou de caminhar como se estivesse carregando um grande peso cuja carga se tornara insuportável.

— Como o senhor tomou conhecimento disto? O coronel sorriu e deu de ombros:

— Ora, as notícias correm, Dr. Seabra.

A pressão já estava no Catete e Seabra naquele instante sabia que tinha de agir rapidamente se quisesse sobreviver. Sem dizer palavra ao coronel que o olhava de maneira provocadora, ele sorriu e virou as costas, caminhando na direção de sua vitória, estacionada no pátio dianteiro do palácio. Ordenou cocheiro que fosse o mais ligeiro possível, rumo a São Cristóvão. O sangue lhe fervia e agora ele era novamente o sertanejo acossado cujos brios tinham sido feridos e clamavam por uma reparação exemplar. E as coisas foram ficando claras. Toda a trama revelando-se enquanto a vitória trepidava nos paralelepípedos das ruas. O Major Quitanilha tinha sido o primeiro alvo da conspiração, caíra inocentemente. Talvez os americanos tivessem mesmo contratado a bela alemãzinha que seduzira o major e o afastara de seus deveres conjugais. No lugar de Quitanilha, estava agora o Coronel Agostinho, um ambicioso aspirando à patente de general, que vinha de um posto do Paraná onde certamente havia sido seduzido pelos americanos. Com o Coronel Agostinho os americanos já estavam na ponta da mesa do presidente. Todos sabiam que o marechal depositava a maior confiança na pessoa daquele militar enfatuado e de bigodinhos finos e engomados, *pince-nez* dourado e hábitos refinados, mas que conhecia todas as técnicas e segredos da vida militar moderna. O Coronel Agostinho sabia muito mais do que a maioria dos generais brasileiros, como devia agir um exército profissional e eficiente. O Marechal Hermes encontrara nele o seu braço direito durante as reformas nas Forças Armadas, quando exercera o cargo de ministro da Guerra no governo anterior. Fora o Coronel Agostinho o principal mentor e organizador das manobras militares realizadas no Rio de Janeiro, em 1908, as primeiras feitas pelas tropas brasileiras e que tanta admiração e espanto tinham causado. Por este trabalho, granjeara a confiança do marechal e a inimizade de um bom número de generais que sentiam-se subestimados por um inferior hierárquico. Mas a ligação íntima com o Marechal

Hermes era um fato, o coronel freqüentava a intimidade do lar do presidente e suas opiniões eram levadas quase na conta de verdades absolutas. Aquele homem petulante poderia reduzir Seabra a pó. E estava naquele infecto gabinete atulhado de papéis velhos, como ponta de lança dos interesses americanos, a um homem de Mackenzie e, pela proximidade ao presidente, valia mais que todos os ministros juntos se soubesse conduzir seus pleitos. E Seabra estava convencido de que o Coronel Agostinho não era homem de cometer erros primários. Embora a noite estivesse chegando, o calor abafado molhava de suor o corpo de Seabra e as roupas úmidas gelavam com o vento morno provocado pelo veículo em movimento, desfez o nó da gravata e foi abrindo a camisa, livrando o pescoço da opressão do colarinho. Teve a sensação de alívio esperava e não chegou a tirar o paletó amarrotado pela posição meio encolhida que escolhera para sentar no banco estofado da vitória, como que para se esconder. A rua de São Cristóvão onde ela morava não tinha iluminação pública e já estava imersa naquela escuridão silenciosa do início de noite, onde só os ruídos de louças se ouvia porque era quase hora de jantar A escuridão era dominante, a maioria das famílias iluminavam um cômodo de cada vez, economizando combustível pois não utilizavam ainda a eletricidade e no início da noite as salas de jantar ou as cozinhas, nos fundos, é que estavam iluminadas A vitória estacionou logo à frente da casa de sua amante e os cavalos, cansados, respiravam forte. Ele saltou e atravessou rapidamente o estreito quintal cheio de árvores e entrou. A porta estava só encostada e a casa escura. Ele chamou pela amante enquanto procurava o candeeiro. Ninguém respondeu e ele começou a ficar inquieto. Ela nunca saía de casa, muito menos aquela hora quando ele costumava chegar. Seabra localizou o candeeiro sobre a cômoda e riscou um fósforo sobre o pavio, a sala ficou iluminada e mostrou-se calma, arrumada, limpa e pacífica. Ele segurou o candeeiro e foi para outras dependências, sempre chamando por ela, sem resposta. Ela não estava, tinha saído e isto não era normal. A casa era pequena e a busca não demorou nada, logo ele estava na alcova, sentado na beira da cama, o candeeiro colocado no chão jogando sombras para todos os lados. Ele viu que o guarda-roupa estava entreaberto, levantou-se e abriu a porta, ficou abismado, incrédulo, não estavam ali as roupas de sua amante, nenhum dos vestidos de seda, nenhuma das camisolas esvoaçantes, nenhum dos sapatos de couro inglês, as bolsas, os leques, nada. Ela tinha ido embora, sem nenhuma explicação, sem nenhum aviso. Voltou a sentar na beira da cama e descobriu que não estava nem triste, nem realmente surpreendido, estava bastante calmo e seu raciocínio funcionava com bastante clareza. Não queria compreender o gesto de sua amante, queria apenas que ela realmente se evaporasse no mundo e nunca mais desse sinal de vida. No fundo, embora o cheiro dela que ainda estava naquela

cama lhe trouxesse o velho apetite, ele estava até gostando que ela tivesse se antecipado. O quarto estava abafado porque as janelas fechadas não deixavam que nenhuma ar agem entrasse. Foi então que ele ouviu um choro, quase um ruído débil, mas sem dúvida um choro feminino. Apanhou o candeeiro e levantou-se da cama, rumou para os fundos, para a cozinha, de onde suspeitava que o choro estava vindo. Não havia ninguém na cozinha, o fogão a lenha estava apagado e as panelas pendendo dos ganchos na parede. Mas o choro existia e vinha de fora, do pequeno terraço onde lavavam roupas e sol as secava num emaranhado de varais. Perto do tanque pedra, sentada numa caixa, protegida pela escuridão que e dissipava relutante com a luz do candeeiro, ele viu a empregada, o choro já baixo de quem estivera chorando muito tempo.

—O que aconteceu? — perguntou ele.

A mulher não respondeu e ele a puxou pelo braço, levantando-a. Ela estava tremendo, era uma ex-escrava e o choro se transformava naquela convulsão pálida de medo.

— O que aconteceu? — ele tornou a perguntar.

O rosto dela tinha aquela abrasiva declaração de medo, embora a ameaça já tivesse passado o suficiente para que a velha criasse novas forças, mas não o bastante para ela conseguir dizer alguma coisa. Ele amparou-a enquanto a conduzia para a cozinha. Fez que ela bebesse um copo d'água e ficou esperando. Ela aos poucos foi retornando, como um quase afogado que é salvo no último segundo.

— Levaram a patroa, doutor.

— O que é que estás me dizendo? Quem levou?

— Não sei doutor.

— Como aconteceu?

— Bateram na porta e eu fui atender. Eram dois homens, um baixo e outro muito forte. Disseram que vinham de sua parte, doutor. Eu acreditei e fui chamar a patroa. Ela estava aqui na cozinha e achou alguma coisa errada naquilo. Brigou comigo por eu ter deixado os homens entrarem. Mas eles já estavam sentados na sala e quando a patroa chegou para falar com eles, não sei direito o que então aconteceu. Eu tinha ficado na cozinha e ouvi a patroa gritar. Corri para acudir mas os homens gritaram que eu não me intrometesse. Levaram ela embora. . .

— A que horas aconteceu?

— Era de tarde, não devia ser ainda quatro horas.

— Tu já tinhas visto esses homens?

— Nunca, doutor. Ninguém vinha aqui. Às vezes a mãe da patroa aparecia, mas era muito raro. Uma vez por mês ela vinha buscar dinheiro.

Seabra procurou tranqüilizar a velha, disse que ela devia ficar tomando conta

da casa e esperar pela patroa. Tudo seria arranjado e nada iria acontecer de grave. Ele logo saberia o que tinha acontecido. Pediu que ela não abrisse a porta para ninguém, e nem andasse pela vizinhança comentando o que havia acontecido. A velha prometeu obedecer com a emoção de quem se sentia culpada pelo que podia acontecer de mal com a sua patroa. Seabra estava calmo, quem não o conhecesse intimamente talvez julgasse que ele estava conformado, mas a calma aparente era um sinal do furor em que se encontrava Alguém pagaria caro pela ousadia. Trancou todas as janelas e portas da casa e ordenou ao cocheiro que seguisse para Santa Tereza. Chegou em casa, mais cedo do que o costume, ainda desalinhado e com uma expressão deplorável. A esposa estava na sala, lendo alguma coisa. Viu que o marido estava transtornado, há muito que ele não ficava assim, desde que deixara de ser impetuoso e jovem. De certo modo ela gostou de ver o marido naquele estado, o desespero dele lhe dava boas recordações de um tempo em que eram jovens e ardentes, partilhando de todos os problemas.

Seabra mal falou com a esposa e subiu para o quarto. Ela fechou o livro e seguiu o marido. Estava vestindo um *robe de chambre* salmão opaco que lhe escondia as linhas do corpo na compacticidade da seda chinesa. No quarto, encontrou o marido tirando a roupa. Enquanto ele se despia, ela não quis fazer perguntas e procurou uma muda limpa de pijamas. Retirou a roupa de uma gaveta e colocou em cima da cama. 0 marido, despido, sentou-se à beira da cama, perto do pijama estendido sobre a colcha como uma sombra que tivesse criado substância no tecido branco. Ela sentou-se ao lado dele e, num gesto característico, acariciou o cabelo dele. Ele não reagiu e era sinal de que estava em grandes dificuldades, era sinal de que ela podia intervir.

— Não queres me contar? — pediu com a sua tímida voz.

Seabra começou a falar, ainda com a cabeça meio inclinada, quase escondida pelas mãos. Ela podia ver os cabelos grisalhos e o pescoço poderoso dele. O marido foi contando tudo, as suspeitas, o caso da amante de São Cristóvão e o desaparecimento da mulher. Ela poderia ter se aborrecido com a revelação de que ele tinha uma amante, mas já estava tão senhora de seu universo conjugai que tomou aquilo como uma espécie de acidente impossível de escapar. Ela já tinha assumido o cinismo da meia-idade e, embora com remorso, aceitava a traição do marido. Ele quebrava um pouco o peso da traição lhe revelando tudo e isto a confortava parcialmente. Mas o principal era que o marido estava sendo atacado, e indiretamente, ela mesma e diretamente o seu mundo. Havia uma evidente ameaça pairando sobre a sua vida e a vida de seu marido. Deveriam ser forças poderosas para estarem naquele momento ameaçando o ministro Seabra, um homem poderoso da República, o seu marido, um vencedor. E por serem

forças poderosas ela não tinha dúvidas quanto ao remédio.

— Eu estou com você, Zé. Esses cabras merecem uma boa lição para não se meterem onde não devem.

Seabra levantou a cabeça e olhou para a esposa.

— Não deves ficar assim — continuou ela. — Bate duro e não permite que eles te derrubem.

Duas horas depois, bateram na porta de Adams Mackenwieks e ele foi despreocupadamente atender. Ainda estava acordado porque o filho mais velho estava com febre e não conseguia dormir. A mulher já estava dormindo e nem ouviu quando Adams foi abrir a porta para saber quem estava batendo àquela hora em sua casa. Quando o americano abriu, foi agarrado e puxado para a calçada. A rua estava deserta e alguém de muita força o segurou e tapou sua boca quase lhe tirando a respiração. O mundo então pareceu desabar sobre ele, seu estômago, seu peito, recebiam murros e golpes de cassetetes de borracha. A agressão não durou mais de quinze minutos mas Adams havia perdido a noção do tempo. Quando desmaiou sem conseguir dar um grito, os homens empurraram Adams para dentro de sua casa e fecharam a porta. A mulher de Adams ouviu o baque violento da porta e levantou-se, sonolenta, chamando pelo marido. A luz fraca, sempre acesa do vestíbulo iluminava o corpo de Adams estendido numa poça ld sangue. Ela gritou e ficou estática vendo as mãos do marido se contraírem até paralisarem totalmente.

Se alguém procurava sanidade, pensava Finnegan, aquele certamente o último lugar da terra onde a sanidade poderia encontrada. No curso de uma semana a irracionalidade volúvel da malária começara a abater indiscriminadamente suas vítimas.

8

Os dez alemães, que haviam inaugurado a série de casos fatais, tinham sido encontrados mortos, como já era previsto na manhã seguinte. Dez macabros sacos de ossos cobertos por uma pele amarelada, fina e gélida, desembrulhados de seus envoltórios fétidos, como doces cristalizados preparados por algum demente. Depois, foi a vez de um dos rapazes da enfermaria, logo seguido por quatro chineses e um espanhol da guarda de segurança. Todos enlouquecidos com seus delírios e tremores incontroláveis, amordaçados e amarrados até entrarem em coma, e a morte. Finnegan não tentava mais conter esta torrente de fatalidades. Elas não pertenciam ao espaço em que se propusera viver e cada fatalidade lhe parecia um insulto premeditado contra a sua pessoa. Até o seu

enfermeiro, um auxiliar tão próximo, que conhecia todos os perigos da doença, preferira arriscar a vida em troca de mais algum dinheiro e esta opção era para Finnegan absurda demais para ser levada em conta. O dinheiro nunca representara muito para ele, sempre tivera dinheiro, não poderia suspeitar que por um punhado de notas alguém fosse capaz de jogar com a morte.

Mas o índio de mãos amputadas, e a moça encontrada na floresta, fugindo à regra que parecia estabelecida, estavam se recuperando e eram sinais de que a sua função básica ali como médico era salvar vidas e não assinar atestados de óbito. A moça estava até ajudando um pouco no trabalho da enfermaria. Embora mantivesse uma inclinação para o isolamento e estivesse sempre sombria e triste, ela ocupava-se, sem que ninguém pedisse, com pequenos afazeres, varrendo o chão, espanando, ministrando medicamentos quando Finnegan solicitava. O índio estava ainda impossibilitado de andar, recuperava-se mais lentamente devido à severidade de seu estado, além do mais, Finnegan notara certos edemas nos pés dele, eram parasitas que haviam se localizado na carapaça calosa que era a pele dos pés do índio. Os parasitas penetravam para depositar seus ovos numa bolsa e com isto provocavam coceiras, pruridos e até inflamações graves. Ele já tinha tratado de casos semelhantes entre os próprios trabalhadores. O tratamento do índio foi bastante doloroso mas Finnegan conseguira eliminar todos os parasitas. A moça, que ele agora sabia se chamar Consuelo, cuidava do índio, aprendera a fazer os curativos necessários, tanto nos braços quanto nos pés, e o pobre homem já sentia até uma certa dependência dela. Algumas vezes, quando Finnegan insistia, ela se permitia até conversar certas amenidades. O médico nunca tinha coragem de perguntar exatamente o que acontecera, pois a primeira vez que I tentou, ela regrediu de tal maneira que ele pensou que ela iria morrer. Mas Finnegan sabia o suficiente, o nome dela, Consuelo, e que era uma moça bonita, boliviana, boa e viúva. Tanto Consuelo quanto o índio estavam esperando uma oportunidade para serem embarcados no primeiro transporte que !descesse até Porto Velho. O índio ficaria internado no Hospital da Candelária, até se recuperar totalmente, e Consuelo também seria acomodada no hospital até a Companhia se decidir sobre o seu destino, ou ela mesma demonstrar sinais de alguma decisão pessoal e apresentar à administração. Finnegan, que de início se impacientara com a ausência de transporte, agora alimentava um desejo não revelado que isto não acontecesse tão cedo. De alguma maneira aquela mulher que nunca sorria, sempre muito grave e triste, sempre muito calada, falando apenas o necessário, lhe completava e amparava no meio de toda a sandice. Para reforçar ainda mais este desejo dele, Consuelo não se manifestava impaciente para ir embora dali. É certo que ela não se manifestava em realmente querer ficar ali, era como se ela tivesse perdido toda a vontade de querer alguma coisa. Mas

Finnegan já estava se acostumando com ela, com o zelo que ela sabia varrer o piso, o carinho que ela transbordava involuntariamente quando cuidava do índio. Era uma mulher tão bonita que fazia com que Finnegan esquecesse de todas as suas mágoas. Lá fora o mundo continuava, as carretas circulavam carregadas de dor mentes cortados de eucaliptos, importados de Formosa. Sobre a pilha de dormentes, alguns trabalhadores estão sentados enquanto mulas do Arkansas atreladas às carretas vão puxando na direção do terreno alagado. Do outro lado, um grande número de alemães e barbadianos está desobstruindo um canal cheio de água que se estende em sua largura de um metro até o declive por onde passa o leito do Abunã. Em toda a extensão do canal há uma atividade febril, os homens trabalham com as calças arregaçadas até os joelhos para evitar que a lama umedeça e estrague a roupa.

Enquanto os trabalhadores cavam o canal, tornando-o um sulco mais profundo capaz de desviar a corrente de água da surrada, outros vão descarregando as carretas com sua carga dormentes. Todas essas tarefas são executadas em silêncio, mas há um clima de exaustão em cada um deles, uma indiferença que permite o trabalho lado a lado de barbadianos e alemães.

Na cabine da Mad Maria, Thomas observa e vai estacionando a máquina. Ao seu lado, o engenheiro Collier não espera a locomotiva estacionar, pula para o estribo e salta para o terreno molhado e escorregadio, patina e logo se equilibra, caminhando em direção das carretas. Collier sabe que cada pedaço de madeira teve de viajar metade da Terra para chegar no Abunã. Ele apanha um pedaço de dormente usado, cortado em pinho, e pressiona com a mão, transformando-o em farelos. A viagem dos dormentes de eucalipto se explicava porque era uma madeira resistente aos terríveis cupins da região. Collier às vezes tinha a impressão que aqueles cupins seriam capazes de devorar os ossos dele se ele permitisse. Logo à sua frente, os barbadianos estão compactando o terreno lamacento com diversas camadas de galhos de árvores retirados da selva. Será o novo leito por onde passará a linha férrea, um terreno mais sólido e resistente a novas enxurradas. A compactação é um serviço demorado, os barbadianos levam de dez a doze horas para avançar dois metros porque o manto de galhos e barro deve ter dez centímetros. Como estão fazendo isto há uma semana, aproximadamente, já existe uma grande faixa compactada, quase uma esteira cinzenta clara, contrastando com o amarelado barrento do alagado.

Sobre a esteira alguns metros de trilhos já foram colocados, estirados sobre os dormentes. Os trilhos deitados mais recentemente estão sendo fixados. Collier examina cuidadosamente o serviço e lhe parece perfeito, os barbadianos mais uma vez confirmavam seus conhecimentos em obras de ferrovias. O engenheiro, então, volta-se para a locomotiva e grita:

— Thomas, avança sobre os novos cinco metros.

O maquinista faz o sinal com os dedos de que confia na segurança dos novos trilhos. É aquele característico sinal de bom humor americano, de tocar a ponta do dedo indicador na ponta do polegar, fazendo um círculo. Collier sacode o braço ordenando que ele avance com a locomotiva. Thomas coloca a máquina em funcionamento, ela solta uma cortina de vapor e um resfolegar metálico, enquanto as rodas vão deslizando sobre os trilhos, primeiro na parte ainda em terra firme, logo a seguir sobre a esteira de galhos emaranhados. O engenheiro observa nervoso o avanço da máquina e vê as rodas atravessarem sem problemas a nova faixa compactada. Thomas controla a Mad Maria com muita segurança e segue avançando. Atrás dele, Harold continua a operação com desdobrada vigilância. As rodas deslizam pela faixa e então param pois a máquina já percorreu quase inteiramente os cinco metros e logo à frente só existem trilhos ainda não fixados. Estacionada, a Mad Maria lança baforadas de vapor. Collier caminha quase correndo e começa examinar a resistência do novo suporte. Ele caminha ao longo da locomotiva, às vezes andando de costas, meio curvado. O trabalho foi aprovado e ele levanta o braço num sinal de que tudo está certo. Thomas, da cabine, sacode a cabeça de maneira afirmativa.

O engenheiro finalmente se convence de que não há realmente problemas e vai colocar-se na frente da locomotiva. Tem o rosto desanuviado e ainda não tira os olhos das rodas da máquina. Há tempos que ele não se sente assim. A Mad Maria deixa escapar um rolo de fumaça e começa a andar de marcha à ré. Collier permanece sobre o leito da estrada, acompanhando a lenta retirada da locomotiva. Quando as nuvens de vapor se dissipam, Collier descobre que os barbadianos, por alguma espécie de zelo pouco conhecido ali, pararam de trabalhar e estão observando o teste com muita atenção. E o teste leva um ligeiro ar de contentamento aos barbadianos, um relâmpago de orgulho profissional que logo se dissipa e se distancia no mesmo ritmo com que a locomotiva anda para trás. Mas o engenheiro sentiu tudo aquilo e está gratificado, é uma pequena compensação que deve ser cultivada como uma oportunidade única. A locomotiva finalmente atinge a terra firme e os barbadianos voltam ao trabalho. A minúscula vitória de Collier se esgotou e ele deve enfrentar outra vez a dura perspectiva de atravessar os alagados. A esteira precisa atravessar cinqüenta metros e não há mais que vinte metros compactados, dos quais apenas cinco já com trilhos fixados.

Quando a noite chegou, Finnegan se encontrou às voltas ü mais três casos de malária falciparum. Um alemão e dois chineses haviam sido levados aos gritos para a enfermaria. Finnegan, já sabendo o tratamento que teriam caso permanecem gritando, resolvera aplicar fortes sedativos nos doentes, embora

quase sempre isto apressasse o desenlace. Mas era, par os padrões de Finnegan, uma solução muito mais humana que as mordaças e cordas do engenheiro Collier. Agora, enquanto os doentes estão sendo velados por Consuelo, ele está sentado à sua mesa, pensativo. Consuelo movimenta-se pela enfermaria e a figura dela é bastante curiosa nas roupas masculinas adaptadas. Eram roupas de Finnegan e ele quase podia se sentir dentro delas junto com Consuelo, uma sensação agradável que ele gostava de sorver aos poucos como um homem com sede sorveria os últimos goles de água. Os doentes estão acomodados em padiolas e Consuelo, ajudada pelos rapazes da enfermaria, transita de uma padiola para outra, vigilante, na espreita de alguma anormalidade, ainda que a única certeza era de que logo estariam mortos. Finnegan havia apanhado um bloco de papel e começara a ler. Sobre a cama de Consuelo um exemplar de uma revista norte-americana que ela apreciava as ilustrações porque não sabia falar satisfatoriamente o inglês Este problema de entendimento, Finnegan resolvia por uma espécie de código que ele havia inventado, lembrando-se de suas lições de espanhol na escola secundária e através de frases que armava a partir de um pequeno dicionário de espanhol-inglês. Da parte de Consuelo, ela não ignorava de todo a língua inglesa, também tivera seus cursos de inglês na escola secundária e parecia até ter mais vantagens do que Finnegan, pois conseguia contar até dez, coisa que ele era incapaz de fazer em espanhol. Através deste estranho dialeto eles se entendiam satisfatoriamente. Finnegan não consegue se concentrar e folheia o bloco de papel, salta páginas, tudo com uma grande lentidão porque a leitura não lhe parece dar nenhum alento. O bloco de papel está repleto de anotações, são relatórios sobre o tratamento que Collier dispensava aos doentes, mas ele sabia que no fundo eram palavras vazias, ele pretendia que fossem denúncias das arbitrariedades do engenheiro mas agora estava certo de que jamais seriam levadas em consideração pela empresa. Afinal, na lógica da administração, Collier estava protegendo o bom andamento dos trabalhos, e isto era o que importava. Não era nenhum crime levar alguns doentes à morte para não atrapalhar o sono dos trabalhadores, era o que devia se feito para que cada trabalhador continuasse produzindo devidamente no dia seguinte. Levantou os olhos e teve a impressão que todos os seus princípios tinham desmoronado e ele agora era cúmplice. O médico fascinado pela ciência não existia mais, era um inútil que estava ali porque a Companhia era obriga a manter nominalmente um médico naquela frente. Mas todos poderiam passar sem ele. Levantou-se da mesa e foi até a maca do paciente mais próximo. Ao pé da cama, parou, colocando os braços para trás, observando o homem que parecia deslizar imperceptivelmente para a morte como uma vaga forma que desaparece no interior de um funil. Levantando os olhos, notou alguma coisa numa placa

onde os regulamentos da enfermaria estavam escritos, pendurada na parede. Aproximou-se para ver o que era e inesperadamente desferiu um tapa contra a placa como se quisesse ferir todos os regulamentos de uma só vez. Os enfermeiros pararam os seus afazeres e passaram a observá-lo a moça também se interessou por aquele gesto um tanto inaceitável na personalidade de Finnegan. Ele estava ausente, olhando a palma da mão, depois caminhou em direção à sua mesa, abriu uma gaveta e retirou uma lupa. Com o instrumento de aumento, voltou a examinar a palma da mão que golpeara a placa. Todos o observavam com aquele ar de desconfiança por alguém que parece estar perdendo a sanidade. Aumentada pela lupa, a palma da mão dele contém um inseto esmagado. Não eram só os escorpiões a invadirem a fortaleza de Finnegan, os seus inimigos também eram capazes e por isso ele resmungou alto:

— Maldito anofelino. Como foi que entrou aqui na enfermaria? Não adiantam as telas de cobre, nem os mosquiteiros. Se esses malditos insetos quiserem mesmo nos matar, ninguém estará a salvo.

Harold e Thomas, que não tinham muita consciência dos perigos dos anofelinos, também estavam, de certo modo, às voltas com um paciente. O paciente era a locomotiva Mad Maria, desde o final da tarde apresentando problemas na caldeira. Eles tinham instalado três faróis a gás na cabine e estavam trabalhando, as peças da máquina espalhadas pelo piso de ferro. Thomas era um excelente mecânico e tinha o corpo quase inteiramente escondido dentro da boca da caldeira. Embora a caldeira tivesse sido resfriada com água, o metal ainda estava morno e lá dentro a temperatura era desconfortável e bastante elevada. O maquinista suava bastante, deslocando pequenos encanamentos de ferro, retirando junções.

— Se o problema for obstrução de algum condutor, não teremos a peça aqui para sanar o problema — gritou Thomas de dentro da caldeira.

— Eu sempre digo que a gente deve estar sempre com algumas peças vitais à mão. Mas a administração não ouve a gente, querem é fazer economia.

Collier, que tinha se aproximado para saber o que estava acontecendo com a máquina, entra na conversa.

— Qual é o problema? Quem está economizando?

— A Companhia, não dão as peças que a gente pede — respondeu Harold já se isentando de alguma coisa se a locomotiva deixasse de funcionar.

Thomas saiu da caldeira segurando uma peça que lembrava um cachimbo.

— Jesus Cristo! Olhem só para isto.

No interior da peça algum inseto tinha construído urna estrutura de barro que endurecera com o calor. Thomas apanhou uma chave de fenda e começou a romper a obstrução, a substância tinha a consistência de pedra.

— Como é que esse bicho pôde entrar aí e fazer esse negócio? — perguntou Harold, incrédulo.

— Deve ter sido naqueles dias em que a máquina esteve parada — disse Collier. — O inseto deve ter aproveitado para fazer esta espécie de casa.

— Com o calor o barro endureceu e acabou fechando o escapamento do vapor. Poderíamos ter explodido — disse Thomas. — E não temos uma peça igual a esta para repor. Vamos ter de aproveitar esta aqui.

— Vocês pediram sobressalentes para a administração? — perguntou Collier.

— Não sei quantas vezes, mas eles não atendem — respondeu Thomas.

— A administração me lembra a estória daquele irlandês que deixou de comer totalmente. Queria emagrecer para economizar o dinheiro que gastava para comprar tecido para as roupas — disse o engenheiro.

Thomas riu, era uma velha anedota.

— Eu conheço a estória — retrucou Thomas. — O irlandês acabou ganhando um pijama de madeira.

— A administração só não é mais pão-dura que o Thomas — Harold provocou o maquinista.

— Você está guardando dinheiro para quê? — quis saber o engenheiro.

Thomas estava conseguindo limpar a obstrução dando golpes com a ponta da chave de fenda. O velho maquinista soltou uma gargalhada ao ouvir a pergunta de Collier como se a provocação carinhosa do foguista não tivesse acontecido. — Qual a graça? — perguntou Harold.

— Estou guardando dinheiro para a minha velhice — disse Thomas.

— Quando é que você pretende envelhecer? — Collier estava também se divertindo.

— Já estou com quase setenta anos, Collier, acho que já é tempo de envelhecer.

Harold observa os dois homens se mostrarem cúmplices pelas idades avançadas que tinham.

— E eu, que vou fazer com o dinheiro que estou ganhandjo — Harold perguntava com uma sinceridade angustiante, ele não tinha nada para partilhar com aqueles dois homens. — pensando bem, não tenho nenhuma idéia de como empregar as minhas economias. Mas se eu conseguir sair vivo daqui garanto que arranjo um jeito.

— Eu estou pensando voltar para a Inglaterra. Comprar uma casa em Londres, ou arredores, e envelhecer definitivamente como um bom inglês saciado.

— A Inglaterra seria um inferno para os meus reumatismos, dizem que faz muito frio e eu já não estou mais acostumado com frio.

— Você é um homem dos trópicos, Thomas — disse Collier.

— É verdade — aceitou Thomas a classificação com um certo ceticismo. — Sabem o que eu vou fazer com o meu dinheiro? Vou mandar construir um mausoléu para mim. Um verdadeiro monumento, no cemitério da minha cidade natal. um mausoléu todo em mármore, com o seguinte epitáfio, em letras bem grandes: AQUI JAZ UM IDIOTA QUE DESCOBRIU QUE O MUNDO NÃO PASSA DE UMA ARAPUCA.

— Ora, não diga isto — protestou Harold.

— Eu acho muito tocante — declarou Collier. — Mas agora o que eu gostaria era de beber todo o meu dinheiro. Às vezes sinto falta de um bom gim, um *bourbon.* Mas isto aqui parece uma simbiose de internato de freiras e campo de trabalhos forçados.

— E mulheres? O senhor não sente falta delas? — A pergunta de Harold era muito pessoal, é que ele não sabia se Racionar com as mulheres mas sentia falta delas.

Uma boa bebida vem primeiro — respondeu Collier. Mulheres geralmente dão muita dor de cabeça.

Harold concordou com a cabeça e resmungando alguma a parecida com um sim repetido várias vezes.

— Mulher! Eu até já me esqueci o que é isto — disse Thomas.

— O diabo é que eu não tenho setenta anos — disse constrangido, Harold.

Collier sorriu paternalmente para o foguista.

— Bebidas, um mausoléu para o velho Thomas, mulheres São os nossos sonhos, me parece. Sonhar é o único privilégio que temos.

Thomas ouvia as palavras do engenheiro e já estava com a peça quase que inteiramente desobstruída. Em torno dos faróis borboletas noturnas voavam com seus instintos de suicidas. Collier continuava a pensar o quanto o sonho preenchia a vida de todos numa situação como aquela. Os sonhadores castos da Madeira—Mamoré. A escória da terra que sonha como se masturba. Eles, os súditos de Mad Maria, a rainha de ferro. A generala de coxas de metal e hálito de vapor. Na escuridão da noite, mais densa que o metal do qual ela era feita, Collier imaginou a locomotiva como uma pessoa. Mad Maria foi o nome com que os homens decidiram batizar a locomotiva que estava ali trabalhando. Para ele havia alguma coisa de contraditório na escolha do nome. Não era exatamente um nome bastante apropriado para uma locomotiva. Nas línguas latinas que eram faladas na América do Sul, locomotiva é uma palavra feminina e teria sido fácil identificar a eficiente máquina com uma mulher. Mas em inglês é uma palavra neutra, e foram homens de língua inglesa que batizaram a locomotiva. De início, Collier chegou a pensar que o nome poderia ser explicado pelo

costume dos norte-americanos aplicarem nomes de mulheres em calamidades como furacões e tornados. Mas a locomotiva estava comprovando muitas vezes que não era nenhuma calamidade. Para uma louca a locomotiva Maria até que estava cumprindo seu dever com fidelidade. Enquanto mulher ela estava galhardamente resistindo onde muitos homens fortes e duros estavam se deixando abater. Como tudo neste mundo, as contradições daquela ferrovia não ficavam evidentemente nisto. De certo modo aquela locomotiva comandava a todos com os seus caprichos e com a sua indiferença. Era como uma abelha mestra de uma colméia de abelhas corrompidas, derrotadas. Mas ela sempre estava lá, imperturbável em seu caminho, todos os dias olhando os trabalhadores do alto de seus parafusos, lambendo os trilhos com seus dentes de ferro. Era ela, a Mad Maria, a Rainha de Ferro, a mulher inalcançável de Collier, que bebia por ele, não gim, mas óleo, e amava por todos os homens em seu leito de lama. Ninguém estaria pensando estas coisas, nenhum homem deitado em sua rede, no dormitório, vigiado pelas sentinelas, estava se dando conta da presença dela, só o engenheiro Collier. Só ele sabia ue todos não faziam mais do que sonhar enquanto iam estendendo um tapete para que ela passasse. Um batalhão de vagabundos a preço fixo, que se imaginavam na pele de Sir Walter Raleigh e colocavam a própria capa sobre a lama, para que ela atravessasse imaculada com os seus pés metálicos. Somente piratas e rufiões como o próprio Walter Raleigh seriam capazes de gestos como este, assim como apenas aquela canalha de mortos de fome, reunidos nos quatro cantos da terra, seria capaz de dar a própria vida para estender um tapete à passagem de Mad Maria. Ela estava lá, como que dormindo, enquanto o seu mais dedicado servo, Thomas, lhe penetrava no ventre. Às vezes Collier se perguntava se aquela rainha poderia ser amada pelos súditos. Não, ele acreditava que ela não poderia ser amada porque a abelha-rainha não era propriamente amada pelas abelhas operárias. E ela devia saber que a sua indiferença era correspondida na mesma moeda. Nem ódio, nem amor, apenas a indiferença com que os súditos maltrapilhos colocavam o tapete, cada dia um pedaço. Um gesto que visto a distância até poderia ser tomado como romanesco.

Grandiosa, Mad Maria no outro dia estava soltando nuvens de vapor e seus suspiros de rangidos de metal eram ouvidos bem de longe. Em torno dela, a atividade dos trabalhadores. Uma grande extensão de trilhos já está à disposição dela, fixados sobre a esteira compactada em barro e galhos de árvores. Esta trilha, que se pronuncia de maneira clara no terreno enlameado, é como um risco grosso e vigoroso de tinta cinzenta feito por uma broxa de cal. Os trabalhadores alemães continuam ativamente trabalhando na drenagem do canal, agora também uma risca de água amarela brilhando ao sol. A linha férrea segue vitoriosa sobre

o charco para finalmente sofrer una intersecção bem sobre o abrupto declive formado pelo barranco da margem do rio Abunã. O rio não é muito largo, o mais do que uns vinte metros, distância que está sendo vencida por uma ponte de ferro cujos primeiros contornos já é possível vislumbrar. Muitos homens, a maioria dos que estão trabalhando naquela frente, estão ocupados na construção da ponte. O sol, como sempre, está muito forte e os homens executam penosamente a tarefa, quase sempre com a água peja cintura. Um apito começa a soar. Os trabalhadores param de executar o serviço, largam as ferramentas e começam a subir o barranco da margem. Vão formando filas como soldados de um malogrado exército prestes a pedir rendição. Collier aparece acompanhado de homens armados e, com ele, o médico e seus enfermeiros. É o próprio engenheiro que começa a ministrar os comprimidos de quinino. Um guarda de segurança carrega os vidros e o comprimido é colocado pessoalmente por Collier na boca de cada homem. Depois, uma caneca de metal cheia de água é entregue ao homem. Collier observa o pomo-de-adão movimentar-se para ter a certeza de que realmente o comprimido foi engolido. Somente então passa para outro homem. Finnegan e seus enfermeiros, vestidos com as roupas protetoras, não passam de cômicos espectadores de um trabalho eminentemente médico. Não é por outro motivo que o médico está impaciente, irritado e humilhado. Além do mais a operação é demorada e cansativa para todo mundo, sob um sol escaldante e um clima de má vontade e desconfiança. Quando o último homem recebeu o seu comprimido naquela eucaristia bizarra inventada por Collier, os vidros de remédio são entregues ao médico que passa ao enfermeiro mais próximo.

Finnegan, levantando o véu e descobrindo o rosto, aproxima-se de Collier.

— Desculpe, senhor, mas considero este ritual inteiramente desnecessário.

— Não me diga que o doutor está com os brios feridos?

— Não se trata de brios feridos ou coisa parecida. Acho apenas que aqui se costuma dar lições lamentáveis de arbitrariedade.

Collier olhou para o médico sem qualquer emoção. Estava começando a ficar cansado com Finnegan.

— Arbitrariedades! — exclamou Collier. — Olha aqui meu rapaz, eu não quero mais ouvir as suas baboseiras religiosas. . .

— O senhor vai me ouvir — retrucou Finnegan.

— Muito bem. Qual a sugestão que você apresenta para evitar o comércio clandestino de quinino?

Finnegan não responde, não tem uma solução.

— Ou você acha que esses vagabundos vão se comportar apenas com sermões? — completou o engenheiro.

— Mas é a saúde deles que está em jogo. — Finnegan começava a ficar

irritado consigo próprio.

— Que saúde coisa nenhuma. Eu estou protegendo é a eficiência do trabalho. Eu não posso contar com homens tremendo de febre ou delirando feito dementes.

— É uma loucura — deixou escapar Finnegan.

— Está certo, doutor, isto aqui parece com um hospício, mas não há outra maneira de agir. Ou há?

— É o senhor que está transformando isto aqui num hospício.

Collier mostrou-se surpreso com o erro de avaliação do médico. Finnegan revelava-se mais ingênuo do que ele suspeitava e pela primeira vez ele sentiu, contra a vontade, uma certa compaixão pelo médico.

— Eu? Sou eu por acaso o autor deste projeto estúpido? Finnegan sacudiu a cabeça negativamente, talvez não com a intenção de reconhecer que Collier não tinha culpa mas para confirmar a inutilidade daquela conversa. Collier prosseguiu.

— Fui eu que inventei esta ferrovia que deverá levar um trem do nada a parte alguma, no meio do deserto? Ora, meu rapaz, no máximo eu posso ser um dos loucos, talvez o caso mais grave, mas assim mesmo um simples louco.

Finnegan não entendia por que tinha de continuar aquela conversa.

— O senhor não devia se meter com os problemas de saúde.

Collier riu e o riso do engenheiro feriu ainda mais o médico.

— Fique tranqüilo que eu não vou andar por aí passando receitas ou tomando o pulso de ninguém. Se estou obrigando essa gente a engolir uma pílula com uma winchester nas costelas, não é por me preocupar com a saúde de ninguém. Eu quero é que essa escória morra, mas antes executem o trabalho conforme o planejamento. E tem mais, se algum engraçadinho não engolir o comprimido direitinho, pode ficar certo que engolirá na mesma hora um comprimido de chumbo.

— Eu estou entendendo — disse Finnegan num sussurro. — No fundo o senhor é um homem bom.

Collier respondeu friamente:

— Se há uma categoria que me deixa irado é esta de “homem bom". Da próxima vez engula esse tipo de elogio, a ouvindo, doutor? Ou eu lhe quebrarei a cara.

Naquela tarde, o maquinista Thomas apareceu na enfermaria com uma queimadura de vapor no braço. Não era nada sério, um pequeno acidente de escapamento jogara algumas gotas de líquido fervente sobre o braço de Thomas. Finnegan tratou das queimaduras, pequenos círculos avermelhados sobre a pele, sem dizer uma palavra. Mas Thomas achava necessário puxar conversa com o

médico.

— É um homem difícil o Dr. Collier, não? Finnegan olhou para ele interrogativamente.

— Desculpe doutor, talvez o senhor não queira tocar neste assunto.

— Não se preocupe — disse Finnegan. — Collier é apenas um homem irritado, mas é um bom sujeito.

— O senhor acha isto mesmo, doutor?

— Claro! Ele não vai é com a minha cara.

— Que nada, é que o senhor ainda não se acostumou com as manias dele.

— Aqui se leva uma vida dos diabos, não?

— O senhor é bem jovem, estou certo?

— Mais ou menos.

— Por que escolheu este trabalho?

— Pelo mesmo motivo que você escolheu, Thomas. Eu não sou diferente de ninguém.

Thomas não acreditou e superou a vergonha que sentia por estar se metendo na vida do rapaz.

— Desculpe, mas não acredito. Na sua idade a gente ainda tem muitas perspectivas, quase sempre melhores do que apodrecer no interior da selva.

— Esta não me parecia a pior das expectativas. Aceitei um convite do Dr. Lovelace, você conhece ele, não?

— Muito, desde o Panamá.

— Pois bem, é um homem fascinante, um profissional competente e estimado nos Estados Unidos. Assisti uma conferência dele sobre patologia tropical. Fiquei impressionado. O trabalho que ele realizou no Panamá foi soberbo. Isto lhe convenceu a vir trabalhar aqui, eu sempre me interessei por parasitologia.

— Parasita é o que não falta por aqui — disse Thomas.

Os dois riram mais do que o necessário.

— Minha vida já estava toda decidida, Thomas. que estivesse formado, teria meu consultório totalmente equipado, no ponto mais importante do centro comercial de minha cidade.

— O senhor é de onde, doutor?

— Saint Louis.

— Bela cidade.

—Você conhece?

— Já estive lá, faz muitos anos.

— Esse negócio de ter a vida definida por antecipação começou a me inquietar. Era como estar preso sem condições de ganhar a liberdade.

— Todos nos sentimos assim, quando somos jovens.

— Aceitei o convite do Dr. Lovelace sem discutir muito. A coisa estava vindo em boa hora.

— Em boa hora? Quer que eu lhe diga o que penso?

— Pode dizer, não tem importância agora.

— Não vai modificar mesmo nada, não é mesmo. — Thomas se mostrava seguro em seu conformismo. — Mas acho que o doutor caiu foi numa cilada do Lovelace. Por aqui não há possibilidade de se fazer nada.

— Não concordo, mas é difícil explicar exatamente o que eu espero disso tudo. Talvez se você fosse o Collier não resistisse a uma boa gargalhada ao ouvir as minhas palavras.

— Não vejo nada de engraçado para rir.

— Obrigado.

— Não me agradeça.

— O que eu estava querendo dizer é que aqui estamos vivendo uma espécie de guerra. É a civilização que está avançando, vencendo a barbárie. Numa guerra acontecem coisas ruins, em geral. Mas sempre o homem consegue fazer conquistas. No futuro algumas descobertas médicas deverão ser computadas ao nosso sacrifício aqui.

— O senhor acredita mesmo nisto, doutor?

— Veja se me entende. Por aqui há muitas formas de Moléstias pouco conhecidas. Nós não estamos preparados para enfrentá-las e se realmente quisermos dominar estas terras, vamos precisar saber como dominar primeiro essas doenças.

— Quer dizer que o progresso às vezes depende de situações como esta?

— É o fardo do homem branco.

—Quem gosta de dizer isto é o Lovelace.

— É uma frase predileta dele. Ele acredita que nossa civilização avança através de desafios.

— E quem vai estar interessado nestas terras malditas?

— Elas não são tão malditas quanto você pensa.

— Não? O que há de bom por aqui? Ouro? Borracha?

— Há borracha, quem sabe também ouro. Aí é que está Por baixo desta floresta aparentemente invencível, podem estar escondidos tesouros incalculáveis. A própria floresta é um tesouro. Quem pode afirmar que no futuro não seremos obriga, dos a marcar realmente nossa presença aqui. Para isto deveremos saber como enfrentar as doenças, domar a natureza.

Finnegan animava-se ao dizer aquelas palavras que não recebiam nenhum significado especial da parte de Thomas.

— Pois eu estou pouco me importando com tudo isto.

— É compreensível.

— Desculpe doutor, eu já estou velho, mas sei que é com o idealismo de moços como o senhor que acabamos vencendo.

— Não se trata realmente de idealismo. É de confiança naquilo que estamos fazendo. Não por outra razão que eu deploro as atitudes de Collier. Ele parece que se deixou vencer, perdeu a perspectiva maior e olha apenas para as coisas mais imediatas.

— Mas ele tem que construir uma ferrovia.

— Eu sei, mas a ferrovia representa muito mais.

— Collier é um profissional.

— Ninguém está negando.

Thomas fica pensando alguns segundos, como que trazendo à lembrança a figura do engenheiro em muitas situações que viveram juntos.

— Ora, o Collier! — exclamou Thomas, novamente a cumplicidade que excluía Finnegan estampada no rosto. — Ele realmente já anda cansado. Já está naquela fase que tudo pode se foder de repente, o senhor me entende? É um cara que já viveu muito. O senhor sabia que o Collier foi capitão de artilharia dos Confederados?

Finnegan não sabia, não sabia nada a respeito do engenheiro,, ele lhe parecia um homem que sempre estivera à beira de uma ferrovia em construção.

— Ganhou duas medalhas por bravura durante a guerra — seguiu Thomas. — E depois foi para a Inglaterra e conseguiu um diploma de engenheiro. Naquele tempo qualquer um relutaria em dizer que tinha um diploma. E para trabalhar na construção de ferrovias, as qualidades estavam medidas pela quantidade de álcool que a pessoa conseguia entornar. Por deus, Collier sabia entornar! Ele andou pela índia, Panamá, na Union Pacific construindo ponte no Wyoming. Se colocassem nas praças estátuas para engenheiros de ferrovias, ele teria ma pelos serviços prestados aos Estados Unidos.

— Um emigrante inglês que fez a América!

— Ele nunca abandonou a cidadania inglesa. Sempre disse que vivia na América como se estivesse na índia ou coisa parecida. Quando foi aprisionado pelas forças da União, no fim da guerra, pensaram que era um espião da Rainha Vitória. Quase foi para a forca. Agora que a coisa passou, ele se diverte muito pensando naquele tempo.

Thomas faz uma expressão de dor.

— Sente alguma coisa? — pergunta Finnegan.

— As queimaduras estão ardendo.

— Não se preocupe, foram bem superficiais.

— Eu já devia estar acostumado com elas, a minha vida foi levar queimaduras de vapor.

— Eu pensei que Collier fosse um desses ingleses vindos da índia — disse Finnegan.

— No fundo ele não deixa de ser. Collier é um autêntico mansahib do British Raj.

— Mansahib!?

E os dias passavam, dolorosos e pouco reveladores para um homem em plena inquietação como Finnegan. A ponte sobre o rio já estava praticamente concluída no final daquela semana. Uma ponte de ferro, com um pequeno arco de vergalhões presos por arrebites e parafusos que os trabalhadores ainda estavam fixando. O piso definitivo é também de vigas de ferro, assoalhado. A esteira de galhos cessa exatamente onde a ponte começa, mas os trilhos ainda não chegaram até ali. Uma equipe de trabalhadores alemães está ocupada na fixação dos parafusos e arrebites. Os barbadianos vão colocando os trilhos obre os dor mentes, avançando a linha na direção da ponte.

Sobre o leito da ferrovia, Collier acompanha o meticuloso trabalho dos barbadianos. O engenheiro caminha de um lado para o outro e verifica a qualidade do serviço. Ele está inteiramente absorvido e parece contente com o andamento da obra. Os últimos dias mostraram-se de elevada produtividade e as mortes por malária haviam cessado. Com as mãos na cintura, Collier não perde nenhum detalhe do avanço dos trilhos. E assim, ele se surpreende quando os alemães, como se estivessem atendendo uma ordem interior, jogam as ferramentas no chão e reúnem-se sobre a ponte. Durante alguns momentos, o grupo de homens não se move, parece apenas aglutinar os outros alemães que faziam trabalhos em locais mais distantes da ponte e que começam a se juntar aos companheiros. Mas se eles não fazem gestos ou qualquer pronunciamento, demonstram bastante hostilidade. Collier volta-se e depara com o grupo reunido sobre a ponte e já pode adivinhar suas intenções. Num relance certifica-se de que os barbadianos continuavam trabalhando e estavam de fora do que estava para acontecer. Como o piso da ponte não foi inteiramente completado, os alemães estão com a retirada cortada e só podem contar com a alternativa de vir em direção ao engenheiro. O piso ainda não concluído forma um vazio de quatro metros sobre um abismo de dez metros de altura.

Collier sente-se calmo e cuidadosamente observa os movimentos dos alemães. Não é exatamente a mesma atenção que ele estava dispensando ao trabalho, é algo que se mistura com ódio. O revólver continua em sua cintura e ele mantém as mãos livres, enxugando-as sobre as coxas.

— O que significa isto? — grita o engenheiro. Os alemães não respondem.

— Ainda faltam duas horas para o fim do turno — diz Collier, a ansiedade crescendo junto com a ameaça.

Um trabalhador alemão adianta-se.

— Não vamos continuar o trabalho.

Collier reconhece o homem, é um rapaz de pouco mais de vinte anos, bastante forte, embora os rigores já tenham lhe reduzido a impetuosidade junto com o vigor físico.

— Voltem ao trabalho e parem com esta imbecilidade.

A voz de Collier soa com desprezo e ameaça. Mas os trabalhadores alemães não se impressionam. O rapaz avança em/ direção ao engenheiro. Collier circula o olhar e não consegue ver nenhum guarda de segurança. Era sempre assim, quando mais eram necessários os guardas encontravam uma maneira de estarem ausentes.

— Temos umas coisas a acertar com a Companhia — disse o rapaz. — Antes disso não voltaremos ao trabalho.

— A Companhia não tem nada para conversar. E temos de concluir o trabalho na ponte.

— A ponte que vá para o diabo.

— O que é que vocês estão querendo? Querem perder o emprego? Querem voltar para a merda em que estavam vivendo na Europa?

—Não e uma ma idéia.

— A Companhia não será nada boa com vocês.

— Mas nós podemos fazer um estrago dos diabos por aqui.

— O melhor que vocês podem fazer é pegar as ferramentas e voltar ao trabalho. — O tom de Collier é mais conciliador —E eu me esqueço de tudo, está bem?

Um outro trabalhador, esfarrapado, magro e os olhos querendo saltar das órbitas, aproxima-se do companheiro que tinha mantido o diálogo até agora sozinho.

— Não, não é possível continuar a trabalhar com essa migalha que estamos recebendo.

O rapaz sente-se reforçado pela vinda do companheiro.

— Isto aqui é um trabalho de cão — argumenta o rapaz. —A gente merecia melhores condições. Nós estamos morrendo. São onze horas de trabalho por um ordenado que nem um lixeiro aceitaria.

Collier começa a ficar impaciente. O trabalho já está inteiramente paralisado com a involuntária adesão dos barbadianos que colocaram as ferramentas de lado e passaram a observar.

— Aqui não é lugar para esse tipo de conversa — retrucou o engenheiro. —

Vocês deviam ter pensado melhor quando os agentes da Companhia mostraram para vocês os contratos de trabalho. Não tenho culpa se foram burros.

O rapaz se aborrece com a última observação de Collier.

— Qualquer lugar é lugar para exigir o que é justo. Qualquer hora é hora para deixar de trabalhar e largar de ser burro.

Collier se enfurece com a petulância do rapaz.

— Ninguém se cura de burrice, rapaz.

O jovem perde o controle e tenta avançar contra o engenheiro mas os companheiros o detêm. Collier leva a mão à cintura e saca o revólver.

— Este aqui é o único argumento que vocês entendem - diz o engenheiro mostrando o revólver.

Os alemães recuam, amedrontados. A arma na mão de Collier parece ter uma identidade própria, dominadora, que ameaça não apenas os trabalhadores como o próprio engenheiro. Aquela inesperada força assumida pela arma constrange o engenheiro. Ele olha para o revólver e se arrepende de estar com a arma na mão, de ter retira do coldre e ameaçado os trabalhadores. Aquela não era a melhor maneira, ele sabia.

— Muito bem, muito bem — disse Collier, guardando o revólver no coldre. — Eu agora não vou discutir problemas de salários com ninguém. Nem tenho autoridade para isto. Voltem para o trabalho e procurem pensar melhor sobre o assunto Amanhã é domingo, dia de descanso. Aproveitem a folga para uma boa meditação sobre a besteira que vocês estão querendo cometer. Voltem ao trabalho e esperem a folga de amanhã. Vocês vão ver que tudo sairá melhor do que uma greve inconseqüente.

Finalmente os guardas de segurança começam a aparecer. Collier ainda está frente aos alemães, acabando de falar. Junto com a segurança, como que prevendo alguma tragédia, chegam o médico e os enfermeiros. Os guardas armam uma espécie de linha de proteção entre o engenheiro e a ponte, impedindo qualquer passagem aos alemães.

Collier tranqüiliza os guardas.

— Tudo está bem. Abaixem as armas, já está tudo em paz. — E falando para os alemães. — Está tudo em paz, não é verdade?

Os guardas abaixam as armas e ficam por ali sem saber exatamente o que fazer. Os alemães entreolham-se e começam a apanhar as ferramentas. Os barbadianos retomam o trabalho. A pouca expectativa se acaba quando alguns trabalhadores alemães começam a martelar algumas pranchas de madeira sobre a ponte. Tudo voltava ao normal e Collier parecia ter vencido a escaramuça.

— Acho que as coisas estão bem agora — disse Collier a um espanhol bigodudo que parecia ser o chefe dos guardas. — Mas não tirem os olhos desses

alemães. Hoje à noite quero uma guarda redobrada no dormitório. É para evitar que algum engraçadinho se faça de líder e me estrague o sono.

— Sim senhor, vou dobrar a guarda — respondeu o espanhol bigodudo.

— Bons encrenqueiros me saíram esses alemães — disse o engenheiro.

Finnegan, seguido pelos enfermeiros, aproximou-se < aglomerado de guardas em torno de Collier. Abriu caminho até ficar perto do engenheiro.

— O senhor continua a defender bem o seu sono — disse o médico com ironia. — Parabéns, fez um bom trabalho.

— O que foi que você disse? — perguntou Collier.

— Disse que o senhor fez um bom serviço. Um trabalho digno de um mansahib.

A resposta de Collier é um certeiro murro na cara do médico. Finnegan nem esboça uma defesa, colhido de surpresa. Recebe o impacto do murro que lhe parte o nariz e desaba no chão, um filete sangrento escorrendo para a sua boca escancarada pelo susto.

9

Adams, internado no hospital com fraturas de costelas, nos braços e clavícula esquerda, era um homem liquidado para Farquhar. Ele não concebia como alguém pudesse permitir se deixar surpreender daquela maneira. Adams revelara-se uma espécie de imprudente, era um homem incapaz de reconhecer a complexidade do jogo no qual se encontrava, conseqüentemente, jamais poderia ter se resguardado dos imprevistos. Ao decidir desafiar o Ministro Seabra, Farquhar estava consciente desde o início quanto aos perigos de seu plano. Ele estudara um complexo conjunto de informações sobre o político nordestino, sabia que Seabra era um homem no estilo violento, podia ordenar uma agressão, até mesmo um assassinato, com a mesma expressão benevolente com que participava nos freqüentes batizados e crismas onde ampliava a sua clientela. Na tarde em que decidiu deslanchar o plano, o Coronel Agostinho lhe telefonara, as notícias não eram muito graves, Seabra tinha acabado de estar com o presidente mas por algum motivo nada comunicara a respeito do cancelamento das concessões para a Southern Brazil Lumber and Colonization Company. Seabra estava em dúvida, hesitava, ou talvez simplesmente estivesse desprezando todos eles. De qualquer modo, era um bom momento para começar. Farquhar estava irritado com os resultados, tudo estava saindo não exatamente como ele planejara, Adams, ferido no hospital, não estava no programa. A amante de Seabra, quebrando as expectativas, recusara-se a colaborar, não era a putinha

interesseira e profissional que ele imaginava, isto é, não inteiramente. Ele foi obrigado a tomar a mulher à força, a raptá-la. Alguma coisa naquela mulher lhe impedia de trair o amante, era como se fosse melhor negócio para ela ficar ao lado de Seabra. A putinha estava escondida, sob guarda, num camarote de um cargueiro ancorado no Cais Pharoux, de bandeira panamenha, e que transportava equipamentos para um de seus negócios. Jamais seria descoberta ali, Seabra poderia ordenar que seus capangas vasculhassem inteiramente o Rio de Janeiro que ela não seria descoberta. Mas todo este esforço ficava quase que inutilizado pelo fato da putinha sacana se recusar a colaborar. O pior é que aquele não era o seu estilo o Brasil ainda era um país muito rudimentar para Farquhar exercitar sua vigarice sofisticada. Entrando no campo da violência, ele estava se metendo num terreno, tinha de reconhecer que Seabra conhecia muito melhor. Seabra crescera pela violência, não era exatamente um vigarista como pedia a civilização, ainda acreditava nos velhos métodos drásticos do passado. Mas Farquhar estava consciente de que era necessário o conhecimento e a manipulação da violência. Ele pretendia dosar sua vigarice quase religiosa com a não menos religiosa violência do país. Ainda mais que o Brasil estava mudando, as turbulências políticas assinalavam o fim de toda uma época que os brasileiros pensavam já ter acabado com a proclamação da República. Ao dosar a vigarice com os métodos brasileiros, Farquhar pretendia criar um método especial para o período de transição que o país começava a atravessar. Tudo era aventura e isto desagradava Farquhar, ele não gostava de aventuras, nenhum autêntico vigarista gostava de aventuras. A vigarice para Farquhar era uma espécie de ciência, onde cada dado estava computado, cada lance estabelecido, não poderia haver nenhuma surpresa. Farquhar sabia que o lucro não se dissociava deste espírito científico da vigarice. Não havia outro motivo para que ele justificasse o espírito turbulento dos brasileiros, a não ser pela excessiva dose de aventureirismo em tudo que acontecia no Brasil. Mas além da aventura, que ainda trazia alguma coisa sadia para os rigorosos padrões de Farquhar, havia outro problema no Brasil. Os brasileiros eram aventureiros mas cultivavam outra coisa pior que a aventura, os brasileiros adoravam a conciliação. Farquhar detestava esse espírito morno e decadente da conciliação. Considerava a conciliação incompatível com a civilização moderna. O mundo moderno, para construir e produzir riquezas, devia evitar a conciliação, as rupturas era necessárias e nada devia estancar no meio quando uma das partes apresentava condições de sair lucrando. Nos seus lances de vigarice a conciliação encontrava-se impossibilitada de sobrevier. As leis internas da vigarice eram rígidas como num jogo de xadrez, o azar e a imponderabilidade deviam ser banidos a níveis desprezíveis. Na vigarice, livre da violência física, não havia também espaço para negaças e manhas. A trapaça

era tão respeitável porque resultava por alguma coisa parecida com a manifestação divina. Mas no Brasil raramente alguém se iluminava pela pura trapaça, a violência afastava a sofisticação quase mística da vigarice. O dia andava devagar, Farquhar estava suado, tinha acordado cedo para visitar Adams no hospital. A moça brasileira casada com Adams o recebera com a cabeça meio pendida e um ar de total incompreensão. Ela poderia até entender a violência, só não compreendia por que exatamente sobre o seu marido. Quando Farquhar estava ainda no hospital, chegaram alguns policiais, vinham investigar para a abertura do inquérito. A mulher de Adams chamara a polícia antes de avisar alguém do escritório. Outro erro imperdoável de Adams, nunca ter ordenado à mulher que não confiasse em ninguém de fora do escritório, sobretudo a polícia. Os policiais eram dois crioulos pardacentos, cabelos oleosos e roupas surradas. Um deles tinha uma obturação de ouro no dente, bem frontal, sem brilho. Não sorriam e tinham uma melancolia de mamífero, alguma coisa de animal que Farquhar costumava detectar nos híbridos representantes da mestiçagem brasileira. Um dos policiais foi sentar-se ao lado da mulher de Adams, bastante respeitoso.

— A senhora é a esposa? — perguntou.

— Sou eu, mesma — respondeu a mulher, os olhos congestionados porque passara a noite chorando.

— Foi a senhora que chamou a polícia?

— Fui eu sim!

— A senhora poderia contar outra vez o que aconteceu?

— Outra vez, eu já contei não sei quantas vezes?

— É necessário, senhora. Nós somos da Divisão de Polícia técnica. O caso agora está em nossas mãos por ordens superiores.

Farquhar se interessou pela informação.

—O senhor pode ser mais explícito quanto a essas ordens superiores? — perguntou Farquhar.

— Em que sentido, Sr.. . . ? — O policial procurava saber o nome dele.

—Farquhar, Percival Farquhar.

O policial se levantou e estendeu a mão.

— Muito prazer, Sr. Percival. Eu sou o delegado Eustáquio Guedes — disse o policial, apertando a mão de Farquhar e depois entregando um cartão de visitas.

— O senhor é o chefe da investigação? — perguntou Farquhar, examinando o cartão de visitas onde aprendeu que o policial era bacharel em direito e tinha diploma de investigação criminal pela Escola de Polícia da Scotland Yard, de Londres.

A idéia daquele crioulo amaciado fazendo curso na Inglaterra não deixou de ser divertida mas Farquhar evitou o riso Por um relance ele viu a expressão irônica do engenheiro Collier passar e desaparecer na luz do sol que entrava pela janela do quarto do hospital. O policial estava falando.

— O senhor me entende, não? Um homem foi brutalmente agredido, desconhecemos os motivos de tal agressão. Não foi um latrocínio e a vítima é um cidadão estrangeiro da mais alta estima em nossa sociedade. Há alguns anos não acontecia algo assim, as autoridades estão preocupadas. Pode ser uma provocação.

— Compreendo — disse secamente Farquhar.

A esposa de Adams ainda estava muito abatida, não dormira mais um segundo depois do ocorrido. O policial tornou a sentar próximo a ela.

— O senhor me desculpe — disse para Farquhar —, ainda tenho necessidade de conhecer o depoimento dela.

Farquhar aquiesceu com um gesto e voltou-se para a cama onde Adams dormia sob efeito de sedativos. Mas não deixou de prestar atenção na conversa que se desenrolava entre os dois.

— Ele estava desacordado e não falou mais. Pensei que estivesse morto. — A esposa de Adams começa a chorar. — Foi uma brutalidade, não posso compreender por que fizeram isto, Adams não tem inimigos, é um homem muito bom.

— Quer dizer que a senhora não desconfia de ninguém?

— Não desconfio de ninguém.

— A senhora não notou nada de diferente no seu marido ontem à noite?

— Nada, nós estávamos preocupados com o nosso filho mais velho, o menino estava com febre, um resfriado, o senhor sabe, e recusava-se a comer e a dormir. Adams é muito carinhoso com as crianças e estava com o menino quando bateram na porta.

— Foi ele mesmo que foi atender à porta?

— Ele mesmo. Não esperávamos nenhuma visita e ele não teve ter desconfiado de nada. Nem me chamou, eu já estava deitada, dormimos cedo.

— E por que motivo quando a polícia chegou alguém disse ao policial que o Sr. Adams tinha caído da escada?

A mulher de Adams estremeceu e Farquhar, olhando pela janela para o movimento da rua, apurou a atenção.

— Disseram isto? — A mulher estava surpreendida.

— Foi o que disseram, está no relatório da ocorrência.

— Não é possível.

— Quem chamou a polícia?

— Fui eu, mandei o moleque correr na delegacia e trazer a polícia. Depois criei coragem e telefonei para a embaixada. A polícia demorou a chegar.

— Quando a polícia chegou já havia mais pessoas em sua casa?

— Tinham chegado, de automóvel, dois funcionários da embaixada e um colega de escritório de Adams.

— A senhora falou diretamente com a polícia?

— Não, eu estava muito nervosa. Os amigos removeram Adams para a poltrona da sala, verificaram que ele estava vivo e um deles decidiu chamar um médico. Eu fui levada para o quarto, mas não consegui pegar no sono, foi uma noite horrível.

— Minha senhora, alguém tentou ocultar das autoridades os fatos que levaram o seu marido à presente situação.

A esposa de Adams ficou por alguns instantes olhando assustada para o policial e procurou alguma ajuda da parte de Farquhar. Ela agora começava a suspeitar que alguma coisa havia por trás da agressão contra o seu marido que não conseguia compreender. Alguma coisa grande e misteriosa que somente Farquhar poderia conhecer. Farquhar aproximou-se dela e pousou a mão sobre o seu ombro, ela chorava.

— O senhor considera realmente necessário prosseguir I as perguntas, Dr. Eustáquio? — perguntou Farquhar, mas insinuando que o policial devia interromper o inquérito.

— É o meu trabalho, Sr. Percival.

— Ela está muito abalada. O que ela disser pouco ajudará, senhor sabe que as mulheres são emotivas.

O policial levantou-se da cadeira, fechou o caderninho estava fazendo anotações e ficou tamborilando com o lápis obre a capa do caderninho.

— O senhor perderia um minuto comigo? — perguntou Farquhar.

— O tempo que o senhor desejar.

Farquhar encaminhou o policial para o corredor do hospital e fechou a porta do quarto. O outro policial, sem saber o que fazer, se deixou ficar encostado na parede, olhando para a mulher chorar.

— O senhor ainda não me disse quem lhe enviou aqui — disse Farquhar.

O policial sentiu-se ofendido.

— Sr. Percival, um homem foi agredido, é dever da policia investigar o caso e punir os responsáveis.

— Não creio que isto algum dia aconteça.

— O senhor não pode dizer uma coisa dessas.

— Escute aqui, Dr. Eustáquio, talvez o senhor até seja um policial bem-intencionado que deseja agir como um profissional. Mas este caso não é comum,

não se trata de uma agressão comum. Há muitas implicações escondidas por trás das aparências. O senhor me parece um homem razoável, é inteligente. Não gostaria de vê-lo prejudicado.

Pela expressão do policial Farquhar logo percebe que é um profissional completamente inocente de tudo. Por algum zelo funcional ele está ali com a melhor das intenções, o que é imperdoável para Farquhar. Um homem como aquele poderia se tornar incômodo e talvez fosse um daqueles policiais incorruptíveis que só causam problemas.

— Escute bem o que eu vou lhe falar — adiantou Farquhar, a voz sibilante e persuasiva. — Este homem não foi agredido. Não sofreu nenhuma agressão. Ele realmente escorregou e caiu da escada, foi um acidente.

O policial ouvia com uma expressão de descrédito, certamente já tivera algumas experiências semelhantes e a coisa começava a lhe parecer familiar. Tratava-se de algum escândalo muito comum nas altas rodas em que a ação policial acabava se tornando um estorvo. Farquhar não deixou de perceber a mudança na atitude do policial e pouco se importou com o que ele estivesse imaginando, contanto que não viesse a atrapalhar.

— Muito bem — disse o policial colocando o chapéu panamá na cabeça. — Relatarei as suas declarações aos meus superiores.

Abriu a porta do quarto e chamou o outro policial com um sinal. Os dois retiraram-se em silêncio. Lá dentro do quarto a esposa de Adams ainda chorava. Farquhar não estava inteiramente tranqüilo, o seu plano ameaçava entrar em crise e ele não gostava de sentir pânico mas era a sensação que começava lhe dominar. A esposa de Adams levantou a cabeça e se esforçava para ter uma visão nítida dele através das lágrimas que toldavam os seus olhos vermelhos.

— O que é que está acontecendo, Sr. Farquhar? Por que fizeram isto com o meu marido?

— Foi um acidente, não se preocupe. — Farquhar confortava a mulher escolhendo a entonação para não externar o pânico que desejava dominá-lo. — Ele ficará bom, não sofreu nenhum ferimento grave e logo irá para casa. Vou providenciar para que ele tire férias, vocês farão uma viagem. A Companhia se responsabilizará de tudo.

Farquhar não confiava naquela mulher, era muito fraca e dependente. Não confiava mais em Adams, tinha se revelado uma presa muito fácil. Em quem poderia confiar? Positivamente o jogo violento estava muito distante de seu estilo.

Naquela mesma tarde, enquanto examinava no escritório umas guias de importação, Farquhar recebeu a visita de um polido cavalheiro que se intitulou funcionário do Ministério da Justiça. A visita não provocou nenhuma expectativa

especial da parte de Farquhar e foi exatamente a primeira vez que ele errou uma avaliação. Isto o deixou bastante preocupado. O cavalheiro foi muito breve e vinha solicitar que ele o acompanhasse até o Ministério da Justiça, naquele mesmo momento, para uma entrevista de urgência com o senhor ministro. O ministro da Justiça era Rivadávia Corrêa e Farquhar não o conhecia pessoalmente. Sabia apenas que era um jurista muito rigoroso, homem de poucos amigos e político muito hábil. Nos diversos casos turbulentos que haviam acontecido nos meses iniciais do governo Hermes da Fonseca, Rivadávia demonstrara-se um duro. Elaborara a contragosto o decreto da anistia, votada pelo Congresso, aos revoltosos da Marinha, mas depois apoiara todas as arbitrariedades punitivas que desabaram sobre os marinheiros. Homem de poucas palavras, era conhecido pela secura com que ratava a todos, mesmo os mais poderosos representantes das oligarquias estaduais. Os brasileiros classificavam ele como um homem rancoroso e que gostava de fazer perseguições. Assim mesmo, Farquhar não se impressionou com o convite, acedeu imediatamente e ainda aceitou viajar no reluzente automóvel do funcionário, dirigido por um empertigado chofer.

No ministério, depois de aguardar por mais de meia hora um certo ar de humilhação pairando enquanto o tempo passava Farquhar foi chamado ao gabinete e recebido por um olhar glacial que vinha do semblante pálido do Ministro Rivadávia. Era um homem imponente que estava sempre carregado do poder que o posto lhe conferia, mas de um modo antinatural, quase como uma ostentação que aumentava este poder para fora dos limites de suas funções ministeriais. Depois de oferecer uma cadeira, observou Farquhar alguns segundos como se tentasse ao mesmo tempo intimidá-lo e conhecer os segredos de seu pensamento. Mas Farquhar não era homem de se intimidar, muito menos de permitir que seus pensamentos fossem invadidos.

— O senhor não disse a verdade ao Dr. Eustáquio, Sr. Percival — disse o ministro, a voz grave e perfurante mas sem nenhum efeito sobre Farquhar. — O que o senhor está tentando encobrir?

Farquhar abriu um sorriso de superioridade, sentia-se intocável, aquela sensação superior e gratificante de estar fora de alcance daqueles homens estúpidos que brincavam de poder.

— O senhor pode estar se metendo em grandes complicações. Um homem de sua organização foi barbaramente agredido e o senhor afirma que tudo não passou de um acidente.

— Ele escorregou da escada — disse Farquhar com cinismo.

O ministro foi aos poucos preenchendo a sua palidez com um rubor de ferocidade.

— O senhor está mentindo.

Farquhar não esperava por esta acusação e retrocedeu, apagando o sorriso.

— Esta é uma grave acusação, senhor ministro.

— Muito mais grave é a tentativa de ocultar fatos das autoridades.

— Não estou ocultando fatos.

O ministro tocou uma campainha e esperou sem mover os aguados olhos de Farquhar, o rubor se transformando em vitória. A porta do gabinete foi aberta e cinco policiais entraram com dois homens algemados. Estavam em péssimas condições, os rostos deformados e as roupas sujas e esfarrapadas. Um deles, bem mais baixo que o outro, tinha os lábios partidos. Farquhar compreendeu imediatamente e procurou mostrar-se frio como um bom jogador que recebeu as piores cartas.

— Estes homens, Sr. Farquhar, ajudaram o Sr. Adams a escorregar da escada. O que o senhor me diz?

— Não conheço estes homens. São brasileiros?

— São brasileiros, trabalham no cais. Estavam farreando no Mangue, faziam desordens e tinham muito dinheiro. Foram detidos porque a polícia suspeitava que fossem ladrões. Depois de alguns interrogatórios, disseram que o dinheiro havia sido pago pelo senhor. . .

— Não admito uma acusação desta — interrompeu brutalmente Farquhar.

— Não me interrompa e escute até o fim — Rivadávia gritou mais alto, indignado com a interrupção.

Farquhar sentiu as forças lhe abandonarem.

— O senhor ordenou que estes homens agredissem o seu próprio empregado. Não posso imaginar os motivos.

— Isto é uma farsa absurda — disse Farquhar.

— Muito bem, o senhor continua a negar tudo. — Fez um sinal e os policiais arrastaram os homens para fora do gabinete. — O senhor nos subestima, mas não tememos o poder econômico. Tenho informações que o grupo que o senhor representa pretende criar problemas para o nosso governo. Sabemos que deram dinheiro para a oposição nas últimas eleições. Agora, pretendem desmoralizar o presidente.

— Isto não é verdade.

— O senhor pode ser expulso do país e seus negócios expropriados. O senhor depende das concessões federais, de dinheiro federal e da boa vontade do governo. Nunca devia esquecer isto.

— Senhor Ministro, se a intenção é me deixar acuado, a farsa não teve efeito.

— Então é uma farsa?

— É, e o senhor sabe disso.

O ministro voltou a observar Farquhar com o mesmo olhar inquiridor. Passaram alguns segundos e o gabinete tinha cheiro de mofo e papel velho. As cortinas de veludo creme eram estáticas como uma pintura realista.

— Estou com vontade, Sr. Farquhar, de expulsá-lo do território nacional.

O homem estava falando sério, Farquhar sabia que era para valer. Rivadávia havia sido enredado por Seabra e agia movido pela solidariedade entre ministros. A conversa estava chegando ao fim.

— Vou consultar o senhor presidente sobre o assunto. Considere-se frente a esta possibilidade, Sr. Farquhar.

Mal chegou ao seu escritório, ligou para o Catete e soube que o Coronel Agostinho tinha sido enviado para Niterói. Farquhar nunca se sentira tão humilhado, mas ainda tinha em seu poder a amante de Seabra. Não seria impulsivo, embora naquele momento sua vontade fosse pegar aquela mulher obstinada e fazê-la vomitar os miolos. Sentou-se comodamente e procurou articular as idéias, talvez tivesse ido longe demais numa empresa fora de seu estilo. Pensou que o mais prudente era o contato mais rápido possível com Ruy Barbosa. O velho advogado saberia analisar com frieza a situação e oferecer um bom diagnóstico. A tarde estava abafada e Farquhar nem viu as horas passarem. Foi então que telefonaram e ele atendeu, era Seabra.

— Olha aqui, seu filho da puta. Posso expulsá-lo deste país com um chute no rabo.

— E eu posso acabar com todas as tuas ambições políticas, Ministro Seabra. — Farquhar enchia a voz de sarcasmo embora desprezasse discussões pelo telefone. — Mas vamos conversar como pessoas civilizadas.

— Primeiro devolva a moça que teus capangas tiraram à força da casa em São Cristóvão.

— Já disse, vamos conversar. Acho que temos muito pouco a ganhar com tudo o que está acontecendo.

Seabra bateu o telefone. Farquhar não se surpreendeu, sabia que logo estaria frente a frente com Seabra para uma cartada definitiva. Ainda tinha esperança de vir a se tornar um bom amigo de Seabra, uma esperança paradoxal mas ele já estava acostumado aos paradoxos.

10

Aos domingos, Consuelo ficava irritada. Sinal de que começava a sentir vontade de viver. A irritação não ficava demonstrada claramente. Finnegan percebia aquela irritação como uma espécie de sensação morna numa

madrugada. Consuelo represava esta irritação mas a inquietude manifestava-se n seu modo de caminhar. Ela dava passadas largas colocando todo o peso do corpo em cada perna, não era a mesma maneira de caminhar, silente e fluida como um hálito perfumado. Pelo menos na imaginação de Finnegan que tinha nela um refúgio. Consuelo estava preenchendo, sem saber, ou quem sabe, até suspeitasse, mas era tão calada e discreta, o espaço aberto em Finnegan por todas as provações que ele estava atravessando. Consuelo ainda flanava na enfermaria alienada dos mecanismos do mundo, mas era como uma porta fechada por onde Finnegan poderia escapar se tivesse a coragem de abri-la. A grande companhia de Consuelo era o índio de mãos amputadas. Finnegan batizara o índio de Joe, Joe Caripuna, e o índio parecia gostar do nome. Era bastante inteligente e dono de uma memória excepcional. Já estava falando inglês melhor do que Consuelo e adorava conversar com o médico, perguntar sobre as coisas, sobre o mundo dos civilizados. Durante as conversas, Consuelo permanecia calada, mas os olhos estavam atentos e animavam Finnegan. Ela gastava seus dias ao lado de Joe, ajudando-o, trocando bandagens, correndo de um lado para outro fazendo mandados e atendendo pedidos do índio. Nos últimos dias Finnegan chegara a surpreender um sorriso nos lábios dela enquanto o índio falava alguma coisa, algum comentário cômico, fruto de sua completa ignorância sobre os costumes civilizados.

Consuelo instintivamente lutava para escapar do opressivo convite ao desespero que a sua vida se transformara. Esta luta irrompera com um ímpeto crescente e agora queria ser saciada. Ela era jovem e a juventude estava agindo como um nervo exposto. Suas mãos estavam sempre úmidas e nunca se cansava, o vigor fluía por todos os músculos de seu corpo e um cheiro de roupa molhada recendia de seus cabelos. Consuelo acreditava que alguma coisa se soltara dentro de seu corpo e libertara uma força que ela desconhecia. A idéia lhe agradava e era compensadora. Ela tinha perdido tudo, ou assim imaginava, uma mulher à solta na vida, como uma esponja velha que continuava a absorver angustiadamente os últimos restos de líquido numa superfície seca. Tudo lhe parecia inesperado, às vezes, inoportuno. Seu corpo se rebelava contra os sentimentos que se refutavam na cabeça e dilaceravam o coração. Ela já se permitia cogitar sobre o que faria no outro dia, não vivia mais apenas presente como se fosse seu tempo exclusivo. Por isto, irritava-se aos domingos como às vezes sonhava calmamente durante a noite. O seu amigo índio melhorava na proporção com que ela fazia a depressão recuar para os desvãos da mente. Ela gostava do índio, uma espécie de piedade que esperava que os outros sentissem por ela. O índio não tinha mãos, ela também sofrerá uma amputação, embora invisível. Seu marido estava morto e este pensamento agora só lhe provocava um

arrepio de consternação. Ela ainda não estava conformada, tinha às vezes fome da presença do marido, da carne dele, e chorava porque isto agora seria impossível. Chorava porque era um desejo que ficava prisioneiro do passado, mas não tinha medo de satisfazer esse desejo por outra carne, outra presença. Achava que estava ficando cínica, o que às vezes lhe dava medo e outras vezes lhe deixava orgulhosa. Sou mulher, ela pensava nessas horas sou assim agora, o destino quis contra a minha vontade. O pensamento não reconfortava mas já era suficiente para evitar o desabamento na apatia. Algumas noites, agora que os pesadelos haviam se retirado, ela não sonhava imagens, o sono era um vazio branco e vinham somente as sensações, uma orquestra de violinos e pianos, conversas alegres e o seu corpo envolvido pelos braços que ela sabia que eram dele, de Alonso, e dançavam, as mãos dele, o calor da palma macia encostada à sua omoplata, giravam, imperceptivelmente moviam-se sem que nada separasse seu corpo do dele, os quadris roçando e massageando o pênis dele, era demais, mesmo o roçagar da respiração contra o seu pescoço e ela não querendo mais acordar porque sabia que era um sonho. Ela devia murmurar naquele estado de vigília que representava a rebeldia de seu corpo jovem. Suspeitava que murmurasse, e ao acordar temia perceber uma cumplicidade na expressão do médico, estranho homem, um rapaz ainda, esquivo como um sabão. Ela chegara a odiar o médico, ele lhe vira nua, não exatamente nua porque a despira quando tinha chegado desacordada, mas nua como um suspiro, um sopro, um segredo revelado à força. Mas Finnegan parecia onipresente, estava ao seu lado quando ela abria os olhos e os seus pensamentos giratórios lhe pediam para abandonar a vida. Qualquer hora da noite que ela despertasse, lá estava o rapaz, solícito, oferecendo um copo com água que ela bebia quase de um só gole porque sofria uma sede insaciável. A onipresença dele era leve, apertava e confortava de uma maneira que ela não sabia explicar, uma ternura líquida, devoção açucarada e uma furtiva masculinidade que insinuava-se através dos cuidados que ele lhe dispensava. Ela o via como um homem, ele era um homem, ele tinha a vastidão masculina que já conhecera em Alonso, a rebeldia de seu corpo também aí se revelava. Quando Finnegan não estava na enfermaria, e isto acontecia praticamente durante o dia inteiro, ela se divertia com o índio. Ele tinha habilidades incríveis, e fazia perguntas inesperadas. Lhe confessara que durante muito tempo suspeitou que os civilizados não tivessem mulheres, não imaginava como se casavam e tinham filhos. Essas confissões divertiam e Consuelo abria um sorriso ainda remoto, mas um sorriso. O índio fazia brincadeiras e jamais se lamentava pelo fato de não ter mãos, era como nunca tivessem existido e não fizessem falta. De certo modo isto era verdade, ele tinha muita habilidade com os pés, conseguia apanhar coisas pequenas do chão, pegar revistas e folheá-las,

mover cada dedo separadamente como alguém moveria os dedos da mão. Um dia, para diversão de Consuelo, ele realizou um pequeno prodígio: apanhou uma caixa de fósforos, abriu, retirou um palito e riscou, acendendo-o. Para completar, aproximou o palito do rosto e apagou o fogo com um sopro divertido. Consuelo gostava dele, ele não se afogava em ectoplasmas, tinha coragem ou qualquer coisa parecida. Fosse lá o que fosse, ele lhe empurrava e lhe obrigava a reconsiderar a vida. Os dois ajudavam-se sem que um nada pedisse ao outro, viviam amparados, uma simbiose de sofrimentos que lutava para retomar o destino que parecia torto.

Os prodígios do índio não passavam despercebidos de Finnegan, eram divertidos. O índio tinha uma força, uma energia muito especial que lhe escapava e que tornava aquele homem sem mãos diferente de todos. Não era passividade, nem conformismo perante a tragédia, o índio era possuidor de um aprumo emocional que lhe deixava surpreso. Conseguira, pela força vital, trazer um novo estímulo para Consuelo e estava também lhe afetando. Perante o índio, as tragédias ficavam reduzidas às devidas proporções, não eram mais tragédias e sim um esvaziamento, um esquecimento do sagrado. O índio tinha alguma coisa de sagrado, pequenos deuses que lhe completavam as mãos ausentes. Era estranho, confortador e inexplicável. Finnegan sentia que a piedade não se aplicava ao índio, talvez o que lhe perturbava era a ternura que dele se estendia como uma respiração. O índio era uma coisa completa, não exatamente uma coisa, uma personalidade cujas mãos haviam se tornado invisíveis e por isto mais presentes do que antes. Sou incompleto e tenho mãos, pensava Finnegan, não mereço a compaixão que sinto por mim mesmo. Às vezes gostaria de sentir raiva, odiar a sua ingenuidade, não conseguia. Este índio me estremece porque ao preencher-se na incapacidade anula as minhas comiserações. Minha autopiedade é ridícula perante ele. £ü tenho minhas mãos, tenho meu povo, não sofro de verdade Merda, sou católico e sofro por procuração. Finnegan era um homem de boa vontade e por isto estava se fodendo. A única opção lhe parecia aderir à vigarice, embora o índio invadisse o mundo pela porta perigosa da coragem. O que ele esperava era merecer um dia partilhar do mundo de fragilidades do índio do mesmo modo que Consuelo escapava e permitia que a fenda que se abrira em sua vida iniciasse a cicatrização.

Era domingo e Consuelo estava agastada. Ela não compreendia por que tinha de ficar prisioneira nos domingos. Lá fora, um grande número de homens armados estavam guardando o dormitório, haviam passado a noite ali. Consuelo não sabia que aos domingos acontecia um importante ritual, o banho coletivo dos trabalhadores. O banho tinha sido inventado pelo Dr. Lovelace e fazia parte do programa de higiene e saúde. O que Consuelo não podia presenciar era um

quadro muito deprimente que a chocaria a sensibilidade e não a moral. Por volta das dez horas da manhã, os trabalhadores apareciam despidos, arrumados numa fila. Todos estavam obrigados ao banho semanal, apenas os doentes podiam escapar. Uma carreta serve de palanque onde os homens sobem, entre quatro a cinco homens, e recebem o jato de três mangueiras sustentadas pelos guardas de segurança. O clima é de brincadeira, mas uma brincadeira incapaz de esconder o constrangimento de muitos, sobretudo daqueles mais idosos. Os homens sobre a carreta devem passar sabão grosso no corpo e lavar a sujeira acumulada da semana. Algumas brincadeiras são rudes, de empurrar o companheiro no piso escorregadio do vagonete, ou bater na cabeça do outro, os sorrisos de internato masculino. Os homens mais tímidos tornam-se melhores alvos e geralmente eram transportados nos ombros dos companheiros, em triunfo, até à plataforma onde permaneciam indefesos e assustados, escorregando sob o forte impacto dos jatos d'água propositadamente lançados sobre eles.

Cada trabalhador, já despido, aguarda na fila a sua vez, segurando a roupa suja sob o braço. Antes de subir para enfrentar os jatos d'água, a roupa suja e velha é colocada num grande cesto de vime. As roupas velhas serão incineradas mais tarde. Quando algum trabalhador decide que já acabou o seu banho e vai descendo, recebe um pacote de roupas novas e limpas que são imediatamente vestidas sobre o corpo ainda molhado. Somente os calçados não são trocados e o trabalhador coloca novamente o sapato ou a bota que estava usando, invariavelmente estado deplorável. É claro que os mais graduados não participavam e tinham acesso a um conjunto de cinco duchas de campanha instaladas nas proximidades do conjunto de tendas. Os graduados podiam tomar banho todos os dias, se assim o desejassem.

Consuelo, irritada e reclusa na enfermaria, ainda ficava mais sozinha porque o índio era levado para fora e podia tomar sol ao mesmo tempo que fazia parte da selecionada platéia de guardas e técnicos que sentavam em cadeiras de armar e observavam o banho, às vezes até participando das brincadeiras.

Collier fiscalizava, como sempre. Especialmente neste domingo de tensões transpirando e que as duchas não esfriariam.

Thomas, com os olhos semicerrados pelo sol, percebia a intensa expectativa do engenheiro.

— Parece que se acalmaram.

— Não sei, eles não esquecem fácil — disse Collier. Sobre a carreta um grupo de alemães ensaboavam o corpo sob a mira dos jatos de água.

— Não vieram mais procurar falar com você? — insistiu o maquinista.

— Nenhuma palavra. Estive a manhã inteira na minha tenda, à espera — respondeu Collier.

Um rapaz alemão lava-se com uma envergonhada arrogância.

— Se não forem obrigados a tomar banho, cairão de podre — disse Collier.

Thomas não consegue afastar da cabeça a rebelião grevista do dia anterior.

— Eu pensei que a coisa ia ficar preta.

Collier olhou para o maquinista com uma expressão consoladora.

— Eu quase perdi a calma. Cheguei a sacar o revólver, depois vi que não seria necessário.

— Eles não estavam organizados.

— Foi o que senti, pareciam ter decidido num rompante. Não haviam premeditado.

O rapaz alemão vem descendo e recusa a roupa limpa que lhe é oferecida. Ele caminha até a cesta e vasculha as roupas até encontrar uma ainda usável e que lhe cubra a nudez.

— Veja só aquele bastardo — disse Collier. — Não tem coragem de pegar uma roupa limpa. Prefere um farrapo imunda.

— Uma roupa lavada e nova custa cinco libras. São vinte libras por mês.

— Por Deus, Thomas, não me venha com matemática de irlandês agora. Eu daria cem libras para poder trocar de roupa duas vezes por dia. Com o calor que faz aqui. . .

Thomas não respondeu, sabia que Collier, que ganhava um salário cinqüenta vezes maior que o salário de um só trabalhador, não conseguiria entender o gesto do rapaz alemão Collier simplesmente considerava repelentes os resultados da miséria.

Depois do almoço, Collier e Thomas arrastaram cadeiras de lona para uma grande área de sombra onde o índio já estava dormindo em sua maça. Três grandes ingazeiras esparramavam seus galhos sombreando em círculo, onde o calor não chegava a invadir e eles podiam sentar placidamente. Collier usava uma folha de papelão para espantar o calor e Thomas esticava-se, quase dormindo, mal deitara na cadeira. Alguns cozinheiros e serventes estão limpando as mesas do almoço, recolhendo os pratos sujos e desmontando os toldos de lona que haviam sido armados para os mais graduados. O sol sublinhava com bastante contraste as sombras no chão e os poucos homens que ainda se movem parecem fazer os movimentos por pura teimosia. Alguns cachorros esquálidos disputavam os restos de comida e o calor forte era quase uma linha de floresta trêmula sob a cortina deformante e perfeitamente transparente da umidade em evaporação. Aos poucos Collier foi se entregando ao sono e o braço com que se abanava deixou o papelão cair no chão, ao lado da cadeira. O engenheiro fora assaltado por um sono avassalador que nem o mormaço parecia impedir. Mas a paz não tinha chances no Abunã e as cenas patéticas, como o sono de Collier,

não aconteciam por muito tempo. Logo guardas de segurança aparecem, estão agitados e cercam o engenheiro, indecisos se devem acordá-lo. Mas Collier, que sempre teve um sono leve e acostumou-se a estar sempre em guarda, desperta, esfrega os olhos e observa interrogativamente os guardas. O chefe, com seu imponente bigode, adianta-se.

— Senhor, os alemães fugiram.

Collier não esperava, recusa-se a acreditar.

— Fugiram? Não é possível, ninguém foge daqui.

— Fugiram, senhor. Não sabemos para onde foram. Não encontram mais no acampamento.

— Devem estar por aí, procurem melhor.

— Eu estou lhe dizendo, senhor, fugiram.

Collier levanta-se contrafeito.

— Não devem estar longe, eles nada conhecem por aqui, não sabem andar na mata.

O bigodudo chefe da guarda enxuga a testa suada.

— Eles levaram o Dr. Finnegan, senhor.

— Finnegan fugiu também? Será que decidiu dar uma de defensor dos fracos.

— Não creio, senhor. Ele foi levado à força. A moça boliviana também. Estivemos na enfermaria, está toda depredada. Parece até que lutaram lá dentro.

— E os enfermeiros?

— Mortos.

Collier coca o queixo, o domingo estava saindo mais movimentado do que ele desejara.

— Mortos, todos eles?

— Os corpos ainda estão lá, na enfermaria.

— O que será que pretendem com Finnegan e a moça?

— Não posso imaginar, senhor.

— Deus proteja Finnegan e a moça.

O espanhol sacudiu afirmativamente a cabeça.

— Vamos até a enfermaria — disse Collier.

O índio começou a gritar alguma coisa e o engenheiro voltou-se para ele.

— Não se preocupe, tudo sairá bem.

Mas ele não tinha certeza, os alemães estavam dispostos a tudo e poderiam assassinar o médico e a moça boliviana. Olhou para o índio e sentiu que mais uma vez aquele homem havia escapado da morte, se estivesse na enfermaria teria sido assassinado, os alemães ainda cultivavam ódio contra ele. Fez sinal para que Thomas ficasse ali com o índio e seguiu os guardas de segurança.

O interior da enfermaria parecia ter sido atravessado por ciclone. Os móveis, papéis, tudo espalhava-se pelos quatro cantos. Pendendo de uma trave do teto, os enfermeiros balançavam, enforcados e com expressões de indescritível sofrimento. Logo abaixo de cada um dos corpos, fezes acumulavam-se depois de terem escapado quando os esfíncteres relaxaram no momento final. O armário de remédios estava arrombado e saqueado, incluindo os frascos de substâncias tóxicas e venenosas que ficavam num compartimento especial. Sobre o armário tombado estava o barbadiano Jonathan.

— Muito bem, Jonathan, o que aconteceu?

— Nada, Mas ter Collier.

— Nada? Vamos lá, Jonathan. Eu conheço você, o que aconteceu?

— Os alemães. . .

— Isto eu já sei.

— O Dr. Finnegan está vivo.

— E Consuelo?

— A moça também.

— Como você sabe?

— Eu vi tudo. Os alemães levaram eles amarrados.

— O que mais?

— Eu estava aqui na enfermaria quando tudo aconteceu — disse Jonathan, aos poucos levantando a cabeça que conservara baixa numa pose dissimulada. — Quer dizer, eu vim com os alemães.

— Você?

— Eu sabia desde ontem à noite que eles iriam fugir hoje, logo depois do almoço. Eles também assaltaram o almoxarifado. Vieram aqui na enfermaria roubar remédios. Eles só queriam apanhar quinino, só isso, mas o Dr. Finnegan reagiu. Foi aí que eles se enfureceram e decidiram carregar o médico e a moça. O Dr. Finnegan poderia servir de refém no caso da Companhia tentar alguma coisa.

Collier ouve a confissão de Jonathan e sente náuseas.

— Eu queria ir com eles — continua o barbadiano. — Fui eu que selei e preparei as mulas e aguardei a hora combinada. Mas eles me expulsaram, disseram que não queriam negros com eles. Me deixaram aqui, eu não agüento mais isto tudo, eles deviam ter me dado o mesmo destino dos enfermeiros, me pendurado ali em cima. Eu estaria mais contente a esta hora.

— Você é um estúpido, Jonathan. Se estava com vontade de ir embora, não era necessário agir assim.

— Como não era necessário, Mas ter Collier? Como eu posso saber o que é necessário para sair daqui. O inferno não tem porta e cada dia que passa eu vou

perdendo o sentido das coisas. O pagamento não compensa o sacrifício, é uma miséria.

Os alemães só queriam ganhar um pouco mais e o senhor puxou revólver para eles.

Collier enrubesceu e desviou o olhar.

— Se o senhor puxa o revólver, que dirá os outros? Eu decidi seguir os alemães, ajudar eles a fugirem. Só assim eu ainda parecia não estar morto.

— Você está perdido, Jonathan. Não imagina a armadilha em que foste cair.

— Eu já estou nela há muito tempo, acho que desde que nasci, Master Collier.

Eram quase quatro horas da tarde, logo começaria a escurecer. A noite impediria uma perseguição eficiente e as patrulhas poderiam até cair em emboscadas. A fleuma de Collier era como um clarão a se extinguir, sua respiração enchia o ar com uma fina névoa de ansiedade e derrota. Olhou para os guardas e fez sinal para que prendessem o barbadiano.

— O trabalho está suspenso aqui no Abunã. Amanhã desceremos para Porto Velho. — Toda a presunção tinha desaparecido do engenheiro e ele agora era, como sempre, um homem velho deslocado no tempo. — Logo agora que estávamos conseguindo superar os atrasos.

Uma pequena fração do inferno estava rompida, mas o inferno era indestrutível. Deslocados no tempo, nenhum homem percebeu que os olhos de Collier estavam cheios de lágrimas.

Livro III

Um dia ainda vamos rir disso tudo

11

Ainda não eram onze horas da noite quando uma pequena embarcação abordou o cargueiro de bandeira panamenha que estava ancorado há duas semanas no Cais Pharoux. A embarcação pertencia à frota da Alfândega do Rio de Janeiro e transportava vinte homens armados. Mal encostou no enorme casco de ferro do transatlântico, um homem gritou por um megafone que a escada do navio devia ser baixada e que se tratava de uma fiscalização de rotina. Na amurada do convés apareceram marinheiros sonolentos e o comandante, todos muito assustados, que obedeceram as ordens sem resistir. A escada foi descida e os homens subiram, o silêncio cortado pelos seus passos nos degraus de madeira, até finalmente atingirem o passadiço. 0 mesmo homem que dera ordens pelo megafone apresentou-se ao comandante e conversaram rapidamente. O comandante balançou a cabeça afirmativamente e o homem acenou para os subordinados que vasculharam inteiramente o navio. A operação não durou mais de meia hora e logo a pequena embarcação desatracava em direção à terra, trazendo uma mulher.

No cais, a mulher foi colocada numa vitória e desapareceu na noite. Ela parecia ausente, segurando uma sacola de roupas, sentada entre dois homens. A vitória seguia pelas ruas desertas a direção do bairro de São Cristóvão. Na proporção que pareciam se aproximar do destino, a mulher ia apresentando sinais inquietação, mas nenhum de seus acompanhantes lhe dizia qualquer palavra. Os cavalos trotavam, o carro trepidava e ela a jogada de um homem para outro, embora procurasse evitar isto.

Escondida por trás de uma máscara grave e consternada, a felicidade de Seabra lutava para se libertar. Ele não poderia suspeitar que seus poderosos inimigos iriam agir com tamanha imperícia, acumulando erros primários, deixando rastros tão nítidos que pareciam propositais. Ele não podia demonstrar felicidade porque logo a sua amante estaria de volta e ela merecia uma lição exemplar. A fidelidade de última hora que ela havia demonstrado não apagava o

fato de ter falado na ausência dele com os inimigos. Ela se deixara seduzir, pensava que podia exercer sobre ele algum poder, era uma mulher esperta, ele sabia, mas não esperta o suficiente para modificar alguma coisa em sua vida. O incidente tinha sido revelador e agora Seabra preparava-se para ministrar o necessário corretivo. O estado de espírito em que se encontrava naquele instante, assaltado de felicidade, em nada influenciava a dureza com a qual aplicaria o castigo sobre sua amante. Ele lembrava como a tinha encontrado, não era a sua primeira amante e nem seria a última que teria. Ainda amava a esposa, mas a relação entre eles agora mantinha-se triste e sem fantasias. Os anos de casado tinham rodado para a falta de paladar que era como um fastio. A esposa, que tinha um estilo muito prático de vida, reduzira os seus encontros a meros contatos epidérmicos e para ele isto era insuficiente. Ele sabia que muitas esposas de seus amigos, aprisionadas no casamento, haviam arranjado amantes. A sua mulher, não. Era uma mulher muito orgulhosa e na lógica dela procurar outro homem era como pedir alguma espécie de auxílio vergonhoso, e ela jamais pedia auxílio porque se achava acima de todos. Estava envelhecendo lentamente, fanando numa contração de crueldade que fascinava Seabra e dava-lhe confiança. As mulheres que ele encontrava, suas amantes, eram só mulheres. Aquela que logo estaria ali na sua presença, era uma mulher. No início do ano, quando visitava obras de drenagem em Mata Cavalos, ele viu passar uma moça, quase uma menina, cabelos escorridos e castanhos, a pele branca ardendo no sol matinal com a temperatura que ele admirava nas mulheres. Ele imaginou que o coração dela deveria estar batendo rápido no calor do sol e teve vontade de sentir as pulsações, de colocar o ouvido sobre os seios dela e escutar o latejar fantástico que era um coração em' seus ritmados espasmos vitais. A moça caminhava quase saltitando e carregava um embrulho. Entrou num imundo botequim onde ele mais tarde decidiu entrar também, levando a comitiva, para beber água tônica. O botequim era tão pobre que não tinha água tônica, os freqüentadores se confortavam com aguardente e conhaque de alcatrão, únicas bebidas existentes ali. O ambiente era repelente, um balcão de madeira nunca limpo e nenhum lugar para os fregueses sentarem. Certamente não era um lugar apropriado para alguém ficar sentado saboreando algo. Ela não estava lá quando ele entrou com a comitiva. Encontrou um português assustado e apressado porque via seu estabelecimento invadido por pessoas limpas, respeitosas e obviamente distantes dos habituais operários e biscateiros que bebericavam amarguras na penumbra da noite. Ele não se demorou muito e mandou investigar a respeito da moça. Soube de tudo a respeito dela e não foi difícil encontrar uma maneira de trazê-la à sua presença. Naquela mesma semana o primeiro encontro aconteceu. Os pais não davam muita importância aos movimentos da filha, eram

miseráveis demais para compreenderem que ela já estava crescida e sentia o mundo desabar sobre a sua vida sem perspectiva como o monturo de lixo que se amontoava no pátio do cortiço onde vivia. Ele a apanhou uma manhã e foram passear na Quinta da Boa Vista. Ela mostrava-se encantada com o passeio na vitória, mas demonstrara desde o início uma reserva cativante e não era nada tola para a idade. Estava usando um vestido gasto e frouxo, certamente reaproveitado de alguém mais velho, talvez de sua mãe. Quando ele tocou nela procurando ouvir seu coração, sentiu que ela estava vibrando, o calor inerte ganhava nova qualidade e soube que não haveria mais problemas, ela era dele. A casa de São Cristóvão pertencia a um compadre seu, pernambucano doente e que vivia no Rio desde o Império. As primeiras semanas foram de luminosidades onde eles tateavam, a vida para ela ganhava contornos fulgurantes que jamais suspeitara existirem. Os vestidos caros, as comidas diferentes, as jóias, a reclusão numa nuvem de perfume lhe modelava outra vez até renascer uma mulher que gemia alto enquanto ele gozava, uma mulher que já olhava por novas justificativas. Ela ganhava o patamar das ambições, estava corrompida e confundia esta aceitação como uma virtude. Então, apareceram os emissários do americano de cabelos negros e carinhosas carícias molhadas de uva. As novas promessas sibiladas e que abriam-se como clarabóias. A reclusão rompida pela intromissão do americano lhe fitava ainda mais, ela tinha tudo e agora exercitava até uma ia privada. Já não era exclusiva de seu amante poderoso, não sentia-se culpada, adorava o mistério e dentro da perfumada nuvem em que vivia sentia-se lisonjeada. Mas o medo se intrometeu e ela escorregou, o americano queria jogar alto com ela mas ainda não estava preparada para expandir-se como ele lhe pedia. Quis pular e escapar, mas a nuvem se adensou e ela tornou-se prisioneira de seus espantos. No camarote onde ficara aprisionada depois de recusar as ofertas do americano, sentia-se amedrontada e queria jogar para o mar toda a sua impudicícia a sua resistência, mas tinha medo e perdera todo o orgulho' Ninguém lhe perdoaria. A vitória estacionou na frente da casa de São Cristóvão, havia luz na sala e ela passou maquinalmente a mão ajeitando os cabelos. Seabra ouviu o veículo estacionar e os cascos dos cavalos percutirem no calçamento. Sentou-se na poltrona da sala e aguardou.

Ela entrou, ostentava uma altivez que não tinha, uma falsa confiança que pretendia passar como sinal exterior de sofrimento. Esta armadura se rompeu quando ela sentiu a expressão glacial de Seabra. Atirou-se sobre o amante e foi repelida por um empurrão que a jogou contra a porta. Ficou esmagada de surpresa contra a porta, olhando para o amante e suplicando para que lágrimas lhe escorressem pelos olhos. Ela acreditava que os homens respeitavam as lágrimas femininas. Mas as lágrimas não vieram, ela estava sozinha e nem podia

chorar.

Seabra investiu e deu-lhe uma bofetada. Ela girou ao ruído seco da pancada mas não caiu.

— Sua cadela vagabunda — gruniu Seabra.

Quando ele tentou repetir a dose ela esquivou-se mas continuou no mesmo lugar. A mão de Seabra atravessou o ar e ela sentiu cheiro de ódio. Seabra deixou a raiva crescer por ter errado a bofetada.

— Eu não tenho culpa — ela gemeu com voz sumida.

— Não quero ouvir tua voz, fica calada — disse Seabra.

— Mas eu preciso falar, você tem de me ouvir. — Ela também começava a ficar excitada e a ganhar coragem, embora não tivesse a menor idéia de onde estava tirando aquela coragem.

— Vocês todas são iguais.

Seabra viu que ela estava perdendo o medo, era demais, estava carregado de ódio e a mulher enchia-se de coragem na sua frente.

— Eu não traí você, poderia ter sido pior.

Ela tinha razão, fora meia traição. Aquela verdade amolecia um pouco a sua ira. Ela o olhava e havia qualquer coisa desdenhosa partindo dela. Seabra estava numa encruzilhada.

— Estou cansada — disse ela, largando o corpo e relaxando-se.

— Quantas vezes vocês se encontraram?

— Eu não tive nada com ele.

— Quantas vezes?

— Ela estremeceu e sentiu a face arder, estava corada.

— Só duas vezes — respondeu triste.

— Sua galega imunda.

— Não foi nada.

— Sua galega imunda. — Havia ódio e teimosia na voz

— Ele nunca dizia o que realmente queria.

— Tenho vontade de te encher de porrada.

— Ele me forçou.

— Porque tu permitiste.

Ela baixou a cabeça e as lágrimas não vinham. A humilhação de Seabra clamava e ele queria desmanchar aquele rosto orgulhoso. Partiu para cima dela. Alguma coisa tornava os movimentos dela lentos, como se realmente não desejasse escapar da violência que agora se abatia sobre ela. Sua mão pesada de homem subiu e desceu seguidamente abatendo-se sobre o rosto dela. Havia uma certa lentidão, um cuidadoso dosar nas pancadas que ele desferia sobre a expressão que se deformava, como se desejasse marcá-la. Os lábios dela estavam

partidos, os olhos fechavam sob o peso das pálpebras inchadas e as maçãs do rosto pareciam querer soltar e colar-se em sua mão. Mas ela não chorava, permanecia firme, algumas vezes os joelhos fraquejavam sob as pancadas mas ela recusava-se a desabar. Seabra foi ficando cansado, o rosto dela era uma devastação avermelhada e violácea. A mão dele ardia e estava inchada.

Naquela noite Seabra dormiu como um justo. Ao seu lado ressonava opaca e subserviente a sua esposa. O mundo parecia nos eixos e a felicidade finalmente podia chegar na superfície e limpar da face todas as marcas da severidade. Ele só não percebia que tudo tinha acontecido facilmente, mas não queria pensar mais no assunto, afinal, estava novamente com a amante > o seu controle e achava que nada mais podia lhe ameaçar.

Farquhar saiu do Ministério da Justiça muito assustado. Rivadávia queria mostrar o seu poder e as ameaças eram para valer. Quando Seabra lhe telefonou para ameaçar e insultar, começou a sentir-se mais seguro, mas precisava urgente mudar de técnica, positivamente não gostava de violência. Farquhar já tinha aprendido que não era um bom negócio ser violento com a classe dominante, no Brasil os poderosos estavam se mantendo lá em cima há muito tempo pelos métodos violentos e sabiam o que estavam fazendo. Quando Seabra bateu o telefone, ele procurou organizar os pensamentos. De certo modo estava sozinho, seus colaboradores mais próximos prudentemente estavam afastados por ordens suas, não podiam ser queimados se algo saísse errado. Ele era assim, os atos e conseqüências de tudo o que fazia gostava de assumir abertamente. Não era por outro motivo que recebia a admiração daqueles que o cercavam. A sua alta vigarice necessitava de fidelidade incondicional. Os pensamentos custaram a se organizar, a violência atrapalhava a fluidez de seu raciocínio. Por isto, e como precisava com urgência mudar as regras do jogo, foi procurar seu amigo Ruy, o advogado.

Inteiramente alheio aos acontecimentos, Ruy não ficou surpreso com o que ele lhe contou. Não escondeu nada de essencial, conversaram sobre todos os detalhes e Ruy parecia se entusiasmar, embora tivesse ficado de início irritado com a coragem demonstrada pelo seu inimigo Seabra. Reconhecer que Seabra era homem sagaz e de coragem custava um preço doloroso para o velho advogado. Mas a sua inteligência treinada para junções impossíveis e justaposições conflitantes caminhava mais rápida que seu ódio e preconceitos pessoais. Era isto que Percival Farquhar gostava de admirar em Ruy, ainda mais quando o cinismo das conclusões surgiam revestidos de uma pompa retórica exemplar.

Ruy estava num de seus dias gloriosos de malícia, o ostracismo lhe fazia

bem, aguçava a sua venenosa casuística. Depois de examinar detidamente todos os acontecimentos, ordenou que fosse servido um chá enquanto ruminava o que acabara de ouvir.

— E a amante dele — perguntou com um ricto de satisfação na boca que fazia o bigode dançar —, que tal?

Farquhar, que aguardava expectante, respondeu com desanimo.

— Muito bonita.

— Bonita realmente.

— Realmente. Grande mulher.

— Ele posta de mulheres belas, é vaidoso.

— Ela envaidece qualquer homem.

— Acredito. Pena que Seabra confunda as coisas.

— Ele confunde?

— Confunde tudo, acredita que pode cultivar a vaidade porque anda com belas mulheres. Isto é burrice, não é verdade? Farquhar não estava interessado neste assunto e deu de ombros. Ruy compreendeu a indiferença do amigo, estava agora sério, segurando a alça da xícara de chá com dois dedos finos e arqueados que levavam a bebida à boca como duas lesmas brancas.

— Você me entendeu, Ruy? — disse Farquhar pousando a xícara sobre o pires porque o chá tinha esfriado. — Seabra não *é* brincadeira, ele mandou espancar o pobre Adams e depois convenceu o Ministro Rivadávia de que eu é quem tinha mandado fazer o serviço.

— Não se preocupe com Rivadávia, é um idiota.

— Um idiota poderoso, que pode me dar dor de cabeça.

— E Adams, como está realmente?

— Vai ficar bom, ficou bastante machucado o bestalhão.

— Você não gosta mais dele?

— Perdi a confiança nele, foi um alvo fácil, se mostrou inconsciente.

— É um bom rapaz, vai aprender.

Farquhar tinha a impressão de se tornar impulsivo na frente de Ruy. A sensação não era nada boa para o seu orgulho próprio.

— Você já decidiu as próximas etapas? — quis saber Ruy.

— Não exatamente, mas pretendo evitar novas violências.

— Muito acertado de sua parte.

— O problema é que enquanto a amante de Seabra estiver em meu poder, tudo pode acontecer.

— Quem sugeriu raptar a mulher?

— Inicialmente eu tinha contato com ela, contatos íntimos mesmo, você entende.

Ruy deu um sorriso ao imaginar que Seabra dividia uma amante com Farquhar sem saber.

— Ela parecia ser uma mulher e tanto — continuou Farquhar desanimado. — Em nosso último encontro ela parecia ter concordado em fazer Seabra se aproximar de nós. Contei para a que pretendia levar Seabra e uma comitiva até Porto Velho, a uma visita à ferrovia que está sendo construída lá. Seria uma viagem e tanto, ela parece que começou sonhar alto, a se imaginar ao lado de Seabra visitando a obra. Ela se encontrava comigo por pura aventura, não pedia dinheiro.

— Seabra é muito rico.

— Ele é rico, eu sei. Mas ela parecia não se importar muito com dinheiro. Vinha se encontrar comigo porque gostava Mas quando mandei procurá-la para que abandonasse Seabra ela recusou. O Coronel Agostinho conseguiu os homens e eles a trouxeram à força.

— Era homens do Coronel Agostinho?

— Dois ex-soldados, receberam ordens dele de trazer a mulher de qualquer maneira. Arrancaram ela da casa e trouxeram para um depósito que temos na Rua da Alfândega. Fui tomado de surpresa e consegui colocar a mulher num navio que está ancorado aqui, descarregando equipamentos para nós. Ela está lá, recusa-se a colaborar, não come.

— Que fidelidade.

Ruy tinha dito a frase como quem dissesse: "que comédia".

— Seabra deve ter ficado uma fera quando descobriu que a mulher não estava mais em casa — disse Farquhar. — Na mesma noite ordenou o espancamento de Adams. O Coronel Agostinho garantiu que eram homens de Seabra.

— Eu não sabia que o Coronel Agostinho não gostava de Seabra — disse Ruy, deliciado com a descoberta.

— Ele detesta Seabra por um motivo tolo, diz que sua promoção não sai porque há uma conspiração da qual Seabra faz parte.

— Muito interessante. Pena que o Coronel Agostinho seja um homem muito burro. Conheci-o na Europa, era adido militar na embaixada do Brasil. É uma figura afetada, diria, repelente. E muito pretensioso. Parece que fez curso de estado-maior na França e se considera a maior autoridade em assuntos militares no Brasil. Não passa de um tolo desastrado, o tipo de gente com a qual se liga o outro desastrado, me refiro ao Hermes.

— O marechal gosta muito dele, é íntimo do presidente.

— Quando você me disse que ia colocar o Coronel Agostinho naquele cargo, fiquei calado mas não aprovei inteiramente a idéia. Está certo que é um homem

de confiança de vocês.

— Ele tem nos ajudado muito e agora vai nos ajuda ainda mais.

— Não sei, criando casos imbecis com o Seabra.

— Ele foi um tanto impetuoso.

— Jogou tudo fora. A idéia era conseguir um processo contra Seabra. Os pais da moça entrariam na justiça e ela confessaria que Seabra a seduziu e a degradou. O escândalo estaria formado e o homem perdido. Mas agora ela já não serve para

— Ela é um estorvo. Ainda mais se for encontrada no barco que foi fretado pela minha empresa.

Ruy olhou alguns segundo para Farquhar.

— Mas ela deve ser encontrada por Seabra naquele barco. Ele deve ter todas as provas contra você, Farquhar.

— O que é que você está querendo dizer com isto? Ruy se aborreceu.

— Eu não uso as palavras em vão — disse agastado. — O que eu quis dizer foi exatamente o que você entendeu.

— Mas eu estaria perdido. Seabra me dominaria, eu passaria a ser um joguete dos interesses dele.

— Os interesses de Seabra são bem menores que os seus interesses, Farquhar.

— Tanto pior, eu teria de descer ao nível dele.

— Muito pelo contrário.

— Não estou alcançando o raciocínio. . .

Ruy olhava para ele com orgulho, Farquhar não se importava de parecer um pateta perante aquele homem minúsculo que parecia um verme falante.

— Pelo que eu entendi, você quer parar com a violência, não estou certo?

— A violência não me agrada.

— Também não gosto da violência, mas infelizmente este é o método dos medíocres que têm nos governado.

— Mas não quero perder.

— Você não perderá, será vitorioso, embora Seabra não perceba.

Farquhar avançou o corpo para a ponta da cadeira e passou a observar Ruy como se desejasse perceber cada palavra no momento exato que elas fossem emitidas por aqueles lábios murchos.

— Ele deve encontrar uma pista fácil que o leve até a moça -_ disse Ruy. — A pista deve ser fácil mas não inteiramente óbvia. Seabra é estúpido mas às vezes a desconfiança do sertanejo funciona. Os homens dele encontrarão a mulher e terão todas as provas de que realmente foi você que cometeu o seqüestro como uma forma de pressioná-lo. Ele mal suportara o orgulho que vai

sentir, se achará um homem poderoso capaz de atrair o olhar de grupos como o seu. E você será chantageado por Seabra. Deixará que ele lhe ameace, lhe tome dinheiro. Você o comprará enquanto ele pensa que está lhe extorquindo. Quando descobrir a verdade, estará tão atolado que não poderá voltar atrás.

O plano era fascinante, Farquhar sabia que funcionaria como um relógio. A única dúvida era se Seabra, sendo um homem rico, se deixaria comprar tão facilmente. Mas lembrou-se que era um dos homens mais ricos do mundo e em comparação com a sua fortuna, Seabra não passava de um homem modestamente aquinhoado.

12

Em outras circunstâncias ele teria vomitado, o odor de gordura rançosa lhe penetrava pelas narinas e parecia querer rasgar internamente deixando um gosto mordente na boca do esôfago. A posição em que Finnegan estava também criava problemas de circulação e seus membros começavam a pesar e formigar, já não sentia os dedos dos pés a não ser pelo frio incômodo que aderia e sensibilizava as unhas. Finnegan era prisioneiro dos alemães fugitivos e sentia-se um homem que apagava-se, balançando de um lado para outro, dentro do tonel de gordura sobre o lombo de uma mula, amarrado sem possibilidade de escapar. As cordas atavam as mãos às pernas e ele era obrigado a ficar sentado numa só posição. Do outro lado da mula, um outro tonel transportava em situação idêntica a moça boliviana. Finnegan se esforçava para ouvir algum sina que indicasse o estado de Consuelo, não podia gritar pois estava amordaçado. Ela gemera alto nos primeiros momentos e se debatera mais do que ele, agora tudo estava malignamente calmo e a mula avançava pela floresta sem os sobressaltos que sentia com carga rebelde e estranha.

A horda de homens desesperados que atravessa a perigosa floresta alagadiça do Abunã tinha como líder um rapaz baixo, forte e de cabelos revoltos e escuros. Seu nome era Günter, mas todos o conheciam como o Mouro. Ele não tinha vocação para liderança mas a força das circunstâncias o tinha empurrado à frente de seus companheiros. Estava alerta e bastante assustado, mas não sentia medo, na verdade, estava incapacitado a sentir medo. Aos vinte e cinco anos, sentia-se envelhecido e sem esperança. Mas era de todos o que mais desejava escapar e isto o tornava líder. Nascera em Hanôver, praticamente à beira do cais, e lá cresceu e se tornou estivador. Sua mãe era uma prostituta que pulava de um cabaré para outro, todas as noites, trepando com qualquer homem que lhe pagasse uma mixaria, e que chegava bêbada e amarrotada como um saco velho

todas as madrugadas. Pelo que ele lembra, ela sempre fora uma ratazana portuária, uma mulher magra, de seios caídos e murchos, sempre imiscuindo-se do roupão imundo que costumava usar em casa, um cubículo entulhado nas proximidades do porto de Hanôver. Ela não nascera em Hanôver, mas ele não sabia exatamente de onde viera nem como chegara para viver na noite. Nem mesmo sabia a idade dela porque sempre lhe parecera velha à luz do dia e jovem quando chegava a noite e vestia-se pintada e sorridente. Ela ainda devia estar rondando os cabarés da cidade, agarrada ao pescoço dos marinheiros, trepando com homens dos quatro cantos da Terra. Ela lhe dizia que tinha uma boceta internacional e isto o repugnava. Não conhecera o pai e desconfiava que a mãe também não tivesse a menor idéia de quem a engravidara com um jato apressado de esperma numa noitada de azar. Ele desconfiava que as histórias que ela lhe contava a respeito do pai não passavam de fantasia de puta. Segundo estas estórias contadas com rancor ou ternura, dependendo do estado de ânimo em que ela se encontrasse, seu pai era um militar turco, um almirante ou oficial, a patente não importava desde que fosse elevada. Este homem sem rosto, só um jato de esperma, tinha prometido coisas para ela, estavam apaixonados e um dia ele desapareceu. Nunca mais foi visto e ela se desesperou porque estava grávida £ não conseguia mais arranjar fregueses. Nunca fora puta de bordel, detestava sentir-se prisioneira e preferia a arriscada e menos valiosa prostituição de calçada, caçando seus fregueses nas portas dos dancings e cabarés, levando-os para becos escuros ou terrenos baldios. Quando a gravidez a impediu de caçar fregueses ela se refugiou num hospital de caridade e ali e nasceu. Foi criado pelos cubículos e quartos em que ela vivia, sempre sozinho, só com ela, até que aos quinze anos se meteu em encrenca séria, participando da entrega de um contrabando de ópio. Günter foi internado num reformatório, padeceu durante um ano e meio a disciplina violenta da instituição, até conseguir escapar. O reformatório só se importava com aqueles que permaneciam seus prisioneiros e Günter nunca foi incomodado, voltando para o porto de Hanôver, embora não vivesse mais com a sua mãe. Vez ou outra a encontrava pelas calçadas e ela chorava mas jamais lhe pediu que voltasse para ela. Günter entendia que devia viver por sua conta, o fato daquela mulher lhe ter parido não passava de um acidente tão fortuito quanto ela ter engravidado de um oficial turco ou coisa parecida. Às vezes ele imaginava que a vontade que ele sentia de fugir do Abunã, forte como a vontade que o levara a escapar do reformatório e de outras formas de prisão, não seria uma herança do horror que a sua mãe tinha pelos fechados ambientes dos bordéis. No Abunã o clima de bordel era perceptível, eles estavam ali que nem prostitutas, com a agravante de nunca treparem, só gastarem as forças em troca de um dinheirinho imundo. Mas Günter não era

exatamente um homem revoltado, não tinha perspectivas claras e nenhuma vontade especial quanto a sua vida. A única coisa que ele agora desejava era escapar, ver-se livre da prostituição do Abunã, escapar das malhas da Companhia, nunca mais voltar a pegar uma marreta para martelar dormentes de uma estrada de ferro que lhe escapava da compreensão. Não podia construir nada que se assemelhasse a um projeto de vida porque o futuro sempre fora para si uma porta fechada, cada vez mais fechada e inacessível. A onda de desemprego que se abateu sobre o porto de Hanôver em 1909 aumentara a concorrência nas ruas. As greves foram barbaramente reprimidas pela polícia, muita gente morreu na rua fuzilada pelos soldados. Centenas de trabalhadores honestos começaram a fazer pequenos assaltos, a bater carteiras, só o desespero e a fome movendo a miséria. Naquele mesmo ano apareceram pelo porto uns norte-americanos convidando trabalhadores para irem trabalhar na América. Muita gente tinha partido para a América e agora estava ganhando rios de dinheiro. A América fascinava e logo os norte-americanos podiam contar com quatrocentos homens prontos para embarcarem. Günter estava entre os quatrocentos sonhadores, embarcaram num navio cargueiro que balançava no mais pacífico dos mares e parecia prestes a levar a breca quando o mar encrespava. Mas a América era um continente muito grande, nenhum homem teve a curiosidade, na hora de firmar o contrato, de perguntar exatamente para que lugar da América estavam sendo contratados. E como não foram perguntados, os norte-americanos nada disseram. Mais uma vez o destino pregava uma peça a Günter. Não era para Nova York que eles estavam sendo levados, quinze dias depois atravessavam a linha do Equador e o mar fosforescia num calor diferente. Vinte dias depois atracavam no porto da cidade de Belém, no Brasil, e a maioria sentiu-se lograda. Aquilo não era a América que tinham sonhado. Vinte homens tentaram escapar do navio e foram apanhados antes de chegar em terra. Sofreram um castigo duro, aprisionados no porão escaldante, sem comida e sem ar para respirar. Contam que foram torturados mas ninguém tem certeza, Günter não podia afirmar, mas o certo é que dezoito morreram e ficaram enterrados em Belém. O cônsul da Alemanha veio a bordo mas não conversou com nenhum dos homens, limitou-se a examinar as papeladas de posse dos agenciadores norte-americanos. As papeladas pareciam corretas e o cônsul nunca mais foi visto. Os mais agitados começaram a se conformar e Günter esperava, sem curiosidade, como seria afinal Porto Velho, destino final do navio. Os sonhos e as esperanças daqueles que ainda tinham capacidade para estas coisas se transferiam para Porto Velho. Günter mantinha-se isolado, não gostava de fazer amizades, não confiava em ninguém. Mas agora, estava ali furando a selva liderando os sobreviventes do porto de Hanôver. Conhecia todas

aquelas caras ansiosas, sabia das aspirações de cada um dos homens. O destino de todos em suas mãos era uma ironia cruel mas ele não se importava nada com este fato. Aliás, não se importava com coisa alguma, queria só escapar. Mas a fuga não era fácil, a selva tornava-se densa; cipós enroscavam-se de uma árvore para outra e recusavam-se a serem cortados porque eram duros como ferro, luxuriantes tufos de flores tombavam do copado das palmeiras gigantes e insultavam com sua beleza os angustiados fugitivos. A barreira complicada do verde das folhas arrancava a força deles e a escuridão era cada vez maior na proporção que eles se extenuavam. A selva não oferecia nenhuma desculpa para eles viverem, era outra prisão, a umidade rachava os troncos podres e o som aos vegetais na agonia da morte formava ecos rascantes aos Passos dos homens que procuravam marcar uma trajetória sobre a densa e milenar camada de húmus podre e molhado. Günter seus companheiros seguiam chapinhando e seus esforços variados, vez por outra ilógicos, como atos de loucuras que a sede de escapar permitia, juntavam-se aos ruídos gélidos da noite que chegava rápida num lúgubre ressoar. As palmeiras, cipós as castanheiras, seringueiras, mognos e malvas, arbustos e trepadeiras lançavam-se para cima em lampejos de gotas de orvalho que rebrilhavam. Günter recusava-se a olhar para os lados porque toda a desordem da floresta lhe trazia à mente a sua própria desordem. Como ele a selva não parecia ter uma finalidade, e pela sua alma corriam as mais desencontradas reflexões. Na trilha que iam abrindo a escuridão imperava, os contornos de cada homem desmaiavam na penumbra, eram desbotadas sombras em movimento. Seus aguados olhos ardiam e eles mantinham-se em fila indiana, avançavam através da picada rústica que iam abrindo. Por isto, a fila de homens e mulas avançava com lentidão. Eles tinham conseguido escapar com oito bestas de carga que trazem víveres arrumados em tonéis de madeira. Os tonéis haviam servido de depósito de gordura e exalavam um fedor insultuoso, um ranço abominável que agora parecia ser o próprio odor da Companhia e do trabalho no Abunã. Na frente, ia a equipe de homens encarregada de abrir a picada. Alguns dos homens já tinham feito aquele tipo de serviço e estavam executando a tarefa de uma maneira febril. Mas a selva não deixava que penetrassem nela facilmente, resistia, interpunha obstáculos floridos e rendados que os golpes de machado ou terçado não causavam nenhuma espécie de dano, além da escuridão cada vez maior. Para superar a deficiência de luz e continuarem a fuga mesmo durante a noite, alguns homens começavam a acender lanternas de petróleo, mas a luz não se mostrava suficiente, era uma luz débil que se fechava num círculo ridículo em torno de cada um dos portadores de lanternas. A agressividade da caminhada e a sofreguidão dos homens afetava as bestas de carga, elas seguiam nervosas, o instinto farejando o perigo, e dificultavam o avanço porque

titubeavam e seus cascos estancavam até que uma chicotada as conduzia para frente. A picada, no final das contas, não passava de uma espécie de túnel por onde eles iam penosamente avançando. Um enlouquecido silêncio guiava cada um deles. Mas o silêncio não desbotava a necessidade de avançar, de descer o machado contra os galhos das árvores ou mesmo arrancar pedaços de cipós com as mãos. Como uma manada de animais os homens rompiam a traiçoeira simetria vegetal que séculos de violenta umidade multiplicara as espécies quase ao infinito.

Günter seguia um pouco atrás, conduzindo uma das bestas pelo bridão, sem deixar de observar o esforço que os companheiros realizavam para abrir a picada no congelado verdor da floresta enegrecida pela noite. Nuvens de insetos vinham invadir o túnel criado por eles, atormentavam, abatiam-se furiosamente sobre a pele de Günter. As mulas tropeçavam e sobre elas os insetos também caíam como chuva de grãos. A caminhada se processava com avanços e paradas, o que era uma tortura suplementar para os prisioneiros. Consuelo e Finnegan sacolejavam dentro dos tonéis e escorregavam na fétida gordura que untava a madeira e transformava aquela prisão numa penumbrosa caverna. Os braços de Consuelo já começavam a mostrar os sinais dos ataques dos insetos e ela queria morrer. Ela tinha perdido peso, estava magra, a repugnância que sentia pelas roupas emporcalhadas de gordura agarrava-se a sua garganta como gosma ardente, as mãos estavam inchadas e roxas, pareciam dois sapos túrgidos e de sua boca saíam gemidos indistintos, dentro da cabeça uma moleza dolorida espraiava-se através das têmporas. Do outro lado, Finnegan não tirava o pensamento dela, a mula caminhava aos tropeços alguns metros e estacava, movimentando os músculos das costas com repuxos nervosos porque os insetos picavam e sugavam seu sangue. Cada repuxo era um solavanco nos tonéis e Finnegan deslizava para frente e batia com a cabeça na madeira ou deslizava para trás e batia a coluna vertebral. Os insetos também atolavam-se na gordura e debatiam-se até morrer, enquanto Finnegan se perguntava no que iria dar toda aquela loucura. A sensação de estar irremediavelmente fodido era monomaníaca e todos os seus pensamentos transitavam pelo patético. Finnegan começava a odiar o patético e no ermo do tonel, rolando e deslizando de um lado para outro, maldizia a sua infértil ambição. Talvez se ele tivesse sabido proteger um pouco melhor Consuelo, ela agora não estivesse ali povoando o delírio de fuga daqueles desesperados. Ela enfrentara com bravura os alemães, debatera-se e gritara, enquanto ele observava inerte. Tinha defendido com melhor disposição o armário de remédios do que ele. Era to fraco, a armadilha estava incrustada em todos os seus atos, assim podia definir-se perfeitamente como um imbecil. O médico imbecil. Desde criança que a imbecilidade lhe rondava, crescera num

ambiente de mulheres, cercado de meninas e empregadas que o adulavam porque era o único homem na casa além do pai. A sua brincadeira predileta era se esconder durante horas enquanto as meninas o procuravam, gritando pelo seu nome, algumas vezes suplicando para que ele as puxasse para o seu esconderijo, lhes tapasse a boca e experimentassem sensações proibidas no corpo. Ele gostava de fazer isto com Nancy e as outras se excitavam com o que Nancy lhes contava mas os desejos delas nunca foram satisfeitos. De certo modo ele agora estava escondido, embora não fizesse nenhum sentido o esconderijo porque Nancy não viria chamá-lo, como Consuelo ela estava presa, e para sempre, num esconderijo inacessível. Seus braços e pernas, na passividade imposta pelas cordas, formigavam e incomodavam, a língua estava seca e inchada, os dentes doíam e o nó da mordaça apertava cada vez mais. E como estaria Consuelo? Estaria viva? E se os alemães decidissem violar Consuelo? Eles eram capazes de qualquer infâmia. Finnegan temia que isto acontecesse, não suportaria o fato dela vir a ser violada na sua frente e este temor era mais forte que o medo de morrer.

Günter sentia as pernas falharem porque estavam pesadas como chumbo. Suas forças começavam a se render ao cansaço. Tinha perdido o sentido do tempo e parecia já estar caminhando há muitos dias. Mas estava fugindo há apenas quatro horas. Os homens lá na frente da fila também mostravam exaustão, havia uma lentidão exasperante quando eles cortavam a picada. As paradas lhe pareciam cada vez mais longas e os avanços cada vez mais curtos. A mula que Günter conduzia pelo bridão respirava afogueada, as narinas dilatadas contraíam-se e dilatavam-se sob a pálida luz do farol. Ninguém dava uma palavra, só ofegavam e lutavam para avançar, continuar de pé, superar o cansaço que lhes obrigava a um esforço sobre-humano. Günter, assim como os seus companheiros, nas poucas horas que estavam na floresta, apresentavam-se horrivelmente marcados, as roupas em farrapos cobriam muito pouco o corpo de cada um deles. Braços e pernas mostravam arranhões sangrentos e outras marcas inglórias da fuga. Mas o pior era o cansaço, cada vez mais forte, as tentativas de superá-lo cada vez mais inúteis. Uma nova parada acordou Günter de seu torpor, dois homens desabaram lá na frente e os outros observam atônitos e sem iniciativa. Günter larga o bridão da mula e apressa-se para chegar ao local. Dois homens estavam caídos, inertes e os outros se deixaram dominar pela exaustão e olham para os companheiros desmaiados com indiferente sonolência.

— O que está acontecendo? — perguntou Günter, ofegante.

— Estamos muito cansados — disse um velho de barba

Günter abaixa-se sobre os homens prostrados e verificou se ainda estavam

vivos. Ainda viviam, dormiam feito pedra pois nem sequer tinham desmaiado. Haviam sido abatidos pelo cansaço, nada de especial.

Um dos homens veio ajudar Günter a socorrer os companheiros e levantou um deles pelas axilas. O homem dormia, imóvel e deixou a cabeça tombar para o lado, a respiração fraca.

— Estão dormindo — disse Günter.

Em volta já se formava um aglomerado de expressões miseráveis loucas para seguir o mesmo exemplo dos dois que estavam no chão.

— Não estamos mais agüentando — disse o velho barbado. — Vamos acabar estourando.

— A gente podia parar por aqui — sugeriu alguém. Günter observou as mãos do homem que estava no chão, estavam em carne viva.

— O diabo é que ainda estamos muito próximos da estrada de ferro.

— Com tudo o que caminhamos? — perguntou o velho barbado.

— É que a gente perdeu a noção do tempo — respondeu Günter. — Na verdade não andamos mais de quatro quilômetros.

O cansaço parecia estar trazendo os homens à realidade. A fuga começava a parecer um absurdo, mesmo Günter já não tinha mais certeza do que estava fazendo, mas não queria demonstrar isto aos companheiros.

— Será que a gente está fazendo a coisa certa? — perguntou o velho barbado.

— Estamos fugindo, não estamos?

Günter tinha respondido sem convicção e o velho começou mostrar-se apavorado. Os homens comentavam entre si a situação.

— Acho que podemos parar por aqui — disse Günter. Eles não nos perseguirão durante a noite. Acordaremos de madrugada e recomeçamos a caminhada.

As palavras de Günter não tinham convencido os seus companheiros. Eles aglomeravam-se em torno dos homens desacordados e aumentavam as vozes.

— Não larguem os animais por aí — gritou Günter. Toda a comida que temos está guardada nos tonéis. Se as mulas desgarrarem estaremos perdidos realmente.

O homem que estava desmaiado perto de Günter abriu os olhos e se assustou com o aglomerado em torno dele, tentou levantar mas as forças faltaram e ele se deixou ficar quieto.

— Ele acordou — apontou o velho barbado —, pensei que estivesse morrendo.

— Já disse que só estavam dormindo — replicou Günter.

— Estou bem — disse o homem abrindo os olhos e reconhecendo os

companheiros.

Um rapaz de idade semelhante à de Günter destaca-se do grupo e ajoelha-se perto do homem que acordou.

— Já está bom, velho?

— Amanhã já estarei em forma — confirma o homem. O rapaz tem exatamente a mesma estatura de Günter, mas os cabelos louros descem pelo ombro e no peito ele tem uma tatuagem em forma de âncora. O rapaz volta-se para Günter.

— Amanhã ele estará bem.

Günter confirma e começa a se levantar.

— Acho que todos nós estaremos bem se dormirmos um pouco.

O rapaz levanta-se ao mesmo tempo que Günter e segue-o com os olhos.

— Só falta uma coisa.

Günter pára.

— Só falta que Günter nos explique como vamos sair daqui.

— O que foi que você disse? — pergunta Günter.

— Você ouviu muito bem, Günter. Estou perguntando como vamos sair daqui. ,

— Não vamos perder a calma agora. Está tudo dando certo.

— Você acha que está tudo dando certo?

— Claro! Não seja idiota, rapaz. Você devia saber que não seria nenhum passeio. Isto é uma terra selvagem.

— É por isto mesmo, Günter. Nós não sabemos se isto vai mesmo dar certo.

O rapaz estava falando por todos, Günter sentia isto e começava a se aborrecer. Não gostava de ser líder, por ele, estaria fugindo sozinho, sem a responsabilidade de agüentar a covardia dos outros.

— O que é isto, rapaz? Está se borrando de medo? Por que você não ficou lá com o engenheiro Collier, lambendo as botas dele?

O rapaz deu meia-volta para se acalmar e tornou a observar Günter com raiva. Não podia ainda explodir porque esperava que Günter realmente tivesse uma solução.

Günter percebeu que o rapaz ainda dependia dele como a maioria daqueles homens se entregava à liderança dele sem discutir. Era repugnante tudo aquilo para ele.

— Eu devia saber que estava tratando com um bando de frouxos — disse Günter se referindo a todos eles. — Deviam andar de saia, bando de filhos da puta.

— Escute aqui, Günter — interrompeu o velho barbado —, estamos querendo conversar. Ouvir o que você realmente tem para facilitar a nossa fuga.

Queremos que você seja razoável. . .

— Eu não sou razoável porra nenhuma, eu não convidei ninguém para fugir comigo.

— Você me falou que tinha um plano para fugir — disse serenamente o velho. — Nós estávamos humilhados com o que tinha acontecido na tarde de sábado. O engenheiro sacando o revólver para a gente, nenhuma possibilidade de aumento. Não tínhamos nada e você tinha um plano de fuga.

— Um plano meu, só para mim.

— Eu sei, acho que nós todos estamos sabendo. Mas onde foge um, podem fugir cem.

— Mas cem homens de coragem, não cem filhos da puta.

— Não se exalte.

— Por que ninguém abriu a boca quando estávamos no acampamento, antes da fuga? Por que ficaram calados? Por que lançaram a cabeça como vacas ruminando no campo para tudo o que eu disse?

— Não podíamos discutir, estávamos sendo vigiados. Você já esqueceu que redobraram a guarda?

— Só que agora não é mais hora para perguntar e discutir, e seguir em frente e está acabado.

O rapaz aproxima-se de Günter.

— Já estou ficando farto da tua conversa, Günter. A tua arrogância já me encheu o saco e já encheu o saco de todo mundo. Quer saber de uma coisa, você não vai nos levar a parte alguma. Você não tem realmente nenhum plano de fuga concreto, só sabia como escapar do acampamento. E isto porque na última hora aquele preto decidiu ajudar, roubando as mulas Nem isto você tinha pensado.

Günter observa aturdido o rapaz falar.

— Querem saber de uma verdade? — pergunta o rapaz para os companheiros. — Não estamos indo a parte alguma

— Podemos até estar andando em círculos — disse o velho barbado.

— O nosso amigo Günter nem ao menos se lembrou de trazer a bússola — disse o rapaz.

Os homens começaram a murmurar que não conheciam nada daquele terreno, que não teriam nenhuma chance e que estavam realmente cometendo uma loucura.

— Por que vocês não calam a boca — gritou Günter. — Ainda temos um bocado de chão até atingirmos o rio Madeira.

— E como chegar ao rio Madeira?

Günter sentiu um medo sincero naqueles homens.

— Seguindo para o norte — disse abrandando a voz. — Eu entendo que

vocês estão com medo. Eu também tenho medo, mas isto não tem nada a ver com covardia. Nós não somos covardes. Não podíamos continuar agüentando aquela vida. Nossos contratos com a Companhia só terminam daqui a três meses. Até lá já estaríamos todos mortos se não tentássemos esta fuga. Nós vamos atingir o rio Madeira e desceremos o rio até Manaus.

O velho barbado olhou constrangido para Günter.

— Vamos ser razoáveis, Günter — disse o velho. — Eu também concordei em fugir. Todos nós concordamos, ninguém foi forçado. Mas estávamos de sangue quente. Agora chegou a hora de pensar melhor.

— Você acha que devemos desistir, voltar?

— Não é mais possível voltar, seremos tratados como escravos.

— E então, o que temos para pensar?

— Você disse que quando a gente chegar ao rio Madeira, desceremos para Manaus, não é verdade?

— Qual é a dúvida?

— Como desceremos o rio Madeira? Nadando? Você tem idéia da distância que teremos de enfrentar até Manaus?

—É uma distância grande, mas não impossível de ser vencida.

Günter começava a duvidar se realmente seria possível fazer aquela viagem. Apenas quatro quilômetros de caminhada na selva já estava provocando todo um clima de desânimo entre os companheiros. Meses de trabalho duro, má alimentação e cansaço tinham quebrado alguma coisa neles todos. Estavam fracos e eram homens à beira da derrota.

— Você não respondeu a minha pergunta, Günter — disse o velho barbado.

Günter sentou no chão, esticou as pernas e ficou olhando para os companheiros. Logo todos começaram a imitar seu gesto e sentaram-se em círculo.

— Por que vocês não vão dormir? — perguntou Günter.

— Como é que a gente vai dormir sem saber o que vamos fazer amanhã quando acordarmos? — disse o rapaz e os outros concordaram.

— O plano não mudou em nada. Pegaremos os tonéis e transformaremos numa balsa — todos ouviram Günter em silêncio.

— Eu acho uma loucura — disse o velho barbudo. — Nunca chegaremos a Manaus flutuando pelo rio Madeira.

— E o que você sugere, velhinho?

— Nós temos dois prisioneiros, o médico é funcionário graduado, quem sabe não poderíamos negociar com a Companhia?

— Você sabe que o engenheiro Collier adora o médico. Sabe qual a resposta que nós teríamos? Um pontapé no rabo.

— Eu não acredito que eles abandonassem o médico.

— Eles abandonariam a própria mãe — disse o rapaz, concordando com Günter.

— Então não temos nenhuma saída — retrucou o velho.

— No fundo eu sei o que você está querendo, Gustav — disse Günter para o velho. — Você quer que a gente volte Para o acampamento de rabo entre as pernas e peça desculpas ao engenheiro, não é isto? Quer que a gente chegue lá e diga que nós fomos uns meninos malvados mas que estamos arrependidos. É isto o que temos que fazer?

O velho corou, todos convergiam o olhar para ele, esperavam uma resposta, qualquer resposta.

— Poderá ser uma saída, companheiros. — O velho gaguejava ao formular a frase. — Não tenho certeza se vamos conseguir flutuar à deriva pelo rio Madeira até chegar em Manaus.

Günter começou a ficar indignado com a passividade do velho Gustav, um homem que servira de intermediário entre os agenciadores, procurando e aliciando homens desempregados pelo porto de Hanôver. O velho trabalhava como capataz das docas e perdera o emprego por motivos escusos. Perambulava pelos bares, bebendo e trapaceando, até que a onda de desemprego formou um exército de famintos que logo foram absorvidos pelos agenciadores da Companhia. Gustav reapareceu bem trajado, sóbrio e fumando charuto, acompanhado por alguns norte-americanos. Mostrava-se arrogante e exigia que todos lhe lambessem as botas antes de colocar o nome na lista dos americanos. Agora ele estava ali, falando macio, seus patrões não haviam sido benevolentes com o velho aliciador, fora encaminhado para o mesmo trabalho que os homens que ele havia humilhado começavam a executar no Abunã. Günter teve vontade de pular sobre o velho e reduzi-lo a pedaços.

O velho pensou que Günter estava retrocedendo e embora calculasse errado, não se preocupou com isto. Levantou-se e começou a falar.

— Não quero colocar a culpa em ninguém, mas todos estamos sentindo que a nossa fuga não foi a melhor solução. Eu sei que ficamos entusiasmados pela facilidade com que escapamos do acampamento. Mas agora nós sabemos por que a vigilância nunca foi tão perfeita por lá. Com a selva não há necessidade de guardas e estávamos prisioneiros sem termos consciência disso.

O velho voltou os olhos para Günter para ver a reação que ele ia tomar.

— Nosso companheiro Günter disse que o medo não quer dizer que somos covardes. Não será covardia abandonar a fuga e voltar para o acampamento.

Fez uma pausa, os homens ouviam em silêncio e Günter estava tenso como uma mola prestes a se romper.

— Jamais conseguiremos chegar a Manaus numa balsa de tonéis de gordura. Somos muitos e isto nos obrigaria a colocar uns cinco homens em cada tonel. Além do mais, não sabemos navegar por esses rios. Quando chegamos aqui, passamos pelo Madeira e foi possível ver o labirinto que é esta terra. Isto aqui não é o vale do Reno, é uma terra selvagem, cheia de imprevistos para os quais não estamos preparados. Não comemos nada, faremos uma viagem no escuro, como se estivéssemos brincando com a morte.

— Mas se a gente conseguir descer para além de Santo Antônio — disse o rapaz —, encontraremos outros barcos, há muita gente navegando por aqui. Poderíamos ser socorridos e levados para Manaus.

— É possível — concordou o velho —, poderíamos ter sorte e conseguir isto, mas é bom não esquecer que os grandes barcos que trafegam por aqui pertencem à Companhia. Os nativos usam embarcações pequenas que mal cabem cinco pessoas. Assim, precisaríamos de umas vinte embarcações dessas para embarcar todo mundo, e isto já é querer demais da sorte. O mais provável é que sejamos recolhidos por um navio da Companhia e devolvidos para o trabalho. Nós estamos devendo três meses de trabalho para os nossos patrões. Eles tiveram despesas para nos trazer para cá.

Os argumentos do velho estavam fazendo efeito, o rapaz sacudia a cabeça concordando e todos pareciam aliviados. A possibilidade de novamente enfrentar uma caminhada pela floresta desestimulava o pouco de orgulho próprio em cada um deles. Günter quase não podia se conter, ele não gostava daquele velho presunçoso, já tinham sido traídos muitas vezes por ele, era quase um representante dos patrões. Günter não conseguia esquecer que o velho tinha sido responsável pela falha de organização na greve malograda. E tinha convencido os homens a não fazerem a demonstração durante o banho de domingo, recusando trocar de roupa. Somente ele, Günter, tivera a coragem de recusar as roupas limpas e vasculhar o cesto de roupas imundas para encontrar alguns farrapos ainda em condições de uso. Durante a tentativa de organizar a greve, o velho aterrorizara os companheiros com possíveis punições, abatendo o nascente esforço de alguns dos homens mais revoltados. E para completar, Günter pretendia fugir sozinho, seus planos não incluíam mais ninguém.

— Se voltarmos, o que acontecerá? — perguntou o rapaz. Günter, que sentia a sua solidão invadida, não se moveu enquanto respondia rispidamente.

— Não acontecerá nada, benzinho. Se você voltar eles passarão a mão na tua bunda e te ofertarão um vidro de perfume. O rapaz se irritou e avançou contra Günter. Os companheiros seguraram ele e Günter permaneceu imóvel.

—Nós estamos falando sério — gritou o rapaz.

— Eu também estou falando sério — retrucou Günter O velho balançou a

cabeça desaprovando a atitude de Günter, ao mesmo tempo que procurava ganhar com o olhar a confiança de todos os homens. A tensão aumentava e já havia uma clara divisão entre os fugitivos, uns apoiando o velho outros, embora indecisos, porque Günter parecia não se defender, querendo seguir em frente embora parecesse loucura. 0 rapaz se acalmara e o velho sentia-se vitorioso.

— Você, Gustav, é a ratazana mais esperta que eu conheci — disse Günter.

O velho não respondeu.

— Você já nos envolveu demais. Ainda não esquecemos o que você prometeu quando estávamos em nossa terra, procurando trabalho. Eu não ganhei comissão da Companhia por homem contratado, ninguém aqui ganhou comissão por homem contratado, só você, Gustav.

— Era diferente — disse o velho —, agora estamos no mesmo barco.

— Eu não tenho certeza — disse Günter.

— É claro que estamos. Afinal, eu estou aqui, vim com vocês, não fiquei no Abunã.

— E quem pode me afirmar se este não era o desejo da Companhia? Quem me afirma que você não contou a eles o nosso plano e eles fecharam os olhos e disseram: deixem que eles escapem, depois Gustav amolecerá os bestas e eles voltarão. Aí nós pagaremos metade do que estávamos pagando porque fugiram e merecem uma punição.

O velho empalideceu e bateu com o punho no joelho.

— Isto é mentira, eles não sabiam de nada. Eu não disse nada para eles. Eu também fui enganado, todas as promessas que me fizeram não foram cumpridas.

— Nem por isto você deixou de nos trair, não é verdade?

— Você quer nos levar para a morte, Günter.

— Não mude de assunto, velha ratazana. Eu não chamei ninguém para me seguir. Eu pretendia fugir sozinho, não tentei convencer ninguém.

O velho barbado tinha o rosto afogueado e confuso que a luz dos faróis dava uma tonalidade biliosa. Seus lábios tremiam.

— Você sempre foi um desordeiro, Günter. Sempre um mau exemplo para todos.

Günter deu de ombros mas estava fervendo como uma chaleira.

— Eu só quero que você nos diga como é que vamos navegar pelo rio Madeira metidos em tonéis de gordura! Só quero que *você* nos garanta que chegaremos vivos pelo menos em Manaus.

— Eu não estou aqui para garantir nada. Somos todos bastante crescidos para nos garantirmos.

— Não era isto o que eu queria ouvir, Günter. Você não sabe de nada, está jogando no escuro e quer que todos andem atrás das tuas loucuras.

Günter levantou-se e olhou para os companheiros.

— Eu quero que vocês mesmo me respondam. Por acaso eu convidei alguém dentre vocês para me seguir?

Os homens negaram sacudindo a cabeça.

— Pois bem, não vou agora garantir nada, nem mesmo convidar para que continuem me seguindo. O que eu sei é que pretendo dormir um pouco e amanhã de manhã prosseguir até chegar no rio Madeira. Vocês estão livres para fazerem o que bem desejarem, inclusive voltar para o acampamento com o velho forasteiro.

— Pare de falar comigo como se eu fosse da tua laia, Günter! — gritou o velho. — Você devia era ter ficado de boca calada, esse tipo de imbecilidade só poderia ter partido de um rato como você.

— Estão sentindo o fedor? — perguntou Günter. — O velhote puxa-saco está com medo de arcar com as conseqüências e agora se borra de medo. Vamos, velho, leve logo todo mundo para abanar o rabo no acampamento. É o que você quer.

O rosto do velho apresentou uma expressão terrível, as rugas pareceram mais profundas e os lábios apertaram-se na proporção que os dentes cerravam.

Günter olhou para o velho com escárnio.

— Você não vale nada — gruniu o velho —, não vale a comida que come. O mocinho que andava nas docas procurando restos de comida pelas latas de lixo e que não servia nem para explorar as prostitutas. O malandro dos golpes baixos. Nunca mais fale comigo assim, está ouvindo!

O velho fez uma pausa e voltou-se para os homens.

— Vocês se lembram de Jenny, aquela rameira que tinha quase noventa anos? Era a única mulher que o mocinho aqui conseguia arrancar dinheiro, e sabem por quê? Era a mãe dele pessoal. Jenny, a centenária. . .

— Vou quebrar a tua cara, Gustav.

Günter acertou um murro no estômago do velho, este arqueou o corpo para frente e vomitou uma gosma amarela junto com um gemido. Os homens levantaram-se e abriram espaço para a luta, de certo modo o debate continuava e o vencedor decidiria o que iriam fazer. O velho ainda era um homem ágil, estava com cinqüenta anos e bem conservado pelo trabalho ao ar livre. Mas Günter era forte, manhoso como um gato e praticamente crescera lutando com outros meninos, rapazes e homens. O que o jovem perdia em altura ganhava em perícia, acertando maior número de golpes e confundindo o velho com movimentos rápidos.

Mas a luta não ficou apenas entre os dois, logo outros começavam a trocar socos. Não havia uma explicação para o fato do conflito ter se generalizado

rapidamente, transformando a platéia numa confusão de golpes. Talvez o móvel da luta fosse o puro desespero porque nenhuma das opções fazia muito sentido. Eles sabiam que se retornassem ao trabalho receberiam uma boa punição, mas se continuassem fugindo o imponderável lhes aniquilava. Os homens agarravam-se quase sem agilidade, os golpes eram dados com a força que gostariam de ter. O ruído de galhos partidos e gritos humanos formavam um bramido uníssono. Como não tinham armas, seriam obrigados a matarem-se com as próprias mãos.

Dentro do tonel, Consuelo acompanhou sobressaltada a discussão se transformar em luta corporal. Ela não conseguia entender nenhuma palavra do que os homens estavam dizendo porque não sabia falar alemão. Quando a briga começou o animal decidira se movimentar nervoso, batendo com as patas dianteiras no chão e fazendo ameaças de disparar. Consuelo desconfiava que a mula estivesse solta, tinha sido abandonada sem ao menos a terem amarrado num galho de árvore. Paradoxalmente ela tinha medo que a besta resolvesse sair correndo pela floresta e desaparecesse. Embora prisioneira, preferia a companhia dos fugitivos onde suspeitava ainda ter chances de sobreviver. Era a segunda vez em pouco tempo que sua vida era apanhada pelo destino e colocada numa situação precária. Começava a sentir-se lograda, suspensa no ar como uma pedra prestes a desabar. A posição dentro do tonel não ajudava e a cada movimento da mula o seu corpo deslizava e ela às vezes rolava como uma bola ensebada. Os cabelos estavam empastados e duros como um capacete, os pulsos sangravam, as pontas dos dedos dos pés estavam inchadas de tanto baterem contra paredes curvas do tonel. Por tudo o que ela já tinha passado, ela não podia deixar de lembrar com ironia as palavras que seu pai vivia lhe repetindo. Quando ela se aborrecia com alguma coisa, seu pai dizia que não reclamasse porque era uma boliviana de sorte. A princípio não compreendia exatamente o que o pai queria dizer com aquilo. Pensava que o pai se referia à vida aconchegante da casa, a sua situação de filha única que centralizava as atenções da família. Mais tarde Consuelo descobriu uma conotação política nas palavras do pai. É que ela nascera num período de rara estabilidade institucional na Bolívia, uma época onde os presidentes assumiam o governo e cumpriam o mandato até o fim, sem atribulações ou revoluções. Consuelo tinha nascido em 12 de fevereiro de 1881 na cidade de Sucre, na Bolívia. Sua mãe, Isabel Lopez Maldonado, camponesa tímida que misturava crendices indígenas com catolicismo e espiritismo, dizia que ela, tendo nascido sob o signo zodiacal de Aquário, seria uma pessoa predestinada ao humanitarismo. Consuelo passaria a infância ouvindo a mãe traçar por antecipação o perfil que ela deveria assumir para confirmar o signo do zodíaco. Para Dona Isabel o perfil era bastante concreto e Consuelo deveria se transformar numa moça simpática, afetiva, bondosa e amante da verdade. É claro

que para Consuelo o perfil que a mãe traçava não era suficientemente concreto porque cada atributo podia ser entendido de diversas maneiras. Quando a mãe se referia ao fato dela se tornar uma moça simpática, isto queria dizer que Consuelo deveria participar das incontáveis reuniões cívico-religiosas que Dona Isabel atendia como esposa de um professor universitário, sempre solícita e sorridente, o que era exatamente o contrário do que Consuelo entendia por simpatia. Ela detestava o chá que bebiam naquelas reuniões, detestava o que conversavam, mexericos sobre empregadas domésticas e maridos infiéis e antes de tudo odiava reuniões cívico-religiosas. Ser simpática para Consuelo era saber conversar com qualquer pessoa interessante, sobretudo rapazes da universidade, atitude que a mãe classificava como condenável. Para uma moça solteira. Assim, mãe e filha não se entendiam, cada atributo do perfil era fonte de surdo desentendimento entre elas. O que a mãe não percebia era que Consuelo tinha o atributo mais profundamente aquariano que era o forte idealismo que a incapacitava para coisas práticas. Esta inabilidade às vezes era tão forte em Consuelo que a moça às vezes perdia inteiramente o senso comum. É evidente que Consuelo acabou se transformando numa linda mulher simpática, afetiva bondosa e amante da verdade. Tinha uma grande afetividade pelo pai, o silencioso professor Mariano Figueroa Maldonado sempre às voltas com os clássicos da língua. Alonso nunca se queixou de falta de afetividade na esposa e Consuelo derramara-se em afetividade pelo índio de mãos decepadas. A afetividade se confundia com a bondade. Não era de andar distribuindo esmolas para os pobres, como sua mãe fazia e assim imaginava ser a bondade. Era bondosa porque sabia compreender os outros, sobretudo os sonhadores, os rapazes que amavam a música no conservatório e lutavam para se tornarem grandes instrumentistas. E o seu zelo pela verdade muitas vezes lhe trazia problemas, ainda mais quando conjugava com a inapetência pelas coisas práticas. Para a mãe, amar a verdade era saber simular a verdade, coisa que Consuelo não conseguia fazer e nunca se refreava quando tinha de externar uma opinião ou tecer um comentário. O pai, embora raramente tecesse opiniões que não fossem literárias, vivia contente com a filha. Ela puxara para a sua família, gente de espírito artístico que desprezava o senso comum e adorava aventuras. O bisavô de Consuelo escrevia poesias, tocava violino e morreu aos quarenta anos numa confusão dentro de um bordel. O avô, como o pai, professor universitário, astrônomo amador que passava as noites espreitando cometas, enfrentou um pelotão de fuzilamento nos tempos de Melgarejo e encontrou a morte por se recusar a aceitar o cargo de adivinho do ditador. Melgarejo pensava que um astrônomo era uma espécie de mago que podia ler a sorte e o futuro nos astros e convocara o serviço do velho Maldonado. O que parecia ser uma honraria foi tomado como um insulto e o velho preferiu

ser fuzilado numa prova de amor pela verdade. Seu pai tinha sempre muitas histórias para contar dos tempos de Melgarejo, e quando sentia vontade, encontrava em Consuelo uma ouvinte interessada. Sucre ficava a dois mil e seiscentos metros acima do nível do mar mas isto não lhe dava nenhuma vantagem perante os ditadores. A infância de Consuelo coincidira com um período de calmaria política, até que em 1894, quando governava o Presidente Severo Alonso, eleito pelo povo, irrompeu uma rebelião em Sucre. O Presidente Severo decidira decretar Sucre como capital do país, a medida desagradou políticos de La Paz e o decreto só não foi revogado porque s sucrenhos pegaram em armas. As ruas da cidade transformaram-se com as barricadas, as tropas leais ao Presidente Severo e o povo de Sucre,lutaram durante uma semana. Mas o presidente Severo foi deposto e a Bolívia retornou à normalidade, isto é, aos golpes e contragolpes militares. A queda de Severo levou ao poder o desastrado General Pando, e o povo de Sucre teve uma vitória parcial porque o decreto que designava a capital não foi revogado, embora La Paz concentrasse toda a administração federal. Foi durante a rebelião de Sucre que Consuelo começou a entender as palavras do pai, um homem marcado pela insegurança dos regimes ditatoriais e refugiado nas páginas de Góngora e do *Lazarilho de Tormes.* O velho Mariano tinha um misto de fascinação e repulsa pelo ditador Melgarejo, era o seu assunto predileto talvez porque a vida do ditador tivesse o mesmo colorido sombrio da literatura picaresca espanhola que ele adorava. Melgarejo tinha encarnado toda a turbulenta sucessão de ditadores militares que fariam a Bolívia conhecida do resto do mundo. Muito mais, Melgarejo era a representação caricatural e viva de todos os ditadores da América Latina, embora isto não significasse nenhum orgulho especial para os bolivianos. Quando Consuelo tinha um ano de idade, Melgarejo já se transformara num bêbado inveterado, exilado no Peru. A maior diversão do ex-ditador nesta época era espancar sua amante Juana, até que um dia, quando tentava derrubar a porta do quarto para mais uma vez espancá-la, foi abatido a tiros pelo irmão de Juana. O acontecimento que o pai de Consuelo mais gostava de se lembrar era exatamente o que ele mesmo tinha vivido durante a ditadura de Melgarejo. Mariano já era professor de letras espanholas clássicas na universidade quando foi convidado para fazer uma conferência no salão nobre da Faculdade de Letras. O motivo da conferência era para comemorar a independência da Bolívia e estaria em Sucre, para participar de todas as solenidades, o caudilho em pessoa, Mariano não se impressionou com o fato e preparou uma palestra de admirável erudição, mostrando que no campo literário o país ainda se encontrava atado por laços bastante profundos a antiga metrópole colonial. A conferência foi realizada sem nenhum evento especial com um auditório enfadado e sonolento não tirou o

entusiasmo de Mariano pelos clássicos. Somente mais tarde, quando retirava-se da Faculdade de Letras, é que um grupo de policiais militares barraram o seu caminho e levaram preso. Consuelo ainda não havia nascido e embora recém-casado ele enfrentou a coisa com altivez, o que certamente não aconteceria se a filha já estivesse nascida. Para desespero de Dona Isabel, então uma mocinha de pele rosada e voz de quem estava sempre chorando, Mariano ficou detido durante duas semanas até ser libertado tão inexplicavelmente quanto fora preso. Os interrogatórios diziam muito pouco e durante todo o tempo lhe fizeram uma verdadeira sabatina sobre Cervantes. Somente alguns anos mais tarde, veio a descobrir as verdadeiras razões da sua prisão. Durante a conferência, como era de se esperar, derramara-se em calorosos elogios ao autor do *Dom Quixote*, chegando a afirmar que o considerava um vulto ímpar da humanidade. Melgarejo, reconhecidamente analfabeto, jamais ouvira falar desse tal de Cervantes, nem de Dom Quixote ou Sancho Pança. Como estava inteiramente embriagado, próximo da inconsciência, irritara-se com o conferencista por ter exagerado nos elogios ao tal Cervantes, certo de que os elogios eram endereçados ao seu inimigo pessoal, o general López de Cervantes, na época exilado no Peru e comandando o grupo mais ativo de conspiradores. Mal se conteve até a cerimônia acabar e ordenou a prisão do ousado conferencista que elogiara seu inimigo nas suas barbas. E mais, mandando deter os organizadores da conferência e a diretoria da Faculdade de Letras. O desejo do ditador era mandar fuzilar todos aqueles intelectuais pernósticos mas a vida de cada um dos condenados havia sido salva graças à intervenção de Juana, a amante de Melgarejo, mulher de boa índole e mais bem informada que o caudilho. Juana acompanhara o inquérito e também tinha participada da conferência, nunca tinha lido Cervantes mas sabia que os intelectuais sempre tinham razão nestas questões. E como temia pelo ridículo, conseguiu com muita dificuldade demover Melgarejo do intento de fuzilar os vinte e cinco intelectuais presos em Sucre. Finalmente, após meses difíceis, Juana obteve o perdão para os intelectuais, convencendo Melgarejo de que ele passaria a merecer o respeito definitivo de seu ídolo, Napoleão Bonaparte, caso fizesse o que ela pedia. O corso já estava morto há anos mas o caudilho acreditava que ele continuava reinando na França, confundindo Napoleão III com o grande general batido em Waterloo. Todos os presos fora libertados, inclusive o pai de Consuelo, mas foi exigido que cada um deles escrevesse uma carta a Napoleão informando que Melgarejo era amigo das artes e protetor da cultura. O pai de Consuelo escreveu a carta e como os outros foi obrigado a viajar até La Paz onde o caudilho os esperava. Leram suas cartas em voz alta, enquanto Melgarejo dava goles de pulca sorrindo aprovações. Os envelopes, devidamente lacrados, foram entregues ao embaixador da França que

pessoalmente compareceu ao palácio para tal fim. Embora ridícula, o embaixador da França elogiou muito a solenidade, dizendo que seu imperador, Napoleão, muito ficaria honrado com as missivas de tão grande número de ilustres homens de letras. O embaixador da França, como todo diplomata em La Paz, sabia que não era conveniente contrariar Melgarejo. O embaixador da Inglaterra tinha pago caro a ousadia de desafiar o caudilho. Por protestar contra o assassinato arbitrário de dois cidadãos ingleses, o embaixador da Inglaterra foi açoitado em público, obrigado a beber pulca e teve amarrado um macaco às costas e com o animal obrigado a dar três voltas na principal praça de La Paz. Quando a notícia deste ultraje chegou ao conhecimento da Rainha Vitória, esta ordenou a presença dos mais graduados homens do almirantado e ordenou a invasão da Bolívia. A invasão só não aconteceu porque os ilustres lobos-do-mar informaram à rainha que a Bolívia era inexpugnável e estava a salvo da mais poderosa e temível frota de guerra do mundo: a Marinha britânica. A Rainha Vitória examinou um globo terrestre e um dos ministros localizou o pequeno país andino para ela. A Rainha Vitória ficou por alguns segundos com a ponta do dedo sobre o globo e, tomando de uma caneta, riscou um "x" sobre a Bolívia e exclamou: "Bolívia no longer exists". Mas nem todas as histórias que o pai de Consuelo contava eram interessantes, havia histórias de assassinatos, de políticos dissidentes torturados nas prisões, de velhos amigos de seu pai que desapareceram e nunca is foram encontrados pelas famílias. Quando ele falava dos pesadelos da ditadura de Melgarejo, sua linguagem tornava-se estranhamente chula e chamava o ditador de *cholo* bastardo, filho de uma índia violada por um vagabundo espanhol, sifilítico e depravado desde a infância, um homem próximo da animalidade como muitos vilões das maniqueístas aventuras picarescas espanholas. A mãe de Consuelo nunca participava dessas conversa, eles ficavam sozinhos no escritório do pai, cheio de e pilhas de folhas de papel que eram trabalhos e provas Seus alunos. Na frente da esposa Mariano tornara-se seco e polido, abria-se ao lado da filha porque talvez se reconhecesse nela. Confessava que para ele a vida se tornara uma prisão abafada, já não tinha ilusões e só conseguia se sentir realmente existindo quando perdia-se nas páginas de *El Cid* ou na trama de alguma comédia de Tirso de Molina. Ao contrário da mãe que não gostava da idéia de ver sua filha transformada numa pianista, ele incentivava os estudos de Consuelo no conservatório. Comprava-lhe partituras, fazia-lhe surpresas convidando-a para concertos e para todos os espetáculos de óperas e operetas que chegavam em Sucre. Mostrou-se contrariado com o noivado de Consuelo, era compreensível que assim se sentisse, ela entendia, porque, quando se casasse, ele perderia a companhia que já não encontrava na esposa. No entanto, Consuelo aprendera com o pai a viver

como uma moça de sorte que chegara ao mundo no momento exato. Ele lhe dizia que nunca mais a Bolívia viveria um período de paz interna como os anos da infância de Consuelo. O General Pando subia ao poder com muita arrogância, aumentando nele a sensação de vazio e prisão. Quando chegou o novo século o ditador arrastou o país para uma guerra imbecil com o Brasil. Os brasileiros tinham penetrado sorrateiramente em territórios bolivianos situados em plena selva amazônica. Nenhum presidente boliviano tinha realmente se interessado em resolver o problema pacificamente, limitavam-se a formular protestos junto ao governo brasileiro. Em 1902, quando uma rebelião brasileira irrompeu em plena selva, a saúde do velho Mariano deteriorou de tal modo que Consuelo temeu que ele não fosse resistir. O General Pando por pouco não caiu prisioneiro dos rebeldes brasileiros e a guerra terminou como sempre terminavam as guerras para a Bolívia, com um pedaço do país faltando no mapa. Mariano aposentou-se da universidade e recolheu-se; quase nunca saía de casa, escrevia um estudo sobre o teatro espanhol do século de ouro. Consuelo e Alonso vinham muitas vezes convidá-lo para concertos ou espetáculo teatrais mas ele recusava. Ainda vivia em Sucre, continuava trabalhando no livro que já estava com mais de mil páginas manuscritas. A mãe, durante a doença de Mariano, convertera-se a uma seita espírita e deixara de beber café. Dizia que o marido estava sendo perseguido por dois espíritos rebeldes que recusavam-se a aceitar a idéia de que estavam mortos. Um dos espíritos era de um frade dominicano que atuara na Inquisição e pensava que Mariano fosse um suspeito de heresia, daí as dores nas costas que o marido sentia. O outro espírito, segundo os conceitos de Dona Isabel Maldonado, era mais pernicioso que o do piedoso dominicano. Era o espírito de uma lasciva atriz de teatro mambembe, em permanente disputa com o sacerdote inquisidor, despudorada ao ponto de levar o velho professor a perder horas e horas redigindo aquele papelório inútil, obsceno e pecaminoso sobre o teatro espanhol renascentista. Consuelo ainda podia imaginar com nitidez o semblante do pai, indiferente aos resmungos da esposa fanática, concentrado na leitura das comédias, entremezes, farsas e dramas do século de ouro. Ela mesma era agora como uma daquelas personagens empurrada pelo destino, votada à impotência nas mãos dos fados, ouvindo os gritos dos homens brigando, sacolejando no interior do tonel cada vez que a mula assustava-se. Só parcialmente seu pai tivera razão em dizer que ela era uma moça boliviana de sorte porque crescera e formara-se num período de relativa calmaria política nacional. Sua vida pessoal, pacata no princípio de seu casamento, entrara nos últimos meses por uma espécie de frenética conjugação de experiências limites. Consuelo estava cansada e sentia suas forças desaparecerem.

Uma sacolejada mais forte da mula fez com que Finnegan deslizasse com violência e fosse bater com a cabeça contra o tonel. Ouviu-se um ruído surdo e um zumbido de dor rondou o interior dos ouvidos de Finnegan. Não conseguiu gritar mais uma vez porque a mordaça muito apertada lhe feria a borda dos lábios e fazia os cantos de sua boca sangrarem. Não havia meios de escapar e isto o desesperava. Maldições de diversos calibres atravessavam a sua cabeça cada vez que tentava liberar-se das cordas ou mudar de posição. Tinha perdido a conta do tempo, começava a sentir sede e não sabia exatamente quais as intenções dos fugitivos em relação a sua pessoa. Durante a caminhada, ninguém aparecera para oferecer alguma coisa, comida ou água, nem mesmo observar por curiosidade. Era como se tivessem esquecido que traziam prisioneiros e possivelmente isto realmente tinha acontecido. A dureza do avanço na selva e o desconhecimento do terreno absorvia inteiramente a atenção dos fugitivos. Finnegan considerava-se abandonado e logo não resistiria por muito tempo naquela situação vexatória e sem conforto. A falta de circulação, a mordaça asfixiante, fariam o trabalho de matá-lo mais rápido do que podiam imaginar os seus capturadores. Mas o pior de tudo era sentir-se entregue a caprichos de um punhado de alucinados que agora estavam se engalfinhando e possivelmente matando-se. Finnegan mal sabia que os fugitivos continuavam lutando embora já tivessem esquecido as razões pelas quais lutavam. Nem forças suficientes par se manterem de pé eles contavam e o ruído agitava os animais que movimentavam-se de um lado para outro, movendo as orelhas e procurando juntar-se uns aos outros em busca de instintiva proteção. No chão, os homens trocavam socos e mergulhavam no tapete úmido de folhas mortas. O chão era tão úmido que quando as lâmpadas de querosene caíam e quebravam, 0 fogo logo se apagava abafado pela papa de folhas molhadas Finnegan ouvia o zurrido de uma das mulas, ela estava muito assustada e escoiceava o vento enquanto os homens arrastavam-se como vermes e estavam tão cansados que já não conseguiam se agarrar. A mula onde Finnegan e Consuelo estão presos parece ter recebido um coice e dispara numa corrida cega pela trilha da floresta, sumindo na escuridão.

— As mulas! As mulas estão fugindo. . . — alguém grita. A corrida da mula é um suplício para Finnegan e Consuelo, eles escorregam violentamente de um lado para outro, machucando-se dolorosamente a cada choque contra o tonel. A escuridão da noite é assustadora, Finnegan tem visões luminosas que atravessam o espaço como rápidas estrelas cadentes. O tropel não parece ter fim e as sucessivas batidas do corpo de Finnegan contra o tonel fazem com que ele perca os sentidos. Consuelo já encontrava-se desacordada há bastante tempo, desde o momento em que a mula desembestou zurrando. Desmaiados, não sentiram quando a besta foi estugando os passos e ficando menos assustada. Três mulas

conseguiram escapar e agora caminham compassadamente, como que escolhendo algum lugar para dormir. As bestas farejam o ar e avançam pelo túnel de galhos retorcidos e cortados, quando um relâmpago ilumina a mata provocando nova corrida. Uma tempestade se anuncia, relampeja e uma chuva fina começa a cair. Na verdade a chuva e forte mas a barreira de folhas só permite que atravesse uma pequena porção de chuva, mas o suficiente para ensopar Finnegan e começar a inundar o barril misturando-se numa espécie de sopa imunda.

Finnegan abriu os olhos e a luz do dia amanhecendo lhe trouxe uma surpreendente esperança. As suas roupas estava empanadas e seu corpo estava incrivelmente leve e insensível. Olhou para a mão e viu um volumoso animal acinzentado e teve vontade de vomitar. A sua língua tocou na mordaça e o pano estava frouxo, a chuva tinha ensopado e ele podia tentar se livrar dela empurrando com a língua e mexendo os maxilares. A mula continuava caminhando e isto dificultava um pouco a operação. Depois de muito esforço, a mordaça desceu para o queixo e ele pôde abrir a boca. Com um movimento o laço desceu para as costas e a mordaça caiu inteiramente. Ele ficou mastigando e passando a língua pelos lábios e lembrou-se de

Consuelo. Gritou. — Consuelo. Silêncio, só o ruído dos cascos da mula no tapete de folhas mortas como um rascar contínuo.

— Consuelo.

O fôlego lhe faltava e ele pensou que fosse novamente desmaiar, sentia um enorme vazio no estômago e a mesma sensação de desvanecimento que se abatia nele quando ficava em jejum até tarde esperando a hora da comunhão na igreja. Não desmaiou e pôde ouvir um gemido vindo do outro lado. Era Consuelo, ela não tinha se livrado da mordaça e parecia estar se debatendo.

— Fique quieta — ordenou Finnegan. — Não se desespere.

Realmente já não havia razão para desespero, as mulas caminhavam pelos trilhos, tinham voltado ao acampamento. Alguns barbadianos já tinham notado as mulas e haviam corrido para segurá-las. Elas não fugiram e se deixaram dominar. O engenheiro Collier, ouvindo a gritaria dos barbadianos, apareceu à porta de sua tenda e observou as mulas que vinham sendo conduzidas pelo bridão. Os negros sorriam e afagavam as bestas como se tivessem reencontrado pessoas muito queridas. Finnegan sentiu uma convulsão no estômago e desmaiou.

13

Não devia ser mais de duas horas da tarde quando a amante de Seabra saiu de casa. Para evitar surpresas deste tipo, Seabra colocara um homem de sua confiança, discretamente vigiando todos os movimentos da casa. O sol estava forte e o homem viu quando a mulher, vestida num brilhante vestido de seda verde, pintada e perfumada, abriu o portão e foi caminhando despreocupadamente pela rua. Não fosse pela elegância com que se apresentava, o homem diria que ela apenas desejava fazer um passeio descompromissado, talvez relaxando das atribulações que experimentara recentemente. Mas a hora, 0 calor e o sol também não eram indicadores propícios a um passeio pela calçada. Por isto, o homem decidiu segui-la sem que ela percebesse. De qualquer modo, a mulher caminhava sem se preocupar com nada, como se não esperasse ser seguida ou estivesse sendo vigiada.

O homem viu que ela dobrava a esquina e que uma lufada de vento inesperado quase lhe tirava o chapéu. Ela segurou o chapéu com a mão e continuou caminhando até desaparecer. 0 homem não se apressou, mesmo quando um automóvel em meia marcha atravessou a rua, a capota de lona preta levantada e trafegando quase no meio-fio. Quando se deu conta, ao chegar na rua em que ela havia dobrado, ela tinha desaparecido e uma nuvem de poeira era o único sinal deixado pelo automóvel que aumentara a velocidade. Ele não podia dizer se ela realmente embarcara no automóvel ou entrara em uma das casas. A rua estava deserta e ele se encostou num poste, atônito e preocupado, sem saber o que dizer para o seu chefe sobre o que acabara de acontecer. Estava ali, o corpo escorado no poste e a cabeça matutando desculpas e até articulando uma mentira, quando outro carro, a capota também levantada, surgiu como que do nada e lentamente estacionou quase aos seus pés. Assustado, levou a mão ao revólver que trazia carregado dentro do paletó, mas um homem colocou a cabeça para fora e gritou.

— Calma, companheiro. Nada de besteiras.

Ele ficou congelado, piscando os olhos para o homem que continuava olhando da janela do automóvel.

— Suba — ordenou o homem, abrindo a porta do carro. Ele atendeu sem discutir e sentou-se ao lado do homem.

Não havia mais ninguém no carro, além do homem que lhe tinha falado e que guiava o carro. O veículo arrancou levantando poeira e seguiram um itinerário que parecia preestabelecido. Mas ele não podia ter certeza de nada porque as coisas estavam acontecendo de maneira inesperada.

O carro rodou durante algum tempo até que ele criou coragem e virou-se para o chofer.

— Para onde estamos indo?

O chofer olhou para ele e deu um sorriso enrugado. Era forte e o rosto de carnes secas e pele rugosa parecia de um lutador de boxe porque o nariz era quebrado e torto.

— Você vai logo ver — disse o chofer.

O homem estava começando a ficar irritado.

— Que diabo está acontecendo? Quem é você?

O chofer segurou o guidão com uma das mãos e com a outra retirou um papel do bolso do paletó. Mostrou o papel ao homem de Seabra.

— Eu não sei ler — disse o homem com humildade.

— É um documento.

— Estou vendo, e daí?

— Sou oficial do exército. Pena que não possas ler!

O homem deu de ombros e não pareceu nem um pouco impressionado com o fato do chofer ser um oficial do exército.

— Não queres saber o que estou fazendo?

— Não me importo. Talvez estejas me prendendo.

— Por que iria eu te prender? Você não é um dos homens de confiança do Ministro Seabra?

O homem mostrou-se assustado com a pergunta.

— Bem. . . quer dizer. . . — gaguejou o homem.

— É, ou não é? — perguntou o oficial do exército.

— Sou amigo do Dr. Seabra. . .

— E estavas vigiando a menina dele, não é certo? O outro não respondeu e parecia envergonhado.

— Belo trabalho estavas fazendo — recriminou o oficial do exército. — De vias vigiar a mulher e deixas que ela escape.

— Ela saiu tão rápida, não esperava. . . — balbuciou **o** homem. — Quando virei a esquina ela tinha sumido.

— Apanhou um carro.

— Foi o que eu pensei.

— E ficastes encostado no poste como um cachorro velho. O homem não gostou nada da comparação e fechou a cara.

— Afinal, o que é que o senhor pretende comigo? — Perguntou o homem.

O oficial do exército fez o carro entrar numa rua sem reduzir a velocidade. Estava chegando ao centro da cidade, o movimento de veículos era bem maior mas não impressionava o oficial que continuava a manter uma velocidade alta no veículo.

— Eu também estou encarregado de vigiar a tal mulher

— disse o oficial. — Mas não estou preocupado em saber se ela é fiel ou não

ao teu patrão.

O homem tossiu porque a garganta estava irritada pela poeira que o carro levantava.

— É uma mulher bonita, não?

O homem olhou para o oficial do exército com ódio.

— Não cabe a mim saber se a mulher de meu amigo é bonita ou feia.

— Você não é daqui do Rio, estou certo?

— Não, senhor, sou pernambucano.

— Vocês sabem bastante a respeito desse negócio de honra.

— Todo homem que se preza deve saber a respeito de honra.

O oficial começou a reduzir a marcha do carro porque entravam na Avenida Central e o movimento era muito grande.

— Esse negócio de honra, meu caro, não é coisa lá muito especial aqui na Capital Federal. Todos prevaricam e ser honrado parece ser exatamente prevaricar o mais possível.

O capanga de Seabra não entendeu nada do que o oficial estava falando.

A larga avenida, movimentada, recebia uma brisa vinda do lado do mar, refrescando as senhoras elegantes e as mocinhas sorridentes que atravessavam na frente do carro. Os chapéus dominavam calçadas e janelas. O carro entrou lentamente na Rua 7 de Setembro, desviando-se dos carros puxados a mão carregados de caixas, e dirigiu-se para os lados da Praça Tiradentes.

Parou em frente do que pareceu ao homem um hotel de luxo. O oficial do exército abriu a porta.

— Pode saltar aqui.

— Por quê?

— Está vendo este hotel? Ela está lá dentro. Faz o teu serviço. Entra com cautela, de preferência pelos fundos.

O oficial deu mais algumas instruções, precisando o exato local onde ele a encontraria. O homem entrou por um beco estreito repleto de latas de lixo e desapareceu de vista. A porta do carro foi fechada e o oficial conduziu o veículo em meia velocidade.

O homem chegou aos fundos do hotel e viu que poderia escolher duas portas por onde entrar. Uma, pelo que pode observar, levava à cozinha do restaurante que funcionava no andar térreo, e a outra porta levava para a recepção do hotel para as escadas que conduziam aos andares superiores e ao porão. Poderia ter subido pelo elevador, mas não gostava dessas geringonças modernas e decidiu-se pelas escadas. Procurou fazer como o oficial do exército lhe informara. Era o que podia fazer frente às circunstâncias estranhas que lhe tinham acontecido, perdera de vista a mulher que devia vigiar e um desconhecido lhe aparecera do

nada com vontade de ajudar. Não estava certo de se tratar de alguma ajuda e por isto não tirava a mão do revólver, caso se tratasse de alguma armadilha. Não sabia ler, nunca aprendera a decifrar aqueles sinais sobre papel, mas alguma coisa lhe dizia para levar a sério o documento que o outro havia lhe mostrado. E como era um homem simples, estava acostumado a levar a sério os homens das Forças Armadas. Ainda assim apertava a arma com a mão suada e ia reconhecendo o caminho com facilidade porque o outro tinha sido bastante detalhado. No final do corredor, exatamente no andar indicado, ele empurrou de leve a porta, o suficiente para fazer uma fina fresta por onde pudesse observar. Não havia luz no interior do quarto mas o sol estava forte e entrava mesmo com as cortinas fechadas.

Mais tarde, na presença de Seabra, com um ar de vitória profissional, pois omitiu prudentemente a ajuda recebida do oficial do exército, ele contou o que tinha visto.

Seabra ouvia com desagrado, a mulher estava se mostrando perigosa. Malditas mulheres que não sabiam sossegar com um só homem.

— Ela não estava inteiramente despida, Dr. Seabra. Tinha tirado apenas o vestido, o vestido verde. Usava ainda as roupas de baixo e começava a tirar as meias de seda.

Enquanto falava não tirava os olhos do chefe, sabia que poderia desagradá-lo se fosse inteiramente explícito. Mas não podia deixar de imaginar aquela mulher de corpo atraente em suas roupas brancas e rendadas, despindo as meias como se tirasse a casca de alguma fruta. E a roupa branca também o excitava, eram roupas proibidas à visão dos homens. Como sua mãe, a mulher com quem ele vivia jamais colocava aquelas roupas para secar, quando as lavava, enquanto ele estivesse em casa e pudesse olhá-las. Mas aquela mulher não tinha esses escrúpulos, mostrava-se para o seu amante com uma inocência que ele sentia cheia de perigos. Seabra sacudia a cabeça, entre contrito, uma postura para manter a autoridade frente ao subalterno, e a raiva, atitude mais adequada para aquilo que estava ouvindo.

— Ela devia ter acabado de chegar — disse o homem — Estavam falando, mais ela do que ele. Ela dizia alguma coisa sobre o perigo que estava passando para se encontrar com ele.

— E vistes bem quem era o cabra?

— Muito bem, ele estava de pé, olhando para a dona se despir, bem de frente para a porta por onde eu olhava. Pelo sotaque é gringo, com certeza.

— Ele não é muito alto. . .

— Nem parece um gringo, tem cabelos escuros mas a fala é de gringo, sim senhor.

— Então é ele, Percival Farquhar, o filho da puta.

— Quem é ele, doutor?

— Não interessa.

— Eu só estava pensando que o senhor queria que eu completasse o serviço. Um corretivo no gringo, uns sopapos com luva inglesa.

— Tu está maluco, homem. Não sabes realmente quem é esse filho da puta.

— Pra mim é um cabra igual aos outros, não é porque é gringo que vai ser diferente.

— Mas este é diferente, é poderoso.

— Poderoso? E como foi que eu pude chegar perto dele, observar tudo sem nenhum problema?

— É isto o que eu estou achando estranho.

— Ele estava sozinho com ela, não tinha mais ninguém. Nenhum capanga, nenhum guarda-costas.

— Acho que é o estilo dele, pensa que ninguém teria a coragem de tocá-lo.

— Se o doutor quiser, eu vou lá e acerto as contas.

— Não, eu já sei o que precisava saber. Agora é preciso tirar de circulação aquela mulherzinha sacana. Eu não gosto de putas.

O homem abriu a boca surpreso com a explosão de Seabra.

— É uma boa puta, mesmo — reafirmou Seabra. — se não tomarmos providências ela vai acabar me prejudicando.

Seabra levantou-se e bateu nas costas do homem uns tapinhas afáveis.

— Fizeste um bom trabalho, compadre. O homem sorriu.

— Ela nem desconfiou.

— Gostei de ver.

— Ela saiu de casa sem o menor cuidado. Como se fosse dona do próprio nariz. Nem olhou para trás.

Seabra, o olhar perdido, caminhava com as mãos soltas, respirando forte.

— É o que ela pensa, que é dona do próprio nariz. Mulherzinha danada.

— É uma moça muito bonita, doutor — disse o homem.

Seabra gostou do elogio.

— Danada de bonita, mas perigosa.

No outro dia, pela manhã, Seabra entrou no Catete para uma audiência de rotina com o presidente. Não trazia muitas coisas para discutir, dois projetos menores para o Rio Grande do Sul e novos detalhes sobre a visita presidencial à Bahia.

O Marechal Hermes o recebeu com cordialidade mas havia qualquer coisa sombria no ar. Logo à entrada, Seabra viu o Coronel Agostinho conversando animadamente com um grupo de políticos de São Paulo. Ao ver Seabra, afastou-

se do grupo e veio receber o ministro com um sorriso dissimulador no rosto. Seabra cada vez gostava menos daquele militar petulante de bigodinho engomado e ares de sumidade européia. A farda engomada também lhe irritava por não disfarçar a magreza do coronel. Seabra detestava homens magros. O Coronel Agostinho era suficientemente cínico para ignorar a crescente animosidade da parte do ministro.

— Bom dia, senhor ministro — disse o coronel, estendendo a mão para Seabra.

Ele não correspondeu ao gesto e o coronel ficou com a mão à espera, sem deixar de sorrir.

— O ministro está aborrecido com alguma coisa?

— Não é da vossa conta, senhor coronel. São problemas pessoais.

— Queira desculpar-me, não pretendia. . .

— Ora, não me venha com frioleiras, Agostinho.

O coronel deixou de sorrir, Seabra tinha ido longe demais.

— Senhor ministro, o presidente ontem me deu ordens diretas para investigar uma suposta conspiração em torno de Vossa Excelência.

— Conspiração?

— É o que o presidente foi informado.

Seabra olhou para o coronel como se quisesse pular o pescoço dele.

— Não se meta onde não deve, coronel.

— Foram ordens do presidente, senhor ministro. Só estou pedindo que Vossa Excelência seja compreensivo e coopere.

— Só tenho a lhe dizer o seguinte: não se imiscua na vida dos outros ou lhe farei engolir a gravata pelo cu.

— O senhor não necessita elevar a voz nem se tornar grosseiro, senhor ministro. Estou lhe falando como um cavalheiro e exijo o mesmo tratamento.

— O que é que está acontecendo, coronel? Seus patrões mudaram de tática? Estão com medo?

— Não sei o que o senhor quer dizer com isto! Seabra deu uma risada tão forte que todos voltaram-se para observar os dois que conversavam na ante-sala do presidente.

— Não sabe? E sou eu que vou saber? Pois bem, posso dar algumas pistas para a tua investigação. Há um grupo econômico de origem norte-americana que deu seu apoio à oposição nas últimas eleições e perdeu. Este grupo quer voltar a ter influências no governo e tentou penetrar através de meu ministério que por acaso regula a maior parte dos interesses desse grupo. Você está me seguindo?

O coronel sacudiu a cabeça, embora ouvir tudo aquilo lhe irritasse.

— Pois bem — prosseguiu Seabra —, esse grupo tentou bater forte mas a

minha tempera é das boas e não machuca assim tão facilmente. Eles se deram mal comigo, embora já tenham colocado um lacaio deles bem ao lado do presidente.

O Coronel Agostinho estremeceu.

— Ao lado do presidente? — Agostinho fez-se incrédulo.

— Exatamente, um sabujo deles está ao lado do presidente. O senhor deveria investigar para saber quem é. Creio que não teria grandes dificuldades em saber a identidade do canalha.

O coronel cofiou os bigodes finos.

— Senhor ministro, gostaria de lhe fazer uma pergunta.

— Faça, e logo, tenho de falar com o presidente.

— O senhor considera os interesses deste grupo econômico norte-americano lesivos aos interesses da nação?

Seabra pensou por alguns segundos.

— O senhor quer saber de uma verdade crua, coronel. Eu estou cagando solenemente para o fato dos interesses dos gringos serem lesivos ou não aos chamados interesses nacionais. O que eu acho é que esses gringos foram petulantes e tentaram fazer uma grossa sacanagem comigo, e inspirados eu sei exatamente por quem.

— Por quem, o senhor poderia declinar o nome?

— Sem dúvida: aquele anão sifilítico do Ruy Barbosa.

O Coronel Agostinho sorriu, tranqüilizado.

— Senhor ministro, o presidente lhe aguarda — disse fazendo uma vênia.

Mal J. J. Seabra entrou no gabinete do presidente, o Coronel Agostinho foi ao seu escritório e pediu uma ligação telefônica. O sistema telefônico ainda era meio precário, cheio de ruídos e interferências e ele não gostava de usá-lo porque era obrigado a falar em voz alta, quase aos gritos. Mas naquele instante era a melhor maneira a fazer e seria breve ao telefone. A ligação foi completada.

— Percy, alô! É ele mesmo. Falei. Ele já é quase nosso. Desligou o aparelho e esticou-se na cadeira.

No gabinete do presidente havia uma pilha de processos despachados e dois oficiais de serviço arrumavam os papéis. 0 marechal começava o expediente bem cedo e jamais deixava de dar um despacho em todos os processos que chegavam ao seu conhecimento. Seabra entrou e sentiu o estranho ar. O marechal levantou os olhos e não sorriu, mostrava-se grave. Não falou e limitou-se a indicar com a mão que Seabra devia sentar-se.

— Muito trabalho hoje, senhor presidente?

— O de sempre, senhor ministro.

O marechal raramente chamava Seabra pelo título de ministro.

Ficaram em silêncio durante alguns instantes, enquanto o presidente examinava um volumoso processo. Despachou rapidamente e entregou a pasta ao oficial. Logo o gabinete ficou vazio.

— Já estou a par do que está ocorrendo, meu caro Ministro Seabra.

As palavras do marechal despertaram a atenção de Seabra.

— A par de quê, senhor presidente?

— Tive uma reunião esta manhã com o Coronel Agostinho. Ele me informou de tudo.

Seabra explodiu.

— Senhor presidente, muito me admira Vossa Excelência confiar num tipo como o Coronel Agostinho.

— Não entendo, Seabra. Ele é um homem honesto.

— Como essas figuras do teatro de revista. O marechal mostrou-se aborrecido.

— O Coronel Agostinho é um homem honesto, posso assegurar. Ele está aqui, servindo ao meu governo, com prejuízo financeiro. Poderia estar na iniciativa privada ganhando uma fortuna.

— Trabalhando para os americanos.

— Exatamente, e não vejo nenhum crime nisto. Mas deixou o seu emprego para vir trabalhar aqui, comigo, ganhando o que ganha.

— O senhor é quem sabe, presidente.

— O que eu não estou conseguindo compreender é esta animosidade que você alimenta em relação ao Coronel Agostinho. Se você ainda fosse um general, eu poderia entender.

Seabra ficou calado.

— Ainda mais que o Coronel Agostinho está lhe prestando um grande serviço.

— Prestando-me um serviço?

Havia uma grande tristeza cansada no rosto do presidente e aquela expressão era como um sinal de perigo para Seabra. Talvez ele estivesse até errado, mas agora as jogadas transformavam-se em passes sutis como numa dança no escuro. Mas Seabra não gostava de danças no escuro, era homem de virar a mesa.

— Não posso acreditar — resmungou Seabra, o rosto avermelhado pelo sangue que fluía para cima puxado pela carga de raiva.

— Ele está lhe ajudando, é o que eu afirmo — disse o presidente.

— E eu afirmo que isto não pode ser verdade.

O presidente sacudiu a cabeça numa demonstração que não pretendia ficar a manhã inteira brincando de sim e não com Seabra.

— Sua Excelência sabe exatamente o que fazia o Coronel Agostinho no

Paraná? ...

— No final do governo passado, devido a incompatibilizações com os altos oficiais do exército, o Coronel Agostinho esteve afastado da ativa, trabalhando para uma empresa privada.

— O senhor sabe para que empresa?

— Claro, não recordo agora o nome da empresa. . .

— Deixe que eu refresque a memória de Vossa Excelência.

— Pare de me chamar de Vossa Excelência.

— O senhor é o presidente. . .

O presidente explodiu.

— Por isto não me chame de Vossa Excelência. Da maneira como você fala parece um insulto.

— Desculpe, marechal.

— E nem me chame de marechal!

— O senhor é marechal, Marechal Hermes.

— Eu sei, e também não gosto da maneira como você me chama de marechal.

— Como posso chamar Vossa Excelência?

— De qualquer coisa, menos de Vossa Excelência ou de marechal. Está me ouvindo, senhor ministro.

— Então pare de me chamar de senhor ministro.

— Mas você é meu ministro, caralho.

— Eu sei, e não precisa ficar me lembrando a todo o momento.

— Muito bem, Dr. Seabra, continue. . .

— Não me chame de doutor, eu não gosto.

— Ora, vá se foder, seu nortista de merda.

— Vá você, seu militar de bosta.

Os dois ficaram em silêncio por alguns instantes até que começaram a rir convulsivamente.

Seabra logo controlou seu próprio riso porque tinha conseguido ganhar um round. O presidente puxou um lenço do bolso e passou na testa.

— Deixe eu prosseguir, senhor. . . — Seabra procurou elo qualificativo mais do agrado do presidente.

— Me trate como você costuma me tratar.

Seabra voltou a rir.

— Qual é a graça?

— Quer que eu lhe trate por esta palavra?

— Que palavra?

— O senhor pediu: bestalhão.

— Então é assim que você me trata?,

— Todos o tratam assim. O bestalhão do Catete!

— E você pensa que também não tem apelido, espertinho.

Seabra estremeceu porque sabia de quase todos os apelidos infamantes a seu respeito e não gostava de nenhum deles.

— Ministro dez por cento!

— Este eu ainda não conhecia.

— Ministro dez por cento — repetiu o presidente com redobrada delícia.

— Marechal Hermes da Fonseca, perna fina e bunda seca

— Este é velho. Rima pobre e me acompanha desde os tempos do Colégio Militar. O sobrenome Fonseca tem esta sina de rimar com a palavra seca à qual se adiciona o substantivo bunda, um africanismo brasileiro. Não me ofende mais. É como aquele ditado: Raimunda, feia de cara e boa de bunda.

O presidente observava Seabra com um meio sorriso de satisfação.

— Além do mais — disse o presidente —, minha bunda não é nada seca, como todos podem ver.

— Gostei da análise léxica da frase.

— Aprendi com Ruy, conhece?

Seabra corou novamente, não conseguia disfarçar o ódio que sentia cada vez que ouvia o nome do advogado baiano.

— Afinal, ó bundinha seca, queres ou não ouvir o que tenho a dizer sobre o Coronel Agostinho.

— Bundinha, não senhor, bunda, ouviu, bunda seca.

— O senhor está com um ótimo humor hoje.

— Estou é furioso, Seabra. Os paulistas estão querendo me pegar pelo saco.

— O senhor tem o apoio do norte.

— O que quer dizer que ter apoio de merda é a mesma coisa.

— A situação está realmente grave?

Seabra estava apreensivo agora, a viagem de Hermes à Bahia podia não ser realizada e seria uma derrota muito pessoal.

— Pelo visto você não tem se interessado muito pelos problemas do governo.

— É o que faço vinte e quatro horas por dia.

— E o que é que você já fez de concreto em relação aos paulistas?

— Bem, soltei todas as verbas pendentes no meu ministério para os projetos de São Paulo.

— Soltou todas as verbas?

— Quer que lhe enumere os projetos?

— Não é necessário.

O presidente fica por uns momentos em silêncio.

—Mas afinal, o que querem os paulistas? — perguntou-se o presidente sem esperança de receber uma resposta plausível.

— Querem pegar o senhor pelo saco — disse Seabra.

— Mas não conseguirão! Antes que cheguem perto de mim terei o saco de todos eles. Quer dizer que você soltou todas as verbas?

— Todas.

— Bastante?

— Alguns mil contos de réis.

— Todos os ministérios também fizeram o mesmo. Acho que estamos agindo errado.

— Agindo errado?

— Já soltamos milhares de contos de réis e eles continuam agitando. Aceita um café, Seabra?

— Ótima idéia — respondeu Seabra rindo.

— É café da Colômbia — disse o presidente batendo na campainha sobre a mesa.

Entrou o oficial do dia e o presidente pediu o café. Quando o funcionário retirou-se, Hermes abriu uma gaveta e tirou um envelope pardo, lacrado e com o carimbo de *secreto*. Seabra pensou que metade do Rio de Janeiro já sabia do conteúdo daquele envelope.

— Você estava me falando mesmo sobre o quê, Seabra?

— Sobre nada, o senhor está muito dispersivo hoje.

— Desculpe, diga agora o que tem a dizer.

— É sobre o Coronel Agostinho.

— Sobre Agostinho! É incrível como ninguém gosta deste rapaz por aqui.

— Ele é um filho da puta.

— Isto não explica nada, há tantos filhos da puta nesta nação que um só não devia atrair mais atenção.

— Escute o que eu tenho a dizer. Ele é uma raposa esperta, ganhou a confiança do senhor porque aprendeu na França a brincar de soldadinho de chumbo.

— Ele conhece as técnicas de um exército moderno, coisa na verdade bem diferente da tropa de cavalgaduras que temos por aqui. Mais da metade de nossos oficiais generais ainda pensa que está participando da Guerra do Paraguai, a outra parte meteu na cabeça que pode repetir aqui no Brasil o que Luís Napoleão fez na França.

— Todos concordam que as Forças Armadas necessitam acompanhar os tempos. Estão atrasadas e sem disciplina A gestão do senhor no Ministério da

Guerra mostrou isto, começou a mudar para melhor. Mas as tais manobras que o Coronel Agostinho inspirou gastaram mais dinheiro que todo o orçamento do Distrito Federal.

— O exército moderno é caro.

— Mas não estou aqui para discutir com o senhor sobre a modernização do exército. Das Forças Armadas, neste instante me interessa apenas o Coronel Agostinho.

— Sempre ele, que mania!

— Marechal. . . desculpe, senhor. O Coronel Agostinho estava no Paraná trabalhando como diretor-presidente da empresa Southern Brazil Lumber and Colonization Company. E o senhor sabe a quem pertence esta empresa? Ao Sindicato Farquhar.

O presidente mostrava-se impressivo, como se seus pensamentos estivessem em outras paragens.

— O Coronel Agostinho é um homem de Farquhar, o mesmo que apoiou a oposição e perdeu. Eles agora pretendem infiltrar-se no governo, continuar a rapinagem. . .

— Desculpe, Seabra — disse o presidente, assustado ao ouvir a palavra rapinagem.

— Eu estou dizendo que o inimigo está aqui mesmo, infiltrado no Catete, ao seu lado.

— O inimigo?

— Agostinho é um deles, recebe na boca do cofre de Percival Farquhar.

— Este cavalheiro, Percival Farquhar, representa interesses econômicos muito grandes, Seabra. Não pode ficar na oposição.

— É claro, ele depende de nós, de nossas concessões.

— O meu governo não faz concessões — afirmou o presidente com um orgulho perverso em cada palavra.

— Somos duros, eu sei.

— Você leu o que o Alberto Torres escreveu outro dia. Atacou os bancos hipotecários, disse que nem a Turquia faria tantas concessões.

— Nós não estamos na Turquia.

— Exatamente. Mas os intelectuais são assim mesmo, nunca sabem exatamente onde estão pisando.

Um servente entrou no gabinete carregando a bandeja com o café. Serviu com a solicitude contrariada que Seabra sabia vir de muitos anos de caserna. O servente devia ser algum cabo locado no Catete para servir o presidente. Esses militares estão em todas, pensou Seabra.

—Escute o que eu vou lhe falar — disse o presidente, bebendo um gole de

café fumegante. — Tudo o que você me falou do Coronel Agostinho é do meu conhecimento. Não sou tão bestalhão como vocês imaginam. O ponto de vista de vocês é que está errado.

— Errado! — Seabra suspirou fundo.

— Exatamente. O Sindicato Farquhar, no momento, é um dos grupos econômicos mais importantes do país. Tem o capital norte-americano, um país muito promissor, moderno, sem essas frescuras de aristocracias e velhos privilégios históricos. Os detratores chamam os americanos de bárbaros. Mas bárbaro para mim *é* um elogio. Os alemães são também de certo modo bárbaros.

— Há aristocratas também na Alemanha.

— Aristocratas desmoralizados, sem força nem charme. Você sabe o quanto eu conheço da história da Alemanha. Naquele país a aristocracia perdeu tudo o que tinha. — Hermes sorri. — Imagine, num país como a Alemanha, aparecer um nobre como o Ludwig da Baviera.

— Era louco, não era?

— Pior, era pederasta. Enquanto fazia as dele com sua guarda, os homens de negócios foram tomando conta do país. Hoje a Alemanha é o único país moderno da Europa. Como os Estados Unidos.

O presidente tomou outro gole de café e prosseguiu.

— Confesso que de início sentia desejos de vingança para com o Sindicato Farquhar, afinal, eles tinham apoiado a oposição. Mas é crime apoiar a oposição? Não, não é crime, velho. Eles foram mal orientados, foram envolvidos pela retórica de Ruy. São poucos os que conseguem escapar da retórica de Ruy. Eu mesmo já me deixei levar pelas palavras manhosas dele. Mas eu agora tenho uma outra visão quanto ao problema do Sindicato Farquhar

— Aconselhado por Agostinho, é claro!

— Sim, foi Agostinho quem me abriu os olhos. Você sabe nunca se conforma com uma derrota e agora contava com um aliado poderoso. Esses americanos, por serem bárbaros, topam uma boa luta no jogo das influências. — Hermes apanhou o envelope e abriu, retirou algumas folhas de papel ordinário, repletas de um manuscrito quase indecifrável, embora Seabra estivesse certo de que metade do Rio de Janeiro já tinha conhecimento do que se tratava, menos ele mesmo. — Aqui está a chave.

Seabra esperou, era o momento decisivo.

— Você, meu caro Seabra, é o único duro dentre os meus ministros, que não se deixa dobrar facilmente.

Seabra deixou que a vaidade lhe dominasse.

— O ódio que você sente por Ruy misturou-se com o ódio que você passou a cultivar pelo Sindicato Farquhar. Ruy viu aí uma oportunidade de criar uma crise

ministerial bem no momento em que estamos enfrentando os paulistas. Se você persistisse na dureza com relação ao Sindicato Farquhar, haveria sérios problemas e talvez você acabasse saindo do ministério.

Seabra viu a vaidade transformar-se em gélida expectativa.

— Mas a simples saída não era suficiente para Ruy. Você tinha de sair desmoralizado, enlameado. E a mente daquele homenzinho não é brincadeira. Veja só o que ele tramou — disse o presidente baixando os olhos para consultar o dossiê secreto que metade da Capital Federal já devia conhecer. — Espalhou que você mantinha uma amante, de casa e tudo, no bairro de São Cristóvão. Quando eu soube, fiquei bastante irritado porque não admito essas coisas no meu governo. Posso admitir tudo, menos infidelidade conjugal. Pois bem, o Coronel Agostinho, que você detesta e ele sabe disso, a despeito de tudo, foi mais fiel ao meu governo que à eventual antipatia que podia alimentar contra você. Ele, pessoalmente, comandou as investigações. Foi diretamente ao endereço da suposta amante que você mantinha em São Cristóvão. Veja o que ele apurou.

O presidente, virando as páginas manuscritas, entregou-as a Seabra. Ele apanhou e começou a ler. Não podia acreditar que aquilo estivesse mesmo escrito ali. O relatório chegava à conclusão que tudo não passava de uma calúnia primária. No endereço citado, fora encontrada uma família, composta de oito pessoas, o pai, inválido, chamava-se Fabiano Lobato, e tinha trabalhado para a família Seabra em Pernambuco. Emigrara para o Rio de Janeiro em 1901, com a mulher, Anastácia, e seis filhos menores. Em dificuldades financeiras e impossibilito de continuar trabalhando, já que acidentara-se como servente de pedreiro durante as obras da Avenida Central, procurara o Ministro J. J. Seabra, padrinho de uma das crianças, de quem solicitara ajuda. O Ministro J. J. Seabra, na época, ainda deputado federal, conseguira a casinha de São Cristóvão e ajudava mensalmente com uma quantia que lhes permitia sobreviver modestamente, uma espécie de pensão ao inválido.

— O Coronel Agostinho estava comovido, Seabra. Jamais pensou que você fosse homem de fazer caridade.

— Eu não sou de fazer caridade — respondeu Seabra perplexo

— E o que diabo foi isto que você fez para esta família?

— Caridade, senhor!

14

Finnegan está dormindo num dos leitos do Hospital da Candelária, há mais de dois dias, interrompidos apenas para fazer descer a alimentação, uma papa

doce que tinha gosto de aveia. O calor e a claridade obrigam Finnegan a constantemente procurar novas posições na cama. Aquelas horas de sono repararam o cansaço e o susto de toda a traumatizante experiência no interior de um tonel vazio de gordura. Finnegan já não consegue realmente dormir, mantém os olhos fechados e deixa seu corpo estirar-se na cama, suando os lençóis, com medo de levantar e ser remetido de volta ao inferno do Abunã. O cheiro de gordura rançosa continua a incomodar porque parece ter se entranhado em seu corpo, invadido para sempre o interior de suas narinas e corrompido para sempre o seu paladar. Mas não sente náusea, aliás, não sente nenhum desconforto, está novo em folha, tão novo que durante os dois dias em que esteve dormindo sustentou uma constante ereção que fazia os enfermeiros divertirem-se o tempo todo. O calor molhava as suas costas e fazia a camisa do pijama colar-se contra a pele. A claridade incomodava mesmo com as pálpebras fechadas porque imprimia um vermelhão uniforme contra a retina e deixava Finnegan em dúvida se devia abrir os olhos ou continuar da mesma forma. O calor e a claridade decidiram: ele abriu os olhos.

— Bem-vindo ao mundo dos vivos — disse uma voz dolosamente familiar ao seu lado.

Finnegan virou a cabeça e viu o engenheiro Collier, também em pijamas, sentado contra o espelho da cama, segurando uma revista. Viu que era o engenheiro Collier, embora o mosquiteiro estivesse totalmente descido sobre a sua cama, o que dava ao mundo uma imprecisão maligna.

— E Consuelo? — perguntou Finnegan, afastando o mosquiteiro e sentando-se na cama.

— Quem?

— Consuelo! — quase gritou Finnegan.

— Não grite, estamos num hospital.

— Não estou gritando.

— Se você gritar eles vão pensar que a doença se agravou e começarão a aplicar remédios.

— Eu estou doente?

— Se você não estivesse tão bem eu diria que a situação é bastante grave.

Finnegan passou a mão no rosto suado e olhou em volta. A enfermaria estava quase vazia a não ser por mais dois leitos ocupados por pacientes que esperavam para morrer.

— É a enfermaria dos graduados — informou Collier.

— Eu perguntei por Consuelo, será que não posso ter uma informação positiva.

— Agora eu entendi — disse Collier deixando as palavras escaparem em

meio ao riso.

— Entende o quê?

— Você não perguntou pela moça, a Consuelo, não foi? Finnegan estava começando a se irritar.

— Ela mesmo!

— Não grite, estamos num hospital.

— Não estou gritando!

— Você está gritando — gritou Collier.

Um enfermeiro apareceu na porta da enfermaria e o engenheiro fez sinal de que tudo estava bem.

— Está vendo — advertiu Collier —, se você gritar eles aparecem logo para aplicar remédios.

— Eu não estava gritando. Só estava querendo saber onde está Consuelo. Você é que ficou aí falando coisas sem nexo.

— O quê, por exemplo?

— Que você tinha entendido, sei lá mais o quê!

— Claro que eu só podia entender depois que você me perguntou por ela.

— Entender exatamente o quê?

— Finnegan, meu rapaz.. .

Finnegan fuzilou o engenheiro com os olhos.

— Está bem. Você passou dois dias de pau duro enquanto dormia e mal acorda pergunta por Consuelo, o que é que eu podia entender?

— Pau duro?

— Exatamente, rapaz. Parecia o monte Branco. Os enfermeiros divertiram-se muito. Chamavam você de Dr. Atraso.

Finnegan instintivamente passou a mão entre as pernas mas seu pênis estava plácido e comportado. Collier riu e o médico não conseguia se lembrar de algum sonho, de nada. Os dois dias estiravam-se na memória com a cor escarlate da claridade em sua retina.

— Consuelo está bem — informou Collier. — É uma mulher e tanto, rapaz. Está no alojamento especial, o único onde vivem mulheres por aqui. E não larga aquele índio que você curou.

— Ele também está aqui?

— Trouxe ele para cá. Lovelace disse que você fez um trabalho e tanto nele.

Finnegan não se deixou impressionar.

— Quanto tempo vamos ficar aqui? — quis saber Finnegan.

— O tempo que desejarmos.

— Verdade?

— Quer dizer, o tempo que soubermos fingir que ainda estamos doentes.

— O senhor está doente? — perguntou Finnegan, retomando a formalidade.

— Tanto quanto você está.

— Eu estou doente?

— Não sei, não sou médico.

— Não me sinto doente. Acho que não tenho nada.

— Fique de boca calada e vez ou outra se estire na cama e solte uns gemidos.

— Preciso ver Consuelo.

— Para quê? Ela está bem, cuidando do índio. Deve andar trepando com ele.

— Trepando com quem?

— Com o índio que você curou. Só porque perdeu as mãos não quer dizer que ele não possa dar as suas trepadas.

— Isto é uma coisa sórdida de se dizer.

— Não vejo sordidez nisso. Ela é uma moça saudável não larga aquele índio sabido.

Finnegan sentiu que o calor que fazia na enfermaria levar qualquer um a cometer uma loucura.

— Consuelo é uma criatura muito bondosa.

— Claro, não deixa de ser uma grande bondade trepar com o pobre índio maneta.

— Não quero mais ouvir esta conversa!

— Não grite, estamos num hospital — gritou Collier. Finnegan voltou a deitar, estirando o corpo na cama e colocando as mãos sob a cabeça. Olhou para o forro pintado de branco que luzia na claridade. Collier começou a folhear a revista.

— Você estava sonhando com ela? — perguntou Collier jogando a revista para o lado.

— Não me lembro de nada.

Collier soltou um assovio.

— Rapaz, precisava ver como você estava o tempo todo.

— Isto é natural, na minha idade — disse maldosamente Finnegan.

— Touché — gritou Collier.

O enfermeiro voltou a aparecer na porta do pavilhão e o engenheiro fez um sinal para que ele se aproximasse. O enfermeiro, um rapaz americano com o rosto sardento e os cabelos cortados curtos como um militar, veio gingando sem fazer ruído.

— Ele não está passando bem —- disse Collier, apontando para Finnegan.

— Não estou sentindo nada — falou Finnegan com a voz mais amável e convincente que encontrou naquele momento.

— Não grite, estamos num hospital — disse o enfermeiro. Finnegan revirou

os olhos e soltou um suspiro. O enfermeiro imediatamente enfiou-lhe um termômetro na boca.

— Caralho! — disse Finnegan, quase mastigando o termômetro.

— Calma, doutor, tudo vai ficar bem — tranqüilizou o enfermeiro.

Finnegan tirou o termômetro e examinou. O enfermeiro tomou apressado o termômetro de Finnegan.

— O senhor tem um pouco de febre — disse o entermeiro**.**

— Febre? Você está maluco, menino. Desde quando trinta seis graus é febre?

O enfermeiro olhou assustado para Finnegan.

— Não é febre?

— Pelo menos em seres humanos — disse Finnegan.

—É por isto que temos ordens de não fornecer nenhuma informação aos pacientes. Isto foi muito irregular, o senhor não deveria ter olhado para o termômetro.

Collier fez sinal para que o enfermeiro se retirasse. O rapaz sacudiu o termômetro, colocou no bolso de sua bata imaculadamente limpa e engomada e foi saindo cabisbaixo. Três passos mais adiante, parou e voltou ao leito de Finnegan.

— Acho que o senhor precisa de um antitérmico.

— Você tem toda a razão, rapaz.

O enfermeiro sorriu.

— Traga-me um ventilador.

Collier rolou de rir na cama enquanto o enfermeiro abria a boca desconcertado.

— É irregular, senhor. Não podemos fornecer este tipo de medicamento.

— Uma pena — disse Finnegan —, é o único antitérmico que pode me ajudar no momento.

Collier continuava a rir, atraindo a atenção do enfermeiro.

— O senhor está se sentindo bem? — perguntou o rapaz enfiando o termômetro na boca do engenheiro com uma pontaria certeira.

Collier parou de rir porque quase se engasgou com a intromissão fria do termômetro em sua boca. Foi a vez de Finnegan vingar-se, soltando uma gargalhada que estremeceu o pavilhão. Collier cuspiu o termômetro e acertou na testa do enfermeiro.

O enfermeiro aparou o termômetro com um gesto intempestivo e imediatamente examinou-o.

— Jesus Cristo — disse o enfermeiro —, o senhor está morto!

Collier deu um salto e ficou de joelhos em cima da cama.

— O quê?

— O senhor não pode estar vivo! — repetiu o enfermeiro Crédulo.

— Mostre o termômetro — pediu Finnegan.

— Não posso, senhor, é irregular — disse o enfermeiro polidamente.

— Não grite, isto é um hospital — gritou Collier.

— Eu não estou gritando, só não posso mostrar o termômetro aos pacientes. É contra o regulamento.

— Eu não sou paciente — disse Finnegan —, eu sou médico.

O enfermeiro sacudiu a cabeça.

— O senhor não me engana. Os médicos costumam ficar fora das camas. Os pacientes é que ficam na cama.

— Ele é realmente médico — afirmou Collier.

— O senhor está morto — disse o enfermeiro com convicção. — Não pode mais dar opiniões.

Finnegan levantou-se da cama e tirou o termômetro das mãos do rapaz com um safanão. O enfermeiro abriu a boca enquanto Finnegan observava o termômetro e começava a rir.

— A temperatura dele é de dezessete graus centígrados — disse o enfermeiro com humildade. — Isto não é temperatura de um morto?

— Exatamente — confirmou Finnegan.

Collier observava agora com uma certa apreensão. Uma espécie de raiva também estava aparecendo lá no fundo porque ele não gostava da idéia de se transformar em alvo de brincadeiras de Finnegan. Mas o enfermeiro não suportou mais a situação e arrancou o termômetro que estava na mão de Finnegan. Sentou-se na beirada da cama de Collier e colocou o termômetro na própria boca.

— Você está bem, rapaz? — perguntou Finnegan com a calculada atitude profissional dos médicos.

O enfermeiro não respondeu. Seu rosto foi ficando corado e ele escondeu entre as mãos.

— Vamos, rapaz, está tudo bem! — disse Collier, batendo afetuosamente nas costas do rapaz.

O enfermeiro sacudiu a cabeça sem descobri-la.

— Não vá engolir o termômetro — advertiu Finnegan. Logo ali perto, os dois pacientes começaram a estrebuchar.

Finnegan aproximou-se e observou com olhar clínico, as mãos colocadas dentro dos bolsos da camisa do pijama.

— Estão morrendo — disse Finnegan —, chamem um médico.

O enfermeiro não deu sinal de que tivesse ouvido o alarme de Finnegan. Os dois pacientes estremeceram, concatenados e foram estirando os corpos.

Estavam mortos.

— Estão mortos — afirmou Finnegan.

— Morreram mesmo? — duvidou Collier.

— Positivamente — confirmou Finnegan, examinando a papeleta de uma das camas. — Avitaminose aguda!

— Como?

— Herrera, Sérvulo. Oficial administrativo. Nacionalidade espanhola. Idade: quarenta e seis anos. Estado civil: viúvo. Finnegan deu mais um passo e pegou a outra papeleta. — Macaulay, Frank. Engenheiro civil. Nacionalidade norte-americana. Idade: trinta e cinco anos. Estado civil: solteiro.

O enfermeiro levantou a cabeça e retirou o termômetro da boca. Examinou atentamente e sorriu precariamente. Collier sacudiu pelos ombros o rapaz.

— Os dois ali se foderam, rapaz!

— Isto é comum num hospital, senhor — respondeu o enfermeiro com um certo triunfo.

— Tudo certo com você, rapaz? — indagou Finnegan.

— Acho que sim.

— Você trabalha aqui há muito tempo? — perguntou Collier.

O enfermeiro levantou-se da cama e foi saindo sem responder a pergunta. Finnegan jogou o lençol sobre o rosto de um dos defuntos e fez o mesmo com o outro, enquanto Collier sentava-se na cama e desabotoava a camisa do pijama visivelmente suada.

Não tinha passado um segundo quando um grupo de atarefados enfermeiros entrou no pavilhão para remover os cadáveres. Cercaram as camas de biombos e começaram a empacotar os corpos.

— Trabalho de profissional — comentou Finnegan.

— Por que eles colocaram biombos? —perguntou Collier.

— Para não impressionar os outros pacientes — respondeu Finnegan com desprezo.

— Mas não há pacientes neste pavilhão. Somente nós estamos aqui.

— Nós somos pacientes — disse Finnegan com ar de renovação. — Eles não querem que fiquemos impressionados. O mesmo enfermeiro que ainda pouco havia estado com eles destacou-se do aglomerado ativo que estava por trás do biombo e aproximou-se de Collier e Finnegan.

Nada de termômetros — advertiu Collier. O rapaz sorriu. Não senhor. É que eu esqueci que os senhores hoje estão convidados a almoçarem com o Dr. Lovelace. O almoço é servido às dez e quarenta e cinco, na cantina do hospital

— Não temos relógios — disse Collier.

— Eu virei buscá-los — disse o enfermeiro.

Consuelo pouco dormira e assim mesmo não se sentia cansada. Mal chegara no hospital, embora lhe tivessem recomendado que se mantivesse na cama, ela ficou apenas por uma noite, vestida de camisola e simulando um sono que não tinha Pela manhã, levantou-se e tomou um banho de ducha como há muito tempo não fazia. Ela não estava internada numa enfermaria ou pavilhão. Tinha sido instalada num dos alojamentos de funcionários, onde pela primeira vez encontrou mulheres por ali. Quando acabou de tomar banho, um banho demorado, e saiu, encontrou-se com uma senhora baixa, gorda e de pele rosada, os olhos- azuis como contas, segurando uma bandeja de café continental e sorrindo. Ficaram imediatamente amigas porque talvez fosse a primeira mulher que Consuelo encontrava em quase um mês. A senhora era Harriett Lowey, americana que falava um espanhol macio com sotaque cubano pois era casada com um médico nascido em Sevilha, o Dr. Edy Azancoth, judeu sefardim e há anos radicado em Havana até aceitar o contrato para vir para Porto Velho. Harriett não tinha qualquer vínculo com a Madeira—Mamoré Railway Co., a não ser o vínculo conjugai com o Dr. Azancoth, por isto era inteiramente desocupada, preenchendo o seu tempo com maliciosas observações sobre a vida particular dos habitantes de Porto Velho. Assim mesmo, ela não tinha grande coisa para fazer porque Porto Velho não passava de um acampamento crescido e com poucas mulheres com quem ela pudesse partilhar suas observações. Para completar, o fato de estar casada com um judeu impedia que ela se relacionasse com algumas das mulheres e tivesse mesmo a hostilidade declarada da enfermeira-chefa, Marilyn John Kirkpatrik, metodista fanática e amante de "King" John, administrador-geral da Companhia. Por tudo isto não foi difícil Harriett aceitar a amizade de Consuelo.

No primeiro dia Consuelo passou ao lado do índio que estava internado na enfermaria dos indigentes. Embora limpa, a enfermaria vivia lotada de trabalhadores em diversos graus de decomposição física e mental. Não era um ambiente especialmente confortador para o seu amigo caripuna, mas ele não parecia notar, continuava sorridente e carinhoso, acendendo cigarros com fósforos que ele riscava com os pés, para divertimento dos enfermeiros e alguns doentes em estado menos deplorável.

Harriett não deixou de notar o interesse de Consuelo pelo índio sem mãos. Particularmente achava repelente a idéia de uni homem incompleto, com dois tocos de braços escapando da camisa do pijama, o rosto marcado por escarificações. Mas o diabo do índio tinha um sorriso de dentes brancos que era cativante, isto ela não podia negar.

— Você gosta dele? — perguntou Harriett.

— Gosto muito dele — respondeu Consuelo.

— Deve ser incômodo.

— Incômodo?!

— É, quero dizer, pelo fato dele não ter mãos.

— Não é deste jeito que eu gosto dele, Sra. Azancoth.

— Harriett, querida. Me chame de Harriett.

— Eu tenho pena dele, Harriett. Só isto.

— Pensei que você estivesse tendo alguma coisa com ele — disse Harriett com malícia. — Pensando mal não deve ser tão ruim assim o fato dele não ter mãos. Pode ser até melhor que o meu marido.

Consuelo riu mas não conseguiu deixar de resvalar na ambigüidade das palavras de Harriett.

— Não é o que você está pensando, minha filha. Ele é um marido muito bom, não tenho do que me queixar. A não ser pelo fato dele saber cozinhar.

— Ele sabe cozinhar?

— Azancoth é um grande cozinheiro. Sempre me humilhou ao entrar na cozinha para preparar uma refeição. Eu não tenho este dom para fazer alimentos. Nunca aprendi, embora minha mãe tenha realmente se esforçado. Mas Azancoth é fantástico e às vezes isto me deixa irritada de verdade. Já tivemos muitas brigas e até nos separamos por isto.

— Se separaram?

— Foi, faz tempo, éramos jovens. Eu tinha preparado uns bolinhos *matzoh*, comida judia, sabe, e ele detestou. Levantou-se da mesa e foi para a cozinha só para me irritar. Preparou os bolinhos *matzoh* mais deliciosos que algum dia já provei. Fiquei furiosa, perdi a cabeça e piquei toda a coleção de selos dele.

— Puxa vida! — exclamou Consuelo assustada.

— Nos reconciliamos uma semana depois, quando ele concordou em comer os meus próprios bolinhos *matzoh.*

Consuelo quase não estava prestando atenção na conversa de Harriett.

— Gostaria de encontrar o Dr. Finnegan — disse Consuelo, um brilho especial pairando nos olhos.

Harriett não podia deixar de perceber a maneira especial pela qual Consuelo mostrou interesse em encontrar Finnegan

— Ele é médico, não é? — disse Harriett. — É um belo rapaz, conheço de vista. Quase não ficou em Porto Velho. Mal chegou foi deslocado para o Abunã.

— Ele está aqui, agora. A senhora sabe o que aconteceu.

— Foi uma coisa terrível. Ainda sinto pena por vocês. Poderiam estar mortos, tiveram sorte.

— O Dr. Finnegan é muito bom comigo.

— Ele está internado no pavilhão dos graduados.

— Onde é que fica? Gostaria de visitá-lo.

— Você não pode chegar lá sem uma permissão. Além do mais, uma mulher sozinha por ali é perigoso.

— Perigoso?

— É, com todos aqueles homens. . .

— Na enfermaria onde está o meu amigo índio também só tem homens. Nem por isto é perigoso.

— O índio está na indigência, onde todos estão muito doentes para molestar uma mulher.

— O pavilhão dos graduados também é para doentes.

— Mas quase sempre eles não estão realmente doentes. . Consuelo estava decidida a encontrar Finnegan e, como não estava com vontade de solicitar nenhuma autorização, mudou de assunto.

— Harriett, por que você disse que de certo modo era bom o fato do meu amigo índio não ter mãos, melhor do que seu marido?

Harriett sorriu.

— Se meu marido não tivesse mãos não teria condições de me humilhar o tempo todo cozinhando da maneira como ele cozinha.

Como o almoço estava marcado para as dez e quarenta cinco, Finnegan e Collier encontraram-se com Lovelace com uma hora de atraso, no refeitório do hospital. Havia uma mesa reservada para eles e Lovelace, vestindo um traje branco, entrou no refeitório seguido por uma corte de enfermeiros jovens que log ° se espalharam pelas outras mesas. O refeitório era pequeno e não devia conter mais de dez mesas para quatro pessoas. Um garçom e duas moças, todos fardados de branco e com aventais azuis, serviam as mesas.

Lovelace abraçou Collier com uma expressão sarcástica e estendeu a mão para Finnegan, seguindo-se um caloroso aperto de mãos entre os dois médicos. Finnegan já não admirava tanto Lovelace mas este não parecia notar porque vivia cercado por uma aura onipotente.

— Meu caro Finnegan — disse Lovelace —, você é um prodígio. Como conseguiu sobreviver ao cheiro daquele barril?

Finnegan limitou-se a sorrir enquanto sentavam-se. Lovelace passou a falar diretamente para Collier.

— Esse moço aqui ao meu lado, foi colocado dentro de um tonel de gordura para frituras. Uma gordura nauseabunda que a Companhia importa da Itália para ser utilizada aqui na cozinha e que os italianos fabricam para lubrificar carros de tração animal.

— Ele é irlandês — disse Collier.

— Ele tem é um estômago de avestruz.

— Eu fiquei doente só de imaginar Finnegan melando o nariz naquele barril untado e repelente — disse Collier. — Realmente fiquei doente só de pensar nisso.

— Os alemães sumiram mesmo? — perguntou Lovelace.

— A última coisa que sabemos deles é o que Finnegan e a moça boliviana contaram. Eles estavam se desentendendo.

— Por causa da moça? — quis saber Lovelace. Finnegan estremeceu.

— Nem se importaram com Consuelo — disse prontamente Finnegan. — Se desentenderam entre eles por problemas de liderança.

— Imbecis, a moça era um motivo bem melhor para discordarem — afirmou Lovelace.

— É uma mulher e tanto — concordou Collier. — Tem as suas excentricidades, parece que anda trepando com aquele índio.

— Isto não é verdade — protestou Finnegan. Collier e Lovelace se entreolharam e riram. Finnegan corou, tinha perdido toda a vontade de comer naquele instante, ainda que o almoço que começavam a servir fosse de aparência bastante atraente.

— Você está muito bem, Lovelace — elogiou Collier. — Uma saúde proporcional ao seu fanatismo, homem. As bochechas estão tão rosadas que parecem traseiros de crianças.

Lovelace beliscou as próprias bochechas com malícia.

— Você está feliz, Collier! Eu também fico feliz em saber.

— Eu não estou feliz, Lovelace. Na verdade eu deveria estar desesperado se fosse um engenheiro de verdade. A nossa amada Mad Maria já deveria ter atravessado o estreito do Abunã há duas semanas.

— Então você é o mais feliz dos fracassados, Collier.

— Exatamente.

Collier olhou em volta, prestando atenção para os enfermeiros que ocupavam o refeitório, todos jovens e a maioria norte-americanos.

— Você não tem mulheres aqui, Lovelace?

— Mulheres?

— Enfermeiras!

— Evidente, Collier, mas são poucas porque a maioria dos doentes são homens.

— E porque você não mandou uma dessas, de seios protuberantes e sorriso de duplo sentido nos lábios, para cuidar de mim e de Finnegan no pavilhão?

— Porque vocês não estão doentes.

— Você podia mandar uma enfermeira que tivesse um desses sorrisos que as mulheres fazem, entre o maternal e o libidinoso.

— Se vocês estivessem doentes e este fosse o teu último desejo, eu poderia atender.

— Você mandou um enfermeiro maluco que não sabe usar um termômetro.

— Deve ser Barth.

— Barth? ,

— Antes de vir para cá era metalúrgico em Cleveland. Controlava a temperatura das caldeiras. Continua confundindo tudo. .

Seguiu-se alguns minutos em que ninguém falou, comiam entusiasmados, incluindo Finnegan que tinha perdido a fome por causa de Consuelo e sua amizade com aquele índio infecto O refeitório foi aos poucos ficando vazio.

— Quando vamos sair do pavilhão, Lovelace? — perguntou Collier, limpando a boca com o guardanapo.

— Ainda não sei — respondeu Lovelace.

— Como ainda não sabe?

— Depende, Collier.

— Depende exatamente de quê?

— De vocês mesmos. Quando estiverem com saúde.

— Mas nós não estamos doentes, Lovelace.

— E o que é que vocês estão fazendo no pavilhão?

— Internados, para recuperação.

— Então estão doentes, quer dizer, de certo modo estão. Terão que esperar pela alta.

Consuelo esperou que todos estivessem dormindo nos alojamentos de funcionários, até mesmo Harriett, que ficava tricotando até o marido adormecer na cadeira onde invariavelmente ficava acariciando selos impressos num velho catálogo filatélico.

Sem encontrar nenhuma dificuldade, Consuelo chegou ao pavilhão dos graduados. Todos os enfermeiros de plantão dormiam e não perceberam aquela mulher de camisola atravessando os corredores imersos na penumbra das lâmpadas elétricas fracas.

No pavilhão, só duas camas estavam ocupadas e Consuelo logo encontrou Finnegan ilhado do mundo pelo mosquiteiro que descia do teto como um dossel de leito medieval. Ao lado da cama de Finnegan, contrariando as regras, Collier roncava de bruços, sem camisa, o mosquiteiro inteiramente enrolado atrás do espelho da cama.

Consuelo levantou o mosquiteiro e Finnegan, que tinha o sono leve, abriu os

olhos. Não era um sonho porque o odor de ^citação e suspense exalava de Consuelo e começava a estraçalhar toda a vontade de Finnegan. Consuelo colocou o dedo indicador sobre os lábios carnudos, pedindo silêncio, e Finnegan levantou-se, cauteloso, pegando-a pela mão. Consuelo olhou em volta e viu os biombos. Puxou Finnegan na direção das camas Cobertas pelos biombos e estranhou a reação dele.

— Não seja bobo — sussurrou Consuelo no ouvido de Finnegan.

A imagem dos doentes estrebuchando naquelas camas escondidas pelos biombos não saía da memória de Finnegan e lhe obliterava qualquer outro pensamento. Mas Finnegan se deixo levar para onde Consuelo queria que ele fosse. Mal desapareceram por trás dos biombos, Collier virou-se e abriu os olhos" deu um sorriso e voltou novamente a dormir.

Consuelo praticamente forçou Finnegan a sentar numa das camas que os enfermeiros tinham removido todos os lençóis e deixado apenas o colchão.

— Um homem morreu aqui hoje — disse Finnegan, mas tão baixo que Consuelo pensou que ele tivesse dito outra coisa.

— Eu também estava louca para ver você — respondeu Consuelo. — Quando estava dentro daquele barril, descobri uma coisa.

— Ele estava aqui nesta cama — continuou Finnegan mas mantinha a voz inaudível.

— Você também descobriu? — Consuelo estava exultante. — Pensei o tempo todo em você, Finnegan. No quanto você foi carinhoso comigo, a paciência que você teve enquanto eu estive desolada com o que tinha me acontecido.

— Eu vi o cara se estrebuchar bem aqui nesta cama — disse Finnegan de maneira tão débil que ninguém ouviu.

— Quer dizer que você também pensou em mim. Consuelo naquele instante sentia sensações conflitantes embora não de todo desagradáveis. A resistência de Finnegan, que ela julgava pura timidez, era uma prova do caráter dele e isto aumentava a espécie de febre que incendiava lentamente o seu corpo. Mas a atmosfera mórbida perturbava Finnegan e isto passava para Consuelo como sinal de recato masculino muito raro. Consuelo, num impulso, foi retirando a camisola por cima da cabeça, revelando um corpo de pele quase luminescente na penumbra. O cheiro dela, de sexo, foi como um murro na cara de Finnegan e ele estendeu os braços para enlaçar aquela revelação, beijando os lábios de Consuelo com um entusiasmo longamente esquecido. Finnegan tirou rapidamente o pijama e deitaram, logo estavam palpitando um sobre o outro, lentamente seguindo para o final.

Pela manhã, Collier e Finnegan acordaram com um inusitado movimento no pavilhão. Consuelo retirara-se quase imediatamente após o encontro e Finnegan voltara para a sua cama. Quando acordaram, viram os enfermeiros conduzindo três vítimas de beribéri. Os doentes estavam em estado deploravel, eram topógrafos, bastante jovens, recentemente chegados da região de Guajará-Mirim.

Collier logo sentou-se na cama e observou com desagrado toda aquela invasão. Olhou para Finnegan com uma expressão Irritada, enquanto os enfermeiros levavam os doentes exatamente para as camas onde haviam morrido os dois homens rio dia anterior e na última noite Finnegan descobrira Consuelo. O terceiro doente, menos debilitado, foi acomodado no extremo do pavilhão, logo abaixo de uma janela comprida.

Finnegan permanecia deitado, compartilhando com a irritação do engenheiro.

— Você devia levantar e tomar um banho — gritou Collier.

— Não grite, isto é um hospital — advertiu um enfermeiro segurando um urinol esmaltado.

— Foda-se — tornou a gritar Collier.

— Por que tenho de tomar banho? — quis saber Finnegan.

— Você está com um cheiro estranho.

— Cheiro estranho?

— Cheiro de maresia — explicou Collier, sarcasticamente. Finnegan não quis mais discutir e levantou-se. Pegou a toalha e dirigiu-se ao banheiro, sentindo deliciado o cheiro de maresia que se desprendia realmente de seu corpo. Quando voltou para o pavilhão, encontrou Collier inteiramente vestido, calçando as botas. Os doentes, dois deles, segurando no espelho das camas, tremiam o corpo numa estranha dança que seguiam com olhares estóicos e sofridos.

— Finnegan, você vai ficar aqui nesta merda?

— Claro, ainda não tivemos alta.

Collier levantou-se, experimentou as botas e olhou de maneira superior para Finnegan.

— Acabo de dar alta para você e para mim.

— O quê?

— Você é médico, quanto tempo esses caras vão resistir neste estado?

Finnegan observou os três doentes e sentiu pena pelos desgraçados que estavam de pé, dançando de maneira ridícula.

— Uns dois dias, não mais. É caso perdido, acredito.

— Pois então, nossa alta é por dois dias.

O que vamos fazer nestes dois dias?

— Ficar bom.

— O senhor não está pensando em fazer nenhuma besteira!

— Pensei que você já tivesse esquecido de me tratar de senhor.

— Desculpe, Collier.

— Quando me chamam de senhor eu me sinto um desse sargentos velhos e imprestáveis.

Finnegan sorriu, penteando os cabelos molhados.

— Vista uma roupa, homem. Rápido.

— Para onde vamos?

— Qualquer lugar, contanto que não fiquemos aqui. Não gosto da maneira como eles dançam, não gosto da coreografia Nunca gostei de dança folclórica.

— Isto não tem graça nenhuma.

— Vamos dar o fora daqui, agora.

Embora Collier estivesse com pressa, não foi nada fácil escapar do pavilhão dos graduados. Com a presença dos três doentes a vigilância era perfeita e um batalhão de enfermeiros entrava e saía constantemente da grande sala e também se espalhava pelos corredores do edifício. Collier e Finnegan foram detidos por cinco vezes e recolocados na cama quase à força. É claro que Collier culpou Finnegan pelos cinco insucessos e passou o resto do dia resmungando insultos inaudíveis. Somente no final da tarde, quando o jantar estava sendo servido, é que os dois conseguiram escapar, saltando a janela e caminhando naturalmente para o barranco onde havia um trapiche flutuando e uma canoa.

Embarcaram na canoa e Collier indicou a direção a seguir. O dia estava morrendo e o rio amarelo ficava pardacento, refletindo fitas de nuvens vermelhas e roxas. Collier assoviava uma velha canção inglesa algumas vezes cantando estrofes inteiras da mesma canção.

— The young swells in Rotten Row
All cut it might fine,
And quiz the fair sex, you know,
And say it is divine.
The pretty little horsebreakers
Are breaking hearts like fun,
For in Rotten Row they all must go,
The whole hog or none.

Os dois remavam com certa desenvoltura, sem pressa, sorvendo a brisa da noite que chegava. Quando a escuridão já era . penetrável Collier acendeu um farol de petróleo e colocou-o no banco da canoa que estava mais próximo da proa. Dois ou três pontos de luz apareciam logo à frente, enquanto do Hospital da Candelária chegava uma constelação de pontos luminosos. O céu estava

perfeitamente escuro e acetinado. Logo à frente estava Porto Santo Antônio, a cidade mais importante daquele trecho do rio Madeira e era para lá que o engenheiro estava levando Finnegan.

Finnegan ainda não tinha se recobrado do medo de ter infringido os regulamentos do hospital e logo ficaria horrorizado quando descobrisse que ao pisar em Santo Antônio estava cometendo uma grave infração contra o regulamento da própria Companhia. Quase duas horas depois, um espaço de tempo que pareceu a Finnegan a própria eternidade, deslizando no silêncio do rio e da selva, a canoa topou no trapiche da cidade de Santo Antônio.

Collier saltou, sem deixar de assoviar e cantar, equilibrando-se sobre o madeirame precário que balançava sobre a água. A cidade parecia deserta e a não ser pelo concerto dos insetos, nenhum outro ruído denunciava sinal de vida humana. Collier amarrou a canoa e apanhou a lanterna. Finnegan não se moveu, estava sentindo frio e arrependido de estar ali, os olhos ansiosos perscrutando a linha quase invisível da cidade barranco acima.

— Você vai ficar sentado aí?

— Onde estamos?

— Nada de especial, é Porto Santo Antônio, um dos piores lugares da Terra.

Finnegan teve vontade de desatar a canoa e remar de volta tal o desespero que se apossou dele. Pouco se importava que a cidade fosse um dos piores lugares da Terra, o mais grave é que estava fora dos limites da Companhia e havia uma proibição expressa para os funcionários da Companhia não saírem desses limites sem ordens.

— Salta logo, homem. O que é que há?

— Estamos fora dos nossos limites.

— É isto que torna a coisa divertida.

A brisa trazia um fedor de dejetos e carne em decomporão. Era o cheiro de Santo Antônio.

— Além do mais, esta cidade fede — disse Finnegan.

— Vamos, coragem, rapaz. É um povoado repelente ma você vai aprender muito.

Finnegan levantou-se e quase perdeu o equilíbrio.

— Cuidado — advertiu Collier.

Finnegan pulou para o trapiche de madeiras velhas e enfiou as mãos nos bolsos da calça.

— Não estou gostando nada disso aqui — reclamou Finnegan.

— Lembrei agora de uma coisa.

— O que foi? — perguntou Finnegan, defensivo.

— Acho que você devia saber. Jonathan, o barbadiano lembra dele? Se

enforcou na prisão.

— Se enforcou?

— Estava preso desde que chegamos em Porto Velho. Desfiou um lençol e se enforcou na cela.

— Você era amigo dele, não, Collier?

— Trabalhamos juntos muito tempo, mas não éramos amigos. O velho Jonathan era um homem de alto senso moral.

— Por isto deve ter se matado, não suportou a prisão.

— Se matou porque não tinha nenhuma moral. Detesto suicidas. E aqui neste lugar é como uma redundância. Não acredito que alguém venha para cá se não está querendo se suicidar.

— Você disse que Jonathan era um homem de alto senso moral, Collier.

— E era, nunca vi ninguém que tivesse mais senso moral quanto Jonathan.

Collier levantou a lanterna e iluminou uma íngreme escada de madeira que se elevava barranco acima, parcialmente apodrecida pelas enchentes.

— Tenha cuidado — disse Collier —, esta escada é uma
verdadeira armadilha.

Os dois começaram a subir, experimentando cada degrau rangente. Finnegan irritava-se porque a subida era perigosa e estava certo de que no final não valeria a pena o risco que estavam correndo. Mas a vida parecia-se fodidamente com aquela subida em direção à apagada cidade de Santo Antônio.

15

Farquhar acabara de olhar a vitrine de doces da Colombo enquanto saboreava o gosto de sua última vitória. Como sempre, não comprara nenhum doce, não se atrevia a quebrar o encanto de olhar a vitrine e deixou que a gula se esvaziasse na frustração.

Farquhar que tinha nascido entre os quáquers — era ainda um deles? Seguramente. A voz de seu pai, bêbado, resmungando que só a Deus se devia prestar contas. E Deus era o grande auditor de Farquhar, o homem de negócios. Ainda era um quáquer porque podia sentir na vibração de suas vozes interiores, a todo momento, o tremor da palavra divina. Ao acordar, sempre estava no meio do silêncio vivo de Deus, era um homem positivo, tinha a agilidade particular de discutir na barganha mas insistir no preço fixo. È esta agilidade era às vezes tão veloz que Farquhar duvidava que o próprio Deus conseguisse seguir seus passos, se isto não fosse uma impiedade. E como todos os dias eram santificados, Farquhar cultivava a solenidade necessária aos homens de negócios.

Farquhar tinha essas indescritíveis pausas que se seguiam a cada vitória, esse suspense, talvez fosse um tique aprendido e gravado no seu coração de fazendeiro pobre. Entre cada negócio jogado no escuro, a certeza do descompromisso tramado, pois um quáquer jamais aceitava um juramento. E assim os negócios seguiam com a destreza de golpes bem conduzidos. Era isto, Farquhar exultava. A violência tinha sido dominada, os sinais reduzidos a pó, ele agora tinha pela frente a sua política predileta. Alcançara mais um degrau, imperceptivelmente subira um estágio e poucos haviam notado, só Deus. Ele gostava assim, desta simulação precisa dos prestidigitadores que às vezes se confundia com a santidade.

Refletindo na vitrine da Colombo, os rostos dos ministros, dos secretários de estado, o rosto especialmente aturdido de Seabra, e o seu próprio rosto barbeado, saudável, sob o sol matinal. Agora era sorrir e seguir os novos compromissos. Quando virou as costas e caminhou apressadamente para o escritório, apagando a tentação dos doces, não pôde deixar de recordar com uma ponta de saudade o corpo da mulher que tinha de renunciar. Logo, tudo mais se dissolveu para a sua voz interior dizer que nada tinha mais importância, o Rio estava cheio de mulheres e as portas do Catete não mais se fechariam na sua cara.

Farquhar ainda estava um pouco irritado pelo fato de ter se deixado envolver pela arrogância sul-americana do Coronel Agostinho. Como pudera ter sido tão tolo? Talvez o coronel tivesse disfarçado muito bem sua arrogância através da cortina de seus modos europeus refinados e gestos marcados em leves pontuações de dedos no ar. Farquhar começou a atravessar a Avenida Central, no vaivém de veículos e dos cavalos em trote irritado com a sua fraqueza em relação ao Coronel Agostinho mas maravilhado com o seu espírito quáquer.

Somente ele sabia o quanto gostava da vida que levava sem remorsos, alimentando a vontade de lucrar em todos os momentos, mesmo os momentos mais especiais. E não fazia nada de extraordinário porque o mais infeliz dos homens também agia da mesma maneira, ele sabia. Os miseráveis não tinham grande diferença dele. Em suas abjetas existências dissipavam a vida igualmente como ele, com uma única diferença, indicavam que ele estava do lado certo. Por Deus, ele pensava, sou um homem positivo. Por ato de Deus eu sou assim e como os miseráveis eu também amo a vida.

A manhã estava luminosa na Avenida Central, as carroças, as carruagens de belos cavalos, os automóveis a vinte quilômetros por hora, a orquestra de violinos e os saltimbancos anunciando uma loja de tecidos, paletós e gravatas. No triunfo e na brevidade, na estridente e estranha canção de rodas de madeira e pneus rolando no calçamento, era o que Farquhar amava: dinheiro, vida, o Sindicato Farquhar, o calor, este pedaço de vida no verão. Um vigarista feliz na

maré mansa nacional.

Certa vez Farquhar havia dito que amava a riqueza porque a riqueza era como a simplicidade aos olhos do povo. Poucos entenderam o que ele queria dizer com isto. Mas a riqueza era uma coisa simples, estava próxima de um dos atributos divinos que era a facilidade de estar em muitos lugares ao mesmo tempo. A riqueza estava ali no movimento da Avenida Central, entre os vagabundos e boêmios, na voracidade de toda aquela cidade tropical, em cima das calçadas onde ciganos deitavam suas cartas de baralho e liam a sorte dos transeuntes. Sem nenhum sarcasmo a riqueza podia estar até no interior dos lares Mais tarde, em seu escritório, examinando pilhas de cor respondência, Farquhar conversou com o Coronel Agostinho. Ele já esperava aquela visita embora não tivesse recebido nenhuma comunicação prévia. A manhã estava particularmente amena e Agostinho estava eufórico.

Farquhar olhava a correspondência e isto era uma forma de se manter eqüidistante dos arroubos de Agostinho. Ele lamentava a rastejante solidariedade do ambicioso coronel, o mentiroso relatório comovera o marechal e desconcertara Seabra, se é que Seabra era homem de se deixar desconcertar.

— A mulher já está afastada do centro das atenções — informou Agostinho. — Neste momento deve estar a caminho de Lisboa.

— Por que Lisboa?

— Um barco do Sindicato estava seguindo para lá, economizamos as passagens. Ela levou a mãe e um irmão menor.

Farquhar, embora atento para o que Agostinho informava, não levantava os olhos da correspondência como um bom empresário atarefado.

— E não se preocupe com Seabra — disse Agostinho. — Ele mesmo fiscalizou o embarque.

— Excelente! Agostinho sorriu.

— Foi idéia minha. Chamei um dos homens de confiança de Seabra, soltei alguns mil-réis e o tipo concordou em levar um recado para a mulher sugerindo que ela fizesse uma viagem. Ela estava apavorada, pediu que Seabra deixasse ela partir. Parece que a idéia já estava também na cabeça de Seabra. Não houve problemas. Era como se as coisas estivessem seguindo os planos dele.

— Excelente — repetiu Farquhar, embora a expressão fosse um tanto ambígua porque podia referir-se ao conteúdo da carta que estava simulando ler.

Agostinho recusou-se a perceber a ambigüidade.

— Fiz chegar às mãos de Seabra, a título de indenização pelos transtornos, em seu nome, Farquhar, as passagens. Seabra aceitou a oferta sem vacilar, queria se ver livre da mulher o quanto antes.

— A casa ficou vazia?

— Claro que não. Você sabe como é o marechal, ele podia a qualquer momento decidir checar o meu informe.

— Então ele não confia em você — ridicularizou Farquhar.

— Em absoluto, o marechal me dedica a maior confiança. Mas nesses casos de adultério ele é muito rigoroso. Além do mais, sempre foi imprevisível. Mas não haverá problemas, lá em São Cristóvão agora vive uma família exatamente condizente com o meu relatório.

— Seabra concordou em pagar pela "caridade"?

— De maneira alguma, nem cogitei pedir que ele pagasse. A família é da minha confiança. Quando tudo estiver esquecido dentro de uns dois meses, eles serão despejados.

— Assim é a vida — disse Farquhar.

— É, assim é a vida — apressou-se Agostinho em concordar com Farquhar.

Farquhar arrumou as cartas sobre a mesa e pela primeira vez levantou os olhos para observar Agostinho.

— Você agora só vai tratar de política.

— Eu não entendo de política, Farquhar. Meu negócio é outro, sou um estrategista.

— E o que é a estratégia senão política.

Agostinho ficou alguns minutos meditando sobre as palavras do americano.

— É o que eu disse, Agostinho. Você só vai tratar de política agora. Vai incentivar a candidatura de Seabra ao governo da Bahia e conseguir isto.

— Não sou o tipo de cabo eleitoral. Farquhar sorriu.

— Não quero um cabo eleitoral. Você não vai fazer comício nem apertar as mãos dos eleitores.

— Graças a Deus — exclamou Agostinho, aliviado. — E que tipo de política você está pensando?

— Estratégia palaciana. Eu sei que você é bom nisso,

Agostinho.

Agostinho juntou as mãos, sentiu que seus dedos estavam curiosamente frios e suados.

— O governo da Bahia não é a coisa que Seabra mais deseja no momento?

— Tudo indica que sim.

— Seabra é um homem duro.

— É nosso, agora.

— Não tenho tanta certeza — disse Farquhar irritado com a falta de visão estratégica de Agostinho.

— Pois eu estou mais do que certo — afirmou Agostinho provando que além de estratégia lhe faltava tática.

Farquhar pensou na qualidade de merda de seus associado.

— Mas Seabra precisa ir para a Bahia.

— Que vantagens teríamos com a eleição de Seabra?

—Com a eleição dele, nenhuma.

— E então, por que ajudar? Ele que quebre a cara sozinho enquanto come no nosso cofre.

— Não quero Seabra comendo no "meu" cofre.

— Mas não foi isto que acertamos?

— Se ele for para a Bahia, o que acontecerá, Agostinho?

— Ele sairá do ministério.

— Teremos um ministério.

— Teríamos um ministro, é isto o que você quer dizer.

— Acredito que você ainda tem prestígio suficiente para indicar um ministro, estou certo, grande estrategista?

Agostinho corou, Farquhar estava falando como um dos muitos generais que invejavam seus cursos militares na França.

— Nós indicaremos o ministro, não se preocupe.

— Excelente — disse Farquhar, voltando a ler uma carta em finíssimo papel de arroz.

— Seabra não terá mais do que um semestre no ministério.

— Um tempo razoável para todos nós — disse Farquhar. — Durante este tempo manteremos relações, digamos, cordiais.

— E eu incentivarei a candidatura dele.

— Quando ele estiver na Bahia, terá muita coisa para fazer e nos esquecerá. E nós não temos interesses na Bahia. Vai arranjar outra amante deliciosa e Hermes nunca saberá.

— Você gostava daquela mulher, não?

Farquhar não respondeu, tornou-se pensativo. Agostinho olhava para a carta de papel fino e perfumado e julgou que talvez fosse carta de uma mulher.

— É uma carta dela — disse Farquhar mostrando as três folhas de papel delicado. — Uma despedida.

— Você acredita que eu não cheguei a conhecer ela? Mas me contaram que é linda. Seabra tirou ela da miséria, tornou-a uma jóia, e você partilhava daquilo tudo.

— É coisa do passado — disse Farquhar dobrando as bicadas folhas de papel perfumado.

Agostinho sacudiu a cabeça concordando. Farquhar guardou a carta no bolso interno do paletó e novamente olhou para Agostinho.

— Seabra me telefonou ontem.

— O que ele queria? — quis saber Agostinho um pouco apreensivo

— Queria confirmar uma reunião que estava marcada sua agenda para hoje à tarde, às dezessete e trinta.

— Você tinha mesmo este encontro?

— Verifiquei na minha própria agenda. Adams tinha anotado, o encontro deveria ter sido realizado na semana passada. Exatamente no dia em que você mandou raptar a mulher.

Agostinho enrubesceu.

— Você ainda acha que foi um erro?

— Que adianta julgar isto agora? O que está feito, está feito e não há maneira de voltar atrás.

— Foi uma coisa muito pouco tática, reconheço — disse Agostinho.

— Um erro estratégico imperdoável — disse Farquhar

O encontro entre Percival Farquhar e J. J. Seabra, Ministro de Viação e Obras Públicas, aconteceu exatamente às dezoito horas daquele dia, porque estava planejado para uma hora antes.

J. J. Seabra recebeu o americano com a mais glacial cortesia sertaneja.

Percival Farquhar entrou no gabinete do ministro com a afabilidade mais polida de sua divina vigarice.

Logo estariam se entendendo muito bem porque saberiam guardar a distância que os separava.

O ministério estava no final do expediente, o que valia dizer que estava praticamente vazio de funcionários. O gabinete era abafado e iluminado por um lustre de pingentes de cristal pendendo do meio do forro da sala.

— Queira sentar — disse Seabra, apontando uma poltrona e abandonando a sua própria escrivaninha.

Farquhar acomodou-se numa das três poltronas que ladeavam um largo sofá e faziam um conjunto medíocre de veludo azul-escuro com pretensões a um fugitivo estilo Segundo Império. Ali era onde Seabra recebia suas visitas quando os objetivos não estavam muito claros.

— O dia está muito ameno hoje — comentou Farquhar.

— Nunca me importo com o tempo — disse Seabra. — É assunto para quem não tem assunto.

Farquhar curvou a cabeça saudando a argúcia de Seabra.

— Realmente o tempo não importa de todo — concordou Farquhar.

— Mas hoje está fazendo um belo dia. Pouco calor e eu estaria de estar numa praia.

— Não gosto de praia — disse Farquhar. — Não gosto da areia, nem do mar.

— Um dia só restarão as praias nesta cidade. E o verão!

— Gosto do Rio de Janeiro.

— O senhor gosta do Rio? Curioso, pensei que lhe parecesse uma cidade exótica.

Farquhar sorriu. — Eu gosto do exótico, é muito lucrativo o exótico.

— Lucrativo?

— É difícil explicar, senhor ministro. Mas há uma estreita ligação entre o exótico e os meus lucros.

— É o que eu já tinha ouvido falar — disse Seabra.

— Tenho pena quando sou obrigado a deixar o Rio.

— Não gosta de Nova York?

— O senhor ministro conhece Nova York?

— É claro, estive algumas vezes lá. É uma cidade repelente e cheia de bêbados.

— Eu sou de outra parte dos Estados Unidos, um local diferente de Nova York. Eu sou do campo.

— Eu também sou um homem do campo.

— Odeio o campo — disse Farquhar, lembrando-se das bebedeiras de seu pai nos finais de semana.

— Não tenho nenhum sentimento especial em relação ao campo, quase não vivi no campo — explicou Seabra.

— Mas gosta do Rio de Janeiro, é claro?

— Abomino o Rio de Janeiro.

Seabra levantou-se e foi até a sua mesa de onde retirou uma pasta cheia de papéis. Folheou a pasta e voltou a sentar-se na poltrona próxima a Farquhar.

— Como o senhor conheceu ela?

— Quem?

— Ela!

— A menina?

Seabra confirmou sacudindo a cabeça. — Ela estava sempre na Confeitaria Colombo pela manhã. Comprava muitos doces. Era encantadora. — Agora levará seus encantos aos portugueses — disse Seabra um tanto consternado. — Era o tipo de produto que não deveríamos exportar.

— Tivemos um prejuízo, não é verdade?

Seabra riu, segurando a pasta de documentos.

— Ela tinha lindos cabelos — lembrou Farquhar.

— Dos cabelos eu não gostava, era aquele sinal na parte interna da coxa direita que me atraía.

Farquhar tentou se lembrar.

— Engraçado, nunca reparei. Ela não permitia que a luz ficasse acesa quando estávamos juntos.

— Eu adorava aquele sinal, parecia uma ameixa.

— E os cabelos? Realmente não gostava deles?

— Um pouco oleosos e fortes — disse pensativo Seabra — Mas ela tinha coisas melhores.

— Os olhos! — exclamou Farquhar. — Que olhos!

— Os seios! Bicos rosados. . .

— Os lábios! Os dentes!

— E que voz mais doce — suspirou Seabra.

— E a pele, sempre morna.

— Cheirando a ostras — lembrou Seabra.

— Ostras — surpreendeu-se Farquhar. — Acredito que era mais cheiro de chuva.

— Não importa, o senhor nunca viu o sinal em forma de ameixa que ela tinha na coxa direita.

— Uma lástima.

— Lucrei alguma coisa — disse Seabra. — O sinal foi apenas meu.

Farquhar concordou, lembrando que muitas vezes passara a língua naquele sinal imaginando que fosse uma ameixa.

— Ela agora é dos portugueses. Que aproveitem.

— Poderíamos esquecer ela, se fosse possível.

— Eu já esqueci — disse Seabra, abrindo a pasta de documentos. — Sr. Percival, é sobre as suas concessões, no Paraná. Está havendo problemas, há índios naquela área e a política do marechal é de proteção às populações indígenas.

— O senhor ministro já visitou a área.

— Nunca.

— Eu já estive lá muitas vezes, jamais vi um índio por lá que justificasse essa informação.

— Mas há índios naquela área.

— Quem deu esta informação?

— Eu desconheço — confessou Seabra.

— Senhor ministro, afirmo-lhe que ali não há índios.

— Então os problemas poderão desaparecer para a Brazil Lumber.

— Mas não desaparecerão para a São Paulo—Rio Grande Railway.

— São Paulo—Rio Grande Railway?

— A minha outra empresa que pretende construir a ferrovia em direção ao sul.

Seabra consultou os documentos.

— As terras já foram desapropriadas e são suas, qual é o problema?

— Os pequenos camponeses que ficaram sem terra. Querem fazer barulho. Há um fanático incitando uma rebelião.

— Os índios querem se rebelar!

— Não os índios, eles não existem, mas os camponeses.

— Daremos um jeito. E a Madeira—Mamoré?

— Segue dentro da previsto. Lá não há camponeses, só índios.

— Graças a Deus. — Seabra fechou a pasta, tossiu e olhou para o lustre de pingentes de cristal. — Seria uma beleza...

— Se houvesse índios no Paraná?

— Não, não, se não tivéssemos perdido ela. . .

Livro IV

Quando não puder resistir, relaxe e goze

16

Stephan Collier já tinha visto muitas coisas na vida. Talvez já tivesse visto coisas demais para um só homem. Em Buli Run, quando Thomas Stonewall Jackson derrotava as tropas da União, Collier vira um amigo seu, aos dezoito anos como ele próprio, morrer com um buraco perfeitamente redondo na testa. Em Cancellorsville, Virgínia, em cinco dias de fogo cerrado, vira morrer Thomas Stonewall Jackson com ferimentos cruéis, ainda que vitorioso. Durante o bombardeio de Atlanta pelas tropas da União, viu seus pais perderem a vida e sua casa saqueada. Na rendição de Richmond, por pouco não se viu perante um pelotão de fuzilamento, acusado de ser um espião inglês. Positivamente Collier já tinha visto muita coisa na vida. Ainda assim, sempre se impressionava em Santo Antônio com os restos de locomotivas e trilhos espalhados pelas moitas próximas ao trapiche.

A noite estava límpida e uma lua branca começava a clarear o casario. Finnegan e Collier alcançaram o topo do barranco, cautelosos e ofegantes porque a escada de madeira estava quase podre e o terreno era lamacento e esburacado.

— Quero mostrar uma coisa — disse Collier, puxando Finnegan na direção de uma moita.

Collier afasta galhos e folhas e estende a lanterna para iluminar uma forma metálica, enferrujada, meio enterrada na lama. Entre as urtigas e capim-serra, há uma velha locomotiva a vapor. O abandono não conseguiu derrotar a dignidade da máquina, era o que sempre pensava Collier.

— É a antecessora da Mad Maria — informou Collier.

— Parece que não teve a mesma sorte — comentou Finnegan, indiferente.

— Está aqui abandonada como um cão vadio.

Collier estava comovido e ao mesmo tempo irritado com a indiferença de Finnegan.

— Isto não é maneira de se enterrar uma rainha — disse o engenheiro.

— Quem abandonou ela aqui?

— O Coronel Church, você já ouviu falar nele?

— Não, nunca.

Collier levantou a lanterna à altura do rosto de Finnegan.

— Pois é, antes de nós já estiveram outros malucos tentando abrir uma ferrovia por aqui.

— Ingleses?

— Americanos. O Coronel Church andou por aqui por volta de 1870. Você ainda nem tinha nascido, rapaz, e ele já estava aqui com os homens dele e com a idéia maluca de fazer uma ferrovia.

— Idéia maluca?

— Maluca, é claro!

Collier baixou a lanterna e não disse mais nada. Largou os galhos e folhas, escondendo novamente a locomotiva em seu túmulo de lama e capim. Caminhou até a beira do barranco, balançando a lanterna e abandonando Finnegan na escuridão. Pensava em certa noite e este pensamento lhe reafirmava que tudo aquilo não passava de maluquice. Era inverno em Richmond, Virginia, no ano de 1909, ele julgava-se aposentado e perguntava a Farquhar por que diabo tinham resolvido construir uma estrada de ferro que saía do nada e levava a parte alguma. E ele lembrava o quanto estava irritado ao fazer a pergunta. Sentia-se muito idoso, ainda que conservado, atlético e vigoroso. A irritação vinha cada vez que olhava para a expressão de Farquhar, um tipo baixo, aparentando quarenta anos e maneiras de vigarista barato que o terno caro não escondia por mais que tentasse dissimular. Sentados na mesma mesa de um bar em Richmond, Virgínia, no inverno. Ele lembrava que a irritação, ou seria mesmo raiva, quem sabe, era motivada pela sensação de mixórdia e contenção que Farquhar imprimia em todo ambiente que freqüentasse. Collier lembra que Farquhar respondera fazendo intervalos, escolhendo as palavras, enquanto ele, um velho aposentado, parecia estar ouvindo na consciência uma sucessão de solenes palavrões que redobraram em ferocidade quando Farquhar deu finalmente a resposta, inclusive anexando a própria pergunta de Collier. Por que construir uma estrada de ferro entre o nada e o nada? Por quê? Porque isto pode ser tão lucrativo quanto um ato de Deus! E ele tinha deixado escapar um palavrão. Porra! E outro palavrão tinha raspado a sua garganta seca. Filho da puta! Porra, eu assino o contrato, seu filho da puta! E Farquhar reclamara porque ele sempre se exalava com tudo o que o vigarista fazia. Você sempre se exalta comigo, Collier! Eu não entendo! Você é o mais completo filho da puta que eu conheço, Percival. Somente o cu-de-ferro do Collier tinha a coragem de dizer essas coisas na cara de Farquhar. Ele sabia que o vigarista devia estar ganhando uma fortuna enganando alguém, um governo, um país inteiro. Você é o engenheiro desempregado que eu estou precisando, dissera a Collier. Mas ele não estava

desempregado e nem precisando de trabalho. Eu estou aposentado, Percival, estou fora. E Farquhar não acreditara. Aposentado? Não me faça rir, Collier! E Farquhar riu, derramando uma dose de *bourbon* no copo do engenheiro porque jamais bebia nada alcoólico. Collier engoliu a bebida de uma só vez e tinha ficado observando Farquhar que esfregava constantemente a ponta do nariz. Este era o seu destino, entregar-se nas mãos dos filhos da puta do tipo Farquhar. Finnegan tentou caminhar na escuridão e caiu numa poça de lama. Collier despertou.

— Você vai ficar aí na beira desse barranco? — perguntou Finnegan, sempre arrependido de estar ali.

Collier veio para perto de Finnegan e levantou a lanterna. O luar ainda era muito fraco e algumas nuvens, passando rápidas, constantemente escondiam a lua. Os dois começaram a seguir na direção do casario apagado. Chapinhavam na superfície lisa do chão melado e a podridão aumentava.

— Quem era mesmo esse Coronel Church? — Finnegan quebrou o silêncio.

— Um bom militar, já tinha provado no Pottomac. Mas aqui ele precisava mais que bravura militar. Para avançar duas milhas de trilhos ele perdeu duzentos homens. Você pode imaginar uma coisa dessas?

Finnegan tinha dificuldade de seguir as palavras do engenheiro porque estava com medo de escorregar e cair naquela lama pútrida.

— Cem homens por milha! — exclamou Collier.

— Ele ia ter de contratar toda a humanidade para concluir o trabalho — comentou Finnegan.

— Cem homens por milha para fazer um trenzinho andar de um lado para outro carregando borracha.

— Isto não era um local de trabalho, era um matadouro

— Foi o que o Coronel Church deve ter pensado, quando foi obrigado a enterrar metade de seu pessoal.

— Como bom militar, devia saber a hora certa de bater em retirada.

— Mas era um péssimo jogador de xadrez.

— Xadrez?

— Largou a pobre rainha numa moita — disse rindo Collier.

Caminharam novamente em silêncio. Na verdade o silêncio estrondava no ouvido porque milhares de sapos e insetos enchiam a noite de ruídos. Finnegan não sabia de nada daquilo, de um Coronel Church enterrando seus homens, de uma estrada que não ligava absolutamente nada e realmente parecia pura maluquice.

— Pobre Coronel Church.

— Deixe de ser bobo, Finnegan. Pobres de nós. Não somos da raça do

Coronel Church. Somos bucha de canhão.

— Você tem razão, Collier. Somos uns fodidos. Collier parou de caminhar e voltou-se para observar o médico, surpreso com o que ele havia dito.

— Você perdeu o entusiasmo, menino?

— Não me chame de menino.

— Não é nada de pessoal.

— Foda-se!

— Nós somos bárbaros, Finnegan. Bárbaros que nem ao menos entornam uma bebida e que permanecem castos como donzelas.

Finnegan riu.

— Desculpe, esqueci que você comeu a boliviana. Finnegan parou de rir e fechou a cara.

— Não adianta negar, eu vi tudo. Bem na cama que um dos caras bateu as botas.

— Olha aqui, Collier, eu te entendo. Quer dizer, eu procuro te entender. Eu agora sei o quanto é difícil passar anos e anos fora de sua pátria, vivendo experiências difíceis em territórios fodidos. Eu acho que é isto que é ser pioneiro.

Collier levantou a cabeça para olhar bem nos olhos de Finnegan e deixou que a sua voz saísse como uma queixa:

— Estou sensibilizado com o perfil, seu puto.

— De nada, velho.

— Velho é a puta que os pariu.

— Está bem, Collier. . .

— Você tem talento, Finnegan, tem realmente talento, que você é candidato a pioneiro.

— Claro que não, os pioneiros acabaram.

Collier concordou sacudindo a cabeça. Um vento mais forte gélido vinha do rio, expulsando a podridão e sacudindo as ocas de água que agora apareciam no terreno iluminadas ela lua. .

— Vocês, americanos, acabaram com os pioneiros — disse Collier. — Ser pioneiro agora é ser caçador de índios e pistoleiro metido a puritano.

— O mundo estava precisando de um pouco de ordem — ironizou Finnegan.

— Bravo, menino. A velha mania de grandeza, tão cara ao Império Britânico, não podia continuar. O saque agora precisa de ordem.

— Quem falou em saque?

— Eu falei, é o que estamos fazendo aqui, você não sabia?

— Deixa de merda, Collier. Estamos aqui trabalhando.

— Trabalhando? Eu nunca me deixei enganar.

— Foi por isto que você sacou o revólver para os alemães?

— Porque eu sou um profissional. E daria um tiro no primeiro que se metesse a bobo.

— Você é um engenheiro, Collier, não um policial.

— É a mesma coisa!

— Não concordo. Você e eu trabalhamos pelo progresso.

— Um caralho! Quer saber o que significa para mim o progresso? Uma política de ladrões enganando países inteiros. Birmânia, índia, África, Austrália, os nossos alvos.

— Mas nós estamos deixando a nossa marca.

— É claro que estamos deixando a nossa contribuição. Ao lado da cadeia de tijolos, está a escola para formar funcionários ^ativos subalternos. Nós não nos esquecemos nem de ensinar Os jovens nativos o futebol. E aprendem á beber uísque, principalmente a beber uísque. Enquanto isto, nos clubes dos pukka-Sahibs, nós repetimos ano após ano a mesma conversa. E enchemos a cara enquanto enriquecemos, enquanto destruímos tudo, enquanto espalhamos os nossos próprios vícios. Collier sentiu que Finnegan não concordava.

— Não pense que os americanos são diferentes, as coisas não mudaram nada com vocês. A única diferença é que vocês não terão de agüentar os nativos, nós deixaremos nativos tão corruptos que considerarão natural a supremacia de vocês.

— Isso tudo que você está dizendo não passa de bosta.

— Certo! É bosta mesmo, concordo.

Os dois caminharam mais um pouco. Finnegan estava inquieto, não exatamente pelo que Collier havia dito, mas pelo fato de estar trabalhando numa ferrovia que não levava absolutamente a nenhum lugar.

— Você sabe realmente o porquê desta ferrovia? — perguntou Finnegan.

Collier respondeu sem parar de caminhar.

— É que andaram fazendo uma guerrinha por aqui, uma guerrinha rápida que ajudou o Brasil a tomar conta de um bom pedaço de terra da Bolívia.

— Estas terras pertenciam à Bolívia?

— Não exatamente estas, foi um pouco mais a noroeste deste território. — Collier observa que Finnegan está surpreso. — Você não sabia? Ora, para que esta cara de susto? Vocês não fizeram o mesmo com o México?

— E o que uma guerra tem a ver com uma ferrovia?

— Depois da guerra o Brasil decidiu facilitar uma saída boliviana para o Atlântico. É aí que entramos nós, isto é, primeiro o facínora do Percival Farquhar. Sendo a nossa estradinha o ponto principal deste altruístico programa brasileiro, Farquhar, nosso patrão, decidiu emprestar ao Brasil o nosso gênio, em

troca de alguns dólares.

— E a Bolívia precisava de uma saída para o mar?

— Isto não tem nenhuma importância. Quem é a Bolívia para precisar de alguma coisa?

— Não consegui entender nada!

— Nem eu, não é para entendermos, rapaz.

— Mas as coisas precisam ficar claras.

— Elas são claras, claríssimas.

— E como é que nós não entendemos?

— Porque eu não sou o Barão de Rothschild e nem você e Percival Farquhar.

Os dois agora estavam mais próximos do casario que circundava a espécie de largo. Uma igreja destacava-se, quase em ruínas sobre a silhueta de casebres apagados. O largo é uma paisagem desolada, pontilhada de lagoas brilhando ao luar e monturos de lixo que sobem formando dunas, algumas dessas dunas estão mesmo escorando certas casas. Collier e Finnegan são duas sombras no meio da noite. O engenheiro caminha com mais cuidado. Finnegan vez por outra atola-se nas poças de lama que povoam o chão como crateras de algum bombardeio antigo- Cada vez que Finnegan atola-se, Collier não contém o riso e isto aborrece o médico. Por isto Finnegan começa a seguir frente de Collier, saindo do círculo de luz da lanterna e dobrando números de quedas e escorregões. Aos poucos Finnegan se distancia de Collier e já caminha próximo das casas que parecem desabitadas.

— Posso saber para que antro o cavalheiro está me levando? — grita o engenheiro.

Finnegan pára de caminhar, volta-se para o engenheiro. Ele realmente não tinha a menor idéia do que estava fazendo ali, nem mesmo para onde ir.

Harriett entrou no quarto de Consuelo e encontrou a moça em prantos. Desde que soubera que Finnegan havia desaparecido do hospital, junto com o engenheiro Collier, ela ficara desesperada. Sem Finnegan as coisas rodavam e ela perdia o equilíbrio porque o rapaz passara a ser o seu ponto de referência. E não gostava do engenheiro Collier. Sabia que Finnegan também não simpatizava com o engenheiro Collier. Por isto temia pelo desaparecimento de Finnegan. Na administração da Companhia o funcionário tinha sido lacônico. As informações eram conflitantes e ela sofria. Alguns enfermeiros asseguravam que eles estavam por perto, pela cidade, no cassino, no cinema, caminhando sem rumo porque estavam cansados de ficar na cama do hospital. Mas um guarda de segurança, boliviano como ela, informara que os dois tinham fugido e deviam estar em Santo Antônio, cidade fora dos limites da Companhia e que por isto seriam

punidos. Esta última informação enchia o seu pensamento de terror. Finnegan talvez não pudesse mais voltar e ela nunca mais o veria. Era demais para as suas forças.

Harriett trazia uma bandeja com chá e bolo.

— Sra. Azancoth, ele desapareceu!

— Harriett, minha querida, Harriett.

— Ele não está no hospital. Desapareceu.

— Ninguém desaparece aqui por encanto, minha querida. O índio deve estar por aí...

— Não estou falando dele. . .

— De quem você está falando? Quem desapareceu, afinal?

— Finnegan.

— O médico?

— Não está no hospital e ninguém quer me dizer nada.

— Médicos não desaparecem de hospitais, afinal, é o lugar deles, querida.

— Mas ele desapareceu. Fui hoje visitar ele, logo após o jantar e ele havia desaparecido. Nem mesmo os enfermeiros tinham se dado conta.

— Que coisa inusitada, querida. Médicos que desaparecem de hospitais. Não é possível.

Harriett depositou a bandeja sobre a pequena mesa encostada à janela.

— Tome um chá, vai ajudar — disse Harriett, despejando o chá e estendendo a xícara para Consuelo. — Vamos menina, não é o fim do mundo.

Consuelo limpou os olhos com as costas das mãos e segurou a xícara fumegante.

— Quer um bolo? É de laranja.

— Não, obrigada.

— Vamos, só uma fatia, está uma delícia, foi ele que preparou.

Consuelo riu, imaginando o Dr. Azancoth, de avental, batendo o bolo, levando ao forno, seguindo todo o ritual de doceiro, com os olhos castanhos fixos na receita e os bigodes grisalhos contrastando com os ingredientes.

— Você está rindo de meu marido, não é? Consuelo confirmou.

— Todos riem dele. Mas ele não se importa.

— Desculpe, Harriett. Não ri por maldade. É que senti um pouco de ternura pelo Dr. Azancoth na cozinha, preparando doces para a mulher que ele ama.

— Você se engana. Ele não prepara nada para mim, c para ele mesmo, e para me humilhar. Eu não sei preparar doces. ..

— Você está sendo muito cruel com ele, Harriett.

— Mas o bolo está uma delícia, isto ninguém pode negar.

Consuelo bebia o chá e saboreava o bolo de laranja, sem esquecer que

Finnegan estava desaparecido e que isto podia significar novos desencontros em sua vida.

— Não fique preocupada, ele logo aparece. Médicos não se evaporam assim sem mais nem menos.

— Ninguém me dá uma informação correta.

— Você gosta dele?

— Gosto, é a única pessoa que eu tenho agora.

— Quer dizer que ele estava no hospital e desapareceu?

— Passou o dia lá, almoçou com o diretor do hospital e deve ter desaparecido na hora do jantar. Desapareceu com Collier, um engenheiro.

— Eu sei quem é Collier, um velho te simpático.

— Collier, simpático? A senhora acha?

— Não tem importância. Não é a primeira vez que Collier desaparece. Para dizer a verdade, meu marido também já sumiu duas vezes.

— Duas vezes!

— Eu fiquei espantada da primeira vez. Mas não é nada de grave. Eles costumam fugir para Santo Antônio.

— Foi o que um guarda de segurança me disse. Fiquei ainda mais apavorada porque esta cidade está fora dos limites da Companhia e há um regulamento proibindo que os funcionários saiam deste limite.

— Este regulamento é para os subalternos, não para pessoas do nível do Dr. Finnegan.

Consuelo bebeu o que restava de chá e mal pôde acreditar no que Harriett estava lhe dizendo.

— Quer dizer que ele não será punido.

— Claro que não, bobinha. Ele é um médico, um graduado.

— E o que é que eles vão fazer em Santo Antônio?

— Nada.

— Nada — disse Consuelo, incrédula.

— Não há nada em Santo Antônio. É uma cidade morta. Consuelo sabia o que era Porto Santo Antônio, um monte fétido de lixo e meia centena de miseráveis.

— Santo Antônio não é uma cidade morta, Harriett.

— Não?

— Talvez seja uma cidade que está morrendo.

— É a mesma coisa, não é?

As duas permaneceram relutantes quanto à verdadeira natureza de Santo Antônio. De qualquer modo, era para lá que os homens costumavam escapar, e isto era incompreensível par ela. Harriett começou a arrumar xícaras e pratinhos

na bandeja estava ficando tarde.

— Só não entendo o que eles vão fazer em Santo Antônio — disse Consuelo.

— Quem?

— Os homens! Quando fogem, não vão para lá?

— Os homens são assim mesmo, precisam escapar vez por outra. Sentem-se aprisionados aqui. Santo Antônio é a coisa mais próxima, por isto fogem para lá.

— Você não se sente aprisionada aqui, Harriett?

— Claro que não!

Harriett estava limpando um pratinho e recolhendo migalhas de bolo no canto da bandeja. Procurou saber se a resposta pronta que havia dado era realmente correta. Era verdade, não se sentia prisioneira.

— Acho que nós, mulheres, dificilmente nos sentimos aprisionadas — disse Harriett.

Consuelo não podia concordar. Ultimamente a sua vida era como se estivesse prisioneira de um labirinto complicado. Cada volta era uma surpresa, um susto que não levava a nada, a não ser a angústia de novas ciladas do destino.

— Você gosta dele? — perguntou Harriett.

— Do Richard? Não sei, acho que gosto. É uma coisa muito especial que sinto por ele. Pouco nos conhecemos e quase nunca conversamos. Ele é muito tímido.

— Você não é nada tímida, pelo que reparei. Consuelo corou, gostava de ser considerada uma mulher tímida. Mas o comentário de Harriett não havia sido feito de maneira cortante. Como todas as pessoas que vivem a observar ostensivamente os outros, Harriett perdera totalmente o senso de proporção. Consuelo ainda se considerava tímida e se assim não parecia, era porque agora transformara-se numa mulher insegura e constantemente desesperada.

Os doentes da enfermaria número 3, isto é, aqueles em condições de prestar atenção ao que se passava em volta de suas camas, chamavam ele de Joe, Joe Caripuna, o índio. Naquele ambiente de morte, Joe trazia uma alegria quase que desconcertante. Durante o dia, perambulava pela enfermaria, fazendo proezas com os dedos dos pés, dançando ao ritmo de uma harmônica tocada por um italiano que convalescia, e conversando numa língua que era a síntese de todas as línguas faladas em Porto Velho.

Sua única amiga, Consuelo, vinha uma vez por dia, escoltada por dois enfermeiros, fazer-lhe rápida visita. Não permitiam que ficasse com ele por muito tempo e isto o entristecia um pouco exatamente no instante em que ela se retirava. Mas a tristeza logo se dissipava e Joe retomava o espírito brincalhão que o tornava a figura mais popular do Hospital da Candelária. Aqueles dias ali

lhe seriam muito úteis porque começaria a compreender e penetrar em alguns mecanismos desconhecidos do mundo dos brancos. E o mundo dos brancos lhe parecia cada vez mais confuso e complicado.

A primeira lição importante que aprendeu na enfermaria foi a ter senso de propriedade. Seguindo esta lição, compreendeu que a propriedade significava possuir coisas e que estas não surgiam do nada.

No terceiro dia de internamento, quando já era uma figura bastante popular, Joe Caripuna ganhou o seu primeiro salário sem compreender exatamente o que estava acontecendo. A princípio imaginou que os brancos estavam lhe dando presentes, depois, compreendeu que ao receber os presentes, comprometera-se com quem lhe presenteara e por isto teria que fazer o que estavam lhe pedindo. Como uma espécie de habilidoso prodígio humano, Joe despertava a curiosidade de todos e constantemente era solicitado a executar seus truques. Algumas vezes a vontade não vinha e Joe não queria fazer brincadeiras. Os doentes insistiam e ele recusava sacudindo a cabeça e abrindo um sorriso, o que foi interpretado como uma polida maneira de exigir recompensa pelo que estavam lhe pedindo. Por isto, quando recusou-se a acender com os pés o cigarro de um doente, este, após muita insistência, deu-lhe de presente uma camisa. Joe aceitou porque tinha gostado da camisa, agradeceu e voltou para a sua cama, enfurecendo o doente que lhe pedira Para acender o cigarro. O doente levantou-se e foi até a cama de Joe.

— Escuta aqui, você não vai acender o meu cigarro, índio? — perguntou enfurecido o doente.

Joe Caripuna sorriu e sacudiu negativamente a cabeça.

— Agora não, amigo. Joe está cansado.

O doente recebeu a resposta como um insulto.

— Então devolva a minha camisa.

— A camisa não é mais sua, você me deu ela, amigo — disse Joe calmamente.

— Se você quiser ficar com a camisa vai ter de acender o meu cigarro agora.

— Mas Joe não tem vontade, amigo.

— Eu paguei para você acender o meu cigarro, não me venha com gracinhas que eu te parto a cara, índio.

— Você não pode exigir assim, amigo.

— Eu posso, paguei pelo que estou exigindo.

— Pagou?

— Paguei com a camisa que dei a você, índio. Ela me custou meia libra no Armazém da Companhia. É muito dinheiro por uma simples acendida de cigarro.

— Não é presente?

— Já disse que não gosto de gracinhas comigo. Ou você devolve a minha camisa ou acende o meu cigarro, agora!

Joe tirou a camisa que tinha vestido sobre o pijama e examinou-a atentamente. Era uma boa camisa e ele gostava dela. O doente esperava, tenso, a pele coberta de lesões provocadas por picadas de insetos e os dentes apodrecidos rareando na boca escancarada.

— Está bem, amigo. Joe fica com a camisa. E acendeu o cigarro do doente.

Após esta lição, Joe não ficou menos alegre, mas já não andava mostrando suas proezas a esmo. Acendia um cigarro, dançava uma polca, quando alguém lhe presenteava com alguma coisa. Sob a sua cama já se acumulavam muitos presentes e Joe estava fascinado por este costume curioso dos brancos. Mas andava igualmente inquieto, é que os brancos tinham curado os seus braços, tinham tratado de sua saúde e ele nada tinha para dar em troca. Um dia este pagamento seria cobrado e quando isto acontecesse, Joe não teria como manter a cerimônia estabelecida pelos brancos. Todos os presentes que recebera em pagamento não seriam suficientes para resgatar a dívida com o Dr. Finnegan que o livrara da morte certa. Na hierarquia imaginária dos preços que estabelecera, o pagamento pelo trabalho do Dr. Finnegan era praticamente impossível de medir. Mas Joe sabia que mais dia, menos dia, este pagamento lhe seria solicitado e ele teria de estar pronto, mesmo que para isto fosse obrigado a acender o cigarro de todos os homens brancos da terra.

O olhar atravessa uma parede de madeira grosseiramente caiada onde borrões amarelos de umidade entranhados de subira marcam todo o ambiente iluminado por três candeeiros pendurados em pregos enferrujados. Sobre aquela parede estão coladas gravuras de diversos tipos, desde imagens devocionais da Virgem da Conceição, até de políticos brasileiros, senhoritas em traje de banho e astros e estrelas do cinema. Contra o desordenado painel de imagens envelhecidas e sujas retiradas de revistas ilustradas, o olhar de Finnegan cai sobre o rosto de duas mulheres. As duas mulheres, Finnegan sabe, são índias e prostitutas. Ainda conservam no rosto algumas pinturas e trazem o septo nasal perfurado segundo o costume, onde antigamente eram colocadas duas penas amarelas de papagaio minúsculas que mais pareciam bigodes do que enfeites. Finnegan já tinha visto fotografias de índias como aquelas, mas as duas mulheres nem de longe se parecem com aquelas das fotografias. Estas são decrépitas e as feições completamente decadentes. Uma delas, a mais nova, movimenta ansiosa os olhos pelo ambiente, enquanto a outra permanece parada como uma estátua de pesadelo esculpida por alguma mente perversa. A mulher mais jovem abre a boca desdentada num sorriso repulsivo.

Finnegan e Collier estão sentados num banco tosco de madeira, na sala do melhor e único bordel de Porto Santo Antônio. Observam e são observados pelas duas únicas prostitutas no momento disponíveis. Finnegan sente-se acuado pelos olhares das prostitutas e pelo ambiente miserável e fedendo a excrementos, por isto, torce as mãos enquanto o engenheiro Collier, indiferente, passa a ponta dos dedos pelos botões da própria camisa. Sem saber que posição exatamente assumir naquele banco duro, Finnegan decide cruzar as pernas. Levanta a perna para cruzá-la e pára estarrecido. As suas botas estão totalmente emporcalhadas de lama e sangue. As botas de Collier também estão no mesmo estado e a' índia segura nos lábios escuros o mesmo sorriso hediondo. Finnegan desce lentamente a perna e procura colocá-las por baixo do banco, fora da visão duas prostitutas. É uma solução idiota porque elas não parecem nem um pouco impressionadas com o fato. Ele volta a ar para baixo e lá estão as botas sujas de sangue.

— Nossas botas — segreda Finnegan ao ouvido de Collier. Você já reparou nas nossas botas? Estão sujas de sangue.

Collier olha casualmente para os pés e constata a veracidade da informação. O olhar casual de Collier é ainda mais chocante para Finnegan que o sorriso da prostituta.

— Puxa, acho que andamos pelo banco de sangue da cidade, velho! — disse Collier.

Finnegan sacudiu a cabeça, desolado.

— Você é uma prova viva de que o humor inglês é uma mentira muito da fodida.

— Calma, rapaz. É só sangue, e não é nosso.

— Mas é sangue. . .

— É sangue dos nativos.

— Como?

— Deve ser isto mesmo, sangue dos nativos. Alguma confusão deve ter acontecido por aqui e o sangue ficou. . .

— Acho que não foi bem uma confusão, foi uma batalha. Finnegan levanta a perna e examina novamente a bota.

— Não pode ser sangue humano — completa Finnegan. — Não é possível!

— Não há motivo para você ficar assim. O sangue não é nosso, isto é que importa. — Collier levanta a cabeça e depois aponta para as prostitutas. — Quem sabe não é delas este sangue.

— Delas?

— É, menstruaram!

— Mais uma imbecilidade dessas e eu arrebento o teu nariz.

Collier sentiu que o rapaz estava falando sério.

— Está bem, vamos dar um jeito nisto. Ei, você, senhorita! As índias continuaram impassíveis e o sorriso da mais jovem era simplesmente acintoso.

— Senhorita! — grita Collier. — Arranje alguma coisa para limparmos as nossas botas.

As índias não respondem e nem se movem.

— Porra! — grune o engenheiro, batendo com o punho sobre o banco. — Porra! Elas não entendem inglês. Senhoritas, entendem português. Por favor, um pano para limpar aqui as nossas botas. Por favor. . . limpar. . . botas. . . limpar. . .

Elas não reagem e ali ficam, estáticas, de pé contra a parede como duas bonecas semidestroçadas por um sádico.

— Porra! — grita novamente Collier. — Elas não entendem português.

— Vamos dar o fora daqui, Collier.

Finnegan tenta levantar-se do banco mas é detido pelo engenheiro.

— Olhe para elas, Finnegan. São as primeiras nativas que você encontra pessoalmente?

— Vamos dar o fora — responde Finnegan, um mal-estar ardendo na garganta como um vômito azedo prestes a sair.

— Olhe para elas, Finnegan — insiste o engenheiro, segurando vigorosamente o braço do médico.

As índias nada faziam e uma delas continuava a sorrir como se jamais se cansasse.

— É simplesmente repelente — disse Finnegan, quase imitando junto com as palavras.

— Você seria capaz de trepar com elas?

— Collier, seu filho da puta. . .

— Senta — ordenou o engenheiro com um puxão no braço de Finnegan. — Senta, seu merda cheiroso. Olha para elas, seu bostinha.

Finnegan senta-se como um menino castigado e impotente.

— Nem ao menos sabemos a língua que falam — disse Finnegan, a voz convulsa pela intensa sensação de vômito, um vômito que não saía e ficava ardendo na garganta.

— Elas falam a mesma língua do teu paciente. São caripunas e talvez até parentes de Joe. Quem sabe, mãe e irmã?

— São caripunas mesmo?

— Suponho que sim, mas não tem importância, de qualquer maneira. São duas criaturas fodidas.

— Como chegaram a este ponto de degradação!

— Nós ensinamos, e temos até uma linguagem em comum a necessária comunicação. Quer ver?

Finnegan observou Collier puxar uma nota amarfanhada de dinheiro brasileiro e levar a nota à altura do rosto. Imediatamente as duas índias mudaram de expressão e pareciam vir rapidamente para fora do estado de letargia em que se encontravam. Collier movimentou o dinheiro de um lado para outro e o movimento foi seguido com avidez pelas mulheres.

— Está vendo, Finnegan? Elas ainda dão sinais de vida.

— Vamos sair daqui, não estou me sentindo nada bem suplicou Finnegan.

— Observa, Finnegan. Que expressão monstruosa e nós ensinamos tudo isto, você sabia?

— Nós não temos nada a ver com isto. Eu não tenho nada a ver com o fato delas estarem nesta situação.

— E ainda há gente capaz de trepar com um negócio deste, de meter o pau numa boceta nojenta dessas.

— Pare com isto, Collier. Vamos embora.

— Fomos nós, Finnegan. Nós que colocamos elas aí, é para o que servimos. Para transformar em putas as mulheres nativas.

— Você está exaltado sem razão, Collier. Chega de bobagens por hoje.

— Bobagens! São duas mulheres caripunas. Ainda conservam um pouco da beleza da mulher caripuna.

— Não gosto do tipo delas, aliás, não acho nada bonitas as mulheres indígenas.

— É uma questão de gosto, concordo. Mas não é razão para prostituirmos elas.

— Elas é que se prostituíram, não nós.

— Você não passa de um frangote cheio de merda, Finnegan. Elas viviam aqui sem precisar de nós, e estão agora fodidas. Sabe o que é fodidas, Finnegan?

— Vamos embora, me larga, Collier.

— Nós não somos diferentes delas não, rapaz. Nós também somos putas como elas. Não se julgue nunca superior a ninguém, mesmo quando estiver com uma arma na mão apontando para um puto de um trabalhador que quer parar o trabalho para exigir melhor pagamento.

Finnegan arrisca um olhar para as duas índias que continuam a seguir a nota que vai de um lado par? outro na mão do engenheiro. Sente um indefinível sentimento de asco e culpa substituir a vontade de vomitar.

— Você está reparando bem nelas, Finnegan. Já foram saudáveis e bonitas. Progrediram bastante. Devem ter sífilis, devem estar tuberculosas. Desculpe eu estar me metendo no teu campo, Finnegan.

— Elas não estão tuberculosas!

— Como você sabe?

— Eu sei, não estão. Estão apenas sofrendo de insuficiência alimentar.

— Famintas, não é?

— Subalimentadas. Comem mal. . .

— Quando comem.

— Chega de merdas, Collier — gritou Finnegan, livrando-se da mão do engenheiro e levantando-se do banco. Se quiseres ficar aí não é da minha conta, eu vou embora.

Collier soltou uma gargalhada enquanto Finnegan levantava-se e seguia na direção da porta. Mas as duas mulheres não estavam dispostas a perder os dois fregueses brancos e estrangeiros que tinham se materializado ali com dinheiro no bolso. Mostrando uma agilidade impossível de prever, elas pularam sobre Finnegan, resmungando palavras incompreensíveis, passando as mãos pelos cabelos dele e procurando arrastá-lo para uma outra dependência da casa. Finnegan a princípio não reagiu, dominado pela surpresa e pelas redobradas gargalhadas do engenheiro. De qualquer modo, não sabia como reagir, a não ser dizendo polidamente que agradecia a gentileza mas precisava sair, que elas deixassem que ele partisse.

— Agüente firme, rapaz, vou salvar você desta enrascada - gritou Collier, puxando novamente o dinheiro do bolso e levantando o braço, sem se levantar do banco.

As duas mulheres imediatamente pararam de atacar Finnegan e voltaram-se para a mão estendida para cima do engenheiro, como que hipnotizadas pela nota amarfanhada e velha. Finnegan, desgrenhado, não sabia se escapava ou permanecia para ver o que ia acontecer.

— Vamos embora, Collier — disse Finnegan, criando coragem e ofegante. — Você já brincou o bastante. Chega de merda!

Collier levantou-se do banco e este gesto aliviou tão profundamente Finnegan que ele decidiu perdoar o engenheiro por tudo o que de pavoroso tinha lhe acontecido naquela noite. As mulheres não tiravam os olhos do dinheiro e Collier amassou a nota e jogou-a na extremidade da sala. As duas índias correram e se engalfinharam pela posse do dinheiro. Collier, rindo, foi saindo calmamente, seguido de um estupefato Finnegan. Mas não chegaram a atravessar a porta. Um violão tocado na noite aproximava-se dali, acalmando a luta das duas mulheres. A porta do bordel é aberta num empurrão tão forte que por pouco não arrancou a parede toda, fazendo a casa inteira tremer e gemer. Um grupo de homens, todos armados, sujos, barbados e morenos, entrou falando alto e um deles tocando o violão. Collier e Finnegan retrocederam instintivamente e pela primeira vez o engenheiro sentiu medo. Os recém-chegados notam a presença dos dois e param de falar, apenas o violão continua a sua Melodia triste,

dedilhada sem muita habilidade.

Um deles, físico mirrado mas que parece ser o chefe, ordena com um gesto brusco que a melodia do violão cesse.

É um homem de pele queimada pelo sol, olhos castanhos bastante vivos e um bigode cerrado sobre os lábios. O cabelo negróide, crescido e desigual, é de estranha cor ruiva desbotada O homem mostra uma expressão de boa vontade que em nada tranqüiliza Collier e Finnegan.

— São americanos? — pergunta o homem, sorrindo. Finnegan não sabe o que ele falou porque não entende nada da língua portuguesa, por isto, olha suplicante para Collier.

— Eu sou inglês — responde Collier, a voz demonstrando o retomado autoritarismo de quem estava acostumado a mandar. — Ele é americano.

— Dá tudo na mesma — disse o homem. — Inglês e americano é tudo igual.

— Já estávamos saindo — informa Collier, agora prudentemente dosando o seu autoritarismo.

— Não, o que é isso? Não estavam procurando distração?

— Já tivemos distração suficiente.

Finnegan segue o diálogo sem condições para concluir nada.

— São gente da Madeira—Mamoré? — perguntou o homem.

Collier confirmou.

— Vamos nos divertir juntos — disse o homem de maneira taxativa. — São meus convidados. Meu nome é Lourival da Cunha...

E estendeu a mão num gesto que foi correspondido pelo engenheiro.

— Stephan Collier, sou engenheiro. E este é Richard Finnegan, médico.

Collier fez sinal para que Finnegan apertasse a mão do homem.

— Sou proprietário de um seringal perto de Guajará-mirim e estamos descendo uma safra para Manaus. Gostaria que os senhores se divertissem em minha companhia esta noite.

— Teremos o maior prazer, Sr. Cunha.

O seringalista adiantou-se e atravessou a sala. Na passagem olhou para as duas índias e desapareceu por uma das portas imersas na escuridão.

— Onde está o dono desta espelunca — gritava o seringalista, enquanto sumia dentro da casa. — Ó Macedo! Será que sumiu?

O proprietário da casa estava ausente, talvez morto, e o seringalista considerou-se dono do lugar. Finnegan, que esperava uma ruidosa festa, viu os homens tirarem algumas garrafas de uísque White Horse e beberem do gargalo inteiramente rompido a golpes de faca. O violão não parava de tocar a triste melodia e ninguém falava. Bebiam em silêncio, incluindo Finnegan e Collier que tinham sido presenteados com uma das garrafas. Dois homens tinham sumido

com as índias para outras dependências da casa.

Do silencioso beber todos deslizaram rapidamente para o estado de completa embriagues e para o sono. Finnegan desabou na terceira golada que já descera sem a ardência na garganta. Collier resistiu porque estava acostumado a beber muito e naquela noite sua consciência se recusava a eclipsar-se pelo uísque. Não era exatamente um estado de alerta em que ele se encontrava. Depois que tinha se apresentado ao seringalista, talvez por um hábito inglês, perdera completamente o medo daqueles homens rudes e extremamente modestos. A bebida descia acariciando e ele já não sentia o frio da madrugada, nem o fedor. Estivera o tempo todo exaltado, sempre ficava exaltado quando vinha a Porto Santo Antônio, mas daquela vez a imaturidade de Finnegan parecia ter exacerbado este sentimento. Não que ele tivesse alguma queixa de Finnegan, pelo contrário, alimentava até um certo sentimento paternal mesclado com crueldade pelo rapaz. É que ele era um homem sofrido demais e velho demais para suportar ingenuidades. Perdera toda a fé no gênero humano ao encontrar sua família destroçada entre as ruínas de sua casa em Richmond. Praticamente arruinado, logo após a Guerra da Secessão, quando o indulto o libertou da prisão, decidira retornar para a Inglaterra. Chegou em Londres na primavera de 1866 e sentiu-se um estrangeiro em seu próprio país. Nem mesmo o carinho de seu tio, Edmund Dalton, irmão de sua mãe, pequeno industrial que fabricava engrenagens para ferrovias, o fez voltar a acreditar na criatura humana. Edmund era um bom homem, solteirão e comedido. Recebera Collier como um filho e já no mesmo ano o colocara como gerente de uma loja de sua propriedade em Manchester, onde também Collier começa a estudar no Curso Politécnico do Owens College. Quando recebeu a graduação em 1870, era ainda mais fechado e irritadiço do que quando chegara com as Perspectivas arruinadas pela guerra civil americana. Formado, muito orgulhoso e sem jamais ter aceito a caridade do tio, foi como engenheiro topógrafo da London and North Eastern Railway. Foi o ano também em que Collier conheceu Elisabeth Arnold, professora de uma escola pública em Cambridge, mocinha tímida, de rosto oval e cabelos escuros que pareciam seda descendo pelo chapéu sempre florido. No ano seguinte, em 1871, casou-se com Elisabeth e mudou-se para Cambridge. O casamento de Collier com Elisabeth não significava qualquer espécie de mudança no seu temperamento arredio. Elisabeth, moça provinciana, jamais conseguira quebrar a crosta de amarguras que vestiria Collier para sempre. O casamento existiria apenas num nível formal e Elisabeth, nos dois ' primeiros anos, seria uma esposa discreta que continuava vivendo em seu próprio mundo, o que era conveniente para Collier. As atribulações iriam começar quando em 1873, tendo se desligado da Eastern Railway, mudaram para a Filadélfia e Stephan foi trabalhar na

Pennsylvania Railway. Elisabeth não conseguia se adaptar aos Estados Unidos e depois de tentar por todos os meios convencer o marido a retornar para a Inglaterra, isolou-se em sua casa e começou a beber, tornando-se uma mulher sombria e doente. Em 1874, nasceu Viola, e das complicações do parto o estado de saúde de Elisabeth degenerou. Collier ficou com a menina, enquanto Elisabeth foi para a Inglaterra onde passou alguns meses na casa dos pais, em Cambridge. Quando retornou, a inadaptação transformou-se em ódio aos Estados Unidos e à pequena Viola. Stephan conhecera, nesta época, Ginnie Cloyd, secretária da Pennsylvania Railway, filha de um pregador fundamentalista, fundador de seita própria, a Igreja do Corpo de Cristo, que ensinava o evangelho à luz de um curioso sensualismo. Ginnie não era exatamente uma seguidora da seita do pai, mas trazia alguma coisa que atraiu Collier e por algum tempo o fez ressuscitar. Os dois tornaram-se amantes e encontravam-se abertamente. Elisabeth, sentindo-se injustiçada, procurou Ginnie e a agrediu, sem maiores gravidades. Mas Collier, temendo outro escândalo maior, internou Elisabeth numa clínica para doentes mentais. Ginnie, preocupada, abandonou o amante e mudou-se da Filadélfia para Nova York, onde futuramente se casaria com um músico de jazz. Em 1877, quando Collier pensava que Elisabeth estava recuperada, ela negligenciou a própria filha e Viola morreu vitimada por desidratação. Stephan divorciou-se e Elisabeth retornou para a Inglaterra, saindo de sua vida e reforçando-lhe a sensação de que a humanidade não passava de um aglomerado de vermes falantes que não significavam mais que um monte de estrume. Sentado no bordel de Santo Antônio, fazendo a bebida descer suavemente, Collier está ainda mais certo de que a humanidade não é melhor do que um vômito de cachorro. Quando o sono chegou, era o único a resmungar palavras incompreensíveis, havia uma espécie de torniquete que comprimia sua consciência até reduzi-la a uma pasta liquefeita que foi escorrendo até se apagar junto com os candeeiros que pendiam da parede largando fumaça escura.

Pela manhã, uma luz forte entrava pela casa e brilhava nas garrafas de uísque. As garrafas estavam completamente vazias. Os homens ainda dormiam, estirados no assoalho. Sob o banco está Finnegan, a boca aberta e a cabeça acomodada sobre os braços que ele colocou em forma de travesseiro. No canto da sala, Collier ressona em posição quase fetal, encolhido como uma bola. As índias desapareceram.

Finnegan movimenta-se e bate com as mãos no banco, a pancada o desperta e ele abre os olhos, sentindo o mundo girar. Ainda está bastante bêbado e procura uma nova posição para dormir. Mas o sono recusa-se a voltar e ele já está naquele estágio em que a bebida ainda não foi inteiramente vencida e não está suficientemente embriagado para manter-se inconsciente, nem

suficientemente sóbrio para ficar completamente lúcido. Empurra o banco e senta-se, os olhos ardem e os braços estão dormentes e a circulação mal distribuída provoca formigamentos e dores. Ao seu lado ainda resta a garrafa com um pouco de uísque. Trêmulo, leva a garrafa à boca e sorve um gole. Larga a garrafa no chão e cospe a bebida com uma expressão de asco. Descobre Collier encolhido contra a parede.

— Collier! Collier! — tenta gritar, mas o que sai é uma voz pastosa que nem parece a sua voz.

O engenheiro está profundamente adormecido.

— Collier! — grita mais uma vez Finnegan.

O engenheiro continua dormindo. Finnegan arrasta-se por sobre os outros homens que dormem e vai colocar-se ao lado de Collier.

— Acorda, Collier! — grita Finnegan, sacudindo o engenheiro. — Já é dia, Collier!

O engenheiro estremece e resmunga, sente a sua língua áspera passar pelos seus lábios ressequidos e aos poucos vai brindo os olhos com uma certa felicidade perversa.

— Diga que eu não estou — resmunga Collier. — Diga que eu saí e não vou voltar.

— Collier, já é dia.

— Foda-se o dia.

— Acho que a minha cabeça vai rachar como uma casca de ovo, Collier.

— Prepare um omelete.

Finnegan sente pontadas em torno dos olhos e um vazio dilacerante no estômago.

— Temos de ir embora, Collier.

— Para onde? Estou bem aqui.

— Se sairmos agora, ainda chegaremos no hospital antes do almoço.

— Não me fale de comida.

— Temos de voltar ao hospital, Collier.

— Para o inferno com o hospital — gritou o engenheiro finalmente despertando.

— Nós ainda não recebemos alta. O Dr. Lovelace...

— Você tem uma devoção esquisita pelo Lovelace.

— Não é devoção porra nenhuma.

— É devoção sim — gritou Collier. — Eu não tenho nada com isso, mas não sei como alguém pode ter devoção por um canalha como o Lovelace.

Finnegan sacode negativamente a cabeça dolorida e tenta levantar-se, mas não consegue.

— Você está bêbado, Collier.

— In vino veritas!

— O quê?

— No vinho, a verdade, imbecil. Não suporto falar para pessoas analfabetas.

— Sabe de uma coisa, Collier, já estou farto de teus insultos.

Collier ri e estica os braços e as pernas.

— Insultos!

Finnegan sente que não há razão para discutirem.

— Eu também estou bêbado, a cabeça rachando.

Finnegan encosta a cabeça contra a parede e olha para o teto de palha enegrecido de fuligem.

— Lovelace é um grande filho da puta, Finnegan. Não se pode confiar nele. Eu desconfio que Lovelace não é nem médico.

Finnegan olhou horrorizado para o engenheiro.

— O Dr. Lovelace é um dos mais eminentes parasitologistas dos Estados Unidos. O que você disse não passa de uma besteira.

— Lovelace é um parasita.

— Foi ele que conseguiu melhorar as condições sanitárias aqui na construção da ferrovia. Trouxe a experiência adquirida no Panamá.

— Não foi ele, Finnegan. Foi um médico brasileiro, Osvaldo Cruz.

— Quem?

— É o que você ouviu. Oswaldo Cruz, um médico brasileiro. Ele esteve aqui em 1909 e publicou ano passado o seu relatório, apresentando conclusões e oferecendo sugestões. Algumas dessas sugestões foram aceitas e realmente melhoraram as condições sanitárias por aqui. Mas só em Porto Velho, porque nas frentes de trabalho a situação continuou a mesma. Lovelace não teve nada a ver com a melhora.

— Você não gosta nada do Dr. Lovelace.

— Eu adoro Lovelace, é um grande camarada.

— Então, por que tirar os méritos dele?

— Você não está me entendendo. Eu estou enaltecendo Lovelace. Só um grande vigarista como ele se apossaria do trabalho do médico brasileiro da maneira brilhante como ele se apossou.

— Eu não acredito.

— Como você quiser, rapaz. Quando estivermos de volta em Porto Velho, vou conseguir uma cópia do relatório do Dr. Oswaldo Cruz e esfregarei na tua cara.

Finnegan desistiu de argumentar, encostou novamente a cabeça contra a parede e fechou os olhos. As têmporas latejavam e o vazio no estômago crescia

como se inflassem um balão em seu abdômen.

— Há certas coisas que eu não entendo em você, Collier — sussurrou Finnegan. — Realmente não entendo!

— Eu sou cristalino, rapaz.

— Você é a criatura mais turva que eu conheci. Você vive fazendo críticas, apontando erros e defeitos, mas não vai embora, continua trabalhando para aqueles que você considera vigaristas. Vive repetindo que todos são canalhas e assim mesmo você gosta deles.

— É que eu sou um vigarista e um canalha.

— Isto não é verdade, embora neste instante eu tenha vontade de aceitar como um fato.

— É que eu sou uma espécie de médico.

Finnegan sorriu.

— Médico?

— Exatamente, uma espécie de médico.

— Você tem um baixo conceito sobre médicos.

— Eu tenho baixo conceito a respeito de tudo. Mas eu realmente sou como uma espécie de médico. Sou capaz de apontar a doença, de dizer que um cara é vigarista, ou corrupto Nem por isto deixo de admirar sinceramente o corpo que a doença está atacando. Eu sou um clínico.

— Um moralista, é isto que você é!

— Quem sabe? Um moralista, sem moral nenhuma.

— Um cínico.

— Um praticante da única religião que eu conheço, a engenharia médica.

— Engenharia médica?

— Um velho primário que já foi jovem, cheio de romantismo e se fodeu.

— Eu não sou nenhum romântico.

— Quem disse que você é romântico? Não seja pretensioso, rapaz, você é norte-americano, não pode ser romântico.

— O que há de mal em ser norte-americano?

— Não há mal nenhum, só vantagens.

— Somos um povo igual aos outros.

— Gostaria de acreditar nisso, menino.

Finnegan abriu os olhos e viu a luz da manhã pulsar cruelmente contra a sua retina dolorida.

— Você quer saber por que eu vim parar aqui? Collier deu de ombros.

— Se isto faz bem a você, diga! Vai ver você não passa de um vigarista também.

— Eu sou médico mesmo, diplomado.

— Conheço muitos vigaristas diplomados, são os mais brilhantes.

— Deixa eu falar — gritou Finnegan, logo se arrependendo porque a dor de cabeça aumentou a um nível quase insuportável.

— Está bem, não vou abrir mais a boca, prometo!

— Minha família é muito rica, Collier.

— Verdade? E o que diabo você está fazendo aqui?

— Você prometeu me escutar.

— Desculpe.

— Sou uma pessoa rica, vou herdar uma fortuna calculada em quase dez milhões de dólares.

— Porra!

— Cursei medicina na melhor escola do país, em Baltimore.

— Uma cidade nojenta, devia ter incendiado para sempre.

— Collier! — gritou novamente Finnegan, e como da outra vez, sua cabeça latejou dolorosamente.

— Desculpe.

— Não fui um aluno muito brilhante, mas também não fui nenhum medíocre. Eu era o único filho de irlandeses freqüentando a escola naquela época. Era uma raridade e me sentia muito acuado.

— Mas pegava muita mulher, estou certo?

— Puta que o pariu, você não pára mesmo, Collier.

— Estou parado.

— Não me deixa falar.

— Desculpe.

— No final do curso ainda não tinha me decidido por uma especialidade. Mas a minha vida já estava toda planejada. Minha família vive em Saint Louis e meu pai já tinha montado um consultório completo para mim no melhor ponto da cidade. Porra, tudo isto começou a me irritar, não se pode ter a vida assim tão certinha.

— A vida fica tediosa.

— Fica tediosa mesmo. Foi quando apareceu o Dr. Lovelace, fez uma conferência sobre medicina nos trópicos e eu fiquei fascinado. Decidi viajar, aceitei este trabalho.

— Só isto.

— Eu tinha uma namorada em Baltimore. Ela também era muito rica, protestante, os pais dela não queriam o nosso casamento. Acho que no fundo eu também não queria.

— Você não gostava dela? Ela não trepava bem?

— Nunca trepamos, a família dela era muito puritana e nos vigiava o tempo

todo.

— E vocês doidos para dar uma trepadinha.

— Ela também era muito puritana e queria que eu deixasse de ser católico.

— Você era católico.

— Eu estava perdendo a fé e ela queria que eu tivesse fé em alguma coisa.

— Nestes casos a única fé possível é a fé no corpo dela que você podia possuir.

— Não sei se realmente ela me interessava. Ela me fazia muita companhia. Havia também as enfermeiras, estas gostavam de se divertir.

— Você se divertia com as enfermeiras?

— Um pouco, quando havia oportunidade. Mas no final o meu relacionamento com a minha garota estava piorando. Os pais dela, embora não aprovassem o nosso casamento por motivos religiosos, não podiam esquecer que eu era um homem rico. Era realmente terrível suportar a hostilidade disfarçada de amabilidade daquela gente preconceituosa. E começaram a me pressionar, exigiam que o casamento saísse logo, mas tudo muito velado. Era uma gente muito triste aquela, achavam que eu estava obrigado a tirar a filha deles da condição de solteira.

— Então, fugiste dos deveres conjugais!

— Fugi de tudo, dela, do casamento, da minha riqueza.

— Vou dizer uma coisa para você, tem uma coisa aí que ninguém consegue fugir.

— Que coisa é esta?

— A riqueza. Dessa você nunca escapará.

Finnegan sentiu um gosto azedo subir pela sua garganta e teve vontade de chorar.

— Mas não há de ser nada — confortou Collier. — Riqueza não representa um grande problema. Você pode gastar tudo fazendo grandes extravagâncias, grandes orgias, loucuras magníficas.

— Eu não sou uma pessoa extravagante, Collier.

— Mas é rico, isto já é um bom começo.

Finnegan via o pai, idoso, o rosto marcado pela bebida forte e pelas horas acordadas de trabalho, contando dinheiro e ao mesmo tempo rezando. O cuidado de seu pai em mandar celebrar missas para todos os parentes falecidos e contratando uma igreja para rezar missas pela sua alma, durante vinte anos, logo que ele morresse.

— Ela era bonita? — perguntou Collier.

— Era bonita, talvez bonita demais.

— Mais bonita que Consuelo?

Finnegan corou e ao mesmo tempo sentiu vontade de estar naquele momento com Consuelo.

— São diferentes.

— E Consuelo?

— Um mistério. Ainda não sei exatamente por que ela se entregou naquela noite.

— Ela está apaixonada por você, Finnegan.

— Eu não sei, pode ser gratidão.

— Uma bela maneira de mostrar gratidão, sem dúvida.

— E você, Collier, nunca amou uma mulher.

Collier viu passar o rosto severo de Elisabeth e o sorriso petulante de Ginnie Cloyd, pesou as duas em sua balança imaginária para saber a melhor resposta. A conclusão se definiu mal e ele achou que nenhuma das duas representavam alguma coisa.

— Amei uma, é claro.

Finnegan olhou para o companheiro, quase surpreso.

— Mas ela já está morta — disse Collier.

— Sinto muito.

— Tudo bem, ela nem me conhecia.

— Nem conhecia você? — perguntou intrigado Finnegan.

— Isto mesmo, nem sabia que eu existia.

— Você está se divertindo às minhas custas.

— Estou falando a verdade. Era uma mulher muito atarefada.

— O que ela fazia?

— Coisas sérias, muito sérias. Finnegan estava certo que o engenheiro estava mais uma vez divertindo-se às suas custas.

— Como era o nome dela? — quis saber Finnegan, quase por inércia.

— Victoria.

— Um belo nome, muito britânico.

— Ela era inglesa mesmo.

— Victoria! — disse Finnegan tentando imitar o sotaque inglês.

— Eu amava a Rainha Victoria.

Collier riu e foi acompanhado por Finnegan.

Os vestidos de seda amarrotados da garota de Finnegan farfalharam em sua memória. Por que tinha mentido para Collier, dizendo que nunca haviam trepado? Bobagens de irlandês católico protegendo a reputação da moça. Mas ela não era como Consuelo, embora talvez tivesse vantagens sobre a moça boliviana. O único encontro com Consuelo não representava muita coisa, só a lembrança de sua pele morna e as carícias leves das mãos dela sobre as suas

costas. A garota de Baltimore era mais vulnerável que Consuelo, o puritanismo dela, real, incitava finnegan a cometer certos impulsos, perdendo toda a gentileza e algumas vezes empurrando seu pênis na boca dela, fazendo com que ela se engasgasse e isto o excitava terrivelmente. Para Consuelo estes impulsos pareciam inadequados. A pele morena dela pedia mordidas e o sexo dela impregnava os dedos com um odor penetrante e significativo.

— Eu amava a Rainha Victoria — repetiu Collier. Finnegan balançou a cabeça pesada como chumbo.

— Não se pode falar a sério com você, Collier. O engenheiro bocejou e estirou os braços.

— Mas eu estou falando sério — disse Collier. — Eu amava aquela mulher. Era o meu ideal feminino. Era feia, baixa e muito eficiente. Cuidava do destino de milhares de homens, muitas vezes brincava com esses destinos e isto a tornava ainda mais encantadora. Era mãe e estadista. Andava a cavalo como um homem, falava com uma voz masculina e usava sempre vestidos escuros. Eu tinha um retrato da Rainha Victoria montada num belo puro-sangue. Isto quando eu tinha uns catorze anos. Eu adorava aquele retrato tanto quanto os meus pêlos pubianos que estavam nascendo. Para mim ela era uma Vênus. Quantas vezes eu me masturbei perante aquele retrato eqüestre, me imaginando um príncipe consorte.

— Mas logo a Rainha Victoria! Pelo menos eu preferia as enfermeiras do hospital da escola.

— Você não passa de um degenerado, Finnegan. Como podia trepar com mulheres cheirando a desinfetante, que passam o dia entornando urinóis? Minha relação pelo menos era saudável.

— Saudável e onanista.

— Onanista e platônica.

— Você devia ter mais pêlos na palma das mãos que no couro cabeludo, Collier.

— Ela valia a pena correr o risco. Depois, não fazia mal a ninguém.

O calor forte e a podridão pareciam ter subitamente aumentado de intensidade. Finnegan sentiu que o suor começava a escorrer pelas axilas e pelas suas costas. Os pulmões moviam-se em busca de ar e a cabeça estava agora leve. O porre tinha passado, deixando um gosto de sabugo de milho na boca. Ao lado de Finnegan, Collier fechara os olhos e arfava, a camisa inteiramente ensopada de suor. Os outros homens continuavam dormindo pesadamente.

Collier não estava dormindo, fechara os olhos porque lembrança de Ginnie chegara forte, disfarçada nas palavras sobre o seu suposto amor pela Rainha Victoria. Ginnie não era feia, mas era baixa e eficiente. Ginnie agora estava

viúva, o músico de jazz morrera intoxicado de tanto ópio e ela tornara-se uma matrona, convertida à seita do pai, sem imaginação e beirando a senilidade. Nem de longe parecia a Ginnie que ele segurava com muitas mãos e bocas, tocando e acariciando o corpo pequeno dela, partindo as coxas roliças e brancas. Que besteira, pensava Collier, tanta encenação para lançar duas ou três gotas espessas e leitosas no interior molhado de Ginnie, e ouvir ela gemer.

Pela primeira vez Finnegan escutou vozes, um burburinho humano que vinha do lado de fora e indicava a presença dos habitantes da cidade. Estava com fome, muita fome, sinal de que realmente o porre tinha passado, o que lhe deixou quase em pânico.

— Collier! — gritou Finnegan. — Nós precisamos voltar para o hospital, imediatamente.

— Por quê?

— Acho que estou curado do porre.

Collier levantou-se num só impulso e ficou tremulando como um poste sob um furacão. Levou as mãos à cabeça e apertou fortemente as têmporas.

— Acho que o meu couro cabeludo está descolado — disse o engenheiro, fazendo uma careta.

Finnegan observou o companheiro e viu o quanto ele era velho, a pele avermelhada coberta de manchas escuras. Era um homem que tinha vivido, ele pensou, sem nenhuma piedade ou autocomiseração.

— Quer saber de uma coisa, Finnegan. Preste bem atenção e agora você vai me entender. Nós somos máquinas de sobreviver. Esta sempre foi a minha maior ambição: sobreviver.

Finnegan não gostava da idéia de passar pela terra na categoria triste do sobrevivente. Tomou as palavras de Collier como mais uma de suas agressões.

— Collier, você é o mais rematado patife que eu já encontrei.

— Bravos, meu rapaz!

O engenheiro puxou Finnegan pelo braço e o arrastou para fora da casa. O largo da pequena cidade tostava ao sol matinal £a lama com suas poças de água fétida parecia prestes a ferver. Havia um inusitado movimento para uma cidade que durante a noite parecia inteiramente desabitada. Os dois atravessaram o largo e caminharam na direção do trapiche. Passaram pela moita que escondia a locomotiva e Finnegan viu a chaminé em forma de cone, deteriorada pelas intempéries, por onde um vi-coso açaizeiro despontava para o céu. Um homem estava saindo da moita, afivelando as calças.

— Ela agora cumpre outra finalidade — comentou Collier. — Santo Antônio é a única cidade do Madeira que possui um banheiro público importado dos Estados Unidos.

Quando desciam a escadaria de madeira do trapiche, Finnegan mal pôde acreditar que tinham conseguido galgar aquilo sem quebrar o pescoço. O trapiche também estava movimentado e algumas canoas circulavam em torno de uma embarcação pequena onde *pelas* de borracha estavam amarradas formando uma imensa balsa. Mas não havia sinal da canoa que eles tinham utilizado para chegar em Santo Antônio.

— Porra, eu sempre me esqueço — disse Collier.

— Esquece o quê?

— De esconder a canoa.

— Não me diga. . .

— Exatamente, meu rapaz. Fomos roubados. Uma canoa aqui é mais preciosa que um cavalo puro-sangue.

Finnegan se desesperou.

— Por que você não se lembrou? Como voltaremos para o hospital?

— Não sei, vamos esperar.

O engenheiro foi sentar-se sobre uns caixotes vazios que estavam na beira do barranco. Finnegan, sem outra escolha, imitou o companheiro. Queria tomar um banho, trocar de roupa, tirar aquelas botas sujas, escovar os dentes, queria estar fora dali o mais rápido possível.

— Podíamos alugar uma canoa.

Collier não respondeu. Finnegan levantou-se e foi para perto de algumas canoas que estavam atracadas ao trapiche. Falou com os homens que estavam nelas e todos se negaram. Voltou mais deprimido para o lado de Collier.

— Todos trabalham para algum seringal. Não podem sair das imediações da cidade e são proibidos de atracar em Porto Velho.

— Eu já sabia — disse Collier com ironia. — Farquhar não quer que seus empregados se misturem. Aquelas canoas são propriedade dele, pertencem ao seringal Guaporé Rubber Company.

Finnegan não se interessou pela informação. Olhava para a cidade apodrecida. No largo, algumas reses eram conduzidas por alguns homens quase despidos. Não se via mulheres. As reses começaram a ser abatidas, com golpes de terçado, ali mesmo no lamaçal podre e a carne retalhada no meio da sujeira. Isto explicava a presença de tanto sangue espalhado pelas poças de lama, como se o largo fosse um permanente palco de batalhas sangrentas. Quando o gado é finalmente retalhado e distribuído aos pedaços pelo chão, forma-se em volta uma pequena multidão.

— Que imundice — disse Finnegan, enojado. — Estão esquartejando o gado em cima da lama.

Collier observou os homens que esquartejavam as reses sem a mínima noção

de como separar as partes de um boi. Os compradores seguravam os pedaços sanguinolentos com as próprias mãos.

— Você sabe quanto custa um quilo desta carne?

— Não tenho a menor idéia — respondeu irritado Finnegan.

— Seis mil-réis. Quase quinze dólares o quilo. Só meia dúzia de privilegiados pode comprar. O resto come farinha de mandioca, peixe e mais nada.

— Não sei como conseguem viver aqui. Olha só o lixo subindo pelas casas. Isto aqui deve ser um viveiro de todas as moléstias da região.

— Você ganharia uma fortuna aqui, Finnegan.

Collier levantou-se e caminhou até o trapiche, estava inquieto por alguma coisa.

— Estou morrendo de sede — disse o engenheiro. — Acho que é da ressaca.

Finnegan foi para o lado do companheiro.

— Você não está pensando em beber água aqui?

— Com a sede que estou sentindo sou capaz de beber até uma daquelas poças de lama e sangue.

Collier viu que o seringalista e seus homens estavam descendo a escadaria do barranco.

— Os nossos companheiros de noitada estão chegando — anunciou Collier.

Finnegan viu o seringalista, à frente de seus homens arcados, descendo a escadaria com um largo' sorriso. O seringalista está sujo e as roupas amarrotadas. Aproximaram-se dos dois e o seringalista conversou animadamente com Collier.

Como sempre, Finnegan ficou de fora porque não conseguia compreender uma palavra de português. Conversaram por uns quinze minutos até que o seringalista abraçou o engenheiro fez o mesmo com Finnegan. Depois, embarcaram no pequeno barco onde as *pelas* de borracha estavam amarradas e zarparam lentamente, descendo para Manaus.

— Por que não nos deram carona? — perguntou Finnegan.

— Eles também não podem atracar em Porto Velho.

— Merda, depois de tanta conversa. Que diabo vocês estavam falando tanto?

— Muitas coisas. Ele queria saber como estávamos e respondi que estávamos muito bem. Nós estamos muito bem, não é certo?

— Estamos muito bem! — exclamou Finnegan levando as mãos à cabeça e passando os dedos pelo cabelo.

— Disse a ele que estávamos também muito agradecidos pela noitada divertida.

Finnegan observava o pequeno barco deslizar lentamente para longe de Santo Antônio.

— Eles estão indo para Manaus — disse Collier. — O barco se chama *Gigante do Brasil.*

— Estão levando borracha, não?

— Disseram que a safra foi muito boa e conseguiram quatrocentas toneladas de borracha.

— Vai dar um bom dinheiro.

— A cotação da borracha está caindo, me disseram. E as dívidas são muitas. Disseram que a vida está muito cara no Brasil.

— A quinze dólares o quilo da carne, não deve ser fácil.

— O proprietário, que eles chamam de coronel. . .

— Coronel?

— É sinal de respeito, não patente militar. O proprietário me disse que pretende passar uns seis meses longe daqui.

— Ele deve ser um homem sensato.

— Pretende visitar os filhos.

— Moram em Manaus, os filhos dele?

— Não, moram em Paris.

— Quer dizer que aquele homenzinho sujo vai passar um semestre em Paris.

— É o que ele costuma fazer, de vez em quando. Ele tem filhos lá, dois filhos. Pelo que me contou, um estuda direito e o outro gasta o dinheiro dele com mulheres e bebida.

— Ele nasceu aqui em Santo Antônio?

— Não, nasceu bem longe daqui, no Ceará. Ninguém nasce em Santo Antônio, Finnegan. Você pode sair por aí procurando quem tenha nascido aqui e não vai encontrar. Ele veio para cá em 1887.

— É verdade, eu não vi crianças nesta cidade.

— Não existem crianças aqui. Morrem todas. Se ainda existe alguma, deve estar morrendo. As crianças não se criam aqui e não é lugar para ninguém nascer.

Porto Santo Antônio não era exatamente uma cidade, era uma espécie de pousada de entressafra. Es tivera abandonada por quase um século, até a borracha atrair novamente gente para aquelas paragens. Nem mesmo os jesuítas, que tinham fundado a cidade no século XVIII, conseguiram resistir e a abandonaram vinte anos depois. Um fato inédito porque os jesuítas jamais abandonavam voluntariamente suas missões e se fizeram isto com Porto Santo Antônio era porque o lugar não valia nem mesmo um martírio por menor que fosse.

Os dois foram atraídos para uma embarcação metálica que se aproximava do trapiche.

— É da Companhia — disse Collier. — Vieram nos buscar.

Finnegan começou a sentir-se como um colegial apanhado numa traquinagem. Collier percebeu.

— Não se preocupe, estas fugas são comuns.

— Seremos punidos.

— Claro! Cometemos uma infração.

A pequena embarcação metálica, utilizada pela Companhia para viagens de curta duração, foi atracando no trapiche. No mastro tremulava a bandeira norte-americana e no casco estava pintado que a embarcação pertencia à Madeira— Mamoré Railway Company.

Collier reconheceu imediatamente o homem alto, de sua idade, que saltou para o trapiche.

— É o "King" John, em pessoa. Que honra. Finnegan sabia que "King" John era o gerente-geral da Companhia em Porto Velho.

— E agora, o que vamos fazer? — quis saber Finnegan.

—O que é isto, rapaz. Não vamos fazer nada.

Collier aproxima-se de "King" John e abraçam-se calorosamente.

— Collier, seu velho puto, podia ter me avisado que ia fazer uma escapada. Eu bem que estava precisando de uma.

Finnegan já não entendia mais nada.

— Não foi das melhores, John — afirmou Collier. — Mas a sorte nos fez encontrar uns brasileiros com o melhor uísque.

"King" John observa em volta, o largo, as canoas atracadas no porto, todas as pessoas que entravam no seu raio de visão.

— Vocês não viram nenhum subalterno por aqui?

— Não, só gente nativa. Por quê?

— Fiquei preocupado quando soube que você tinha vindo com o Dr. Finnegan.

— Preocupado?

— É, temia que os alemães que escaparam do Abunã estivessem aqui. Soubemos que eles saquearam duas casas de seringueiros nos últimos dias.

— Teria sido divertido encontrá-los por aqui, John. Ainda mais que eles adoram o Dr. Finnegan.

17

Sobre a mesa de Farquhar estava aberta a página 2 do jornal *Correio da Manhã*. Uma titulagem discreta, como era do espírito do prestigioso jornal

carioca, líder da imprensa na Capital Federal, dizia o seguinte: OBRA DO SÉCULO OU COLEÇÃO DE ESCÂNDALOS E MORTICÍNIOS? Assinava a matéria Alberto Torres, um fervoroso nacionalista e homem realmente respeitado. O artigo era uma espécie de resposta à reportagem publicada a respeito da construção da Madeira —Mamoré e replicava com vigorosas denúncias, como era de se esperar de Alberto Torres.

Farquhar estava bastante preocupado, o texto era Contundente e direto, e o pior, o autor era incorruptível. Ali sobre aquela página, contestava-se, mais uma vez, a lisura da concorrência pública em que saíra ganhador o engenheiro Catambry e posteriormente a intromissão do nome de Farquhar no empreendimento. Alberto Torres classificava o fato como um dos muitos crimes de lesa-pátria cometidos pelos políticos corruptos, e referia-se aos negócios de Farquhar como "um polvo ávido cujos tentáculos estendem-se em muitos negócios, numa intrincada trama de interesses escusos cuja principal vítima será sempre a nação e o povo brasileiro. Citando o relatório do médico Oswaldo Cruz, Torres dizia que era uma inverdade que o índice de mortandade entre os trabalhadores na construção da ferrovia estava explicado pela agressividade do meio ambiente amazônico. Seguindo com muita inteligência os dados de Oswaldo Cruz, Torres afirmava que o principal agente das mortes era a "absurda e cruel organização de trabalho que oferecia condições desumanas de sobrevivência, onde um homem sadio somente podia aspirar, em tal situação, não mais do que noventa dias de vida". Além do mais, o próprio território nacional, em área de recente litígio, estava praticamente açambarcado por poderoso grupo estrangeiro, o que representava perigo evidente à soberania nacional. Quanto aos governantes, Torres estranhava a passividade do Marechal Hermes, homem que pautara a sua campanha pelas promessas de saneamento na administração e admitia em seu próprio gabinete figuras ligadas por interesses pecuniários e pessoais ao perigoso grupo econômico norte-americano. Eram palavras perigosas para Farquhar e poderiam desencadear novamente uma avalanche de críticas. 0 que prejudicaria outros projetos seus, sobretudo o da Lumber que começava a enfrentar problemas sérios na divisa do Paraná com Santa Catarina, num movimento de camponeses pobres desalojados de suas terras pela gente de Farquhar.

Embora fosse ainda cedo, Alexander Mackenzie chegou com um exemplar do *Correio* dobrado sob o braço. Estava visivelmente irritado porque no bojo do artigo, de passagem, Torres' se referira a ele como uma "ratazana a fuçar os porões da incompetente e venal administração pública federal". A classificação de "ratazana" era bem mais insultuosa que a de "ave de rapina a se alimentar das carniças que nos governam há alguns anos", utilizada para classificar Farquhar.

Mackenzie sentou-se e puxou um lenço do bolso para enxugar a testa que porejava suor gelado. O dia não estava quente e o escritório de Farquhar era bastante arejado, mas a citação fazia o corpo de Mackenzie ferver.

— Já entrei em contato com Agostinho — informou Mackenzie. — Ele também deve estar vindo para cá.

— Ótimo.

— Foi um ataque muito sério. Poderíamos processá-lo

— Que motivo alegaríamos?

— Calúnia. Abalo de crédito.

A porta do escritório novamente foi aberta para dar passagem ao Coronel Agostinho, que também chegava com um exemplar do jornal.

— Você escapou dessa — disse Farquhar.

— Fiquei nas entrelinhas — respondeu Agostinho, constrangido por não poder partilhar inteiramente do virulento ataque na categoria de vítima.

Farquhar indicou para que o coronel sentasse.

— Já pensaram em alguma coisa? — quis saber o coronel.

— Mackenzie quer mover um processo.

— Processar Alberto Torres! — espantou-se Agostinho, como se espantaria se alguém afirmasse que iria processar o papa.

— Por calúnia. Abalo de crédito — disse Mackenzie quase gritando.

Farquhar pediu com um gesto que Mackenzie se acalmasse.

— Me diga uma coisa, Agostinho. O presidente já leu? Agostinho sacudiu negativamente a cabeça.

— Ainda não. Ele não costuma ler os jornais de manhã. Faz isto depois do expediente. Acha que os jornais são contra o seu governo e quando é criticado perde a vontade de trabalhar.

— Mas ele vai ler, seguramente — insistiu Farquhar.

— Evidente, hoje mesmo, quando estiver em casa antes do jantar.

— E qual será a reação dele? — perguntou Mackenzie.

— Terá vontade de beber o sangue de Alberto Torres e não jantará. Aliás, desde que assumiu o governo o presidente não tem conseguido mais jantar. Vai sempre dormir com fome, e com raiva.

Farquhar acomodou-se na cadeira e cruzou as pernas por baixo da mesa. As mãos passeavam por sobre a mesa querendo uma ocupação.

— Eu não pensaria duas vezes, abriria um processo - repetiu Mackenzie.

— Acho a idéia do processo um tanto perigosa — disse Agostinho.

Mackenzie olhou furioso para o coronel e recebeu em troca uma expressão de desprezo.

— Por que perigosa? — perguntou Farquhar.

— Alberto Torres é um homem muito respeitado em nosso país. Um processo contra ele daria mais escândalo do que as próprias denúncias que ele fez.

— É verdade que ele não se vende? — perguntou Farquhar.

— Alberto Torres é incorruptível, se tentássemos subornálo ele entornaria o caldo.

— Todo homem tem seu preço — sentenciou Mackenzie.

— Eu não posso imaginar qual seria o preço de Alberto Torres — disse Agostinho. — Talvez este preço não exista. Ele é um homem de princípios.

— Não existem homens de princípios — disse Farquhar. Agostinho sorriu.

— Alberto Torres é uma exceção.

O coronel abriu uma pasta bastante gorda que trazia dentro de uma capa de couro e entregou a Farquhar.

— O que é isto? — quis saber Farquhar.

— É o dossiê de Torres no Serviço Secreto.

Farquhar apanhou a pasta e examinou detidamente. Enquanto examinava, ficaram em silêncio e isto durou quase meia hora. Finalmente a pasta foi fechada e devolvida ao coronel.

— É um homem intocável — disse Farquhar.

— Exatamente — confirmou Agostinho. — Nem podemos comprá-lo, nem podemos agir pela violência. Se alguma coisa acontecesse agora a Alberto Torres, haveria uma comoção nacional e seríamos varridos como ratazanas.

Mackenzie quase deu um pulo da cadeira.

— O que foi que você disse?

— Que seríamos varridos como ratazanas — reafirmou candidamente o coronel.

— Não me provoque, seu bosta!

Agostinho ficou lívido.

— Você enlouqueceu, Mackenzie?

— Você é que está me provocando.

Farquhar levantou-se e caminhou para a janela. O gesto k atraiu a atenção dos dois porque era sinal de que Farquhar Estava realmente preocupado.

— Eu ainda acho que deveríamos processá-lo. Será uma coisa normal, ele será chamado ao tribunal para provar o que disse.

Farquhar voltou-se e ficou olhando para Agostinho. O olhar fixo de Farquhar incomodava e Agostinho sentia que estava na obrigação de dizer alguma coisa.

— Talvez não seja uma má idéia processar Torres. Será até uma coisa civilizada e ao mesmo tempo uma atribulação para ele.

— Você falou com Seabra? — perguntou Farquhar.

— Falei com ele antes de vir para cá. Estava um pouco chocado mas a candidatura dele ao governo da Bahia está falando mais alto e ele não se mostrou interessado em se meter nesta briga.

— Vamos processá-lo — disse Mackenzie. — Contrataremos os melhores advogados, compraremos todos os juizes e o meteremos na cadeia.

Agostinho sentiu-se humilhado com as palavras de Mackenzie e levantou-se da cadeira.

— Nem tudo está à venda neste país, Mackenzie.

— Vamos processá-lo, ele levantou calúnias — gruniu Mackenzie quase em transe, a imagem de ratazana atravessada em sua cabeça.

— Voltem para as suas atividades — disse Farquhar. — Parece que não temos muitas opções. Vou pensar sobre o processo.

Mackenzie e Agostinho retiraram-se e Farquhar voltou a observar pela janela. A reação do presidente era imprevisível, tanto podia ser uma raiva passageira quanto um decreto cassando sua concessão para a construção da Madeira—Mamoré. Em situações como esta, nada mais sensato que uma consulta ao seu amigo Ruy. E foi o que Farquhar fez.

Ruy estava redigindo um artigo que desancava a inabilidade política de Hermes da Fonseca. Como não admitia ser interrompido quando escrevia, Farquhar foi obrigado a esperar quase meia hora na saleta que servia de vestíbulo, bebendo café que era servido aparentemente de minuto a minuto por uma negra velha. Ao entrar no gabinete de trabalho de Ruy, estava nauseado de tanto café e trazia uma expressão miserável no rosto.

— Tudo isto pelo artigo do velho Alberto? — perguntou de forma irônica Ruy Barbosa.

Farquhar experimentou um sorriso.

— Estou nauseado, o café que servem nesta casa é terrível, meu amigo.

— É café de São Paulo — disse Ruy. — Ultimamente tudo o que vem de São Paulo tem sido indigesto para este país.

Farquhar não entendeu a anedota.

— Você já sabe do que se trata, Ruy. O ataque foi violento.

— E muito bem escrito. Alberto sabe usar a nossa língua.

— Mackenzie quer abrir um processo.

— E você, Farquhar?

— Eu também estou inclinado a abrir um processo.

— Não haveria amparo legal — disse Ruy.

— Processaríamos ele por calúnia.

— E eu não aceitaria esta causa.

— Por quê?

— Perderia para um estagiário de direito.

— Você perderia?

Farquhar estava achando aquilo tudo absurdo.

— Claro que perderia — disse Ruy. — Você não quer processar o velho Alberto por calúnia?

— Foi o que eu disse.

— Não ganharíamos mesmo que vocês comprassem todos juizes do país.

— Por quê?

— Porque o que ele escreveu é verdade e vocês estariam em maus lençóis se isto fosse levado a juízo. O velho Torres provaria tudo o que disse.

— Eu sei que ele disse a verdade. Mas não se deve dizer verdade.

— A única coisa que não se pode encobrir totalmente é verdade, Farquhar.

— Você disse que não se pode encobrir totalmente?

— Disse e repito. Ainda que não se possa encobrir totalmente a verdade, é possível toldá-la de alguma maneira.

Farquhar abriu um sorriso.

— Somente tenho a dizer que um processo judicial não seria o melhor caminho para a verdade ficar toldada.

— E qual seria o melhor caminho?

— Alberto Torres nunca esteve em Porto Velho, escreveu artigo baseando-se em informações colhidas por terceiros.

— Sobretudo o relatório de Oswaldo Cruz.

— Bom rapaz o Oswaldo Cruz, mas escreve muito mal.

Farquhar estava agora ansioso porque tinha certeza que Ruy já conhecia a saída.

— Se não processarmos e nada fizermos, assinaremos embaixo todas aquelas denúncias.

— Vocês não serão obrigados a fazer isto. O bestalhão do Hermes já tomou conhecimento do artigo?

— Ainda não!

— Não tem nenhuma importância. O que deve ser feito é bastante simples e já devia ter sido feito. Convidem Seabra e uma comitiva de senadores e deputados para uma visita a Porto Velho. Assim, vocês terão testemunhas oculares da situação.

— Eles farão passeios de trem na floresta! — disse Farquhar com ironia.

— Exatamente, Farquhar. Testemunhas oculares que somente verão o que for conveniente para vocês. Quando voltarem, farão discursos no Parlamento, escreverão artigos, espalharão que a obra desenvolve-se às mil maravilhas. Não serão pessoas da estirpe do velho Torres, mas serão muitas testemunhas que lá

estiveram contra a palavra de segunda mão dele.

No outro dia os emissários de Farquhar iniciaram os convites. Num gesto ousado, o próprio Hermes foi convidado mas recusou porque não dispunha de tempo para a longa viagem. Seabra também informou, um tanto constrangido, que não poderia fazer a viagem mas prometeu mandar seu vice-ministro. Seabra não podia afastar-se da Capital Federal enquanto não tivesse a sua candidatura ao governo da Bahia inteiramente confirmada. Mas os convites fizeram um grande sucesso no Congresso. Um senador amazonense, dois deputados federais mineiros, dois paraibanos e um cearense aceitaram o convite. A viagem ficou marcada para dentro de dez dias a contar da data do convite e duraria quase dois meses entre ida e volta. Farquhar aproveitaria um navio que estava chegando da índia, com um carregamento de trabalhadores, e nele embarcaria a comitiva ilustre. O navio era confortável porque normalmente navegava no Mediterrâneo fazendo a travessia de Ceuta para Cádiz durante o verão. Para assegurar completamente o êxito da missão, Farquhar em pessoa viajaria com os seus convidados que, entre esposas, amantes, criados e outros agregados, ja somavam mais de cinqüenta pessoas.

18

No cais de Porto Velho estava um pequeno comitê de recepção para Collier e Finnegan. Thomas, o maquinista, Harold, o foguista, Consuelo, a pianista, esperavam os fugitivos. Ao divisar Finnegan ainda na embarcação, Consuelo teve vontade de atirar-se sobre ele e abraçá-lo. A embarcação foi amarrada e os fugitivos desembarcaram. Collier logo recebeu os abraços calorosos de Thomas e Harold, mas Consuelo limitou-se a estender a mão para Finnegan e perguntar como ele estava.

— Já foram punidos — disse "King" John. — Estão proibidos de comer sobremesa por uma semana.

Collier deu um safanão amigável nas costas de "King" John e todos riram.

— Não tem importância — gritou Collier —, eu suborno cozinheiro.

O grupo foi caminhando para fora do cais que era uma espécie de píer construído de ferro e com uma linha de trilhos ara vagonetes de carga. Um grande guindaste fazia sombra na extensão do píer e a cidade de Porto Velho tremulava na emanação do calor que evaporava a umidade. Finnegan e Consuelo estavam apartados da alegria que dominava os outros. Thomas Harold diziam para o engenheiro que teriam de permanecer em Porto Velho pelo menos uns dois meses.

— É verdade, John? — perguntou Collier.

— Provavelmente. Para você continuar a obra do Abunã precisará de homens. Mas só contamos no momento com os quinze barbadianos que já estavam trabalhando lá. Recebi um telegrama ontem confirmando a chegada de duzentos homens que nossos agenciadores contrataram na índia. Mas só estarão aqui em sessenta dias.

— É um bocado de tempo para ficarmos no hospital — reclamou Collier, por antecipação entediado com a idéia.

— Lovelace já deu alta para vocês. Não quer malucos atrapalhando o hospital dele.

— Hospital? Aquilo não passa de um matadouro, John.

— Mas um matadouro com disciplina, Collier.

Finnegan estava também aliviado em saber que não precisaria ficar internado na enfermaria do hospital, mas a alegria não duraria muito porque logo John o informou que Lovelace queria ele trabalhando no hospital durante as semanas de espera.

O grupo caminhava para o cassino, onde podiam jogar apostando dinheiro, beber diversos sucos de frutas mas que não servia nenhuma bebida alcoólica. Finnegan e Consuelo foram prudentemente deixando que eles se afastassem e entrassem no cassino.

— E você, o que vai fazer? — perguntou Finnegan. Consuelo baixou a cabeça e quase chorou.

— Não sei o que vou fazer — respondeu Consuelo, controlando-se para não chorar.

— Você não tem parentes, não tem uma casa para onde voltar?

— Não tenho mais ninguém — mentiu Consuelo.

— Você gostaria de ficar aqui?

— Eles não permitiriam. Não poderei ficar por muito tempo, logo terei de ir embora.

— Mas para onde?

— Não sei.

— Você não é pianista?

— Eu toco piano, já contei para você que eu dava aulas de piano, não contei? Mas quem estará interessado em aprender a tocar piano aqui em Porto Velho?

— Você poderia trabalhar no hospital.

— Não há vagas, as mulheres pouco são necessárias aqui.

Finnegan começava a ficar inquieto porque sabia exatamente o que estava acontecendo. Ela estava colocando-se em suas mãos, logo em suas mãos. Ele que já não era o mesmo e quando olhava para frente somente via um buraco

escuro. Consuelo realmente estava entregando-se a ele. Não conseguiu mais suportar o choro e deixou cair as lágrimas. Ela desejava que Finnegan fosse a sua salvação e estava disposta a agarrar-se a ele com todas as forças. Finnegan viu que ela estava chorando e num relance sentiu uma série de sensações conflitantes. Piedade pela mulher tão vulnerável quanto sem perspectiva. Raiva por ela se colocar em seu caminho. Desconforto por se considerar um merda sem iniciativa e insegurança pela responsabilidade de juntar a sua falta de iniciativa com a completa disposição dela. Estava incapacitado, talvez para sempre, de sentir qualquer coisa que se assemelhasse à sensação que catalogara como amor. O mundo era uma coisa muito fodida e imunda para alguém sentir amor. O que ele não sabia é que Consuelo também já não conseguia mais ter ilusões e só por isto entregava-se a ele.

— Fique calma — disse Finnegan. — Tudo se arranjará. O choro foi tornando-se mais forte porque não eram exatamente estas as palavras que ela esperava.

— Não se preocupe comigo — respondeu Consuelo. — Ainda estou emocionada com a tua volta. Fiquei morrendo de medo que alguma coisa de mal te acontecesse.

Finnegan sentiu um vazio áspero na garganta.

— Ainda bem que existe alguém que se preocupa comigo.

— Eu me preocupo com você, Richard.

Ouvindo o seu primeiro nome dito com aquela voz chorosa ele quase se derreteu.

— Pare de chorar, já passou, eu estou aqui — disse com a voz mais terna que encontrou.

Consuelo tirou um lenço da bolsa e assoou o nariz. Os avermelhados olhos brilhavam ao sol e os fios de lágrimas secavam sobre a pele morena e suave do rosto dela.

Vários trabalhadores barbadianos atravessaram a rua e saudaram Finnegan. Ele respondeu à saudação e passou a mão pelo rosto e procurou ajeitar os cabelos desgrenhados pelo vento forte que batia no barco em movimento, durante o retorno.

— Você está abatido, Richard.

— Dormi muito mal — explicou Finnegan. — Foi uma noite pavorosa.

— Você não está com fome? — perguntou Consuelo. Finnegan lembrou que realmente o seu estômago havia transformado-se num balão vazio que inflava rapidamente.

— Estou realmente com fome, não como nada desde ontem.

— Vamos até o meu alojamento, eu preparo alguma coisa para você.

Consuelo tomou a mão de Finnegan e os dois caminharam em direção à série de casas onde ficavam os alojamentos dos graduados. Finnegan olhou o rio Madeira descendo amarelado em sua margem extremamente verde e pensou que fosse desmaiar. Finnegan não sentia-se nem um pouco grato com o interesse de Consuelo, mas ela estava convencida de que seu futuro estava ao lado dele.

Entraram na casa onde ela estava alojada. Era uma casa eletiva onde vivia com mais três moças que trabalhavam como enfermeiras no hospital. Consuelo tinha pouco contato com elas e como passava o dia inteiro ali, transformara-se em dona da casa. Ela foi para a cozinha e Finnegan se deixou ficar deitado na cama limpa, lençóis perfumados discretamente pelo odor de Consuelo. Antes, tirou cuidadosamente as botas sujas e as meias azedas de suor e colocou-as fora do quarto. O cansaço esmagou outros constrangimentos e Finnegan abriu a camisa sem no entanto despi-la e deitou na cama.

Ficaram juntos o resto do dia, Finnegan esquivando-se quando era possível e Consuelo agindo como uma menina repreendida. Mas acabou vencendo o velho e surrado fulgor humano de dois corpos jovens e os vestígios esparsos de suas fugas mútuas agitaram-se documente porque o tempo era como uma insônia prolongada. E Finnegan, cujas certezas estavam em farrapos, a cabeça repleta de fadiga e confusão, não conseguia ver mais nada porque as regras do jogo da vida tinham sido embaralhadas para sempre. E antes de tentar qualquer redefinição, ainda tinha quase um ano e meio de contrato com a Companhia. Ao seu lado, embora entregue, Consuelo representava um provocante antagonismo em relação ao seu desabamento como criatura. Uma tristeza foi surgindo nas paredes daquele quarto impessoal e Finnegan, que pretendia agora ver no mundo uma comédia absurda, tinha contra o seu corpo, enlaçada nas suas pernas, uma mulher. E isto era realmente o diabo.

Livro V

As delícias da acumulação primitiva

19

Em 1911 a cidade de Porto Velho talvez fosse um fenômeno especial na América do Sul. Era uma cidade artificial e servia principalmente de escritório central para a firma que estava construindo a ferrovia chamada Madeira—Mamoré.

Era uma cidade muito peculiar, onde não comemorava-se o carnaval mas festejava-se o Dia de Ação de Graças. O dia 7 de setembro não era lembrado mas a cidade engalanava-se no 4 de julho. No mês de junho, quando ventos frios vinham dos Andes, não havia folguedos tradicionais como bumba-meu-boi ou caninha verde, mas em agosto brincava-se animadamente o Dia das Bruxas embora ali não vivessem crianças.

Porto Velho tinha sido projetada, era artificial como quase tudo nos trinta e seis mil e seiscentos quilômetros quadrados de terras concedidas ao grupo de Percival Farquhar. A língua oficial era o inglês e se tivesse sido feito um levantamento acurado ficaria constatado que poucas eram as pessoas que falavam o português. Da simples concentração de tendas, Porto Velho foi ganhando ares de vilarejo. E era inteiramente habitado por funcionários da Madeira—Mamoré Railway Company. Por isto, não havia rua do comércio nem bares e nem restaurantes. Em Porto Velho imperava o supra-sumo da iniciativa privada: tudo o que existia ali era monopólio do Sindicato Farquhar, incluindo a lei.

Os monumentos mais expressivos de Porto Velho eram as portentosas árvores que circundavam a praça e sombreavam algumas ruas centrais. Dentro do salutar espírito do monopólio, o armazém, a tinturaria, o cinema, o cassino, os prédios públicos, alojamentos, o hospital, os depósitos, pertenciam ao Sindicato Farquhar. Porto Velho não contava em 1911 com a presença de nenhuma autoridade brasileira. A ordem era mantida por uma polícia particular e o Sindicato Farquhar lucrava com a venda de cada bolacha cream-cracker que a moderna fábrica de bolachas produzia sem parar. Mas não era só por isto que ela parecia um fenômeno especial no continente. A própria arquitetura era bastante

diferente das outras pequenas cidades sul-americanas. Ali não existia nenhum vestígio dos tempos coloniais, nenhuma igrejinha barroca, nenhum casarão senhorial ou ruína de forte militar ibérico. Todas as construções, além de novas, pintadas discretamente com tinta a óleo, mais parecem casas de uma das muitas cidades de madeira do oeste norte-americano. Só que elas ganhavam em Porto Velho amplas varandas teladas e já contavam com iluminação elétrica, coisa que muitas cidades do continente nem sequer sonhavam.

As casas estavam racionalmente alinhadas, formando ruas bem aplainadas e limpas. Logo à entrada do cais moderno, ficava a praça, um largo não pavimentado, quadrado, onde de um mastro de metal, tremulava durante o dia, ao vento caprichoso do Madeira, a bandeira norte-americana. Em torno da praça ficavam os grandes depósitos e os prédios destinados à administração, além da estação central numa réplica das inumeráveis estações ferroviárias de pequeno porte que existiam em centenas de cidades dos Estados Unidos. Nenhuma rua deixava de ter suas calçadas de madeira, necessária proteção para os pedestres durante a época chuvosa que transformava a poeirenta terra da cidade em lama escorregadia. Poucos veículos existiam na cidade e claro, os que existiam, pertenciam ao Sindicato Farquhar. Mas ao fundo, não muito distante dos quarteirões de depósitos e almoxarifados, levantava-se a selva como uma muralha ao mesmo tempo desafiadora e humilhada.

Naquela manhã de final de verão, o sol estava forte e o céu azul praticamente sem nuvens. O dia parecia ser muito especial pois todos os funcionários estavam perfilados ao longo da praça e das ruas adjacentes. A força policial, um batalhão de cinqüenta homens, numa farda azul-marinho, quepe mole e winchesters polidas, posta-se em fila dupla em toda a extensão do cais. A cidade parece aguardar a chegada longamente esperada da comitiva oficial acompanhada pessoalmente pelo lendário Percival Farquhar. Era a primeira vez que ele vinha a Porto Velho e, na cidade, somente dois ou três funcionários conheciam o grande empresário. Para a maioria ele era um nome que despertava temor e ódio, conforme as circunstâncias.

Logo à frente do edifício da administração, estão os homens mais graduados do primeiro escalão de Porto Velho. Entre eles, os médicos do hospital, chefiados por Lovelace, todos os engenheiros e topógrafos, incluindo Collier, os técnicos no meio dos quais está Thomas e burocratas de diversos matizes circundando "King" John, a encarnação viva de Farquhar ali.

O grupo mais tenso é o dos burocratas e há uma escala disciplinar que vai se afrouxando até a completa desordem que impera entre os engenheiros. Collier e Lovelace, que conhecem Farquhar de longa data e nada esperam de toda aquela palhaçada, colocam-se de pé com expressão de enfado, sobretudo por terem

ficado num local onde o sol bate inclemente. Lovelace está vermelho e seus olhos suportam mal a claridade. Para maior raiva de Collier, ele notou que os burocratas colocaram-se em melhor posição, à sombra de uma das grandes árvores da praça.

Lovelace demonstra que não suportará por muito tempo o violento calor e isto estimula Collier a tomar uma atitude. Ele afasta-se do meio dos engenheiros e pega Lovelace pelo braço, puxando-o para uma sombra logo à frente dos burocratas.

— Isto é simplesmente ridículo, Lovelace — resmunga Collier à beira de uma apoplexia.

— Porra, eu já estava para desmaiar.

— Tudo para aguardar o patife do Farquhar como se ele fosse a rainha.

— Cada povo tem a rainha que merece.

— Tem razão, Lovelace. Nós temos esta puta do Farquhar.

Lovelace, aliviado pela brisa que soprava na sombra, começou a rir.

— E vem acompanhado — disse Lovelace.

— É, uma comitiva de políticos bolivianos e duzentos vagabundos da índia.

— Políticos brasileiros, Collier.

— É a mesma merda.

— O pior vai ser agüentar Farquhar citando o Novo Testamento sob qualquer pretexto.

— E citando errado, ele faz trapaça até com isto.

— Paciência, Collier!

O navio estava atracando no cais, é uma grande embarcação que não esconde o desgaste do tempo. O navio atraca com rapidez e a escada de madeira começa a ser descida por marinheiros sujos que mais pareciam piratas do século XVIII. Nos passadiço da primeira classe, os passageiros observam curiosos a cidade de Porto Velho. São cavalheiros bem trajados e elegantes mulheres cheias de jóias e chapéus emplumados. Primeiro começa o desembarque das bagagens da comitiva que ficará hospedada num alojamento especialmente preparado para a ocasião. Farquhar aparece no topo da escada, seguido por um homem forte, impecavelmente trajando um terno de fazenda branca e um chapéu panamá na cabeça grisalha. É o vice-ministro e representante de Seabra, que pouco verá durante sua estada na cidade porque sofrerá uma indigestão no jantar e ficará acamado o tempo todo e sairá dali dizendo maravilhas do Hospital da Candelária, sobretudo das lindas moças que trabalham como enfermeiras. A segunda personalidade a descer foi o senador do Amazonas, um homem alto, moreno, de meia-idade, altamente elegante. E logo atrás dele, os deputados com suas esposas e amantes, criados e agregados, todos excitados e falando alto.

Farquhar foi recebido por "King" John. Não se abraçaram porque "King" John, por conhecer Farquhar, teve medo que ele lhe roubasse a carteira de dinheiro.

— É um prazer ver você aqui, Farquhar — disse "King" John com uma perversa alegria.

Os dois apertaram as mãos e imediatamente Farquhar passou a fazer as apresentações de praxe. Uma composição de três vagonetes, decorados com faixas de pano vermelhas, azuis e brancas, com poltronas de vime sobre a plataforma, veio sendo conduzida para o cais e neles embarcaram os convidados, exceto Farquhar que seguiu caminho na direção do edifício da administração. Os vagonetes seguiram lentamente na direção do alojamento da comitiva, onde todos desembarcaram maravilhados e surpresos. O alojamento era um dos maiores da cidade e tinha sido inteiramente decorado com móveis trazidos de Manaus. Pelo lado de fora continuava com a mesma fachada severa, mas por dentro transformara-se num luxuriante hotel com belos tapetes vermelhos, espelhos, candelabros e diversos estilos de móveis que iam do medieval inglês até o contemporâneo art-nouveau.

Assim que os convidados mergulharam na inesperada atmosfera de sonho do alojamento, o navio começou a despejar nova leva de trabalhadores. Ainda com seus trajes típicos, carregados de embrulhos, uma massa muito jovem de rapazes hindus, quase todos descalços, caminhava pelo cais escaldante na direção do barracão de triagem e desinfecção. Os homens, como que desacostumados a caminhar, seguem lentos e isto irrita os capatazes que escorraçam e insultam sem nada conseguir porque poucos entendem o inglês, muito menos o espanhol. "King" John e Farquhar observam por alguns instantes o trôpego desembarque e logo vão ao encontro dos graduados que continuam à espera.

— Foi a pior carga que já recebemos, Farquhar — comentou "King" John fazendo cara de desprezo.

— É o que podemos conseguir agora. Nossos agentes estão impossibilitados de trabalhar na Europa, quase todos os países proibiram a contratação de homens para trabalharem aqui.

— Agora só a escória mesmo — disse "King" John. Mas Farquhar já se adiantava e sorria para Lovelace que abanava-se com um lenço ensopado de suor.

— Lovelace, quanto tempo.

— Você está esplêndido, Farquhar. Garanto que tem trepado com as mais lindas mulheres do Rio.

— Eu não tenho tempo para essas coisas, Lovelace. Você sim, passa o dia fodendo as enfermeiras.

— Se você visse as enfermeiras que temos aqui, não faria um comentário desses.

Farquhar descobre Collier sentado no batente do edifício.

— E você, Collier, ainda está vivo?

Collier não se levanta e olha para Farquhar.

— Continuas encrenqueiro, Collier?

— Só para o bem da Companhia, Farquhar.

"King" John aproxima-se de seu chefe no momento em que ele levanta a cabeça e faz uma expressão de espanto.

— Que diabo é aquilo ali, John? — grita Farquhar.

— O quê, chefe?

— Ali em cima, no mastro?

"King" John não consegue entender mas ouve-se a voz provocadora de Collier.

— É a bandeira dos Estados Unidos da América, imbecil!

— Eu sei — respondeu Farquhar, ainda mais irritado.

— É a nossa bandeira — diz John.

— Ela não deveria estar ali — gritou Farquhar.

— Não deveria? — "King" John está perplexo.

— Não, idiota.

Collier levanta-se e vem para perto dos dois.

— Era a bandeira da Bolívia que deveria estar ali — afirma Collier.

"King" John não titubeia e virando-se para um dos burocratas, berra com a sua voz esganiçada.

— Vá buscar a bandeira da Bolívia, rápido. Bando de cretinos, imbecis...

— Não é a bandeira da Bolívia, John — Farquhar agora está frio como um assassino maníaco.

— Não é a bandeira da Bolívia?

— Claro que não, estúpido.

— Em que país nós estamos, John? — pergunta Farquhar prestes a assassinar "King" John.

— No Brasil, eu suponho.

— E quem são esses convidados que estão nos visitando?

— Políticos bolivianos — grita Collier.

— Políticos bolivianos — repete "King" John.

— Bolivianos! — Farquhar mal se contém.

— Quero dizer, políticos brasileiros.

— Exatamente, John, brasileiros.

— É a mesma merda — grita Collier.

— Não se intrometa, Collier, ou eu te amarroto a cara — retruca Farquhar com um furor demoníaco.

— Tragam a bandeira brasileira, idiotas — grita "King" John para os burocratas, provocando uma correria entre eles.

— Era a bandeira brasileira que deveria estar ali, John.

— Mas Farquhar, como poderíamos saber?

— Isto aqui não é território americano, idiota. Ainda não é, pelo que eu saiba.

— Não se preocupe, Farquhar, teus convidados nem notaram a diferença.

— É um bando de corruptos, mas não podemos facilitar, eles adoram esta merda de patriotismo. — Farquhar respirava com dificuldade porque ainda estava muito tenso.

Dois burocratas saíram correndo do prédio da administração e "King" John viu que eles traziam um embrulho verde. A bandeira norte-americana foi descida e o próprio "King" John içou a bandeira brasileira o mais rapidamente possível.

— Agora está tudo bem — disse triunfante "King" John. Farquhar olhou para cima e ficou vermelho.

— Onde conseguiram esta bandeira?

— Mandamos fazer.

— Onde mandaram fazer?

— Aqui mesmo, por uma senhora que costura. . .

— Uma senhora americana, estou certo?

— Certo!

— Puta que os pariu!

— Alguma coisa errada?

— Errada? Tudo!

— Esta não é a bandeira brasileira? — quis saber "King" John, já desanimado.

— É a bandeira brasileira, John. Mas está içada de cabeça para baixo. E mais, naquela faixa branca, não é *"Order and Progress"* que deveria estar escrito. Deveria estar escrito "Ordem e Progresso".

— *Order and progress!*

— Ordem e progresso!

— Tirem aquela bandeira imediatamente — gritou "King" John provocando nova correria entre os burocratas.

Collier não se agüentava mais de tanto rir.

— E o que vamos colocar ali? — perguntou "King" John. — O mastro não pode ficar vazio.

— Sabe o que deveríamos pôr ali, John? Não sabe?

"King" John olhava perplexo para Farquhar.

— Você, John. Você! Pendurado pelo pescoço como um gato.

— Você não está querendo insultar os brasileiros, Farquhar? — perguntou Collier, morrendo de rir. — Se você pendurar John naquele mastro o Brasil é capaz de cortar as relações com os Estados Unidos.

Farquhar voltou-se para Collier soltando chispas pelos olhos.

— Eu poderia colocar você lá, Collier!

— Acalme-se, Farquhar! Daqui a pouco você vai exigir que o John fique sentado naquele mastro.

A imagem de "King" John sentado sobre o mastro provocou um inesperado acesso de riso em Farquhar. Os burocratas acompanharam com muitas risadas a repentina quebra de tensão.

"King" John não partilhava das risadas, sentia-se humilhado e observava os burocratas escolhendo qual deles seria a sua vítima mais perfeita para aliviar sua vergonha. Notou um jovem sorridente que ainda segurava a bandeira norte-americana. Partiu para o jovem e segurou-o pelo colarinho.

— O que é isto que você tem na mão, imbecil? Antes que o rapaz respondesse, Collier gritou.

— Você está cego, John? Não está vendo que é o casaco de Farquhar?

"King" John soltou o rapaz e tomou a bandeira para melhor examinar. Duplamente envergonhado, dobrou o pano e entrou como um furacão dentro do edifício, fazendo a porta tremer.

— Um prêmio de cinqüenta dólares para o burocrata que conseguir entrar agora lá e sair vivo — bradou Collier.

Ninguém riu, ninguém estava mais rindo. Farquhar começava a entrar na realidade de Porto Velho. Estavam todos loucos ali, todas as denúncias que os jornais cariocas haviam estampado não conseguiam nem de perto refletir a verdade. A permanência dos convidados deveria ser breve porque não era possível controlar um hospício por muito tempo. Mas pouco estava se importando que aqueles homens estivessem ficando loucos ou coisa parecida, a loucura também podia ser muito lucrativa.

Consuelo não estivera presente ao desembarque dos convidados porque tinha outros afazeres. Para dizer a verdade, ela andava ultimamente muito atarefada porque de uma hora para outra tornara-se uma espécie de peça-chave para a programação a ser oferecida aos visitantes.

Naqueles dois meses em que esperaram por aquele dia, Consuelo conseguira um trabalho que jamais teria suspeitado poder exercer em Porto Velho. Estava contratada como professora de piano, fazia parte da folha de pagamento da

Companhia e tinha o status de graduada, com privilégios especiais e direito a alojamento próprio e férias de um ano inteiramente pagas pela Companhia onde ela desejasse. Não era uma professora de piano qualquer e nem podia receber alunos, isto é, ela dedicava-se a ensinar piano para um só aluno, também funcionário da Companhia, embora lotado numa categoria inferior. O seu aluno era Joe, o índio caripuna.

A idéia partira de Finnegan quase que por brincadeira. Consuelo ainda guardava as suas partituras salvas do desastre e raramente abria o pacote porque sempre lhe trazia recordações amargas. Na mesma semana em que Finnegan retornara da aventura em Santo Antônio, Consuelo descobrira que existia um piano em Porto Velho. Não era um grande piano como ela queria, mas era um piano e estava no cassino, meio desafinado, pouco usado, porque quase toda a música que ali se ouvia vinha de discos norte-americanos tocados num gramofone. O cassino quase não era freqüentado pela manhã e mesmo durante a tarde, se o dia era da semana, poucos homens conseguiam tempo para sentar ali algumas horas, beber sidra, jogar poker ou fumar um charuto. Consuelo passou a freqüentar o cassino durante essas horas mortas e fizera amizade com os dois garçons chineses e o gerente, um simpático cavalheiro ítalo-americano que gostava de colocar, quando não havia ninguém, discos de música italiana. Durante três dias ela ficou trabalhando no piano até afiná-lo razoavelmente. No final da semana, depois de ter contado para Finnegan, ele teve a boa idéia de pedir permissão a "King" John para que ela desse uma audição no cassino. "King" John não viu nada de mal e permitiu. A audição não foi nenhum sucesso porque os homens ficaram jogando o tempo todo e demonstraram que não tinham nenhuma sensibilidade para sonatas de Beethoven ou noturnos de Chopin. Mas isto não desanimou Consuelo. Como estava meio distanciada do piano, ela passara muitas horas ensaiando o programa, tendo como companhia o seu amigo Joe Caripuna. Ele também não parecia se sensibilizar com os acordes dos grandes mestres mas pelo menos mostrava-se curioso quanto ao instrumento que soltava sons quando pressionava-se as teclas que pareciam brancos dentes de um animal morto. Os exercícios de Consuelo, fatigantes e complicados para ela, não causavam a mesma impressão em Joe. Ele achava que também podia fazer o mesmo, embora não contasse com mãos para imitar Consuelo. Mas tinha os dedos dos pés e com eles poderia também fazer aquela máquina cantar. Foi assim que uma manhã, quando Consuelo chegou ao cassino, deparou com Joe sentado numa pilha de caixas que o elevava acima das teclas, dedilhando habilidosamente as teclas como muitas de suas alunas não conseguiam fazer. A música não passava de ruídos aleatórios, mas na agilidade de seus dedos longos conseguia pressionar cada tecla e com um pouco de treino talvez algum dia Joe

pudesse tirar algumas melodias simples. Consuelo exultou, estava maravilhada com a força de adaptação às circunstâncias que o índio apresentava. Naquela manhã, esquecendo seus exercícios, Consuelo divertiu-se com Joe, tocando pequenas melodias que ele seguia rapidamente, para assombro do gerente do cassino.

— Ele é incrível — disse o gerente do cassino.

Joe limitou-se a sorrir, enquanto Consuelo ajudava-o a descer da pilha de caixas.

— Como pode ter tanta agilidade nos dedos dos pés? — continuava o gerente.

— A criatura humana é assim — respondeu Consuelo. — É capaz de tirar partido de tudo.

O gerente concordou.

— Você tem razão, moça. É por isto que os cegos quase conseguem ver com as mãos. Nosso amigo Joe especializou seus pés de tal maneira que eles agora também servem de mãos.

— Pé não é só para andar — disse Joe sempre sorrindo. Consuelo e o gerente viram o índio caminhar para fora do cassino e foram assaltados, quase ao mesmo tempo, por uma idéia.

— Você acha que ele seria realmente capaz de tocar alguma coisa de verdade? — quis saber o gerente do cassino.

Consuelo, que conhecia a força de vontade e a maleabilidade de Joe, não teve nenhuma dúvida quanto à resposta.

— Eu acho que ele poderia tocar muitas melodias, principalmente as mais simples.

— E isto já seria fantástico.

— Como foi fantástico vermos ele fazendo o que fez hoje.

— E se a senhora ensinasse? Joe seria uma atração. Poderia tocar aqui no cassino. Teria uma profissão.

— Acho uma grande idéia.

Consuelo nada contou para Finnegan até. que Joe realmente conseguisse algum progresso. Durante duas semanas, todas as manhãs, Joe sentava-se na pilha de caixotes e Consuelo tentava ensiná-lo. Primeiro tentou fazer com que Joe seguisse o método mais conhecido, reconhecendo as notas musicais e realizando exercícios de agilidade. Mas logo notou que este método não funcionava com Joe. O método era geralmente eficiente para quem tinha mãos, e Joe teria de usar os pés. Além de tudo, Joe tinha dificuldade em assimilar a música como Consuelo entendia e isto complicava o reconhecimento das notas. Joe podia seguir os traços de uma melodia mas não tinha senso de andamento e

pulava a harmonia de uma nota para outra. Era um músico dodecafônico nato se este estilo musical já existisse em 1911 na América do Sul. Na primeira semana Joe dedilhava alguns acordes de *Parabéns para você*, mas a execução não agradava Consuelo porque ele não segurava o andamento e conseguia semitonar nos instantes mais inesperados. Esta inabilidade aparente quanto ao andamento e a propensão para semitonar, levou Consuelo a pensar que talvez Joe, como índio, tivesse incapacitado culturalmente a assimilar a musicalidade da civilização. No entanto, ele tinha ouvido apurado e Consuelo logo descobriu que, se ela tocasse a música, muitas vezes, acorde por acorde, em vez de seguir o método, Joe conseguia reproduzir exatamente a melodia. Assim, no final de duas semanas, tempo mais do que excepcional, Joe conseguia tocar, com segurança e sem desafinar, não apenas o *Parabéns para você* mas duas outras canções populares norte-americanas.

No domingo, quando Finnegan estava de folga, Consuelo convidou para que ele viesse ao cassino ouvir uma audição de piano. Finnegan estava certo de que ela iria mostrar o seu repertório, mas ao entrar no cassino, encontrou Joe, sentado sobre uma pilha de caixotes na frente do piano.

— É incrível — exclamou Finnegan.

— Estou tão feliz, Finnegan — disse Consuelo. — Joe agora não é mais um simples inválido, é um exemplo para a humanidade.

Finnegan não chegava a tanto, mas estava verdadeiramente impressionado com a façanha de Joe.

— Ela me ensinou — disse Joe, sorrindo, apontando Consuelo.

O gerente do cassino, que estava sentado atrás do balcão, veio cumprimentar o médico.

— Ele é um rapaz extraordinário — disse o gerente apertando a mão de Finnegan. — Vou solicitar à administração que o contrate como atração do cassino.

Para surpresa de Finnegan e Consuelo, a pessoa mais entusiasmada com Joe não foi "King" John, porque John não se entusiasmava com ninguém que não fosse ele próprio. Lovelace foi quem vibrou ao participar de uma audição especial. Finnegan não esperava encontrar em Lovelace um amante de concertos de piano, mas o médico-chefe apreciara realmente, embora os seus objetivos não fossem exatamente artísticos como a princípio Finnegan imaginara.

— Você vai contratar ele, John. Mas não para servir como atração aqui no cassino.

O gerente do cassino ficou irritado.

— Dr. Lovelace, a descoberta é minha, quer dizer, minha e de Dona Consuelo.

"King" John mantinha-se distante, na verdade achava o espetáculo repelente porque por princípio não gostava de índios.

— Não estou negando o mérito de quem fez a descoberta — disse Lovelace. — Mas Joe precisa ser melhor aproveitado pela Companhia.

Ao ouvir o nome da Companhia, "King" John ficou mais interessado.

— A Companhia poderia ganhar alguma coisa com ele? — perguntou "King" John, incrédulo mas atento ao que Lovelace tinha em mente.

— Você vai contratar Joe, agora. E nada de desperdiçar ele aqui no cassino. Ele ainda não está pronto, precisa de muitos exercícios.

— Por que devo contratar este índio?

— Porque ele pode ser a grande surpresa, o grande acontecimento no programa de recepção aos convidados de Farquhar.

"King" John continuava sem compreender em que medida um índio poderia ser atração a um grupo de políticos visitantes.

— Faça o que eu estou dizendo, John. Você não vai se arrepender.

E Joe Caripuna, que tocava *Parabéns para você*, foi contratado pela Macieira—Mamoré Railway Company na categoria de funcionário subalterno, com direito a um salário de oito mil-réis mensais. Consuelo, a professora de piano, ganhou o posto de instrutora técnica que lhe dava direitos de graduado em Porto Velho.

No programa de recepção aos convidados de Farquhar, entre conferências e passeios, constava um concerto de piano a ser realizado durante a visita da comitiva de políticos ao Hospital da Candelária.

20

A platéia do cinema estava quase lotada. Não apenas os visitantes mas engenheiros, médicos e funcionários do primeiro escalão. Uma mesa longa, coberta por uma toalha branca e flores, estava colocada logo à frente da tela escondida pelo pano de boca. Na mesa estava Percival Farquhar, o senador amazonense, Lovelace, "King" John e um dos deputados federais. O vice-ministro não comparecera porque já estava internado no hospital sob os cuidados de duas enfermeiras.

Farquhar estava de pé e falava com a voz mansa e convincente de um vendedor ambulante. A maioria da platéia não conseguia seguir nada do que ele dizia e alguns até dormiam, sobretudo o senador amazonense que aprendera a assim proceder nas longas sessões do Parlamento.

— Nós sabíamos o que tínhamos pela frente — dizia o empresário Farquhar.

— Eram dezenove corredeiras perigosas. Algumas dessas corredeiras com furos de quase quinhentos pés de águas letais. E tínhamos consciência que eram esses acidentes que transtornavam o transporte de qualquer mercadoria, sobretudo de qualquer quantidade de borracha coletada com heroísmo nesta região. Além do mais, o tempo que se gastava era enorme para superar essas corredeiras. E quando superadas, o produto invariavelmente perdia-se numa proporção de quarenta por cento, um prejuízo injustificável para tantos sacrifícios. Agora, quando estivermos operando com a ferrovia, todos os perigos desaparecerão, e o que é mais importante, os prejuízos não mais ocorrerão. A nossa ferrovia só por este motivo já se justifica, pois todo prejuízo é como um crime contra o lucro, portanto, um crime contra a natureza. Ao evitarmos este crime, a ferrovia estará enriquecendo o povo brasileiro com lucros adicionais de milhões de libras esterlinas que até hoje se desfizeram melancolicamente nas águas do Macieira.

"Fizemos renascer o projeto de 1870, quando o otimismo brasileiro parecia exigir o impossível. E procuramos desempenhar a nossa tarefa com o afinco de uma guerra contra o crime que lesava as possibilidades do lucro cada vez maior. Derrubamos árvores seculares, enfrentamos e civilizamos selvagens que mourejavam na idade da pedra, aqui estamos trabalhando com a disposição de dar até a nossa própria vida porque é assim o gênio americano.

"Para os trabalhadores, oriundos dos quatro cantos da Terra, e que vieram com a esperança nos olhos e a vontade de contribuir para a grandeza do Brasil, oferecemos as melhores condições de trabalho possíveis numa área inóspita e bárbara. Uma assistência médica moderna, ministrada pelos profissionais mais respeitados e competentes, tendo como líder o mais eminente parasitologista dos Estados Unidos', meu amigo pessoal, **p* Dr. Lovelace, é oferecida gratuitamente a todos, reduzindo quase a níveis desprezíveis o índice de morbidez. Para assegurar

o nível qualitativo do atendimento médico, ponto básico para o êxito de empreendimento da envergadura da construção desta ferrovia, mandamos construir e equipar o Hospital da Candelária, com trezentos leitos e no momento um dos mais modernos centros de saúde do país.

"Além desses benefícios no campo da saúde, dotamos os trabalhadores com uma alimentação condizente com o clima e com a jornada de trabalho. Todo o alimento é importado sob controle da nossa empresa, seguindo normas de qualidade. Para maior conforto, os trabalhadores podem descansar suas fadigas em dormitórios modelares que logo Vossas Excelências terão a chance de verificar pessoalmente. São dormitórios projetados para o clima severo dos trópicos, com água tratada, eletricidade, telefone, lavanderias automáticas e outros confortos modernos. E a necessidade humana de diversão e cultura não

foi esquecida. Porto Velho, sede do nosso ciclópico empreendimento, oferece além deste cinematógrafo, um jornal e um cassino."

Farquhar continuou falando por mais de meia hora, algumas vezes atropelando as palavras porque o discurso havia sido redigido em português e ele lia mal em português. Quando acabou, com um gesto dramático que lhe caiu mal, soaram os aplausos. O senador amazonense despertou e também aplaudiu entusiasmado, gritando "muito bem", "apoiado", "muito bem", talvez pensando que tivesse acordado no meio de uma sessão parlamentar.

— Com a palavra, o Dr. Montenegro, ilustre senador pelo Estado do Amazonas — anunciou "King" John, pedindo que os aplausos cessassem.

O senador levantou-se, olhou alguns segundos para a sonolenta platéia e como que destampou alguma represa verbal que fez derramar uma torrente de palavras que afinal de contas não faziam nenhum sentido.

Collier tinha vontade de levantar e sair, o discurso sacana de Farquhar o deixara irritado, ainda que reconhecesse que o vigarista sabia fazer as coisas com esmero. Encostou a cabeça numa das mãos e adormeceu. Quando acordou, viu o senador amazonense quase levitando contra o pano de boca de veludo vermelho, ainda discursando. Toda a platéia praticamente dormia como se estivesse ouvindo uma doce e terna canção de ninar.

— . . . e tudo isso não é mais que uma prova do inexorável espírito moderno em marcha. Ele avança por estes ermos do sertão adormecido pelos séculos, estendendo o seu amorável abraço civilizador tal qual centelha fulgurante da conjugação dos gênios latino e anglo-saxão. E vós, denodados filhos da grande nação do norte. Da Norte-América, símbolo e profissão de fé na redenção da humanidade pelo progresso criador de cultura. Vós, filhos do norte, que me fazem lembrar as imortais palavras de nosso príncipe dos poetas, Olavo Bilac! — O senador agora parecia inteiramente enlouquecido.

A platéia suspirou e Collier mudava de posição na cadeira, olhando para Finnegan, duas filas a sua frente, sentado ao lado de Consuelo, também visivelmente atônito pois não conseguia entender nada do que estava sendo dito. Mas o senador amazonense insistia.

— "Nem sempre durareis, eras sombrias
De miséria moral! A aurora esperas,
Ó Pátria! e ela virá, com outras eras,
Outro sol, outra crença em outros dias!
As nobres ambições, força e bondade,
Justiça e paz virão sobre estas zonas
Na confusa fusão da ardente escória.

E, na sua divina majestade,
Virgem, reviverão as Amazonas,
Na cavalgada esplêndida da glória.

O senador curvou-se e por alguns instantes a platéia permaneceu em silêncio. Mais do que depressa, Farquhar aplaudiu, seguido pelos funcionários e todos os presentes. A fase dolorosa dos discursos estava encerrada, a Companhia, para mostrar que o cinema não era nenhuma miragem, decidira projetar uma película. Farquhar e os membros da mesa foram sentar-se na platéia, a luz apagou e o pano de boca começou a abrir iluminado pela bruxuleante imagem.

Sobre a tela, lia-se o título do filme:

“Edwin S. Porter's
GREAT TRAIN ROBBERY”

Na mesma tarde aconteceu a visita ao Hospital da Candelária. Como previa Lovelace, Joe foi o grande acontecimento. Os políticos, após visitarem o vice-ministro que estava internado num aposento especial, cuidado por duas apetitosas enfermeiras, percorreram todas as dependências do edifício, impressionados com a organização, a maníaca higiene com que Lovelace mantinha a organização. No final, reunidos no refeitório, enquanto bebiam refrescos, entrou Joe Caripuna, acompanhado por Consuelo. Um banco elevadiço havia sido preparado e o índio subiu. Lovelace adiantou-se, grave, pediu com um gesto cavalheiresco que Consuelo sentasse e falou.

— Este rapaz, que todos aqui conhecem como Joe, pois nunca teve um nome cristão, é um índio da grande nação caripuna. Ele foi vítima de seus próprios companheiros, de gente de sua tribo, que por algum costume aberrante, próprio dos selvagens, costuma decepar as mãos de certos jovens previamente escolhidos, numa espécie de sacrifício pagão aos seus deuses bárbaros. Após o revoltante sacrifício, a vítima é abandonada à própria sorte, até morrer. Assim foi encontrado o nosso querido Joe, quase sem vida, sem mãos, à morte. Os nossos trabalhadores o encontraram nas proximidades da frente de trabalho do Abunã e o recolheram. Foi tratado com perícia pelo Dr. Richard Finnegan, jovem médico que tenho a honra de contar em minha equipe. Agora, saudável e feliz, Joe está conosco, trazendo a sua alegria. Ele é uma prova de que a Companhia estende seus cuidados também aos nativos desamparados. E não só os cuidados médicos, mas também a sua completa recuperação moral e reabilitação. Joe é um exemplo eloqüente, um exemplo excepcional, mas é uma prova do quanto a civilização pode fazer na sua luta contra a barbárie.

Lovelace recebeu os aplausos que esperava e foi sentar-se ao lado de Farquhar. Joe olhou para Consuelo e ela indicou com um sorriso que ele podia começar.

Ao piano, com uma surpreendente agilidade, Joe Caripuna executou uma versão simplificada da protofonia de O *guarani*. Em se tratando de um pianista que tocava com os pés, a performance era indiscutivelmente perfeita. A platéia veio abaixo, os políticos aplaudiam e apressavam-se para abraçar um atônito Farquhar e um orgulhoso Lovelace. As damas choravam emocionadas e Consuelo, ruborizada pelo que Lovelace havia dito, permanecera sentada porque lhe faltava força nas pernas. Joe, sorrindo, interrompeu o tumulto executando a sua pièce de résistance, o *Parabéns para você* com sotaque de jazz. Estava consagrado.

Quando todos se retiraram, Farquhar puxou Lovelace na direção do piano.

— Como é que é o truque?

— Truque?

— É uma pianola elétrica, não é mesmo?

Farquhar examinava o piano e ia descobrindo que não havia nenhum truque. O mistério todo estava naquele índio sorridente que riscava um fósforo com os pés para acender o cigarro que Lovelace acabara de tirar para fumar.

— Ele toca mesmo? — perguntou Farquhar. — Não é mesmo um truque?

— Não seja incrédulo, Farquhar — disse Lovelace. — Ele toca mesmo, com os pés.

— Porra, como você fez isto, Lovelace?

— São técnicas de reabilitação social — informou Lovelace com uma expressão cínica.

— Reabilitação social? Ora, por que você não vai se foder, Lovelace?

— Calma, Farquhar, há uma senhora aqui.

Farquhar olhou em volta e viu Consuelo sentada na cadeira, a cabeça baixa, quase chorando.

— Quem é ela?

— Foi a professora de Joe. Ensinava piano na Bolívia.

— Como você trouxe ela para cá, Lovelace?

— É uma longa história, Farquhar.

— Porra!

Farquhar agora examinava Joe como se duvidasse que ele realmente existisse, como se não passasse de uma espécie de marionete manipulado de alguma maneira e inventado pela mente desregulada de Lovelace.

— Ele é real — disse Consuelo.

— Como, senhora? — assustou-se Farquhar.

— Ela disse que eu sou real — confirmou Joe, sorrindo. Farquhar afastou-se prudentemente e ficou olhando Joe.

— Ele não morde — disse Lovelace.

— Ele é um sucesso — retrucou Farquhar.

Consuelo juntou suas forças e foi se retirando do refeitório sem que os dois percebessem. Joe seguiu sua mestra com os olhos mas não disse nada, esperava que Lovelace lhe desse um presente.

Do lado de fora, Finnegan aguardava por Consuelo. Ela estava tão assustada e enojada ao mesmo tempo que passou por ele e caminhou para fora do hospital. Finnegan seguiu-a.

— Que aconteceu? — indagou Finnegan.

Consuelo olhava a linha de floresta com os olhos prestes a derramar lágrimas. Finnegan detestava quando ela ficava assim.

— Você assistiu?

Finnegan confirmou, sem entender o que estava acontecendo com a mulher.

— Joe não é mais nosso, Finnegan.

— O que é que você está dizendo?

— Joe não é mais nosso, é deles. ..

— Joe nunca foi nosso.

Consuelo abraçou Finnegan e encostou a cabeça contra o peito dele, soluçando.

— Pare de chorar. A vida desse índio de merda não pertencia a você.

— Não fale de Joe assim, Richard.

— Está bem. Pare com isto, não adianta nada.

— O Dr. Lovelace, você não ouviu o que ele disse? Um monte de mentiras sobre Joe.

— Lovelace é um mentiroso.

Consuelo sacudiu a cabeça negativamente e Finnegan afastou-a para olhar no rosto dela.

— O Dr. Lovelace não é só mentiroso, é também um vigarista.

Finnegan teve vontade de sorrir mas conteve-se.

— Isto é muito grave, Richard. Ele não passa de um vulgar vigarista.

— Nós somos todos vigaristas — disse Finnegan. Consuelo se desvencilhou das mãos de Finnegan. Estava realmente escandalizada, a sua formação latina ainda não conseguia suportar inteiramente o cinismo anglo-saxão.

— Você, Richard, pode ser um vigarista. Eu não sou o que você pensa.

Mesmo destroçada o que ela queria era ser amada como antigamente. Ela desejava que Finnegan a considerasse uma boa pessoa, uma mulher que não podia ser menosprezada. Retirada com violência de sua vida, onde ela

mergulhava como se estivesse presa numa pedra preciosa, Consuelo perdera a inocência mas não conseguira adquirir a terrível e necessária frieza para viver entre aqueles homens. Era apavorante agir como uma sombra. Finnegan às vezes lhe parecia tímido e outras vezes esta timidez queria revelar-se um egoísmo mecânico que ela procurava recusar.

— Você não diz nada, Richard.

Finnegan limitava-se a olhá-la porque era burro com respeito às mulheres e não sabia disfarçar.

— Diga alguma coisa, Richard! — gritou Consuelo.

— Acalme-se — gemeu Finnegan, desajeitado.

— Eu já desconfiava que você era igual aos outros.

— Não diga bobagens. . . você está nervosa. Consuelo sabia que estava descobrindo todos os enganos em que havia vivido. Todas as baixezas que começara a descobrir e que ela pretendera revelar irrompiam dolorosamente em forma de mágoa.

— O que você decidiu nestes dois meses, Richard?

— Decidiu?

— Sobre mim. . . sobre nós. . .

— Eu gosto de você. . .

— Não, eu não acredito que você goste de mim, Richard. Consuelo tinha sonhado que Finnegan cuidaria de sua vida e os dois estariam juntos. Harriett, que sabia de tudo e de todos, dissera o quanto ele era rico e Consuelo adormecia pensando no dia em que estivesse ao lado dele, nos Estados Unidos. Era possível que a sua ligação com Finnegan, a forma pela qual ela se entregava a ele, tivesse um pouco de interesse, além dela realmente gostar dele. E daí? Às vezes ela se perguntava se já não era hora de cultivar o seu interesse e mesmo assim continuar sendo uma boa pessoa.

— Você nunca me falou de você mesmo, Richard.

— Já disse a você mil vezes que eu não tenho nada para dizer sobre mim.

— Nunca me falou de sua família, de sua casa. Finnegan, com a boca salgada, pensava: ah, Cristo, qual o motivo dessa merda agora, neste sol doloroso.

— Você não gosta de mim, Richard.

— Se eu não gostasse de você, Consuelo, não estaria com você.

— Não quer dizer nada. Você está comigo talvez só pelo fato de poder trepar comigo. Uma foda fácil e grátis.

Finnegan ficou estarrecido.

— Consuelo! Isto é uma injustiça.

Ele pronunciou as palavras com uma entonação deprimida porque realmente

estava com ela, principalmente, porque era um foda fácil e grátis. O que não impedia que gostasse dela.

— É isto mesmo, Richard. Não precisa fingir.

— Eu não estou fingindo — disse de maneira fingida Finnegan.

— Eu não passo de uma boa trepada para você. Muito cômodo por aqui onde as mulheres são poucas.

Finnegan gostaria de sentir rancor mas as palavras de Consuelo esfriavam dentro de sua cabeça. Ele cultivava a ilusão de que estava realmente gostando dela. Ele gostava dela, isto é, de» trepar com ela, não porque em Porto Velho as mulheres eram escassas. Ele treparia com ela em qualquer cidade do mundo e acharia sempre nela uma mulher especial que sabia dar uma boa foda.

— Você está me julgando mal, Consuelo. Eu teria você como tenho aqui, em qualquer lugar do mundo.

— Mesmo nos Estados Unidos?

— Em qualquer lugar do mundo. Você seria sempre Consuelo.

Então, pensava ela, por que jamais se decidia? Nunca falava de sua vida, que era um homem rico. Dizia que ainda tinha quase um ano e meio de contrato com a Companhia, antes de decidir sobre a sua vida, quando podia chutar tudo e voltar para os Estados Unidos o momento em que desejasse.

Finnegan não queria maiores compromissos, sabia desde que tinham começado tudo que ela pensava que um dia se casariam. Mas isto era quase impossível, ela era uma mulher latino-americana e ele um rico herdeiro. Não podiam ficar juntos por muito tempo. A alquimia deles funcionava apenas ao nível de seus corpos, pelo menos assim ele gostava de imaginar. Cada noite era um bom momento de felicidade, de vertiginosas desconfianças. Mas esta feitiçaria não conseguiria resistir em outra circunstância e Finnegan sabia que ela não conseguiria aceitar a realidade, porque era mulher e elas adoravam sempre as falsas sensações dos compromissos permanentes.

— Richard, você é um vigarista.

Finnegan segurou-a novamente e apertou Consuelo contra seu peito. Ela se deixou abraçar. Uma de suas mãos subiu para acariciar os cabelos dela.

— Vamos para o teu alojamento — convidou Finnegan baixinho, bem no ouvido dela.

Ela se desvencilhou rápida.

— Eu não estou dizendo, Richard? Você só quer saber de foder comigo!

Enquanto caminhavam para o alojamento, os dois chegaram à conclusão que uma trégua era necessária. Finnegan se esforçava para gostar dela como pessoa e não apenas como uma boa trepada. Consuelo procurava ajustar-se para aceitar o fato de que ela também precisava considerar Finnegan uma boa trepada. Afinal,

ela estava com sorte porque ele era bonito, jovem e ainda que desajeitado o filho da puta tinha uma foda entusiasmada.

Na porta principal do prédio da administração, algumas cadeiras de vime tinham sido colocadas e ali estavam, logo abaixo da lâmpada acesa, Farquhar, "King" John e Collier. A noite tinha caído e Porto Velho jogava o seu clarão sobre as águas do Madeira. Os três tinham participado de um jantar maçante com os políticos e agora, enquanto os visitantes preparavam-se para dormir, aproveitavam para conversar.

— Onde você arranjou aquele senador? — perguntou Collier divertido.

Farquhar olhava o clarão da cidade perder-se no rio.

— É um homem riquíssimo, um grande ladrão — respondeu Farquhar.

— E muito chato. Prefiro enfrentar você, pelo menos é um ladrão que fala pouco.

— Eu dormi o tempo todo — disse "King" John.

— Você é um vaqueiro grosso, John. Dormirias em qualquer lugar, até mesmo no colo de Theda Bara — falou Collier.

Os três riram.

— E os dormentes de eucaliptos, estão dando certo? — perguntou Farquhar.

— Espero que sim — respondeu Collier.

— Têm que dar certo, estou pagando a peso de ouro cada um daqueles dormentes. São importados de Formosa.

— Acho que os cupins detestam comida chinesa.

Um guarda de segurança aproxima-se, reverente. "King" John olha para o homem com hostilidade.

— O que é que há? Será que não posso ficar um minuto sem problemas?

O guarda tirou o quepe e quase se ajoelhou aos pés de "King" John.

— Receio, senhor, que vamos ter problemas!

— O quê! Não podemos ter problemas com todas essas autoridades bolivianas por aqui.

— Paraguaias — gritou Collier.

— É, autoridades paraguaias — confirmou "King" John.

— Mas, senhor, é sério. São os trabalhadores alemães. Collier pulou da cadeira.

— Você esta dizendo que os alemães voltaram?

— Em certo sentido, senhor — disse o guarda.

— Onde estão? — quis saber "King" John.

— No porto. Foram localizados há meia hora pelas sentinelas da ala norte.

Farquhar permanecia sentado, ouvindo o que falava e imaginando a ousadia

dos alemães em tentarem escapar dali.

— Não foram muito longe — disse Farquhar.

— Como conseguiram atravessar as corredeiras? — perguntou "King" John, quase para si mesmo.

Farquhar finalmente levantou-se.

— É melhor examinarmos pessoalmente o problema.

Os três seguiram o guarda e atravessaram a praça bem iluminada na direção do porto. O grande navio está ancorado e iluminado mas apenas alguns poucos marinheiros ficaram acordados.

— Por que fugiram, Collier? — pergunta Farquhar. — Procuramos tratar essa gente da melhor maneira possível.

— Não seja cínico, Farquhar. Aqui a melhor maneira de se tratar de um trabalhador é foder a vida dele.

— Você está exagerando, Collier.

— Está bem, fugiram porque são europeus e não se acostumaram com o clima tropical.

Farquhar sorriu porque a explicação era imbecil e convincente.

— Não se preocupe mais, Collier — disse Farquhar —, não teremos mais trabalhadores europeus por aqui. Estamos recrutando trabalhadores na índia e na China.

— É bom saber que vou trabalhar apenas com gente de raça inferior! — informou Collier maldosamente.

Farquhar sentiu-se ofendido.

— Não diga uma merda dessas, Collier. Não existe raça inferior**.** Cada pessoa é uma testemunha distinta de Deus.

— Comovente, Percival. . . comovente!

Farquhar adiantou-se e seguiu na frente, ainda mais irritado com a irreverência do engenheiro.

Logo o grupo está no porto e encontram um grupo de homens da segurança. Os homens seguram cordas que saem do porto e avançam para o rio, sumindo na escuridão.

— Eles estão logo ali — informa o segurança, apontando para uma sombra que flutua na escuridão.

— Por que não foram desembarcados? — pergunta Farquhar tentando ver alguma coisa.

— É que eles estão mortos, senhor!

— Mortos!

— Exatamente, senhor.

Um dos guardas, que estava segurando uma das cordas e suando bastante,

olha para os três com uma expressão de medo.

— Mais gente morta — exclama —, que Deus tenha piedade!

Farquhar fulmina o guarda com um olhar.

Collier fez sinal para que as cordas sejam puxadas. Os homens obedecem e começa a surgir uma espécie de balsa construída de tonéis amarrados uns aos outros.

— Estavam fugindo nisso? — Farquhar sente-se perplexo. A balsa vem oscilando no movimento da água e sob o comando das cordas. Está aparentemente vazia, mas uma oscilação mais forte revela a verdade. Um homem, em estado avançado de decomposição, observa o nada com um pavoroso esgar.

— Reboquem essa coisa para o lado oeste — ordena "King" John —, identifiquem os mortos e façam os sepultamentos imediatamente.

O guarda ouve as ordens e tapa o nariz porque o cheiro de podridão agora é insuportável.

— Quase todos tiveram as cabeças decepadas — comenta o guarda.

Collier nota que há um homem, cercado por dois guardas, sentado num rolo de cordas.

— E este aí, quem é?

Os guardas obrigam o homem a levantar-se e trazem ele para perto dos graduados.

— Foi um dos que trouxeram a balsa para o porto — informou o guarda.

— Quer dizer que essa coisa foi trazida para cá? — pergunta Farquhar, incrédulo.

O guarda de segurança olha para "King" John em busca de ordem para falar. "King" John está como que petrificado e não consegue tirar os olhos da balsa com sua carga de mortos em decomposição.

— Pode falar, homem — ordena Collier. O guarda empertiga-se.

— Esses homens, os alemães, invadiram Santo Antônio há dois dias. Entraram na cidade como loucos. Mataram quatro moradores mas foram cercados numa casa. Alguém deu a idéia que a casa devia ser incendiada com eles lá dentro, mas a idéia não foi aceita e os alemães foram todos agarrados e assassinados. A maioria foi decapitada. Depois, colocaram os corpos novamente na balsa e rebocaram ela para cá. Cinco canoas trouxeram a balsa para cá, mas só conseguimos capturar uma das canoas, a que este homem aí estava remando.

Collier olha para o prisioneiro, é um homem baixo, magro e tem as roupas gastas e sapatos moldados em goma elástica.

— Você trabalha para quem? — pergunta Collier. O homem responde sem levantar a cabeça.

— Para a Guaporé Rubber Company, doutor!

Collier olha para Farquhar, não há nenhuma emoção especial no olhar dele, somente um olhar puro que incomoda por ser exatamente assim, despido de qualquer julgamento moral.

— Deixem ele ir embora — ordena Farquhar.

21

Para evitar o tédio dos convidados já que Porto Velho, como tinha ficado claro, era uma cidade de trabalho e não de prazeres, o programa encerrou sem qualquer evento especial, no seu terceiro dia.

Logo após o almoço, os visitantes embarcaram, impressionados com a eficiência do empreendimento, ainda que não deixassem saudades ali, a não ser o vice-ministro, que abandonou o leito do Hospital da Candelária quase em lágrimas porque tinha ficado perdidamente apaixonado pela moderna técnica de tratamento dos americanos.

Pela manhã, Farquhar participou do embarque dos trabalhadores hindus para a frente do Abunã. Eles aguardavam a partida, com suas trouxas e farrapos, na Estação Central, emparelhados com uma nova tropa de bestas, não mais mulas do Arkansas, pois estas morriam facilmente com o calor dos trópicos, mas jericos nordestinos que já estavam domados pelos sertanejos daquela região e não apenas suportavam as temperaturas elevadas quanto consumiam uma dieta quase nula e seriam capazes de comer pedra se fosse necessário.

Os trabalhadores hindus, com seus turbantes e roupas brancas, sujas, vão aos poucos, ordenadamente, subindo em dois vagões para cargas que estão atrelados a um vagão de passageiros. À frente da composição, Mad Maria resfolega e solta rolos de fumaça. Entre o vagão de passageiros e a locomotiva, há um pequeno vagão carregado de carvão e lá em cima, segurando uma pá, está Harold trabalhando e gritando coisas ao velho Thomas, no seu posto, na cabine da Mad Maria.

Na sala de telégrafo e controle de tráfego, estão observando o embarque Farquhar, Collier, "King" John e o médico Finnegan. Da janela da cabine, Thomas observa a estação e lembra o quanto ela se parece às muitas estações da Union Pacific perdidas no deserto do oeste americano. Não lembra com saudade ou qualquer espécie de nostalgia, tudo o que ele pensa é que está voltando para o inferno do Abunã.

As bestas agora vão subindo para o último vagão de carga, para onde metade dos trabalhadores também foi acomodada. Ao contrário dos alemães, que desde

o embarque para a frente de trabalho já estavam gritando e protestando, os hindus não reagem e aceitam todas as ordens no mais completo silêncio. Os quinze trabalhadores barbadianos, com os direitos adquiridos pelos longos anos de serviço ao Sindicato Farquhar, embarcaram no vagão de passageiros. Mas o contraste entre a docilidade dos hindus e a agressividade dos alemães não escapa da percepção de Farquhar.

— Acho que agora acertamos com o tipo ideal de trabalhador — disse Farquhar, aproximando-se da janela.

"King" John, que de certo modo preferia a rudeza dos trabalhadores alemães, duvidou da capacidade daquela gente imberbe e magra.

— Será que eles vão agüentar mesmo? — pergunta John.

Collier, que já estivera na índia e vira o quanto aquela gente humilhada lutava para conseguir o que comer, contestou.

— Se tivéssemos gente assim desde o início, a obra já estaria concluída há muito tempo.

— Concordo — disse Farquhar. — São submissos mas são homens resistentes.

— São das castas mais baixas, não? — pergunta Collier. Farquhar sorriu.

— Párias. Aqui terão uma vida mais digna que na índia.

— Mais digna? — "King" John não sabe se o que Farquhar disse é verdade ou é mais uma de suas anedotas. — Que espécie de vida eles tinham na índia?

— Você nem pode imaginar — explica Farquhar. — Os piores trabalhos, nenhuma oportunidade.

— Aqui serão tratados como seres humanos — completou Collier com uma expressão neutra que ainda deixou "King" John mais embaraçado.

As portas dos vagões são fechadas e os hindus desaparecem de vista. Pelas janelas do vagão de passageiros, os barbadianos observam a cidade e parecem ansiosos para estarem no Abunã.

— Párias! Os súditos ideais para Mad Maria — disse Collier.

Farquhar, que estava distraído observando os barbadianos, volta-se para o engenheiro.

— O que foi que você disse? Collier dá de ombros.

— Nada. Eles parecem bons trabalhadores. Farquhar concorda.

— E são realmente, não darão nenhum trabalho.

— É o que eu espero, Farquhar — resmungou Collier, segurando uma maleta de couro que estava no chão e onde ele trazia os seus pertences. — Todas as vezes que você contrata trabalhadores eles são a oitava maravilha do mundo.

— Mas o que é que você quer? Os granadeiros de Sua Majestade? — revidou Farquhar.

— Os granadeiros não aceitariam setenta *shillings* por dia que é o que você paga.

— Eles não ganhariam nunca o que eu estou pagando, se continuassem na índia.

Collier fez uma saudação e foi saindo. No fundo da sala, encostado na parede, sombrio, estava Finnegan.

— Você não vai embarcar, Finnegan? — gritou Collier. Finnegan apanhou a sua maleta e seguiu o engenheiro. Na plataforma, Collier acercou-se da locomotiva e acariciou-a como se fosse um potro xucro. Thomas saiu da cabine e desceu para o estribo.

— Como é, aproveitou as férias, Thomas?

O maquinista balançou a cabeça e apertou a mão do engenheiro.

— Mais ou menos. Porto Velho é uma cidade muito chata. Eu prefiro o Abunã.

— Você está precisando é se aposentar — disse Collier. Thomas não aceitou a idéia, nem mesmo sendo uma brincadeira.

— Você sabe que eu só vou me aposentar na horizontal. Uma nuvem de vapor encobriu Collier e Thomas. Finnegan subiu para o vagão de passageiros e foi sentar numa janela. Logo o engenheiro emergiu da nuvem de vapor e também embarcou, acenando para os que ficaram na sala de telégrafo.

A Mad Maria começou a movimentar-se, avançando e no vagão de passageiros, equilibrando-se, Collier olha para os barbadianos, para o médico e decide por não ficar ali. Abre a porta que dá passagem para o vagão de combustível, sobe no monte de carvão e desce para a cabine, onde é recebido com sorrisos pelo velho Thomas. A fumaça inunda a estação e a composição atravessou lentamente uma grande área desmatada até se embrenhar na muralha de floresta rompida para que a ferrovia pudesse atravessá-la.

Quando a composição já desapareceu, Farquhar bate no ombro de "King" John e os dois retiram-se, caminhando sobre os trilhos. A estação fica vazia e de longe parecia deformar-se por uma espécie de cortina de umidade em evaporação.

Thomas está inteiramente absorvido no trabalho de controlar a máquina e manter a velocidade. Harold está sentado num pequeno banco de madeira e Collier observa a locomotiva atravessar a linha rasgada na selva como um traço de açoite contra a natureza. O engenheiro encostou-se na janelinha da cabine e segue com o olhar a monótona passagem da barreira compacta de grandes árvores. Uma barreira vigorosa ainda que tenha sido afastada pelo esforço de centenas de trabalhadores. Harold dormita, balançando a cabeça ao ritmo da locomotiva e aquele sono logo se torna mais interessante para Collier que a

rotina verde da floresta. O sono de Harold é um instante de patético por antever, pelo menos na mente de Collier, a futura sucessão de dias iguais quando a ferrovia estiver concluída e em pleno funcionamento. A atitude descompromissada de Harold, de certo modo, igualava-se aos olhos dele com a febril atividade de Thomas em seu profissionalismo.

No vagão de passageiros, Finnegan está segurando a maleta em seu colo e observa sem maior interesse a selva igual, persistente e invariável que atravessa a janela. O banco em que ele sentou, feito de madeira grosseira, está vazio e os barbadianos, reunidos no fundo da composição, conversam em voz baixa. Finnegan acomoda a maleta sobre o banco e olha para os barbadianos, são rostos conhecidos, um deles, ele lembrava, segurava um dos machetes aguçados na noite em que invadiram a enfermaria para impedir a autópsia que já tinha sido feita no corpo de dois negros. Embora conhecidos, eles lhe são estranhos pela indiferença que beira a apatia. Eram homens que pouco se importavam de estar ali e não em outro lugar. E esta idéia estremeceu Finnegan porque ele também não era muito diferente deles. Também pouco se importava agora se estava ali e não em Saint Louis. A locomotiva atravessava uma bela ponte de ferro suspensa sobre um fio de água avermelhada que escorria vinte metros abaixo. A composição avançava descarregando suas negras volutas de fumaça como nuvens de uma pequena tempestade em formação, o limpa-trilhos aberto em leque engolindo as linhas metálicas paralelas.

Harold continuava dormindo porque confiava em Thomas, porque o velho maquinista conhecia o seu ofício e estava ali, atento, sem tirar os olhos dos maquinismos e da estrada. Assim, de repente, com a precisão de sempre, Thomas movimentou-se com pressa e puxou o freio, obrigando as ferragens a grunir e reclamar, a composição subitamente estancada e ainda levemente deslizando, jogando os passageiros para frente. Harold acordou pela queda e viu Collier esticado para frente e as mãos suportando o peso do corpo num desesperado gesto de agarrar a janelinha da cabine. Nuvens de vapor escapam da Mad Maria e então vêm o silêncio e o cheiro da mata tostada pelo sol, a terra do leito da estrada gretada e vermelha recendendo odores.

Mal a locomotiva parou, Thomas, Harold e Collier saltaram. Da janela do vagão de passageiros, Finnegan e os barbadianos observam, todos assustados e ali na frente, esmagando os trilhos, duas árvores gigantescas estão tombadas, cortando a linha com seus troncos de mais de cinco metros de raio.

Os três homens aproximam-se das árvores e parecem minúsculas criaturas.

— Eu vi isso quase em cima — informa Thomas, o coração ainda aos pulos. — A luz do sol está tão forte que essas árvores confundiam-se com o terreno. Collier examina a linha destroçada.

— Cada tronco desses deve pesar toneladas, Thomas. Teremos de substituir uns dez metros de trilho.

As portas dos vagões de carga são abertas e descem os guardas. Finnegan também desceu e já pode observar a proporção dos estragos.

— Já pensou se um negócio desses caísse em cima da locomotiva? — comenta Harold, impressionado com o calibre dos troncos.

— Vira essa boca para lá, idiota — repreende Thomas. — Um só galho dessas árvores já servia para romper a tua cabeça.

Collier volta-se para os guardas que esperam próximos aos vagões de carga.

— Tragam os trabalhadores — grita Collier. — A linha deve ser desimpedida agora ou vamos pernoitar aqui!

Os trabalhadores começaram a descer e Collier, observando mais uma vez as árvores, ficou certo de que realmente pernoitariam ali.

Quando a noite chegou, as duas árvores, inteiramente retalhadas a golpes de machado, já tinham sido retiradas da linha e restavam os trilhos amassados. Todos estavam exaustos e Collier decidiu parar o trabalho. Ordenou que alguma comida fosse distribuída para recomeçar mais tarde a reposição dos trilhos.

A comida era algumas fatias de pão ainda fresco e café. Como o vagão de passageiros estava vazio, Collier resolveu chamar Thomas e Harold para tomarem o café lá dentro. Finnegan já estava lá, mastigando o seu pão e lendo um jornal.

— Que merda, vamos atrasar umas dez horas — reclamou Thomas, que parecia ansioso para chegar no Abunã.

Finnegan resolveu romper o seu mutismo.

— Levei um susto, Thomas! Que diabo de freada mais fora de hora.

— Doutor, eu lhe digo que foi bem na hora. Todos concordaram.

— Quando você puxou o freio e fomos jogados para frente — disse Collier, bem-humorado —, fiquei com medo que o Harold caísse dentro da caldeira.

Harold corou lembrando-se que estava dormindo no instante em que Thomas puxou o freio.

— Eu não permitiria — disse Thomas —, Mad Maria tem um paladar muito fino, não come vermes.

— Estou com um galo na cabeça — disse Harold, ressabiado e passando a mão logo acima da testa.

— Foi um tremendo susto — repetiu Finnegan. , Thomas bebeu um gole de café e fez uma careta.

— Isto aqui é como a vida, quero dizer, numa ferrovia tudo acontece entre uma estação e outra.

Entre uma estação e outra, pensava Collier, sentindo a inutilidade das coisas, mesmo de Mad Maria, aparentemente tão poderosa mas igualmente frágil como todas as criaturas. Ainda assim, ele estava certo, sempre existiriam homens insanos como eles, dispostos a simular qualquer coisa para enfrentar as surpresas que espreitavam entre uma estação e outra.

— Meus reumatismos estão doendo — disse Thomas —, acho que vai chover.

— Porra, Thomas! — gritou Collier. — Se cair uma chuva, nem sei o que pensar, vamos levar seis meses para chegar ao Abunã.

Entre uma estação e outra, pensava Finnegan, sem se importar com o fato de levar seis meses para chegar no Abunã. Àquela hora, descendo o Madeira, Consuelo devia estar ainda mais enganada do que nunca, imaginando-se definitivamente ajustada a uma nova vida. Seu último encontro com ela tinha sido desastroso e ele fizera papel, como sempre, de bobo.

Ele tinha terminado o seu plantão no hospital e procurara Consuelo no alojamento. O alojamento estava vazio, a pouca bagagem dela tinha sumido e a cama estava despida e pronta para receber outro morador. Quando ia saindo, foi abordado por Harriett.

— Ela não está mais neste quarto.

— Mudou para qual alojamento?

Harriett sorriu, estava feliz por poder dar-lhe a informação em primeira mão.

— Ela foi levar a bagagem para o navio. Você não sabia que Consuelo vai nos deixar?

— Ela vai embora?

— Ela e o índio. Vão para o Rio de Janeiro, com todas as despesas pagas pela Companhia.

— Ela não me disse nada. . .

— Ainda não teve tempo, foi chamada na administração hoje pela manhã. Mister Percival convidou-a a acompanhar o índio. O diabo do índio vai fazer uma série de apresentações no Rio de Janeiro para as autoridades brasileiras.

Finnegan não podia acreditar. Sim, podia, era o que já deveria suspeitar após o entusiasmo dos políticos brasileiros com o concerto de Joe no refeitório do hospital. Mas não contava que Consuelo se envolvesse naquilo.

— Se você quiser falar com ela, procure no navio. Conseguiram um bom camarote para a menina.

— Obrigado, senhora. . .

Ela estava instalada num bom camarote de verdade. E foi uma despedida e tanto. Eles estavam sozinhos. Consuelo, preparada para dormir, estava deslumbrante numa camisola rendada que Farquhar tinha lhe presenteado. Não

parecia exatamente com uma pianista erudita mas lembrava uma ascendente atriz de vaudeville, versão latina, ainda não depravada mas ensaiando para isso. Finnegan, ainda que negasse, estava gostando de ver Consuelo naquela camisola, os cabelos soltos e vastos, resolvida a vingar-se dele. Mas era uma atriz ainda imatura e desempenhava o papel de vingativa com altos e baixos. Quando Finnegan entrou no camarote, ela estava de pé, uma luz fraca acesa num quebra-luz de vidro esverdeado. A camisola mal escondia a silhueta de seu corpo, o corpo que deixaria saudades em Finnegan.

— Quem lhe deu essa coisa? — perguntou Finnegan, examinando a camisola fina.

Consuelo ficou decepcionada ao ver que ele não estava realmente irritado, nem ferido, nem mesmo profundamente incomodado pelo fato dela o ter abandonado sem qualquer aviso.

— Não é maravilhoso o que está acontecendo, Richard? Finnegan deu de ombros.

— Não quero que você pense mal de mim — disse Consuelo, a voz mal escondendo a emoção.

Finnegan sacudiu a cabeça.

— Não vou pensar mal de você. . .

— Vou pensar sempre em você, Richard! Ele agradeceu:

— Obrigado.

Ela perguntou:

— E você, pensará em mim? Ele respondeu:

— Pensarei sempre em você.

— Como uma pessoa?

— Pensarei em Consuelo — disse Finnegan, pensando no corpo dela e nas trepadas que ela se entregava com emoção.

— Eu vou escrever para você, Richard. Prometo!

Ele agradeceu com um grunido indefinido que pareceu a ela um sinal de descrença.

— Eu escreverei, você verá.

Foi então o único instante em que Finnegan gostou de Consuelo como ela era, uma mulher, gente, não apenas um corpo que trepava com ele. Foi uma pena porque ela nem percebeu.

— Você não vai ficar pensando que eu sou uma puta? Ela fazia a pergunta olhando com frieza, ou talvez fosse a luz fraca e esverdeada do camarote que lhe dava esta impressão.

— Não seja boba, Consuelo — disse Finnegan pensando que afinal ela não passava de uma puta.

— Eu não tinha outra saída. . .

— Você não me deve explicações, Consuelo.

Os olhos castanhos de Consuelo faiscavam e ela era uma sentimental.

— Eu quero lhe explicar por que aceitei, eu preciso que você me entenda.

Finnegan não respondeu, sabia que não adiantava responder, ela chegara naquele estágio em que precisava dramatizar para conseguir algum sabor de vitória.

— Você nunca se casaria comigo, Richard.

Ele ficou em dúvida se precisava dar alguma resposta.

— Não que eu estivesse querendo um casamento, mas a princípio eu pensei que você gostasse de mim — disse Consuelo, pensando que o que ela queria era realmente casar com Finnegan. — Mas você nunca gostou de mim, Richard. Você gostou de mim?

— Para que você quer saber agora?

Finnegan estava brincando mas ela não sabia porque não imaginava que ele fosse de brincadeiras.

Consuelo deu alguns passos pelo camarote mas o espaço reduzido limitava a necessária dramaticidade.

— Tens razão, não interessa mais, agora.

— Você vai ser feliz, Consuelo. Pense nisso.

Ela começou a chorar. Que merda, pensou Finnegan, vai começar a chamar o meu primeiro nome com essa voz de choro e eu não vou resistir.

— Richard — ela chamou com a voz chorosa.

— Por favor, Consuelo. . .

Finnegan deu um suspiro e ela continuou chorando.

— Richard.

A voz chorosa dizendo o primeiro nome dele tornava a coisa mais difícil e Finnegan começaria a fazer papel de bobo se não tomasse uma atitude.

— Você vai adorar esta nova vida, Consuelo — disse imaginando que Farquhar também era rico, bem mais rico que ele e que jamais se casaria com ela. — Você vai gostar de Farquhar.

— Mister Farquhar é um cavalheiro muito gentil — confirmou ela, persistindo no choro.

— Então não chore mais.

— Ó Richard!

Finnegan sentiu um impulso forte de pedir ela em casamento e ao mesmo tempo de derrubá-la na estreita cama e foder com ela. Consuelo impediu que ele cometesse aquele desatino, dando-lhe uma bofetada.

— Por que você fez isso? — quis saber Finnegan, incrédulo, o rosto ardendo.

— Para que você não fique pensando que eu sou uma puta.

Pelo menos ela tinha parado de chorar.

— Eu não vou ficar pensando que você é uma puta — afirmou com a mais profunda convicção de que ela realmente era uma puta.

— Mesmo se ficasse sabendo que eu dormia com Joe?

— O quê?

— Que eu trepava com Joe.

— Para que você está me dizendo isto agora?

— Porque eu sou uma pessoa sincera, não gosto de mentiras — disse Consuelo, certa de que ao revelar aquilo estava evitando que mais tarde, quando partisse, Harriett fosse contar para ele que ela se encontrava com Joe.

— Ah, deixe disso, Consuelo — disse Finnegan sem conseguir uma explicação melhor para o que ela tinha lhe revelado.

— É verdade, Finnegan.

Ele sentiu-se aliviado ao ouvir ela dizer o seu sobrenome e não começar novamente a chorar. Mas Consuelo era uma mulher tão feminina, tão cheia de natural sensualidade, que ele mal acreditava como ela conseguia manter todo aquele corpo em torno de um sexo.

Finnegan segurou ela pelos cabelos e puxou-a contra **si.** Consuelo veio sem resistência e enlaçou Finnegan num abraço apertado. Ele podia sentir o perfume de maresia que estava sempre com ela. Foi levantando a camisola para sentir a pele dela e ao mesmo tempo deixá-la despida. A camisola foi parar **no** chão e eles deitaram na cama. Finnegan apartou as pernas dela e beijou ali e foi subindo, sempre beijando sobriamente, até abraçá-la por inteiro e ela sentindo a pressão do pênis dele que emaranhava-se entre as suas pernas. Ela acomodou o pênis dele com um único impulso, sentiu que estava sendo penetrada. Respiravam, a luz esverdeada batia nas costas dele. Até que ele parou, retirando-se dela, levantou, vestiu a roupa e saiu do camarote, como um bobo, sem dizer uma palavra, sem acabar, sem dizer adeus. Ela ficou nua, suada, ainda respirando, uma vontade enorme de que ele não ficasse com a impressão de que ela era uma puta.

Um safanão em seu ombro o trouxe **a** realidade, era Collier, segurando uma caneca na mão.

— Pensei que você estivesse morto, rapaz. Finnegan sorriu..

— Pensando nela?

— Em quem?

— Nela, Consuelo!

— Estava — confessou Finnegan.

— Esqueça, Finnegan. Era uma puta.

Os barbadianos tinham voltado para o vagão e havia um barulho estranho. Finnegan olhou para a escuridão da noite**.**

— Está chovendo? Collier confirmou.

— Os reumatismos de Thomas nunca falham.

— Porra, vamos ficar séculos aqui.

Não ficaram exatamente séculos mas a viagem se retardou além das contas de Collier. A chuva tinha durado a noite inteira e não dava esperanças de passar quando o dia amanheceu. A troca dos trilhos danificados foi realizada debaixo da chuva, o que tornava o serviço mais demorado e não inteiramente perfeito. Collier não gostava de ficar com a composição parada na linha férrea quando esses temporais desabavam, dizia que as árvores, embora gigantescas, tinham raízes pequenas e praticamente sustentavam-se umas nas outras. Quando rompia-se este equilíbrio, como o que rasgava o espaço desmatado para a estrada de ferro, as grandes árvores começavam a desabar ao menor vento.

Cinco dias depois, ainda sob uma chuva persistente, estavam em plena rotina na frente do Abunã. A ponte recebia o acabamento final e resistira ao transbordamento do rio. Mad Maria já podia atravessar a ponte e os homens trabalhavam do outro lado, os hindus fazendo a terraplenagem e os barbadianos, como sempre, colocando os trilhos.

A comida era servida sob a chuva. As mulas eram conduzidas para perto dos trabalhadores, carregando grandes panelas no lombo. Ao soar o apito, os trabalhadores largavam suas tarefas e faziam fila para receberem porções de uma coisa escura que parecia carne frita. A comida ficava logo molhada, mas ninguém reclamava. Finnegan, que tinha abandonado o antigo traje de proteção contra mosquitos, ministrava as doses diárias de quinino, com homens armados, vestindo uma capa impermeável. Ele estava agora com uma equipe inteiramente nova, composta de cinco rapazes que haviam chegado dos Estados Unidos recentemente. Eram bons rapazes, um tanto descuidados, mas ele já não estava tão exigente como antigamente.

Finalmente, quando já ninguém acreditava que existisse sol naquela terra, o dia amanheceu limpo, o calor evaporando a umidade como no período devoniano. Mas os dias de chuva deixaram o seu saldo especial. A enfermaria estava lotada de doentes que a má alimentação, ajudada pela chuva, tinha minado os pulmões e provocado uma epidemia de gripe, febre alta e casos mortais de pneumonia.

Collier não saía da enfermaria, perdera muitos homens em poucos dias e estava preocupado.

— Quantos vão se recuperar?

— Não sei — responde Finnegan.

O engenheiro sentia-se inquieto, precisava concluir as dez milhas de trilhos que precisam ser assentadas.

— Sabe o que eu descobri, Collier? Quase todos esses trabalhadores que vieram da índia estão leprosos.

— Leprosos?

— Exatamente. A índia é um dos países de maior índice lepra do mundo.

Collier não sabe o que dizer, era culpa dos agenciadores de Farquhar que estavam negligenciando o exame médico para aumentarem os lucros.

— Isto é o diabo, Finnegan.

— Mas poderão trabalhar — disse Finnegan. — Já mandei fazer um isolamento especial para os que estão doentes. É preciso que você colabore.

— Como?

— Não misturando os doentes com homens sadios, se é que há homens sadios por aqui.

Collier aceitou a idéia com um aceno de mão.

Um rapaz hindu, deitado no chão, começou a gemer e parou. O médico aproximou-se e segurou o pulso do rapaz. Largou o braço esquelético do rapaz e cobriu o rosto dele com um lençol.

— Não resistiu — disse Finnegan.

— Lepra? Finnegan riu.

— Claro que não, pneumonia.

Estava tudo em paz no inferno. Thomas e Harold jogavam baralho todas as noites. Finnegan já não se preocupava em fazer autópsia em todos os cadáveres e tinha mais tempo para não fazer nada. Collier, em sua tenda, gostava de seguir com a ponta do dedo o traçado da ferrovia desenhado numa planta que ele abria sobre a mesa.

Quase todas as noites o médico vinha para a tenda do engenheiro e ficavam conversando. Uma noite, quando tinham recebido mantimentos de Porto Velho, correspondências e outras mercadorias que o vagonete semanal transportava, depararam com um pacote de jornais. Era o jornal impresso em Porto Velho, um jornal da Companhia, *The Marconigran*, genial idéia de Farquhar para impressionar os brasileiros, ainda que o jornal não tivesse uma frase sequer em português.

Finnegan trouxera o jornal para a tenda de Collier e o engenheiro passara um bom tempo ridicularizando o médico pelo fato.

— Não sei como você pode perder tempo com uma merda dessas — disse Collier. — Não serve nem para limpar a bunda.

O jornal, além de ruim, era mentiroso. Ainda que a notícia sobre as próximas

eleições americanas fosse verdadeira, puxava a sardinha para a brasa do Partido Democrata e apresentava Woodrow Wilson como o melhor homem do mundo. Havia uma notícia sobre os trabalhadores trazidos da índia e uma outra explicando a fuga dos alemães como fruto da impossibilidade do homem europeu se adaptar aos rigores dos trópicos.

— Você leu esta notícia aqui? — perguntou Finnegan.

— Já disse que não vou perder o meu tempo.

— Eu sei, Collier. Mas estou falando desse artigo aqui, é sobre o discurso daquele senador brasileiro. Você deve lembrar porque entende português e ouviu o homem falar.

— E daí?

— Eu não entendi nada do que ele disse, mas senti que estava no final declamando alguma coisa que parecia uma poesia.

— Ele declamou mesmo, foi um saco.

— Aqui diz que o soneto foi escrito por um grande poeta brasileiro. Tem uma tradução da poesia, é incrível, eu não posso acreditar. O poeta existe mesmo, olha aqui a biografia dele.

Finnegan mostra o jornal para o engenheiro.

— Olavo Bilac — repete Collier o nome que estava escrito no jornal.

— Nem sei pronunciar direito.

— Não me diga que você gostou da poesia? Finnegan riu.

— Não, é uma poesia ridícula. Mas quando o senador começou a recitar, quase levantando vôo, eu pensei que fosse invenção dele criada naquele momento. Exagero de latino, você sabe.

— Pelo visto, Finnegan, você está confundindo esse poeta com uma doença tropical.

O médico torna a ler o jornal.

— Porra, existe mesmo.

— Qual é o espanto, rapaz, poetas são assim mesmo. Finnegan, que gostava dos sonetos de Shakespeare, recusou como idiota a observação do engenheiro.

— Sabe o que você devia fazer, Finnegan?

— Fazer o quê?

— Para homenagear este poeta brasileiro.

— Quem está querendo homenagear este doido?

— Você, porra. Você que está aí se babando todo.

Finnegan riu e Collier acompanhou com malícia brilhando no rosto.

— Vou dar uma idéia para você, Finnegan. Descubra uma nova doença e batize ela com o nome do poeta. Alguma coisa assim como: síndrome de Bilac ou peste de Olavo.

— Síndrome de Bilac — repetiu Finnegan —, um bom nome.

— Como você nunca vai descobrir nenhuma doença mesmo, podia colocar esse nome para os casos finais de beribéri.

— Síndrome de Bilac para os casos finais de beribéri? Só mesmo a tua imaginação podre, Collier.

— Combina bem. Enquanto treme o doente, treme a imaginação poética. E ambas são mortais.

Para a alegria de Finnegan, naquela estação não apareceu nenhum paciente com "síndrome de Bilac". Mas o número de mortes causadas por pneumonia quase fez com que Finnegan chamasse aquilo de "peste de Olavo".

22

Finnegan agora sonhava com escorpiões porque não gostava de sonhar com Consuelo nem com mulheres. Mas os escorpiões tinham desaparecido e a enfermaria só era visitada pelas formigas vermelhas, que davam ferroadas dolorosas e pareciam indestrutíveis. Ele estava deitado em sua cama, nu da cintura para cima, olhos fechados, ouvindo o movimento dos enfermeiros que terminavam suas tarefas antes de dormirem. Embora não fosse mais aquele médico ávido, mantinha a enfermaria perfeitamente limpa, os lençóis sempre bem lavados e os relatórios bem organizados e redigidos, ainda que inteiramente mentirosos. A ausência dos alemães não trouxera a paz. Os barbadianos, em menor número, estavam agora mais agressivos e não suportavam a presença dos hindus. Praticamente todos os dias algum trabalhador hindu chegava ferido ou morto na enfermaria. Finnegan não sabia a razão daquele ódio mas andava ocupado demais em não fazer nada para se preocupar em descobrir o motivo. Collier também não saberia explicar, ele tinha certeza. O engenheiro gostava dos barbadianos e não apreciava os trabalhadores hindus. Era uma repulsa antiga, dos tempos em que vivera na índia e acostumara-se a ver nos hindus uma massa de miseráveis que esperavam sentados em camas de pregos que a fome viesse matá-los, enquanto meia dúzia de marajás se locupletava de toda a riqueza, vivendo em palácios magníficos cheios de merda de elefante, concubinas fedorentas de fumaça e pedras preciosas embrulhadas em papel velho. Por isso o engenheiro não tinha nenhuma atitude mais drástica que coibisse as constantes brigas entre barbadianos e hindus, de onde invariavelmente um hindu saía-se mal.

Naquela noite, Finnegan abriu os.olhos cheios de sono ao ouvir três disparos. Levantou-se rápido da cama, apanhou a sua arma, pois também aprendera a

andar armado, e saiu da enfermaria sem mesmo vestir a camisa. Havia uma correria para o lado da tenda de Collier. Finnegan estremeceu com a idéia de que alguma coisa ruim tivesse acontecido ao maldito engenheiro. Correu para a tenda e abriu passagem por entre os guardas de segurança. Collier ainda segurava o revólver e no chão estava o corpo de um homem, despido, sujo, derramando sangue de três buracos perfeitamente redondos no tórax.

Collier sentiu-se aliviado ao ver o médico.

— Estava rondando a tenda — disse o engenheiro bastante excitado.

Finnegan empurrou Collier para que ele sentasse na cama. Ele não gostou.

— Não venha com merdas para cima de mim. Estou bem. Finnegan sentou-se ao lado do engenheiro.

— Eu estava examinando as plantas e ouvi um ruído. Senti que rondavam a tenda e levantei da cadeira com cuidado, tirando o revólver que estava aqui em cima da cama.

— Quem é ele? — perguntou Finnegan.

— Não sei, não conheço.

O chefe da segurança, com o seu grande bigode, informou:

— Não trabalha para a Companhia, senhor.

Finnegan ajoelhou-se sobre o corpo, as balas tinham penetrado pelo tórax e certamente varado os pulmões e o coração, tivera morte quase instantânea.

— Eu vi que faziam pressão contra a parede da tenda, sabia que era um homem — continuava o engenheiro. — Serrando o revólver, resolvi sair da tenda. Foi quando ele apareceu na porta e eu atirei. Parecia um desses hindus e pensei que estivesse louco.

— Realmente, à primeira vista parece um hindu — confirmou o médico.

— É um índio caripuna — disse Collier, secamente.

— Estava desarmado — comentou Finnegan.

Collier não viu qualquer sinal de recriminação nas palavras de Finnegan, mas o fato do índio estar desarmado o constrangeu.

— É, estava desarmado, mas levou chumbo. O mundo não suportaria outro índio pianista.

Sob protestos da Igreja Positivista Brasileira e com a recusa de Rondon a comparecer ao evento, Joe Caripuna deu o seu primeiro e único concerto no Rio de Janeiro.

Farquhar planejara três concertos na Capital Federal. Um no Catete e dois outros na sede da Associação Comercial do Rio de Janeiro. O concerto no Catete, frente à hostilidade de Rondon, não pôde ser realizado, e um só concerto foi programado na Associação Comercial, com uma platéia expressiva, incluindo

vários ministros, jornalistas, renomados intelectuais e o marechal presidente.

A reação dos positivistas foi violenta e deixou Farquhar irritado. Como um bom americano, ele gostava de novidades, lembrava da impressão que lhe causara, ainda menino, a apresentação dos Irmãos Siameses, Chang e Eng, no Platt's New Music Hall, na Califórnia. Mas os brasileiros não pareciam inclinados a esses tipos de fenômenos. Em manifesto divulgado pela imprensa, os positivistas acusavam Farquhar de ridicularizar um "verdadeiro brasileiro, transformando o jovem índio caripuna em animal de feira". O que mais irritava Farquhar é que pela primeira vez estava ameaçado de ter prejuízo num negócio, pois a viagem do índio e de sua instrutora, mais despesas de acomodação na Capital Federal, estava levando muito dinheiro.

O concerto na Associação Comercial passou quase despercebido e a grande atração do show biz carioca continuava sendo a passagem de Victória Perez, da Companhia de Vaudevilles de Lisboa, cantando maxixes e recitando poemas lascivos de forte tendência simbolista. No folheto que mandou imprimir, Farquhar reproduzia quase que literalmente as palavras de Lovelace quando da primeira apresentação de Joe em Porto Velho, mas nem isto comoveu os brasileiros. Hermes, após o concerto, mostrou-se cansado e observou que o índio havia engolido vários compassos da protofonia de O *guarani.* Um cronista que se escondia sob o pseudônimo de Malagueta fez um versinho num jornal chamando o índio de "pianista canhestro que só os ianques não viam que metia os pés pelas mãos".

Mas Farquhar logo se recuperaria do frustrante acontecimento. Alguns dias após o malogrado concerto, foi procurado por um simpático compatriota, o Sr. Lawrence Halle, exportador de Nova York, que desejava lhe propor um negócio.

Lawrence era amigo pessoal do gerente do Museu Americano de Barnum, a renomada organização fundada por P. T. Barnum e especializada em espetáculos com criaturas exóticas. Como costumava fazer regulares viagens por muitos países, o gerente sempre lhe recomendava que contrataria qualquer atração que Lawrence encontrasse e trouxesse para ele. O índio pianista podia ser uma atração.

Farquhar conversou muito tempo com Lawrence e juntos recordaram todas as maravilhas já apresentadas no Museu Americano de Barnum. Finalmente, Joe Caripuna e sua instrutora, Consuelo, foram entregues ao comerciante, sob contrato, onde Farquhar ganharia trinta por cento de todos os rendimentos da atração, além do ressarcimento das despesas com a vinda dos dois de Porto Velho para o Rio.

Consuelo e Joe embarcaram para os Estados Unidos e chegaram em Nova York em dezembro de 1911. Fazia muito frio e havia neve nas agitadas ruas da

metrópole. Joe adoeceu e teve de ficar internado durante dois meses num hospital. Mas quando recebeu alta, voltou a treinar intensamente, fazendo sua estréia na primavera de 1912, apresentando atrativo programa. Além de dedilhar agilmente o *Hino nacional americano,* o índio tocava, para deleite da platéia, a *Valsa do minuto,* de Chopin, em trinta segundos. Consuelo entrava em cena e executava a valsa de acordo com o andamento de Chopin, depois, Joe, seguido por um imenso cronômetro que descia em cena, dedilhava o piano acompanhado por uma platéia ruidosa e interessada.

Joe Caripuna morreu de sífilis em 1927.

No dia 7 de setembro de 1912, à revelia do governo brasileiro, foi inaugurada a estrada de ferro Madeira—Mamoré.

Em 1912, a borracha da Amazônia tinha perdido o monopólio internacional para as plantações inglesas na Ásia.

Em 1912, a estrada de ferro Madeira—Mamoré, aparentemente, começava a deixar de ter sentido.

Em 1916, o governo brasileiro pagou ao grupo Farquhar a importância de 62.194:374$366, embora os empreiteiros exigissem um total de 100.223:281$372.

No contrato original o governo brasileiro tinha se comprometido a pagar, conforme as medições, 47.682:058$402.

No processo judicial movido pelo Sindicato Farquhar contra o governo brasileiro, deram pareceres favoráveis ao Sindicato Farquhar os seguintes juristas brasileiros: Ruy Barbosa, Clóvis Bevilácqua, Sanchos de Barros Pimentel e Inglês de Sousa.

Em 1966, por decisão do ministro dos Transportes, Juarez Távora, a Madeira—Mamoré foi desativada e vendida como sucata a um empresário paulista. Desconhece-se a soma pela qual foi vendida.

No dia 11 de julho de 1927, um poeta vestindo terno escuro, chapéu, gravata, camisa de punhos e calças brancas, sentou sobre um trilho da Madeira—Mamoré e sorriu. Na foto, o poeta sorri. É uma fotografia cinzenta e pouco contrastada. O céu é uma pasta cinzenta e a mata um borrão horizontal. O poeta sorri porque tem uma razão muito forte para fazer isto. É um homem feliz. Na verdade, apenas parte de seu rosto é visível naquela fotografia antiga. Justamente a ponta do nariz e a boca abrindo num sorriso. Ele tem um chapéu de abas moles protegendo a cabeça do sol do meio-dia e sorri. A fotografia foi tirada em Porto Velho, exatamente às doze horas e trinta. Por isto, as sombras se confundem com os objetos e o poeta está sentado de banda sobre o trilho. Ao meio-dia o trilho de metal devia estar bastante quente, pegando fogo mesmo. Mas o poeta sorri

porque duas borboletas amarelas entraram no campo da fotografia e volteiam em torno dele. Mas a velocidade do filme era baixa e transformou as borboletas em simples borrões claros, um no ombro do poeta, outro cobrindo a mão direita que ele colocou firme sobre o trilho, sustentando o corpo alguns centímetros acima do calor do metal.

Em 1927 a estrada de ferro Madeira—Mamoré estava em perfeito funcionamento. Mas não era bem um lugar que atraísse visitantes, muito menos poetas. Na fotografia há mais duas manchas claras no canto direito da imagem. Bem podiam ser borboletas amarelas. Mas somente o poeta poderia esclarecer esta dúvida. Infelizmente ele já está morto. O poeta chamava-se Mário de Andrade.

Há centenas de fotos da estrada de ferro Madeira—Mamoré. Muitas fotografias tiradas por bons profissionais, bem melhores que a foto onde sorri Mário de Andrade.

No outro dia, Mário de Andrade andou pela estrada de ferro, até Guajará-Mirim. Conheceu coisas interessantes. Um índio pacaá novo que sonhava em ser telegrafista para casar com uma mulher branca e virar civilizado. Em Guajará-Mirim entrou numa latrina onde anotou um curioso texto ensinando aos seringueiros o uso civilizado daquele recinto. Ali se levava muito a sério a palavra CIVILIZADO. A latrina pertencia à firma GUAPORÉ RUBBER CORPORATION. Ele viu mulheres barbadianas com seus chapéus coloridos e cheios de flores desfilarem pelas ruas do vilarejo. Durante a noite, não quis ir ao baile com Dona Olívia Penteado e as moças. Saiu ao luar.

Hoje é difícil saber o que o poeta sentiu ao luar de Guajará-Mirim. Talvez o poeta estivesse cheio de contradições, suspeitando das prudentes situações romanescas que o luar parecia convidar. Quem sabe não sentia mesmo alguma coisa impiedosa na atmosfera, pois somente um homem de grande sensibilidade como ele poderia estar em Guajará-Mirim, naquela noite do ano de 1927, cheio de suspeitas e contradições. E o poeta perguntaria mais tarde em seu diário:

— O que eu vim fazer aqui!... Qual a razão de todos esses mortos internacionais que renascem na bulha da locomotiva e vêm com seus olhinhos de chins, de portugueses, bolivianos, barbadianos, italianos, árabes, gregos, vindos a troco de libra. Tudo quanto era nariz e pele diferente andou por aqui deitando com uma febrinha na boca-da-noite pra amanhecer no nunca mais.

Amanhecer no nunca mais é um diabo de expressão, poeta!

Quanta sandice. Coisas da vida.

Ah, que belo país é o nosso Brasil, onde um escritor de língua neolatina pode fazer um romance inteirinho cheio de personagens com nomes anglo-saxões.

E havia também uma locomotiva chamada Mad Mary, Marie Folie, Maria

Loca, Maria Louca, Mad Maria.

Um trabalhador hindu martela o trilho no dormente num movimento vigoroso e mecânico. É um homem de aspecto repulsivo porque o nariz está deformado e os dedos corroídos pela lepra. Mais adiante, barbadianos estão assentando novos trilhos que são carregados por turmas de dez homens. Quando os barbadianos se aproximam do hindu, este pára de trabalhar e afasta-se para dar passagem aos negros. Quase sempre é assim, os trabalhadores hindus procuram se manter afastados dos barbadianos, muitas vezes param o serviço para evitar o confronto até que os negros tenham se afastado.

O grupo de dez barbadianos atravessa lentamente, provocando um aglomerado de hindus que observam temerosos. Os barbadianos sempre provocam, soltam insultos que são entendidos pelos hindus porque todos falam inglês.

Sob o vagão carregado de carvão de pedra, Harold observa o movimento dos barbadianos e não consegue ver nenhum guarda nas proximidades. Ele sabe que dali só poderá sair alguma besteira. A locomotiva, estacionada logo depois da ponte sobre o Abunã, lança grossos rolos de fumaça escura.

Sobre a estrada que se estende para além da ponte, a atividade é febril e os hindus finalizam a fixação dos trilhos nos dormentes com marteladas secas e ritmadas. Mais adiante os barbadianos vão assentando os trilhos. Finnegan vem caminhando com a sua equipe de enfermeiros, a camisa está suada e ele a mantém aberta mostrando o peito queimado de sol. Ele caminha lentamente, como se estivesse passeando, observando sem interesse o que se passa à sua volta. Consulta o relógio para ver se já podia ministrar a dose de quinino. Não está acompanhado por guardas e os enfermeiros agora estão armados de winchesters, além das garrafinhas de comprimidos acondiciona-das nas embalagens de arame. As horas não passam e Finnegan também não tem pressa. Pouco se importa que os barbadianos continuem provocando os hindus, fazendo com que estes interrompam o trabalho a todo o instante. Mas a paciência dos hindus também tinha um limite e o número de mortos diários comprovava isto. Um trabalhador hindu, talvez mais afoito que os outros, em certo momento, não pára o seu serviço nem se afasta quando os barbadianos se aproximam. Os barbadianos passam por ele, carregando um trilho, e praticamente o atropelam. O homem é pisoteado e recebe um golpe de braço. O médico não se apercebeu e continua a consultar o relógio. Vendo o companheiro ferido, os hindus aguardam que os barbadianos deitem o trilho sobre os dormentes e aproximam-se. Trocam algumas palavras que são recebidas com gargalhadas pelos barbadianos. Um negro magro, sujo de barro, avança e esbofe-teia um hindu. Logo a coisa se

transforma numa luta corpo-a-corpo. Finnegan, vendo a confusão, desperta e começa a gritar para os enfermeiros. Aproximam-se correndo do local do conflito mas a chegada deles nem ao menos é percebida pelos homens que estão brigando feio, rolando no chão e levantando poeira. O médico procura desapartar a briga mas leva alguns empurrões e até um soco dado a esmo por um barbadiano. Finnegan vai ao chão, o rosto dolorido e uma raiva assassina crescendo. Levanta-se e saca o revólver.

— Parem de brigar! — grita.

A luta continua cada vez mais feroz.

— Parem, seus filhos da puta! Parem ou vão pagar caro! Finnegan sabe que eles não ouvirão seus gritos. Aperta seu revólver e olha para os enfermeiros que seguram suas winchesters.

— E vocês? — grita para os enfermeiros. — Que estão fazendo aí, parados?

Os enfermeiros observam, atônitos.

— Acabem logo com isso — grita Finnegan.

Ele começa a disparar o seu revólver para o alto enquanto desfere chutes contra os homens que rolam no chão. Mas ninguém se incomoda com os tiros ou os chutes e estão insensíveis pelo ódio, o mesmo ódio que acaba de assaltar Finnegan de maneira irracional.

— Abram fogo! — ordena Finnegan aos enfermeiros. Os rapazes apontam as winchesters sem grande convicção.

— Atirem contra esses filhos da puta!

— É para atirar neles, senhor? — pergunta um enfermeiro sem querer acreditar no que está ouvindo.

— Exatamente, idiota. Fogo! Mandem chumbo nesses filhos da puta — gritou o médico, o queixo latejando de dor.

Os rapazes apontam as armas e abrem fogo à queima-roupa. Barbadianos e hindus, atingidos, começam a cair mortos. O tiroteio não dura muito tempo e logo os homens param de brigar e levantam-se do chão, feridos, arranhados, rasgados, os braços colocados contra a nuca.

Finnegan, segurando o seu revólver, anda em torno do grupo de homens amedrontados, gritando.

— Podia acabar com vocês todos, filhos da puta. Collier aparece e segura Finnegan pela mão que porta o ameaçador revólver. Ele tenta se desvencilhar mas o engenheiro dá um safanão derrubando a arma.

— Chega, Finnegan. Assim você vai acabar com a minha mão-de-obra, rapaz.

Três homens se contorcem no chão, malferidos, e seis morreram ao receber a descarga de winchesters. O sangue escorre pela poeira, empapando a terra e

sumindo para baixo dos dormentes. Finnegan passa a mão no queixo dolorido e olha para o engenheiro. Collier sacode a cabeça e Finnegan vê naquele gesto uma ponta de ironia. Pouco se importa, a ironia, o deboche e a irreverência de Collier já não mais lhe tocavam, o que era uma pena.

Junta sua arma que caiu no chão, limpa a poeira e recoloca-a no coldre. O suor escorre pelo pescoço e Finnegan sente-se cansado. O máximo que ele podia sentir agora era cansaço, muito cansaço, pois só os bobos podiam se importar com alguma coisa além da arte de ficar vivo.

Manaus — 1977/1980

O AUTOR E SUA OBRA

Abrindo perspectivas para uma melhor compreensão do mundo amazônico, surge uma das maiores revelações da nova literatura brasileira: Márcio Souza. Cineasta, teatrólogo e romancista, ele luta por um autêntico e sólido movimento de preservação da cultura regional e denuncia uma Amazônia depredada e saqueada.

Márcio Gonçalves Rentes de Souza nasceu em Manaus, a 4 de março de 1946. Passou a infância e estudou até o fim do curso científico em uma Manaus pobre, estagnada e sem luz elétrica. Aos catorze anos já trabalhava como crítico de cinema no jornal "O Trabalhista", colaborando mais tarde em todos os outros jornais de Manaus. Em 1967, reuniu algumas de suas críticas sobre cinema no livro "O mostrador de sombras", hoje esgotado.

Aos dezessete anos veio para São Paulo e iniciou o curso de ciências sociais na USP, não o concluindo. Na época, seu maior interesse era o cinema. Participou do movimento Boca do Lixo e acabou viajando para Nova York, onde pretendia morar. Retornou pouco tempo depois a Manaus, pois não se adaptara ao estilo de vida nova-yorquino.

Márcio Souza chegou a fazer alguns filmes, como, em 1972, "A selva", adaptação cinematográfica do romance de Ferreira de Castro, e uma série de documentários sobre a Amazônia.

Como teatrólogo, escreveu e dirigiu peças para o Teatro Experimental do Sesc/Amazonas, importante movimento para a manutenção dos valores culturais da região. Escreveu as seguintes peças: "Zona Franca, meu amor", "A paixão de Ajuricaba", "Dessana, dessana", “A maravilhosa estória do sapo Tarô-Bequê", "Jurupari, a guerra dos sexos", "As folias do látex", "O pequeno teatro da felicidade", "Plácido de Castro contra o Bolivian Syndicate", e "Diroá, o elogio da preguiça".

É autor do ensaio "A expressão amazonense — do colonialismo ao neo-colonialismo”, um estudo bem-humorado do que houve na cultura de seu Estado.

"Galvez, o imperador do Acre" (já publicado pelo Circulo), o romance que o consagrou perante a crítica e o público, aproxima-se muito do espírito do folhetim popular. Narra, de forma irreverente e original, as aventuras de Galvez e a conquista do Acre.

Os anos 68/70, a repressão política, a luta armada, a revolução, os

problemas vividos pela geração pós-64 são alguns dos temas abordados em "Operação Silêncio".

Seu mais recente livro é "Mad Maria", romance sobre a construção da estrada de ferro Madeira—Mamoré, passado em 1911. É a história de uma estrada que vai de lugar algum a parte nenhuma. "Mad Maria" se enquadra na linha debochada e irônica do autor ao denunciar a insensatez que a chamada civilização ocidental parece encenar na Amazônia.